

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**UM ARTÍFICE NA URBANIZAÇÃO PAULISTANA:
RIZKALLAH JORGE TAHAN
(1895-1949)**



RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA

**GUARULHOS
2016**

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA

**UM ARTÍFICE NA URBANIZAÇÃO PAULISTANA:
RIZKALLAH JORGE TAHAN
(1895-1949)**

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

Orientação: Prof. Dr. Fernando Atique (03/2014 a 01/2016)

Profa. Dra. Manoela R. Rufinoni (01/2016 a 06/2016)

**GUARULHOS
2016**

Geraissati Castro de Almeida, Renata.

Um Artífice na Urbanização Paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895-1949)/
Renata Geraissati Castro de Almeida. – Guarulhos, 2016.
204 f.

Dissertação (Mestrado História e historiografia) – Universidade Federal de
São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

Orientação: Fernando Atique. Manoela Rossinetti Rufinoni.

1. Urbanização. 2. Arquitetura. 3. Imigração .

RENATA GERAISSATI CASTRO DE ALMEIDA
UM ARTÍFICE NA URBANIZAÇÃO PAULISTANA: RIZKALLAH JORGE
TAHAN (1895-1949)

Trabalho de conclusão de curso apresentada à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em História
História: Instituições, Vida Material e Conflito
História do Urbanismo

Aprovação: ____/____/_____

Profa. Dra. Manoela Rossinetti Rufinoni
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Profa. Dra. Cristina de Campos
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Prof. Dr. Luigi Biondi
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Aos meus avós que sempre serão parte do meu
presente eterno,
Aos meus pais, nossa relação transcende o
tempo dos homens

AGRADECIMENTOS

Se os fenômenos históricos ocorrem por meio das relações humanas, compostas pela vida de homens concretos e historicamente situados, que constantemente se adaptam em face de uma infinidade de possibilidades e cerceamentos, devo agradecer a todos que tiveram comigo a generosidade de compartilhar ensinamentos.

Inicialmente, sou grata ao professor e orientador Fernando Atique, que me acompanha desde a iniciação científica e me auxiliou a construir o enredo desta pesquisa partilhando conhecimentos, livros e tempo. Sua valiosa colaboração nesta empreitada tornou o caminho mais prazeroso. Meus agradecimentos também à professora Manoela Rossinetti Rufinoni, pela acolhida da pesquisa possibilitando sua finalização.

Agradeço a Mario Rizkallah que foi extremamente acolhedor quando lhe propus a pesquisa. Obrigada por ter aceitado ser entrevistado e pelo enorme esforço que empreendeu para que eu tivesse acesso ao acervo pessoal de Rizkallah Jorge. Além das traduções que encomendou para que eu pudesse entender documentos que estavam em árabe.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pela bolsa que viabilizou a concretização desta pesquisa.

Aos professores Cristina de Campos e Luigi Biondi, cujas sugestões foram determinantes para os futuros encaminhamentos da pesquisa, apresento meu agradecimento.

Às pessoas que trabalham nas repartições pesquisadas, em especial, o Arquivo Municipal de São Paulo, o Arquivo do Piqueri, o Arquivo do Estado de São Paulo e o acervo do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo, além das bibliotecas consultadas. Obrigada pela paciência de me instruir e pela disponibilidade em me indicar documentos.

Agradeço a todos os meus amigos que me acompanharam, inicialmente nos memoráveis momentos de formação enquanto historiadora, e que continuam me acompanhando nas trilhas da vida: Paola Pascoal, Janaína Lopes, Maria Clara Castro, Mariana Camino, Philippe Arthur, Diego Becker, Caio Gerbelli e Rodrigo Hotta. Saibam que todas as nossas partidas de pebolim são incríveis. Agradeço também a amigos de outros tempos, em especial à Mônica Galdino e Nathalia Hernandez, que

continuam pacientemente me escutando. Aos reencontros com Stella Legnaioli, Bianca Dálmaso, Renata Foloni, Bruna Pinheiro e Stefani Karin.

Agradeço aos amigos do grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH) da Unifesp. Nossas reuniões foram de enorme importância para o amadurecimento da pesquisa; os encontros acadêmicos foram mais divertidos com a presença de vocês. E que venham muitos outros roteiros patrimoniais! Saibam, Clara Carvalho, Carlos Moura, Diógenes Sousa, Lucas Florêncio, Michele Dias, Osvaldo Meca, Giorgia Burattini, Luís Fernando, Gustavo Ferreira, Raissa Marcondes, Rafael Conti, Vanessa Lima, Maitê Turetta e Aline Maia.

À professora Ana Maria de Almeida Camargo eu sou grata pelas indicações de leitura e pelos livros cedidos. À Silvana Goulart e Danielle Ardaillon agradeço pelo incentivo. À Alessandra Barbosa, Alexandre de Almeida, Felipe Dantas, Gabriely Santana, Renata Bassetto, Renato de Mattos e Verônica Fernandes grata pela enorme paciência em ouvir minhas eternas lamúrias.

A meus pais Silvana e Carlos sempre presentes e me apoiando em todas as etapas da minha trajetória, me inspirando a almejar me tornar uma pessoa melhor sou imensamente grata. Aos meus avós, Sueli e Carlos, sem os quais este laço ao qual nomeamos de família não seria possível. Obrigada a vocês por todos os instantes em passamos juntos e que me dão sentido enquanto indivíduo. Ao Hennan, uma das surpresas mais agradáveis que meu percurso universitário me propiciou. Obrigada pelo carinho, paciência e parceria ao longo dos anos.

Agradeço, enfim, a todos que participaram deste processo, que é parte constitutiva da minha experiência de vida. Muito obrigada.

De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas não tinha mais passado. Essa cidade brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos tentando entendê-la (SEVCENKO, 2003, p.31).

RESUMO

Por meio de fontes textuais, orais e iconográficas esta dissertação de mestrado aborda a trajetória de um imigrante sírio-libanês com ascendência armênia: Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949). Tendo como foco suas intervenções no espaço urbano, valemo-nos da micro-história para abordar a história da cidade de São Paulo. Rizkallah Jorge desembarcou no porto de Santos em 1895 e, ao contrário da maioria dos imigrantes desta nacionalidade que se tornavam mascates ao chegarem no Brasil, trabalhou com a fundição de cobre, algo que já fazia em sua terra natal. Após três anos na capital paulista inaugurou a Casa da Boia, loja que comercializava elementos como “a boia sanitária” e tubulações, o que permitiu seu enriquecimento. Munido de capital monetário, passou à realização de uma série de obras nos centros “velho” e “novo” de São Paulo, construindo, diligentemente, também seu capital também simbólico por meio da arquitetura e da urbanização.

Palavras: Rizkallah Jorge, Arquitetura, Imigração, Sírio-Libanês, Armênio, Casa da Boia.

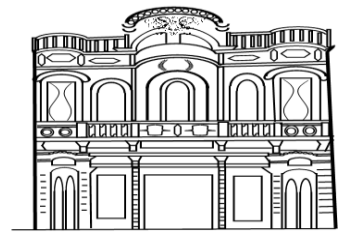
ABSTRACT

Through textual, oral and iconographic sources, this master intends to analyze the trajectory of the immigrant of Armenian-Lebanese ancestry Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949). The research seeks to compile and understand his interventions in the urban space of São Paulo. Rizkallah landed at the port of Santos in 1895 and unlike most of the immigrants of his nationality that became peddlers when arrived in Brazil, he choose to work with the copper smelter, which was already his professional activity in his homeland. After three years in the capital, he inaugurated the “Casa da Boia”, that was the main place to the commercial activity linked with the sanitation. The artifact "float" was a breakthrough for the paulista society that allowed its rapid proliferation and, consequently, the enrichment of Jorge Rizkallah, enabling it to carry out a series of works in the centers "old" and "new" of the capital, this made possible also, the recognition of his symbolic capital through architecture and urbanization.

Key words: São Paulo; Rizkallah Jorge; Architecture; Immigration; Syrian-Lebanese; Armenian, Casa da Boia.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I - Do Navio à Tubulação.....	31
1.1 - A biografia de Rizkallah Jorge: seu processo migratório e a escolha pela cidade cosmopolita	32
1.2 - Os sírios-libaneses: estatísticas e fatores propulsores.....	36
1.3 – “Caleidoscópico Empreendedor”: compreendendo Rizkallah Jorge Tahan, sua história de vida e a formação de sua identidade.....	43
1.4 - “Babélicas Estratégias”: filantropia para sírios, libaneses, armênios e paulistas	51
1.5 – Gênese profissional: seu ofício na cidade de São Paulo	60
Capítulo II – A Boia, o Tijolo e o Concreto Armado	73
2.1 - A Saúde Pública e o Sanitarismo: dos miasmas à microbiologia.....	75
2.2 - "O Empreendimento do Patrício”: a Rizkallah Jorge e Cia e a Casa da Boia S.A. Comércio e Indústria de Metais	82
2.3 - Intercâmbio Profissional: europeus na produção dos artefatos sanitários	93
2.4 - Reconfigurando o Retrato da Paulicéia: a atuação do imigrante sírio-libanês no tecido urbano	96
2.5-Marcos de “Pedra e Cal”: inserção de suas construções.....	102
Capítulo III - As apropriações da imagem do Imigrante Proeminente	128
3.1-A Institucionalização de um Legado: as memórias oficiais sobre Rizkallah Jorge	128
3.2-Preservação da Memória: tombamento como instrumento de poder.....	141
3.3-“Brasileiros” Desejáveis: a propaganda de uma identidade étnica.....	146
3.4- Configurando uma Auto Representação: tecnologia como depositária de uma distinção social	151
3.5-Memórias Póstumas: o mausoléu como ícone, do anonimato à individualização.....	155
Considerações Finais.....	162
FONTES.....	168
Bibliografia	177
Apêndice A –.....	194
Apêndice B –.....	196



INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. (...) O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma na experiência dos que o escutam.¹

As cidades, quando vistas em perspectiva histórica, revelam-se, também, como um indício a ser analisado. A atividade urbanizadora, lidou, de certa forma, com situações que, guardadas as devidas proporções e os condicionantes materiais, econômicos e sociais há milênios, nos impactam. Dentre estes fatores, a necessidade de resolver problemas hidráulicos é uma constante. A lide com a água e com efluentes aparece em diversas sociedades em que houve organização urbana. Como apontam os autores Richard Kirby, Sidney Withington, Arthur Darling e Frederick Kilgour, as cidades geraram problemas que forçaram o desenvolvimento de sistemas hidráulicos, dando, conseqüentemente, origem a diversas ocupações, dentre elas, a de artífices, artesãos e manufaturas.² Analisando, pelo viés histórico, o aparecimento de soluções de construção civil, estes autores apontam algo crucial para esta dissertação: “muitos problemas de engenharia são tão intimamente ligados aos problemas sociais, quanto eles são às ciências ditas puras.”³ Apontam, ainda, os autores, algo que nos explica e nos desafia, ao mesmo tempo, nesta dissertação: “a melhor maneira” de analisar uma organização urbana, em especial, quando se trata de compreender as soluções tecnológicas, seus atores sociais e seus produtos, é por meio “da história”.⁴

Posto isto, referendamos a importância da história na compreensão da urbanidade. A organização social, encontrada em outras formas de reunião humana, tem na cidade, contudo, uma importância singular. É nela que grande parte dos ritos simbólicos, dos costumes e das moléstias da contemporaneidade surgiram. Desta maneira, o trabalho do historiador é fundamental para a vida nas cidades. Ele é o ponto

¹ BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1987. p.42-43.

² KIRBY, Richard S.; WITHINGTON, Sidney; DARLING, Arthur B.; KILGOUR, Frederick G. **Engineering in history**. New York: Dover Publications, 1990 [1956], p. 7.

³ Ibidem, p.3.

⁴ KIRBY et ali, op.cit, p.1.

de ligação entre possíveis passados e presentes, trazendo compreensões múltiplas sobre o viver.

Esta preocupação nos guia há alguns anos, esta dissertação de mestrado é, de fato, um trabalho que se vislumbra como um desdobramento da pesquisa de iniciação científica e da monografia de conclusão de curso de História intituladas “Rizkallah Jorge Tahan: seu Papel na Urbanização de São Paulo e seu Lugar na História Social da Imigração (1895- 1949)”, realizadas ao longo do ano de 2012. Naquelas primeiras incursões foi possível compreender alguns vestígios no espaço urbano de São Paulo do imigrante sírio-libanês com ascendência armênia, Rizkallah Jorge Tahan (1868-1949). Na monografia defendida, em especial, privilegamos suas intervenções na Pauliceia, porém, ao final daquele processo de escrita, notamos que restaram, soltos, alguns fios da trama que tecemos sobre este ator social, os quais, deram subsídio a este novo projeto. Dentre estes fios, estão a tentativa de identificar as redes formadas ao seu redor e analisar o papel da Casa da Boia na cidade de São Paulo, pois na iniciação científica desenvolvida, houve o esforço de desconstruir a imagem do imigrante sírio-libanês como unicamente ligado ao comércio, mostrando outros aspectos de sua atuação profissional, nitidamente urbanos, mas isto resultou numa certa amenização do papel que este local teve na biografia de Rizkallah Jorge.

Entre fins do século XIX e início do XX a sociedade paulista passou por um momento de grandes transformações, tanto nas bases que estruturavam a economia, com a passagem do trabalho escravo para o livre, quanto no âmbito social, já que a cidade, em seus diversos setores, passou por uma alteração crescente que buscava modernizar as formas de morar e de construir, o que levou a capital da Província, e algumas outras cidades paulistas, a equiparem-se “com redes de distribuição de água, de captação de esgotos, de iluminação a gás e de transportes coletivos.”⁵

O arquiteto e urbanista Benedito Lima de Toledo, em “Três Cidades em um Século”, propõe que as mudanças que a capital da Província, posteriormente Estado, sofreu foram de tal magnitude que uma geração não reconhecia a cidade surgida uma geração depois. Para este autor, São Paulo seria como um palimpsesto, em que três cidades foram construídas e destruídas em um século, num erigir e demolir que apagou

⁵ PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX** – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habituação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

os elementos físicos da *urbis*. Sua tese é de que em fins do XIX o espaço que existia ainda guardava feições coloniais, com ruas estreitas e irregulares, algo que caracterizaria uma “mudy city”, porém, com a inauguração da ferrovia, a partir de 1867, uma nova cidade “surgiu”, transformando a estrutura física e simbólica da parada de tropeiros edificada em taipa de pilão, em uma cidade de tijolos, que, por fim, foi substituída pela das indústrias e arranha-céus, erigida em concreto-armado, marcada pela altura.

Apesar de ser uma tese bastante difundida sobre o processo de urbanização paulistano, atualmente alguns estudos têm buscado mostrar os limites desta abordagem, pontuando que, talvez, Toledo tenha reproduzido a imagem que os projetos urbanísticos de época tentavam difundir e os efeitos da urbanização efetivamente verificados. Neste sentido, a historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira indica que São Paulo foi constantemente alvo de disputas em torno de seu território, e que a suposta “modernização” não ocorreu de maneira similar para todos:

Importa assinalar que a paisagem urbana não possuía uma imagem única, ao contrário do que os projetos urbanísticos da época tentavam produzir. A paisagem oferece centenas de meandros ressurgindo multifacetada especialmente ao se levar em conta outras estratégias de sobrevivência, outras formas de sociabilidade que não as das classes dominantes! Juntamente com a expansão urbana, havia descampados, matas, beiras de rios que se constituíam como locais importantes para a sobrevivência das populações.⁶

Portanto, apontamos que a tese de Toledo não é por nós plenamente aceita. Contudo, existe, nela, elementos importantes, uma vez que nos apresenta e problematiza os marcos visuais e históricos da cultura arquitetônico-urbanística dentro de nosso recorte temporal. O cientista social Paulo César Xavier Pereira argumenta que “com a proximidade da abolição e sistematização da imigração, a prosperidade urbana veio acompanhada da elevação do preço da propriedade imobiliária e do desejo de europeizar a cidade. Essa prosperidade configurou numa ansiedade pela transformação”⁷. As modificações ocorriam procurando tornar a capital o centro regional, econômico e comercial de São Paulo, buscando atrair os setores enriquecidos, principalmente os ligados ao café que se encontravam dispersos pelo interior.

⁶ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização**. São Paulo: Alameda, 2005. P. 15.

⁷ PEREIRA, Paulo César Xavier. Op.cit, p.61.

Acreditava-se que atraindo os cafeicultores, o consumo intraurbano aumentaria, favorecendo o comércio, e que, sucessivamente, a capital passaria a centralizar a riqueza que se encontrava espalhada pelo interior. Este processo se beneficiaria do fato que Santos e Campinas, haviam sido seriamente afetadas pela febre amarela a partir da década de 1880.⁸ Com esta migração ocorreu uma alteração da seguinte ordem: “o número de habitantes passou de 30 mil, em 1870, para 50 mil, em 1885, iniciando a República com quase 100 mil habitantes e chegando a 1900 com 240 mil.”⁹ Entretanto, não foi apenas este movimento que propiciou o incremento da população paulista; outro processo foi de grande importância para estas estatísticas. A imigração foi importante não apenas para a capital, mas para a América, como um todo. Este continente recebeu só entre os anos de 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de pessoas que saíram de seus locais de origem buscando melhores condições de vida. Dentro deste processo, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu imigrantes, com 2,9 milhões de pessoas.¹⁰ Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, algo por volta de 57,7% foram acolhidos por São Paulo. Para o autor Boris Fausto a preferência por este local pode estar vinculada às facilidades concedidas pelo Estado, tais como passagem e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão, apesar de se destinarem, majoritariamente, às lavouras de café, estes imigrantes não se restringiram apenas ao mundo rural.¹¹

Diversas nacionalidades aportaram aqui, dentre elas, as que mais se destacaram, segundo dados do IBGE, foram, respectivamente: os italianos, que em sua grande maioria vieram para trabalhar nas plantações de café, pois teriam os custos da viagem subvencionados; os portugueses que se concentraram, predominantemente, na capital, tendo apenas alguns poucos se destinado à agricultura; os espanhóis e japoneses, que se dirigiram a pequenas cidades do interior, e os sírio-libaneses, que, desde sua chegada, optaram, majoritariamente, por viver na capital,¹² constituindo também uma imigração espontânea, já que o governo não subsidiava pessoas que não fossem trabalhar nas

⁸SANTOS FILHO, Lycurdo de Castro; Novaes, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas**, 1889-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

⁹CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade**: urbanismo e modernização em São Paulo. Cit., p.99.

¹⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p.22.

¹¹ FAUSTO, Boris. **Imigração e Política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995. p. 156.

¹² Ainda que grande parte destes transitasse pelas áreas rurais para exercerem a profissão de mascates.

fazendas.¹³ Os futuros locais de destino destes imigrantes remetem, também, à questão da suposta convivência harmoniosa das pessoas em uma cidade que “a todos acolhia”. Ora, esta imagem de São Paulo foi construída ao longo dos anos, advinda de um discurso que tentava imprimir marcas cosmopolitas tanto à cidade quanto ao Estado de São Paulo. Entretanto, este cosmopolitismo possuiu outras faces, nas quais o incentivo à imigração se inseria em virtude do fim da outrora lucrativa escravidão, bem como da política de embranquecimento atrelada à ideia de Modernidade. Portanto, nem todos os imigrantes eram bem-vindos,¹⁴ e como propõe Sevcenko, a capital estava mais para um *Cativeiro da Babilônia*, que uma *Babel invertida*, como sugeriu um cronista da época. Os imigrantes que enriqueceram na cidade não foram vistos pelas famílias tradicionais com muito bons olhos.¹⁵

Os fatores que impulsionaram grande parte destas imigrações para São Paulo são, na maioria das vezes, os mesmos: a pobreza do local de origem e a esperança da facilidade de obtenção de terras na América. Contudo, os locais em que se instalaram e as atividades que exerceram no momento de sua chegada, as redes que criaram e suas trajetórias pessoais apresentam diversas diferenças relacionadas a uma multiplicidade de motivos.

Visando contribuir neste sentido, redigimos esta dissertação, a qual procura associar o processo migratório e a imigração com a urbanização de São Paulo, identificando os aspectos da produção da vida material e da vida cotidiana de um representante deste grupo: Rizkallah Jorge Tahan, o qual, até o presente momento, só foi estudado por mim. A pesquisa “Um Artífice na Urbanização Paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895-1949)” intentou perscrutar a trajetória de um expoente imigrante sírio-libanês¹⁶ com ascendência armênia, tendo como foco suas intervenções no espaço

¹³ Ibidem, p.162.

¹⁴ Apesar de tratar de um recorte temporal posterior ao da presente pesquisa, em “O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)”, Endrica Geraldo mostra que de acordo com sua nacionalidade os imigrantes foram vistos de diferentes formas pelo poder público, que utilizou a Constituinte de 1933 para regulamentar a entrada de imigrantes, por meio da “lei de cotas”, a qual estabelecia um limite para a entrada de cada nacionalidade. GERALDO, Endrica. **O “perigo alienígena”**: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945). Campinas, SP [s.n.], 2007.

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁶ O uso da expressão sírio-libanês se dá pelo fato de que, até 1926, quando a República do Líbano foi criada, tanto Síria quanto Líbano estavam em um mesmo território, a grande Síria. Como Rizkallah Jorge veio ao Brasil em 1895, sua origem ainda era “turca”, pois ele provinha de um território que ainda fazia parte do Império Turco-Otomano. Só depois da separação os imigrantes deste território passaram a ser

urbano de São Paulo. Rizkallah Jorge desembarcou no Porto de Santos, em 1895, buscando a oportunidade de enriquecimento na América para melhorar a situação de sua família na sociedade de origem. Junto com outros companheiros de viagem se dirigiu à cidade de São Paulo, onde procurou uma profissão na qual se adequasse, e que permitiu, efetivamente, desenvolver a atividade que exercia já em sua terra natal: a fundição de cobre.

Após três anos no Brasil, Rizkallah Jorge inaugurou seu primeiro empreendimento: a Casa da Boia, situada na Rua Florêncio de Abreu, 123. Este é “considerado um dos empreendimentos mais antigos e tradicionais no comércio de metais da cidade de São Paulo,”¹⁷ Existente até os dias de hoje, o local é um famoso edifício do antigo Triângulo Histórico, valorado como um dos mais importantes exemplares do ecletismo arquitetônico da capital paulista. Originalmente, o andar térreo da edificação possuía funções comerciais e o pavimento superior servia de moradia ao proprietário, que ali permaneceu entre a virada dos séculos XIX e XX. Além da Casa da Boia, nas décadas subsequentes, Rizkallah Jorge também construiu os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Alepo, todos na Rua Carlos de Souza Nazaré. Erigiu, ainda, três prédios na Rua Florêncio de Abreu; um prédio, na Rua 25 de Março e a mansão onde morou com a família, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra. Diversos outros investimentos e atividades filantrópicas foram desenvolvidas ao longo de sua vida, e no transcorrer da pesquisa foi possível identificar uma rede de solidariedade “associada” à sua pessoa, uma vez que abrigava os membros recém-chegados até que pudessem se estabelecer na cidade.

Para que seja possível reconstruir a trajetória de Rizkallah Jorge Tahan, mostrando sua contribuição na construção do espaço urbano paulista, bem como para compreender os papéis que desempenhou nas comunidades que frequentou, foram reunidos e interpretados documentos textuais e iconográficos, em especial plantas e

denominados sírio-libaneses. Segundo Gattaz, a imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes, no Brasil. GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.

¹⁷ PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. P.88.

documentos pessoais. Um dos principais locais em que se pesquisou foi o acervo pessoal de Rizkallah Jorge,¹⁸ sob guarda do museu existente na Casa da Boia.

Em linhas gerais, procura-se investigar como o processo de urbanização de São Paulo ocorreu, tomando-se por viés a atuação de um imigrante entre os anos de 1895 e 1949, buscando responder às seguintes questões: “houve realmente uma arquitetura específica de imigrantes sírio-libaneses como a historiografia aponta?”; “que vínculos ele manteve com a terra natal e com a comunidade árabe?”, “como foi o processo de construção de sua identidade depois do processo migratório?”; “como seu enriquecimento repercutiu na sociedade paulistana?”; “isto lhe ocasionou algum preconceito de origem?” Somadas a estas perguntas, outros questionamentos diretamente relacionados à sua biografia também emergiram, tais como, “quais foram os negócios urbanos que Rizkallah Jorge realizou por São Paulo?”, e “em que medida o contexto local propiciou um cenário favorável ao seu enriquecimento, tanto pelo momento sanitário, com atividades de saneamento,¹⁹ quanto pelo processo de

¹⁸ O acervo é mantido pelo neto de Rizkallah Jorge Tahan, Mario Rizkallah, que o entende como uma forma de manutenção do legado de seu avô. Devem ser destacadas algumas particularidades deste acervo, a primeira é o fato de estar distribuído entre a Casa da Boia, a casa de Mario Rizkallah e um depósito mantido pelo mesmo, portanto a pesquisa ocorreu com base nos documentos que foram disponibilizados pelo atual proprietário da Casa da Boia. A documentação está escrita em uma grande variedade de idiomas, encontramos documentos em árabe, inglês, francês e armênio, soma-se a isso o fato de não estar higienizado, tratado e organizado segundo os procedimentos da Arquivística, sendo assim não é possível informar com exatidão a localização das peças do arquivo. O conjunto documental é composto por uma parte textual que contém documentos administrativos: cartões de visitas, recibos, notas fiscais, ofícios, notas promissórias, cadernetas de bancos, livros contábeis, circulares, fichas com informações de clientes, contratos de aluguel, dossiê de importação de carga e documentos pessoais, como: correspondências, fotos, passaporte, cédula de identidade, protestos judiciais, cadernetas de banco e folheto entregue em seu enterro. Dentro deste conjunto, estão os certificados de prêmios obtidos pelos produtos em cobre nas feiras internacionais, a exemplo o “1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Commercio Internacional” e o “Esposizione Internazionale delle Indvstrie e del Lavoro- Torino 1911”, os prêmios permitem compreender a atuação de Rizkallah tanto no comércio nacional, quanto internacional. A filantropia desempenhada pelo mesmo também possui este caráter internacional, um dos exemplos se dá com a edição especial da revista síria “Al-Kálimah” em homenagem a Rizkallah Jorge como uma forma de agradecimento por uma doação feita pelo mesmo que possibilitou que a revista pudesse evitar sua falência. Dentro do livro constam diversas fontes, entre elas, todas as correspondências trocadas para que a doação pudesse ser realizada. A parte iconográfica é composta por fotos de família, fotos da loja, fotos de jantares com seus funcionários em sua casa, catálogos de produtos; nos tridimensionais, encontram-se objetos utilizados na confecção de produtos na loja, os documentos cartográficos possuem grande relevância para a pesquisa, uma vez que abrangem as plantas de construção e das posteriores intervenções na Casa da Boia. A parte audiovisual abarca o filme gravado em 1928 por encomenda de Rizkallah Jorge para comemorar o aniversário de trinta anos da Casa da Boia, foi gravado em película 35 mm pelo Estúdio Oriente Filme.

¹⁹ Sanitarismo é uma prática com fundo policialesco e nítido caráter pedagógico. Ou seja: intenta “educar” os corpos para um comportamento diverso do observado em determinada sociedade. Saneamento, por sua vez, é a expressão usada para denotar o processo de construção de infraestruturas de melhoria salubre, como redes de água e esgoto, por exemplo.

urbanização?” Por fim, interessou-nos saber, ainda: “como e quais foram as redes sociais configuradas ao seu redor?”

O DIÁLOGO DA BIOGRAFIA COM O URBANO

A pesquisa sobre Rizkallah Jorge Tahan se insere em alguns grandes temas, como a história da imigração, mais especificamente da comunidade sírio-libanesa ao Brasil; e aponta contribuições para a história da urbanização de São Paulo e para a história das práticas sanitaristas. Para se obter o embasamento necessário para a análise da atuação de Rizkallah Jorge, elaborou-se uma varredura de obras dedicadas a estes temas listados que oferecem tanto material para a tessitura de um contexto histórico, como para metodologias e hipóteses vislumbradas na realização desta pesquisa.

Uma das preocupações centrais do trabalho é estudar o processo de urbanização acentuado de São Paulo, entre 1895 e 1949, tendo por viés a ação profissional, de agente histórico e financiador, de Rizkallah Jorge Tahan. Nesta temática, uma das escolas historiográficas que teve grande relevância no despertar de um interesse para o campo da História Urbana foi o grupo vinculado aos *Annales. Histoire, Science Sociales*. Edgar De Decca destaca que foi apenas com esse grupo que a história urbana ganhou estatuto historiográfico,²⁰ sendo o exemplo mais conhecido o de Fernand Braudel e sua obra em diversos tomos “O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no tempo de Felipe II”,²¹ o protagonismo assumido pelo fator geográfico, indica as relações ocorridas ali, demonstrando que a cidade e espaço urbano desempenham um papel fundamental nas análises, fornecendo elementos para suas interpretações sociais e econômicas.

Ao se propor um estudo sobre o espaço urbano, pretende-se mostrar que a cidade além de conter inscritos em seu ambiente os fatores político e socioeconômico, é também, ela mesma, produtora destes mesmos fatores. A série de construções materiais que compõem a cidade representam muito mais que aspectos técnicos e artísticos. As construções possuem dimensões físicas, simbólicas e ideológicas, que têm dinâmicas

²⁰ De DECCA, Edgar. **O estatuto da história**. Espaços e Debates. São Paulo: NERU, ano XI. n.34, 1991. p. 9.

²¹ A primeira edição francesa da obra data de 1949, já em língua portuguesa é de 1980. ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O século de Braudel**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 2, 4, p. 37-43, abril 1984.

próprias, podendo ser alvo de pesquisas e problematizações históricas.²² O objetivo desta pesquisa, assim, é analisar o espaço construído interconectado com o espaço social, utilizando a cidade não como pano de fundo das relações sociais, mas também, como um artefato a ser estudado.

Para Eric Hobsbawm, por sua vez, as cidades são agrupamentos de indivíduos vivendo juntos sob uma forma determinada, realizando uma série de interações que posteriormente irão ocasionar mudanças nas estruturas societais.²³ Biondi indica o fator urbano como um dos pontos centrais na articulação política nas ligas operárias paulistas, pois ao se organizarem por bairros era possível uma sociabilidade mais intensa e estável.²⁴

As potencialidades do estudo sobre o urbano pode ser identificada na pesquisa de doutorado “Relações Sociais e Experiência da Urbanização: São Paulo, 1870-1900” desenvolvida por Maria Luiza Ferreira de Oliveira. A autora demonstra as possibilidades a respeito da utilização da cidade e de sua respectiva urbanização para compreender a sociedade paulista do período. Apoiando-se em inventários e em iconografia, a historiadora em tela consegue compreender como era a vida material destas pessoas e quais eram suas estratégias de enriquecimento em uma sociedade marcada pela incerteza. Portanto, ao estudar os setores médios paulistas, Oliveira procurou compreender as relações travadas entre:

comerciantes, escravos, ex-escravos, imigrantes e migrantes no contexto das transformações, das tensões sociais e da normalização pelas quais passava a cidade, a partir da busca de expedientes para a sobrevivência e o enriquecimento, que respondiam às consequências da urbanização repentina, do aumento da população, do crescimento da economia.²⁵

As transformações ocorreram paulatinamente nas formas de morar, principalmente visando sua utilização como um fator de distinção social. A modificação ocorre tanto no deslocamento dos enriquecidos para outros territórios, pois se, em um primeiro momento, identificamos que “ricos e pobres” moravam e sociabilizavam nas mesmas ruas, posteriormente houve uma segregação espacial, principalmente com o surgimento de bairros-jardins, que fazem com que a sociabilização também se

²² BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889**. São Paulo: EDUSP, 1999, p.17.

²³ HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.94.

²⁴ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)** - Campinas, SP: [s.n.], 2002. p.360.

²⁵ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Relações Sociais e Experiência da Urbanização, São Paulo 1870-1900**. São Paulo, SP:[s.n.], 2003. P.15.

transforme, deixando de ocorrer na rua e migrando para o interior das casas e como resultado deste cenário as moradias passam a contar com um mobiliário e com uma cultura material²⁶ mais diversificada.

Oliveira aponta o início da atividade rentista já nos primeiros anos do século XIX. A autora mostra o significado que o imóvel adquiria neste período e como a sociedade se estruturava em torno dos bens de raiz. Concluímos, então, que quando o imigrante sírio-libanês aqui se estabeleceu, a construção de imóveis para o aluguel já era uma prática usual,²⁷ e que Rizkallah Jorge, apesar ter chegado à capital no final do século XIX, também passou a concentrar grande parte de seus investimentos em imóveis.

Apesar de optar por uma estratégia de negócio já tradicional na capital paulista, vemos que Rizkallah Jorge vincula-se à uma nova tipologia edilícia, e, conseqüentemente, a um novo tipo de empreendimento de aluguel. Os seus “palacetes”, embora pareçam demonstrar uma vinculação à casa burguesa de grandes proporções verificada em São Paulo desde os oitocentos, eram, de fato, demonstração de um novo conceito no morar. Eram prédios de habitação coletiva, etiquetados com uma palavra “fina”, supostamente respeitável. A difusão destes apartamentos ampliava o processo de coletivização da cidade, que não foi visto de maneira homogênea por toda a população, já que havia os que associavam este tipo de construção aos cortiços insalubres e temiam as conseqüências que podiam advir deste tipo de moradia; outros, ainda, consideravam os edifícios como boas soluções para o morar e trabalhar em uma cidade que aumentava sua população progressivamente.²⁸ A construção destes edifícios nos coloca a seguinte

²⁶ O termo cultura material pode denotar diversas concepções, abrangendo desde artefatos, até a paisagem, e a arquitetura. Para Luis Cláudio Symanski em **O domínio da tática**: práticas religiosas de origem africana nos engenhos da Chapada dos Guimarães, a cultura material se vincula aos artefatos, e estes informam sobre o modo com o qual o espaço era utilizado nessas práticas, já Zarankin em **Arqueologia da Arquitetura** : another brick in the wall, vê as próprias edificações como cultura material, tanto por meio de suas plantas, como pela sua representação no espaço, a autora Claudia Plens em **Da força repressora à coesão sutil**: a arqueologia da vila operária, utiliza como cultura material tanto a arquitetura das residências dos operários, quanto os artefatos que foram descartados, e com isso consegue identificar o processo de transformação da paisagem perante o sistema ideológico inglês. Portanto, as possibilidades propiciadas pela mesma são inúmeras.

²⁷ Para outro estudo inserido nesta temática que analisa a importância dos bens de raiz na Vila Mariana, ver: CARVALHO, Clara Cristina Valentin Anaya de. **Os Setores Médios e a Urbanização de São Paulo - Vila Mariana, 1890 a 1914**. Dissertação de Mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2015.

²⁸ Para compreender melhor este debate dos que eram a favor e contra a construção de edifícios de apartamentos ver ATIQUÉ, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004, p.131.

questão: será que foram feitos visando maximizar os lucros de seus investimentos, ou buscavam constituir no espaço um marco de seu poder simbólico na cidade? O fato de seus edifícios terem vários andares não implica necessariamente que ele estava preocupado em maximizar seus lucros com os aluguéis, mas sim uma resposta para a como seu enriquecimento foi visto na sociedade paulistana. As construções erigidas possivelmente são tentativas de impor um símbolo de sua riqueza no espaço urbano, vinculando o poder de um imigrante àquilo que pode ser identificada como uma “corrida às alturas”, em São Paulo.²⁹

A análise das plantas³⁰ destes edifícios tem sido primordial, pois elas possibilitam com que se compreenda como este espaço foi pensado e a qual uso se destinava, o que se conecta com outros aspectos da pesquisa. Ao analisarmos a espacialidade dessas edificações, podemos compreender qual foi a recepção do discurso de salubridade no interior dos imóveis, propiciando as inserções dos banheiros – literalmente – no interior do espaço doméstico, algo que possibilitou a introdução gradual das “boias sanitárias”, artefato que proporcionou a riqueza e fama do imigrante.

Podemos também compreender as redes de solidariedade de Rizkallah Jorge por meio dos edifícios, pois ao analisar os contratos de aluguel pudemos identificar quem eram seus locatários. Alguns contratos de locação presentes no acervo pessoal de Rizkallah Jorge Tahan mostram como esta atividade era desempenhada. O formato do contrato e suas cláusulas indicam que a atividade de locação possuía um aparato legal que a apoiava, não sendo apenas um trato verbal. Também em seu acervo foram compulsados outros contratos, tais como o dos zeladores Sylvio Casari e sua esposa, que receberam um ordenado de 300 mil réis, para abrir as portas, retirar o lixo, limpar o hall, varrer os corredores e “chamar a atenção das pessoas” que infringissem o regulamento.³¹

As plantas ainda permitem com que se perceba quem foram os mestres de obras, engenheiros e/ou arquitetos de suas propriedades. Ou seja, quem foram seus

²⁹ idem.

³⁰ Arquivo Municipal de São Paulo e do Arquivo do Piqueri. No primeiro foram encontrados plantas e ofícios que se referiam a três imóveis na Rua Florêncio de Abreu e um imóvel, número 28 na Avenida Paulista. Já as informações relativas aos três Palacetes foram encontradas no Arquivo do Piqueri, localizados na antes chamada “Rua do Anhangabahú”, bem como plantas de imóveis na Rua 25 de março, Senador Queiróz e Florêncio de Abreu. No Arquivo Municipal foram consultadas plantas cartográficas que permitem entender a ocupação do espaço urbano e a localização dos imóveis atrelados a Rizkallah Jorge.

³¹ Arquivo Casa da Boia

colaboradores, e quais foram os processos de construção empregados em suas obras, algo que contribui para responder à questão: houve uma arquitetura típica para o imigrante? Para compreender melhor estes edifícios foram consultados, também, os processos de inventário e de tombamento de propriedades de Rizkallah Jorge Tahan, realizados pelo DPH (Resoluções de Tombamento nº 44/92 e 11/91) e CONDEPHAAT (tombamento da zona Z8-200 e da área do Parque do Anhangabaú). Estes inventários tratam do Palacete São Jorge, Palacete Paraíso, Palacete Alepo e Casa da Boia.

Ao conectar o aspecto urbano à imigração, esta pesquisa pretendeu estudar a inserção do imigrante como um ator social³² na cidade que realizou uma série de modificações que impactaram e influenciaram o cotidiano e o viver de toda a população. Sobre a história da imigração ainda são necessários estudos mostrando a inserção dos indivíduos, deslocando-os das abordagens estruturais que mostram dados quantitativos sobre a entrada de imigrantes e seu impacto econômico, relegando a segundo plano os impactos sociais dos mesmos.

A BIOGRAFIA

Com o objetivo de recuperar a agência do sujeito, a biografia e a micro-história são ferramentas de análise. Muito se tem falado sobre a retomada dos estudos biográficos, porém o que tem ocorrido não é apenas o retorno a uma prática existente desde a Antiguidade.³³ Particularmente, o que tem sido frutífero ao campo

³² Esta expressão está associada ao conceito dado por Bruno Latour dentro da teoria “Ator-rede”, ou ANT. “Everyone seems to know with what sort of forces and in which sort of materials the social world is made. I have always been struck, on the contrary, by the huge gap between the vast variety of attachments with which people elaborate their different worlds and the limited repertoire we possess in social science to account for them” LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social** – An Introduction to Actor-Network-Theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

³³ Para Benito Schmidt, podemos encontrar quatro “regimes de historicidade” dentro da produção biográfica, são eles: a concepção passadista, futurista e presentista, que passou por uma fissura nos anos 80 ocasionada pelo interesse na memória, gerando um novo regime. A concepção passadista, inicia-se com Tucídides e Plutarco, escrevendo a história dos grandes homens, por meio da chamada “história mestra da vida”, pela qual cabia ao passado iluminar o futuro”, verificamos que nestes escritos biográficos a moralidade estava posta de maneira preponderante. No meio do século XIX observa-se que a história das pessoas comuns passa a ser considerada como relevante, inaugurando o novo regime de historicidade que entendia que cabia ao futuro esclarecer o passado, portanto caberia ao historiador buscar o único e não mais o exemplar. O autor esclarece que nesse novo regime que projetava o futuro e entendia como ele esclarecia o passado, os escritos biográficos perderam sentido, ocasionando diversas críticas a ele. Portanto, a medida que a História buscava se tornar uma disciplina autônoma e científica, as trajetórias individuais perdiam espaço e foram considerados como um gênero menor, e associadas aos antiquários. No século XX com a instauração do regime de historicidade presentista, a historiografia incorporou novas

historiográfico e tem fornecido novas possibilidades de interpretação não é a análise de indivíduos que sejam representativos a generalizações sobre a sociedade, a exemplo do antigo estudo dos “grandes homens”, que em suas vidas sintetizavam a história política de um Estado. Portanto, após os questionamentos feitos aos modelos cientificistas de história, duas perspectivas de interpretação surgidas neste contexto e que buscam recuperar a agência dos indivíduos, podendo ser benéficas para os estudos migratórios e biográficos são: a do autor Edward Palmer Thompson e dos historiadores ligados à micro-história.³⁴

Edward Palmer Thompson, em suas obras, busca recuperar a agência dos indivíduos e de suas relações sociais e culturais, se tornando uma referência gerando uma renovação das produções historiográficas em lugares que extrapolaram as fronteiras inglesas. Apesar de ter como objeto de estudo a sociedade inglesa do século XVIII, sua análise abre caminhos para novas formas de se pensar a escravidão, incluindo também a experiência do negro, propiciando uma nova abordagem na relação entre senhor-escravo, algo que pode ser extrapolado para a migração, mostrando-se as formas de viver e as redes sociais destes imigrantes e as transformações que exerceram na paisagem urbana.

Para Lara, uma das grandes contribuições do autor inglês concerne em identificar “as relações históricas são construídas por homens e mulheres num movimento constante, tecidas através de lutas, conflitos, resistências e acomodações cheias de ambiguidades,”³⁵ nenhuma análise histórica pode desconsiderar esta afirmação, independente de qual seja sua temática. Em sua empiria, Thompson, cumpre esta proposta, pois ao contrário de outros pesquisadores que projetavam o surgimento da classe operária concomitantemente com o do capitalismo, preocupou-se com a sua constituição a partir da construção de sua própria experiência e o seu reconhecimento como tal, isto é, seu “fazer-se”. Tal análise nos mostra que ao se propor um estudo

questões em sua análise, como a longa duração, a história imóvel, e estas continuavam a manter a biografia em um papel secundário frente as concepções estruturais e coletivas destes historiadores. Porém, após as Grandes Guerras, verificou-se que o evento era um elemento importante que deveria ser contemplado pelas análises e o paradigma estruturalista passou por momentos de crise, este contexto propiciou uma valorização da memória, e este pode ter sido um dos motivos para o retorno da biografia. SCHMIDT, Benito. **Biografia e regimes de historicidade**. Revista Métis: história & cultura, 2003. p.62.

³⁴ DELACROIX, Chistian; DOSSE, François e GARCIA, Patrick. “**Uma crise da História?** (as décadas de 1980-1990). In: Correntes históricas na França (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Ed. da FGV; São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.p.329

³⁵ LARA, Silvia Hunold. “**Blowin’ in the Wind:** E.P.Thompson e a experiência negra no Brasil. Proj. História, São Paulo, (12), out.1995. p. 45.

devemos repensar nossos objetos e as supostas temporalidades vinculadas a estes, aventando hipóteses que serão depois verificadas ao serem contrapostas com as fontes³⁶.

O que a retomada da biografia tem trazido é o estudo do singular e do inimitável. Tem-se entendido que a investigação sobre a experiência individual também é capaz de produzir um saber eficaz, como proposto por Carlo Ginzburg³⁷ em sua explanação sobre o paradigma indiciário. Isto não significa que ao privilegiar o particular a análise deva se desvincular do todo, mas apenas que se tem em vista que com a redução da interpretação para o pormenor seja possível perceber fatos que são negligenciados em contextos generalizadores. Para Giovanni Levi, as diferentes escalas fazem parte da mesma história geral; a micro-história parte de problemas macro-históricos e vê no nível micro a chance de analisar tais problemas, captando o funcionamento de mecanismos que o nível macro não consegue.³⁸

A relação entre as escalas é um desafio na construção das narrativas, pois ao intentar, a partir da perspectiva do micro, chegar ao macro, isto é: com a análise do individual chegar à sociedade mais ampla, abordando o espaço social do particular sem perder de vista as estruturas sociais mais complexas em que o mesmo se insere, criando uma relação circular entre o micro e o macro, encontra-se a armadilha de abordar o indivíduo como autônomo da sociedade, utilizando-a apenas como pano de fundo ou cenário para o desenrolar de suas ações, ou identificar que todas as decisões dos agentes são determinadas por estruturas que escapam de seu controle. A intenção é colocar os atores sociais como determinantes das mesmas, ao tempo que por elas determinado, mostrando que os indivíduos são capazes de interagir e de transformar o contexto.³⁹ Por vezes, as fontes podem não oferecer elementos para responder aos questionamentos a elas feitos, porém as mesmas indicam um caminho de possibilidades, que oferece um espectro de interpretações possíveis.

³⁶ A varredura da bibliografia que trata da imigração sírio-libanesa, mostrou que suas proposições não encontram consonância na trajetória de Rizkallah Jorge Tahan, pois supõe um modelo de imigração com características que não incorporam a diversidade dos indivíduos inseridos neste processo.

³⁷ Texto original de 1980. GINZBURG, Carlo. **Signes, traces, pistes**. Racines d'un paradigme de l'indice. Le Débat, Vol. 6, 1980.

³⁸ MONTEIRO, Livia Nascimento. **Entre escolhas e incertezas**: a utilização da Abordagem Micro-analítica na História Social. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, p. 2.

³⁹ XAVIER, Regina Célia Lima. **Tito de Andrade Camargo**: religião, escravidão e liberdade na sociedade campineira oitocentista – Campinas, SP: [s.n.], 2002. p.7.

Já as possibilidades da abordagem biográfica são inúmeras, pois, por meio dela, é factível que concretamente se recupere a experiência dos indivíduos envolvidos nos processos históricos. Regina Xavier ao tratar sobre sua pesquisa propõe:

um trabalho como o que realizei, que privilegia o estudo das relações sociais a partir das experiências dos sujeitos pode trazer algumas contribuições. Afinal, como nos ensina Levi, os indivíduos constroem suas identidades e os grupos se definem de acordo com conflitos e solidariedades que não podem ser presumidos, pois, resultam de dinâmicas que devem ser o próprio objeto de análise.⁴⁰

A utilização desta metodologia possibilita um novo prisma para questões já antes debatidas, que no caso de Xavier foram a história da escravidão e da liberdade. A autora explicita quais são seus objetivos na seguinte passagem:

O estudo sobre sua vida, contudo, revelou uma tal riqueza e apontou para tão densas questões históricas que terminou dando origem a um outro projeto e a um grande desafio: o de escrever sua biografia. Nunca pretendi, entretanto, escrevê-la nos moldes de uma historiografia tradicional que, muitas vezes, dedicou-se à ação dos indivíduos atribuindo-lhes significados morais e pedagógicos ou, ainda heroificando-os, ao transformar seus feitos em exemplo de conduta social. Um estudo sobre a vida de Tito de Camargo Andrade justificou-se, cada vez mais, no decorrer da pesquisa, pelas possibilidades que abriu de conhecer, de forma mais aprofundada, a sociedade campineira no século XIX.⁴¹

A biografia tem como principal contribuição permitir que se estude de forma integrada temas que, em geral, aparecem dissociados pela historiografia.⁴² Schmidt em sua análise sobre a utilização do gênero biográfico conclui, que ao se respeitar as críticas feitas à biografia e levá-las em consideração na elaboração da narrativa biográfica, o resultado do texto tem-se mostrado frutífero, pois “pode servir para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome das regularidades e das continuidades.”⁴³

O uso das biografias é tema frequente entre os historiadores urbanos, que ao analisar os urbanistas e o urbanismo no Brasil, indagam qual a forma mais coerente de

⁴⁰ *ibidem*, p.321.

⁴¹ *ibidem*, p.2.

⁴² *ibidem*, p.16. Da mesma forma, a trajetória de Rizkallah Jorge tem mostrado a relevância de se articular a imigração sírio-libanesa, com questões relativas ao sanitarismo/higienismo e da história da técnica, ao momento da urbanização paulista e suas implicações no mercado imobiliário e no ramo da construção civil, bem como o papel da religião e das benemerências na articulação de redes de sociabilidade e auxílio.

⁴³ SCHMIDT, Benito. *op.cit.* p.68.

tratar esta narrativa⁴⁴ que aborda o vínculo entre um indivíduo e um determinado contexto. Rodrigo Santos de Farias, propõe que se use a chave de biografia profissional e não mais de trajetória profissional para compreender a ação destes indivíduos, uma vez que "o aspecto que nesse momento ajuda a explicar a opção por biografia profissional é aquele que reconhece a trajetória profissional como inerente à própria vida, inerência repleta de fragmentações que não permitem ilusões."⁴⁵ Portanto, o autor destaca que a profissão, assim como outros aspectos que compõem a vida são construídos como parte dos percursos, logo, a profissão é constituída em relação com outros elementos que são parte da vida.⁴⁶

⁴⁴ Nos anos 1980 as trajetórias emergiram como tema privilegiado nos trabalhos de História do Urbanismo e História Urbana, sendo os precursores, ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Barry Parker**: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998. LEME, Maria Cristina da Silva. **O Ideário Urbano Paulista na virada do século**. O Engenheiro Theodoro Sampaio e as Questões territoriais e Urbanas (1886 - 1903) Tese (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982, seguido pelos trabalhos de, MOREIRA, Fernando Diniz. **Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil, 1920-1950**. Ph.D. Diss., Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004. CAMPOS, Cristina de. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**: O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infra-estrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. 2007. 408 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. BRESCIANI, Maria Stella. **Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz de Anhaia Mello**. In: Salgado, Ivone; Bertoni, Angelo. (Org.). Da Construção do Território ao Planejamento das Cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas. 1ªed.São Carlos: RiMa, 2010, v. 1, p. 149-170. CERASOLI, Josianne Francia. **A grande cruzada: os engenheiros e as engenharias de poder na Primeira República**. Campinas, 1998. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Faria, Rodrigo Santos de. **José de Oliveira Reis, urbanista em construção**: uma trajetória profissional no processo de institucionalização do urbanismo no Brasil (1926-1965/1966). Dissertação de Doutorado em no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas: 2007. ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Peste e o plano**: o urbanismo sanitário do Engenheiro Saturnino de Brito. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU-USP, 1997. Maia Costa, Luiz Augusto. **O ideário urbano paulista na virada do século**: o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886- 1903). São Carlos: RiMa; São Paulo: Fapesp, 2003. Para mais reflexões sobre as especificidades desse gênero, ver: CAMPOS, Cristina de. **Biografias Profissionais de Médicos e Engenheiros como Fonte para a História da Cidade e do Urbanismo**. IN: FARIA, Rodrigo de (org). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014. CERASOLI, Josianne Francia. **A Formação do Campo Conceitual de Estudos sobre a Cidade**: (im)possibilidades de uma abordagem biográfica. IN: FARIA, Rodrigo de (org.). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.

⁴⁵ FARIA, Rodrigo. **Biografia, não mais trajetória**: para (re)pensar argumentos de outrora na pesquisa sobre o engenheiro José de Oliveira Reis. FARIA, Rodrigo de (org.). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014. p. 62.

⁴⁶ Pode-se criar um paralelo com a proposição de Michel de Certeau, que ao tratar dos historiadores, destaca que em sua profissão é a combinação "de um lugar social", de "práticas científicas" e de "uma escrita", portanto, a vida é indissociável da profissão. CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica** [1975]. In: _____. A escrita da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P.80.

As redes sociais são um conceito que oferece embasamento para as ações cotidianas dos indivíduos, possibilitando que se recupere sua agência e se compreenda as relações construídas por estes, por meio delas circulam informações e recursos. Segundo Kelly, as redes são:

agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos.⁴⁷

Para o estudo sobre processos migratórios as redes são de grande relevância, visto que elas funcionam como motor para uma saída em cadeia e como força aglutinadora no país de destino. Oswaldo Truzzi, recomenda outro enfoque ao processo migratório ao recuperar o papel do agente e de sua rede. Em sua análise, as questões estruturais e econômicas dos locais de origem dos imigrantes são fatores que influenciam na tomada de decisão de partir, porém, o que influencia na escolha dos locais de destino são as redes. A análise elaborada por Truzzi visa dar ao imigrante um papel de agente racional, privilegiando o viés da micro-história, que busca reelaborar a trajetória dos indivíduos por meio da reunião de fontes nominativas, na expectativa de nela encontrar a ação social e informações que se perderam nas escalas macroscópicas.

Nos estudos migratórios fontes nominativas que ajudam na compreensão das redes são as cartas, uma vez que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente sobre os locais de destino com imigrantes que já estavam estabelecidos por mais tempo em seus locais de origem.⁴⁸ Portanto, se verifica que nas redes circulam tanto informações sobre oportunidades de emprego e alojamento, quanto recursos por meio de remessas. Apesar disto, identificamos que o papel das redes, entretanto, não se esgota na questão da imigração; as redes de informação e recursos são importantes para diversas parcelas da sociedade em vários momentos.

O historiador Luigi Biondi, retoma o papel das redes articuladas com a imigração propondo a seguinte questão:

O objetivo (...) é o de compreender como se desenvolveram os processos de organização e de politização destes imigrantes, perguntando-se em que medida o fato de serem imigrantes italianos lhes deu características específicas em termos de organização, ações coletivas e ideologias prevalentes. Em particular, será focalizado, no âmbito da compreensão

⁴⁷ KELLY, 1995, p.219. IN: TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**, pp. 199-218. Tempo Social Revista de sociologia da USP, v. 20.

⁴⁸ TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**, pp. 199-218. Tempo Social Revista de sociologia da USP, v. 20, n. p. 203.

destes processos organizativos, entre associações étnicas e de classe, o papel desempenhado pelos socialistas italianos.⁴⁹

Esta indagação possui um paralelo vital na trajetória de Rizkallah Jorge, pois, ao compreender seus investimentos, sua atuação filantrópica e suas escolhas estéticas em seus edifícios, é necessário perceber em que medida o fator étnico estava posto nestas, lembrando que na imigração a reelaboração de uma identidade ocupa um papel central na trajetória destas pessoas. Apesar deste fator, deve-se levar em consideração outra questão proposta por Biondi ao retomar Hobsbawm, esta centra-se em pontuar que as identidades se entrecruzavam em um contínuo processo de redefinições de valores e lealdades ideológicas.⁵⁰ Logo, ao tratar de identidade, devemos levar em consideração tanto os fatores de classe e de pertencimento nacional e regional.

A obra que melhor sintetiza os aspectos que a pesquisa pretendeu desenvolver, envolvendo a urbanização, imigração, micro-história, sendo de maior relevância em termos metodológicos e que possui uma maior proximidade com os objetivos da pesquisa é **O Prédio Martinelli - a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo**, de Maria Cecília Naclério Homem⁵¹. Os objetos de estudo possuem uma grande semelhança, ambas procuraram estudar a presença de um imigrante na estrutura física da cidade de São Paulo, com a diferença que a proposta deste mestrado faz o caminho inverso do livro. O estudo de Naclério Homem reconstrói o surgimento do edifício Martinelli, supostamente o primeiro arranha-céu de São Paulo, para reconstituir a história urbana, já a pesquisa de mestrado em curso, parte do agente para a compreensão da história da urbanização. Portanto, Homem parte do prédio para chegar a seu agente, enquanto esta pesquisa parte do ator social para chegar às suas intervenções no ambiente. Ao estudar o edifício idealizado e construído pelo imigrante italiano Giuseppe Martinelli, que acumulou uma das maiores fortunas do país, Homem pretendeu mostrar o simbolismo que esta obra representou para a imigração italiana na cidade fazendo com que o arranha-céu se tornasse lendário.

A pesquisa sobre Rizkallah Jorge Tahan pretendeu seguir a mesma trilha, mostrando como suas obras foram compreendidas e significadas pela comunidade sírio-libanesa e até que ponto se tornaram representativas de uma identidade desta

⁴⁹ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe**. cit. p.2.

⁵⁰ *ibidem*. p.5.

⁵¹ HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História**. São Paulo: Projeto, 1984.

comunidade. Os edifícios intentam fornecer subsídios para reconstituir a história urbana de São Paulo e da imigração sírio-libanesa.

Rizkallah Jorge, com suas edificações, não apenas influenciou materialmente na constituição do espaço urbano paulista, mas também gerou, no espaço, representações de seu poder simbólico, que puderam ser vistas pelos que transitavam no centro da capital. Portanto, a pesquisa buscou em arquivos, acervos e em bibliotecas documentos que retratassem a trajetória de Rizkallah Jorge na primeira metade do século XX. Procurou-se compreender sua vida pessoal e a imagem construída em torno de si, uma vez que para entender tanto seus empreendimentos financeiros, quanto imobiliários, é imprescindível perceber o quanto estes elementos estão interligados. Portanto, após ter estabelecido como foco um determinado ator social, um imigrante, fez-se necessário amarrar sua trajetória com o contexto em que se insere, sua formação, seu meio e a cultura. Pesquisar a agência deste “indivíduo” significa articulá-la com as diversas áreas de interesse que compuseram sua trajetória na cidade de São Paulo entre o momento de sua chegada ao Brasil, no ano de 1895, e 1949, seu falecimento. A partir de sua experiência é possível pensar questões relativas à imigração sírio-libanesa, ao sanitarismo, ao mercado imobiliário, ao setor da construção civil, às comunidades religiosas e às comunidades de auxílio que frequentou.

A ESTRUTURA

A dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e das Considerações Finais. No Capítulo 1, intitulado “Do Navio à Tubulação”, analisamos a biografia de Rizkallah Jorge Tahan, indicando diversos aspectos de sua vida, dentre eles, suas atividades filantrópicas e sua especialização profissional. O objetivo deste capítulo é apresentar uma visão panorâmica de sua vida, e indicar alguns pontos que serão aprofundados nos capítulos seguintes. No processo de construção de sua biografia, pretendemos mostrar as múltiplas identidades que se entrecruzavam em um contínuo processo de redefinições de valores. Logo, ao tratar de identidade, devemos levar em consideração tanto os fatores de classe, quanto os de pertencimento nacional e regional.

Abordamos, assim, os anos anteriores à sua chegada ao Brasil, e posteriormente seu processo migratório. Contextualizando a situação política, econômica e social de seu local de origem, bem como a do local em que se instalou, a cidade de São Paulo, procuramos mostrar que houve, naquele período, uma enorme efervescência nos processos migratórios.

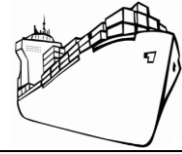
O capítulo visa identificar as redes migratórias e sociais em que Rizkallah Jorge estava inserido. Indo no sentido de recuperar a agência dos indivíduos e compreender as relações construídas, um conceito que oferece base para a compreensão de suas ações cotidianas, são as redes sociais, uma vez que, por meio delas circulam informações e recursos. Diante de sua atuação filantrópica o imigrante acabou sendo mencionado em diversos jornais e recebendo homenagens. Com a conceituação de poder simbólico advinda de Pierre Bourdieu o tópico explora as possibilidades de utilização deste poder por parte de Rizkallah Jorge em suas atividades políticas e financeiras. Mostra, ainda, o capítulo, como foi adquirido o conhecimento da técnica de fundição de cobre, que ocupou um papel central na atuação profissional do imigrante sírio-libanês. Abordamos, ali, também, aspectos de seu local de origem, procurando mostrar suas relações comerciais deste em âmbito internacional.

No Capítulo 2, denominado “A Boia, o Tijolo e o Concreto Armado” são identificadas as atuações econômicas do imigrante sírio-libanês, mostrando a constituição de seu capital financeiro por intermédio de seu enriquecimento com o comércio salubre, a Casa da Boia e sua consolidação como um empreendedor urbano, com a diversificação de suas atividades contemplando o setor imobiliário. Estudamos, ali, a inauguração do comércio, que ocupou um papel central na história de vida de Rizkallah Jorge. Analisamos os objetos comercializados, os processos de produção dos mesmos, os funcionários contratados para aprimorar as técnicas de produção e propiciar com que o local estivesse de acordo com as principais tendências comerciais do período. Ou seja, tratamos da “revolução” desempenhada pela boia sanitária na salubridade e na trajetória profissional de Jorge. Em suma: investigamos a relação entre a difusão de um ideário salubre que possibilitou com que o local se tornasse famoso na cidade de São Paulo, por fornecer equipamentos sanitários, e, ao mesmo tempo, garantiu enriquecimento a Jorge, permitindo-o atuar em outras frentes de mercado. Por fim, são relatadas as atividades imobiliárias do imigrante, detalhando seus empreendimentos

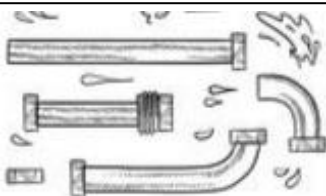
urbanos e percebendo para quais classes estes projetos eram elaborados, retratando, assim, aspectos da verticalização da habitação e da projeção social representados pelos seus prédios edificadas na rua Carlos de Souza Nazareth: o Palacete Alepo, o Palacete Paraíso e o Palacete São Jorge.

No Capítulo 3, denominado “As apropriações da Imagem do ‘Imigrante Proeminente’” são identificadas algumas das construções de representações da figura do imigrante, tanto pelo mesmo na película encomendada pelo mesmo em 1928, quanto em seu túmulo no Cemitério da Consolação, quanto por sua família e pelo poder público. O capítulo visa abordar os diversos usos da figura do imigrante libanês após sua morte identificando e analisando as problemáticas da memória e esquecimento neste processo, portanto, em que os “lugares de memória” fornecem o aparato conceitual para problematizar esta construção. A patrimonialização dos edifícios erigidos pelo imigrante também contribuí nesta análise, mostrando em que medida estes os tombamentos dos três palacetes, bem como da Casa da Boia são pensados pelo poder público e contribuem para denotar a relevância deste enquanto indivíduo. O histórico da nomeação de um logradouro em sua homenagem também fornece os elementos para compreender este “legado” que é associado ao seu nome.

Com esta estrutura pretendemos elucidar nas páginas seguintes um recorte das diversas esferas ocupadas pelo imigrante ao longo do processo de seu fazer-se em São Paulo em um período de enorme efervescência de urbanização paulistana, e como suas estratégias de sobrevivência se entrelaçaram com o território da cidade.



DO NAVIO À TUBULAÇÃO



CAPÍTULO I - DO NAVIO À TUBULAÇÃO

Nos deslocamentos populacionais e, portanto, no êxodo e nova fixação, residem sonhos e esperanças que são muitas vezes frustradas. A compreensão/apreensão do novo lugar pode significar uma nova exclusão social daqueles que migram, produzindo, assim, a reedição de condições sociais semelhantes às dos lugares de origem.⁵²

A luta pela subsistência é fenômeno que caracteriza o viver. Esse, por sua vez, compreende mais que uma só peleja. A vida é uma guerra ininterrupta, cujas batalhas sucedem a todo o momento. É conflito complexo, que, ao encerrar um combate, inaugura outro. Os fins almejados dessa contenda elevam-se com a cultura e aviltam-se com os meios humilhantes empregados.⁵³

1.1 - A BIOGRAFIA DE RIZKALLAH JORGE:

SEU PROCESSO MIGRATÓRIO E A ESCOLHA PELA CIDADE COSMOPOLITA

No ano de 1895 desembarcou no Porto de Santos o imigrante sírio-libanês Rizkallah Jorge Tahan, que, assim como tantos outros, vieram, no século XIX, para “Fazer a América⁵⁴”. Este continente recebeu entre os anos de 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de pessoas que saíram de seus locais de origem buscando melhores condições de vida. Dentro deste processo, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu imigrantes, com 2,9 milhões de pessoas.⁵⁵ Diversas nacionalidades aportaram aqui, e, dentre elas, as que mais se destacaram, segundo dados do IBGE, foram, respectivamente: italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, alemães e sírios-turcos.⁵⁶

⁵² PAIVA, Odair da Cruz. **Diferentes Tempos de Uma Mesma História**. In: ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO. (Org.). São Paulo Uma Viagem no Tempo. São Paulo: CIEE, 2005, v. 1, p.102.

⁵³ SAFADY, Jorge S. **A Imigração Árabe no Brasil**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1972.

⁵⁴ Sobre o termo, Herbert Klein acentua que "Fazer a América", era o objetivo e lema da maior parte dos indivíduos que cruzavam o Atlântico. O autor apresenta as características da grande imigração que houve neste período, propondo que a maior parte foi composta por jovens, do sexo masculino que buscavam emprego no país de recepção, visando, acumular poupanças com as quais pudessem melhorar sua condição em seus países de origem. Em decorrência desta conjuntura, aceitavam trabalhos de baixo status, que ainda assim lhe proporcionariam melhores salários do que os pagos em seus países. KLEIN, Herbert S. **Migração Internacional na História das Américas**. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América** - a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Edusp, 2000.p.24.

⁵⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p.22.

⁵⁶ Algumas mudanças tecnológicas propiciaram com que este enorme contingente populacional se deslocasse neste período, entre elas destacam-se: “a substituição total da vela pela energia a vapor nos navios de passageiros que cruzavam o Atlântico, a instalação do primeiro cabo telegráfico transatlântico, em 1886, e a conclusão de um primeiro conjunto de ligações ferroviárias, por volta de 1870, em todos os principais países europeus e americanos criaram um meio de transporte e de comunicação infinitamente mais rápido e mais barato entre a Europa e a América. Quase todos os analistas afirmam, hoje, que, principalmente após 1870, os fluxos migratórios e as condições econômicas da América estavam

Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, 57,7% foram acolhidos por São Paulo.⁵⁷ A preferência por este local pode estar vinculada às facilidades concedidas pelo Estado, tais como passagem e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão.⁵⁸ O complexo cafeeiro propiciou que se desenvolvessem diversas atividades econômicas, tanto artesanais, quanto comerciais e industriais no espaço urbano de São Paulo.⁵⁹ Para prover a economia cafeeira se propagaram, na capital e no interior paulista, diversas empresas, que se relacionavam diretamente com a

estritamente relacionados. Informações sobre as condições de emprego, em especial, estavam agora prontamente disponíveis em poucas semanas, nos principais países europeus de emigração. O grande número de viagens marítimas também garantia contato constante e relativamente imediato com todas as nações americanas do Atlântico. (...) No período posterior a 1880, partiam do porto de Santos, no Brasil, vários navios por semana com destino aos principais portos europeus do Mediterrâneo e até do Atlântico norte, e todos tinham capacidade de transportar na terceira classe várias centenas ou mesmo milhares de emigrantes”. KLEIN, Herbert S. op. cit .p.23.

⁵⁷ Neste contexto, a imigração foi a resposta para lidar com as demandas produtivas do momento, pois possibilitaria uma resolução à falta de mão-de-obra, e propiciaria, em conjunto, o branqueamento da sociedade. Como consequência deste objetivo, algumas nacionalidades foram privilegiadas em relação a outras. Pode-se notar que, desde o princípio, se preferiu o imigrante europeu, em detrimento de nacionalidades, como a asiática, vista como um disfarce de escravidão. BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.62. Apesar de tratar de um recorte temporal posterior ao da pesquisa, em “**O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**”, Endrica Geraldo mostra que houve tratamentos diferenciados aos imigrantes advindos em decorrência de respectivas suas nacionalidades. A autora aponta como o poder público utilizou mecanismos para controlar a entrada de imigrantes, um dos principais exemplos, é a Constituinte de 1933, que regulamentava a entrada de imigrantes, por meio da “lei de cotas”, a qual estabelecia como limite para a entrada de cada nacionalidade 2% por ano sobre o número total dos imigrantes fixados no Brasil durante os últimos 50 anos. GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. Campinas, SP [s.n.], 2007.

⁵⁸ A cientista social Paula Beiguelman, em sua tese de livre docência intitulada **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos** propõe que o processo de incentivo à imigração se deu concomitantemente à decadência da escravidão. Antes mesmo da abolição foram criadas leis em São Paulo que incentivavam a imigração. A autora retrata todo este processo, mostrando que desde 21 de fevereiro de 1881 com a lei nº36, que consignava um valor para o pagamento das passagens para os imigrantes, os cafeicultores percebiam a imigração como um fator para diversificar a mão de obra. Corroborando esta hipótese estão a construção de uma hospedaria e o surgimento de uma Sociedade Promotora de Imigração, em 1886. *ibidem*, p.64.

⁵⁹ O autor destaca neste artigo alguns aspectos discutidos em seu mestrado **Frações de classe e hegemonia na Primeira República em São Paulo**, sua hipótese é centrada no pressuposto que na economia cafeeira não existia uma classe homogênea como muitos tendem a propor, portanto, se analisarmos as dimensões políticas e ideológicas veremos que há um embate entre as frações vinculadas direta ou indiretamente à economia cafeeira, expressas nas diversas associações de classe que representavam interesses bastantes distintos. Para o autor, as frações podem ser divididas em lavoura, que designaria os indivíduos ligados unicamente à produção de café, o grande proprietário rural, os comissários que exerciam funções mercantis-bancárias, o grande capital cafeeiro, que era heterogêneo e agia em outros setores para além da produção do café e uma burguesia industrial, que apesar de ter vínculos com a economia cafeeira não estava diretamente ligada a uma atividade cafeeira. O Partido Republicano Paulista mostra como essas frações ocupavam diferentes hierarquias em seu interior, e como as políticas adotadas pelo governo, em torno da valorização cambial e de política externa possuíam impactos diferentes para estes setores. PERISSINOTTO, Renato Monseff. **Classe dominante e política econômica na economia cafeeira (1906-1930)**. Perspectivas, São Paulo, 16: 165-189, 1993.

produção da rubiácea, como os engenhos e as atividades de beneficiamento dos grãos e de outros cereais. Outras atividades, indiretamente relacionadas, também foram impulsionadas, como as de manutenção das estradas de ferro utilizadas em seu transporte, e oficinas de manutenção, como serralherias, fundições, forjarias, serrarias, ou a indústria têxtil para a produção de sacaria para o café, e a indústria de abastecimento do consumo popular, alimentos, bebidas, vestuário e móveis.⁶⁰

Os imigrantes, de uma forma geral, firmaram-se nas novas dinâmicas que passavam a serem incorporadas na cidade. Adriano Botelho destaca que é no início de 1870 que ocorrem as mudanças decisivas para o desenvolvimento de São Paulo, levando em consideração que no oeste paulista, a zona pioneira da época, ocorreu uma inflexão na relação entre terra e trabalho, desaparecendo a renda capitalizada no escravo, que foi substituído pela terra como principal fonte de riqueza.⁶¹ Para o autor, é a expansão da cafeicultura em meados do XIX que propicia um novo surto de crescimento, acentuado pela construção da ferrovia, colocando a cidade em uma posição hegemônica, como o grande eixo de comercialização do mais importante produto de exportação brasileiro no período.⁶²

⁶⁰ TRUZZI, Oswaldo e NETO, Mario Sacomano. **Redes, Migrações e Economia Étnica na Experiência Paulista**. IN: Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos. Porto Alegre: Edipurs, 2014. p. 45-46.

⁶¹ Nas últimas décadas notou-se um significativo avanço nos estudos que propiciaram o questionamento das interpretações que comumente compreenderam o desenvolvimento da atividade mercantil em São Paulo enquanto mero reflexo do surto econômico promovido pela expansão da cultura cafeeira na segunda metade do séc. XIX. Dentre estes trabalhos, destacam-se as pesquisas dedicadas à análise da atuação da comunidade mercantil paulista nas redes de comércio interno e externo à colônia entre os séculos XVIII e XIX, a exemplo de BLAJ, Ilana. **A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2002; BORREGO, Maria Aparecida Menezes. **Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil da cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX)**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-41, 2010, MEDICCI, Ana Paula. **Administrando conflitos: o exercício do poder e os interesses mercantis na capitania/província de São Paulo (1765-1822)**. 2010. 286 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010 e MATTOS, Renato de. **Política e negócios em São Paulo: da abertura dos portos à independência (1808/1822)**. 2015. 311 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

⁶² BOTELHO, Adriano. **A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo**. Cadernos Metrópole 18 pp. 15-38 20 sem. 2007. p.21. A primeira estrada a passar por São Paulo foi a Estrada de Ferro D. Pedro II, que teve sua construção iniciada em 1855, por parte do Tesouro Nacional, embora fosse uma empresa privada. A segunda foi uma concessão feita em 1856 ao Barão de Mauá, e ligaria o porto de Santos a Jundiaí, passando pela cidade de São Paulo, sua construção foi concluída em 1867, e sua concessão fora transferida a São Paulo Railway Co. Ltd. Entre os anos de 1870 e 1875 formaram-se quatro empresas nacionais para estabelecerem os troncos da rede ferroviária, sendo estas, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Mogiana, Ituana e Sorocabana. SAES, Flávio Azevedo Marques de. **Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900**. IN: História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002. p.178-179. Saes aponta que "é inegável que há certa coincidência de interesses

Portanto, observa-se que São Paulo estava inserido em um processo de mudança demográfica, colocando-se como um importante ponto de recepção de imigrantes. No fim do século XIX, os estrangeiros representavam aproximadamente um quarto da população total, como pode ser observado no quadro a seguir:

Ano	População Total	População Estrangeira	Proporção de Estrangeiros
1890	1.384.753	75.030	5,4
1900	2.279.608	478.417	21
1920	4.592.188	829.851	18,1
1934	6.433.327	932.691	14,5
1940	7.180.316	814.102	11,3
1950	9.134.423	693.321	7,6
1970	17.771.948	703.526	4,0
1980	25.042.074	523.444	2,1
1991	31.588.825	414.263	1,3
2000	37.035.456	343.944	0,9

Fonte: Recenseamento de 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1970, 1980, 1991 e 2000. Recenseamento demográfico, escolar e agrícola-zootécnico do jornal O Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934). Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento. São Paulo, 1936. IN: História Do Estado De São Paulo - V. 2 República - A Formação da Unidade Paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

entre plantadores de café e dirigentes de empresas ferroviárias: por um lado, o prolongamento da linha férrea é uma condição para que novas áreas sejam incorporadas à produção cafeeira; por outro lado, a produção de café representa para as empresas ferroviárias a garantia de elevada rentabilidade. Nos anos noventa, por exemplo, o café representou 40 a 50% do total de mercadorias transportadas e os fretes arrecadados com o transporte de café 30 a 50% da receita total das estradas de ferro Paulista e Mogiana. Havia ampla solidariedade no movimento de expansão do café e das ferrovias. Isto não queria dizer que café e ferrovias constituíssem um mesmo empreendimento, apesar de os dirigentes e proprietários de empresas ferroviárias terem mantido, ao mesmo tempo, ligações com a produção cafeeira. A empresa ferroviária, enquanto uma sociedade anônima que precisa ser lucrativa e distribuir dividendos possuía sua própria identidade e esta se manifestou claramente durante a crise cambial e cafeeira que percorreu a maior parte da década de 1890. SAES, Flávio Azevedo Marques de. **Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900.** IN: História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002. p.183. Para o autor é necessário uma ênfase no papel que as ferrovias desempenharam na estruturação do capitalismo em São Paulo em fins do XIX. Já para Nathaniel Leff as razões do subdesenvolvimento econômico brasileiro também estavam nas dificuldades enfrentadas pelo mercado interno para se articular e crescer de maneira mais rápida, criando uma economia complexa. Só que, em vez de responsabilizar as relações comerciais com a Europa por essa dinâmica, ele apontava para a falta de integração interna da economia brasileira —e o alto custo de transporte no país. LEFF, Nathaniel H.. **Subdesenvolvimento e desenvolvimento no Brasil: v.1: Estrutura e mudança econômica, 1822-1947.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1991.

O incentivo à imigração perpassava diversas questões. Segundo alguns autores “clássicos”, o Estado promoveu estes projetos de colonização visando diversos objetivos, sendo alguns dos mais evidentes o entrelaçamento da valorização fundiária com integração à economia capitalista de mercadorias e gêneros alimentícios; bem como um fortalecimento de um mercado interno e o desenvolvimento de uma "classe média" na sociedade brasileira até então polarizada em torno do binômio senhor fundiário/escravo. Portanto, este projeto implicava uma alteração da vida social, cultural e econômica.⁶³

As modificações não ficaram restritas apenas ao âmbito econômico. O café deixou marcas também no âmbito social. A inauguração de ferrovias para seu escoamento, e os lucros obtidos com sua exportação propiciaram o desenvolvimento de vários setores da economia, esse se evidenciava nas mansões dos barões fazendeiros – os palacetes -, e nas crescentes construções urbanas. A modificação do urbano e a difusão das artes, tanto na capital quanto nas novas e velhas cidades fundadas no interior se devia aos melhoramentos urbanos que visavam, a diversificação dos investimentos econômicos. Alguns exemplos, de melhoramentos foram o desenvolvimento de redes de distribuição de água, de captação de esgotos, de iluminação a gás e de transportes coletivos.⁶⁴ Houve, claramente, uma intenção de remodelar as cidades alterando as formas de morar, de construir e de sociabilizar, estava posta neste período uma mudança irremediável para a capital paulista.

1.2 - OS SÍRIOS-LIBANESES:

ESTATÍSTICAS E FATORES PROPULSORES

Apesar de serem menos expressivos numericamente que os italianos, portugueses, alemães e espanhóis, os sírio-libaneses contribuíram no desenvolvimento de algumas regiões de São Paulo, como, por exemplo, a área conformada pelas ruas 25 de Março, Cantareira e a Avenida do Estado.⁶⁵ Um observador, em 1940, escreveu sobre a

⁶³ WITTER, José Sebastião. **Imigrante, um fator de transformação da sociedade brasileira** – São Paulo (1850-1914). IN: História Do Estado De São Paulo - V. 2 República - A Formação da Unidade Paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 121.

⁶⁴ PEREIRA, Paulo César Xavier. Op.cit.

⁶⁵ Ver a respeito **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMPLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

concentração desses imigrantes nesta região, mostrando como a cidade estava conformando-se a novos costumes

Onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora, e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se, constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do País.⁶⁶

Imigração por nacionalidade (1884/1933)					
Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	-	-	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e Turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226.

Por conseguinte, compreender o processo imigratório desta colônia de relevo, que marcou o imaginário nacional, é uma necessidade, e o método de abordar este processo parece fornecer dois caminhos, ambos frutíferos.⁶⁷ Nesta dissertação, privilegiou-se o

⁶⁶ ARAUJO, O. E. de. **Enquistamentos étnicos**, Revista do Arquivo municipal de São Paulo, n 6. p231, mar. 1940, In: TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997. P. 49.

⁶⁷ Na introdução do livro *Fazer a América*, o historiador Boris Fausto pontua que "o tema da imigração em massa para o continente americano pode ser abordado a partir de enfoques bastante diversos. Por exemplo, é frutífero, de um lado, dar ênfase a uma abordagem estrutural, buscando compreender melhor as raízes mais profundas de um movimento migratório transoceânico de dimensões até então desconhecidas, tanto no que diz respeito às condições socioeconômicas existentes na Europa e no continente asiático, quanto nos países de recepção. De outro lado, é igualmente frutífero, adotar um

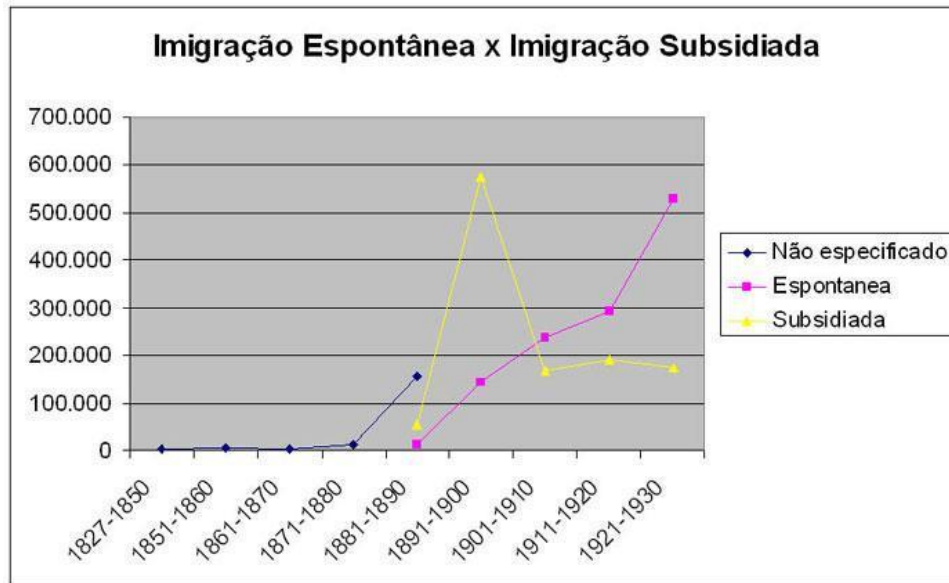
estudo do micro, da biografia, contudo, a significação da trama que envolve o personagem em análise não seria possível se não houvesse um diálogo com o processo macroscópico, territorial, que conecta partes do globo, e aponta para problemas históricos, como aquele em que a decisão de escolher a cidade de São Paulo como local para se estabelecer, bem como buscar identificar as razões que impeliram estes indivíduos a esta busca de um novo território.

Um dos elementos de maior preponderância no cenário da imigração são as redes que se constituem, preponderantemente, no fato de haver a identificação de uma mesma experiência de vida. Entre os sírio-libaneses, diversas particularidades devem ser consideradas ao analisarmos o deslocamento destes indivíduos. Primeiramente, há o fato de nunca terem sido alvo de uma política de imigração subvencionada.⁶⁸ Logo, faziam parte de uma colônia que teve um processo migratório espontâneo, afetado por um “efeito corrente”,⁶⁹ em cujo o estímulo da emigração daqueles que ficaram se dava pelos excelentes resultados econômicos atingidos pelos imigrantes pioneiros.

enfoque micro-histórico, acompanhando-se trajetórias familiares, nas ditas pontas da cadeia migratória. FAUSTO, Boris. Introdução. **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.p.9.

⁶⁸ Percebe-se que a atividade desenvolvida pelos imigrantes sírio-libaneses não ia ao encontro dos projetos que a sociedade possuía para a emigração: suprir a falta de mão-de-obra e estabelecer o embranquecimento. Os imigrantes que haviam ido ao setor comercial não resolveriam: “o problema do braço agrícola, não era conveniente ao país. A imigração síria está nestas condições e é preciso dizê-lo sem reservas, pois as ideias não se misturam com interesses e conveniências”. AMARÍLIO JÚNIOR. **As vantagens da imigração syria no Brasil**. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935, p.39.

⁶⁹ Os dados estatísticos mostram que nos anos de 1900, cerca de 120.000 pessoas deixaram a grande Síria com destino aos Estados Unidos, Brasil e outros países latino-americanos; já em 1914, a emigração se encontrava na casa de 15.000 a 20.000 pessoas por ano, ao longo de todo este processo a região teve como consequência a perda de quase 1/4 de toda sua a população. ISSAWI, Charles. The Historical Background of Lebanese Emigration, 1800-1910. IN: HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. **The Lebanese in the World**. Londres: I. B. Tauris for the Centre for Lebanese Studies, 1992. p. 30-1. Do ponto de vista da imigração para o Brasil, segundo dados apresentados por Oswaldo Truzzi, o movimento iniciou-se pouco a pouco nos anos de 1880 e tomou fôlego em 1895, crescendo continuamente de 1903 a 1913. Neste ano, houve a entrada de 11.101 imigrantes sírio-libaneses pelo Porto de Santos. Nos anos de 1920, a taxa manteve-se na média de 5.000 entradas por ano, diminuindo ao longo dos anos 30 com a implantação de medidas restritivas por parte do governo central. De 1908 a 1941, os sírios-libaneses representaram a sexta nacionalidade com o maior número de entradas em São Paulo. TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1992. p. 8.)



Fonte: São Paulo. Relatório da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. 1892, 1894-1895, 1898-1908, 1910-1914, 1916-1930. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Logo, alguns autores consideram que, ao analisar esse processo migratório, não necessariamente devemos entender estes indivíduos como pessoas fugindo de uma situação de pobreza extrema, ou de perseguições religiosas⁷⁰.

Existem relatos numerosos casos de imigrantes que aportaram com o capital necessário para a abertura de negócio, tendo em vista, um enriquecimento para seu subsequente retorno ao Líbano⁷¹. A leva migratória entre os anos de 1880 e 1940, não foi composta apenas por desempregados, havia em seu interior egressos das escolas criadas por missionários católicos e protestantes. O Líbano era composto por uma pequena burguesia urbana, desenvolvida em decorrência da integração deste local ao mercado mundial. Observa-se que houve a organização de um vasto Império Mulçumano no século X, que provocou a emergência de grandes cidades. Essas estruturas urbanas deflagraram e/ou ajudaram a cristalizar uma área econômica que se estendia do Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico, locais nos quais se situavam as principais rotas comerciais europeias. Esta conexão entre espaços geográficos propiciou

⁷⁰ Durante o século XIX o governo turco tomou medidas impopulares incitando as religiões a ficarem umas contra as outras, ocasionando em 1861 o massacre de muitos libaneses cristãos. A religião ocupa dentro dessas comunidades um papel central, estando presente nas mais variadas dimensões da vida, ultrapassando a natureza espiritual. A perseguição religiosa levou muitas famílias cristãs libanesas e sírias a abandonar o Oriente e migrar. GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005. p.41.

⁷¹ GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.p.39.

interações e circulação de mercadores, artesãos e peregrinos, munidos de suas ideias e técnicas, além do maior desenvolvimento de trocas comerciais de longas distâncias.⁷²

as cidades do Oriente Médio eram não apenas consumidoras, mas produtoras de bens manufaturados para exportação e para consumo próprio. Parte da produção era em grande escala – armamentos de guerra fabricados em arsenais do Estado, têxteis finos para o palácio, refinarias de açúcar e fábricas de papel -, mas a maioria se fazia em pequenas oficinas de têxteis ou metalurgia.⁷³

Portanto, a sociedade libanesa era composta por: comerciantes, empregados e agentes das companhias marítimas, ferroviárias e portuárias, empregados de bancos, hotéis e dos serviços públicos, proprietários de indústrias de processamento de seda e outras, professores, editores, jornalistas e oficiais da administração pública. Para estes, imigrar era a possibilidade de alcançar padrões econômicos quase impossíveis de serem obtidos no Líbano.

Para o sociólogo Clark Knowlton⁷⁴, um dos primeiros a analisar a imigração libanesa para o Brasil, pensar "o recrutamento, a posição social inferior da minoria cristã no Líbano, o mau governo, a insegurança e as pragas" como os motivos exclusivos da imigração, resultam em uma análise fracionada, contudo, matizados com outros fatores como "o declínio da economia libanesa com a abertura do Canal de Suez, os conflitos internos e externos, e as atividades dos agentes de viagem e dos emigrantes que retornavam", possibilitam a compreensão do conjunto deste processo. O principal fator "foi a possibilidade de atingir um padrão econômico e qualidade de vida que seriam inatingíveis num país pequeno, superpovoado, eminentemente agrário e com o desenvolvimento centrado em sua capital".⁷⁵ Em *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*, o imigrante Wadih Safady, cujo pai foi um dos primeiros imigrantes libaneses a aportar no Brasil, em 1887, relata "os primeiros grupos que voltaram a sua terra natal introduziram em todo o Líbano as boas notícias sobre o Brasil, seu povo pacífico, sua hospitalidade e a facilidade de trabalho".⁷⁶

⁷² HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2006. p.71.

⁷³ ibidem, p. 72.

⁷⁴ KNOWLTON, Clark. **The Social and Spacial Mobility of the Syrian and Lebanese Community in São Paulo, Brasil**. p. 288. IN: GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005. p.41.

⁷⁵ Ibidem, p.36.

⁷⁶ GATTAZ, André. op. cit, p.37.

O movimento emigratório pelo qual passaram as regiões do Império Turco-otomano deve ser compreendido não como um fenômeno conjuntural, mas, sim, como decorrente de uma conjuntura histórica local e regional, associados aos acontecimentos exteriores. Ao abordar as características específicas desta imigração em diferentes períodos, Hourani destaca que, em um primeiro momento, de 1860 a 1900, os deslocamentos se deram em direção aos países vizinhos do Oriente Médio e do norte da África, e para a América e a Austrália, sendo seus principais fatores os conflitos entre maronitas e drusos, provocados pela alta taxa populacional e a escassez de terra disponíveis. Entre 1900 a 1914 o principal destino desses imigrantes foram os Estados Unidos e o Brasil. Neste período, o Império Turco-Otomano intensificou sua presença na região, ocasionando a saída de indivíduos pertencentes aos setores médios, tais como médicos, professores, poetas e escritores, que visavam se opor à presença otomana, e evitar o alistamento militar. Houve, neste contexto, uma perda dos privilégios dos cristãos pela intensificação da presença turca. Ao se tornar um protetorado francês, entre 1920 e 1943, houve o benefício principalmente dos cristãos, acarretando o movimento inverso aos períodos anteriores, isto, em conjunção com a pobreza das áreas rurais das regiões em que estavam instalados fez com que a tendência da imigração majoritária de cristãos fosse substituída pela de muçumanos.⁷⁷

Ao descrever o processo de imigração, Oswaldo Truzzi⁷⁸, indica que a decisão de migrar era tomada no seio familiar, as famílias planejavam o envio de seus filhos à América como uma forma de resolver suas questões econômicas. Duas circunstâncias exemplificam estas motivações: a primeira em função das remessas de dinheiro pelos imigrantes, que possibilitavam a compra de propriedades e terras em seus locais de origem,⁷⁹ se constituindo como uma forma de viabilizar seu modo de vida anterior, ampliando a propriedade rural para, assim, permitir a sobrevivência de todos; a segunda diz respeito ao caráter inicialmente temporário da imigração. Nos anos iniciais, a maior parte dos imigrantes tinham por objetivo ficar alguns anos na América e, então,

⁷⁷ HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. **The Lebanese in the World**. Londres: I. B. Tauris for the Centre for Lebanese Studies, 1992.

⁷⁸ TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e Libaneses: narrativa de história e cultura**. São Paulo: CEN, 2005.

⁷⁹ A imigração sírio-libanesa foi majoritariamente destinada a ambientes urbanos e formada principalmente por homens solteiros. Os registros de entrada dos imigrantes pelo porto de Santos corroboram essa afirmação. Os sírio-libaneses são o grupo que apresentam maiores porcentagens de solteiros (63,58%), do sexo masculino (69,69%) e de avulsos (56,07% entrados sem família), comparando com as outras principais etnias no período de 1908-1939. SECRETARIA de Agricultura do Estado de São Paulo. Boletim de Serviços de Imigração e Colonização, nº2 out. 1940.

retornarem para suas casas, este fator influenciava nas características das levas migratórias, que em sua maioria eram compostas por homens solteiros. Analisando pormenorizadamente o caso de Rizkallah Jorge, denotam-se peculiaridades se comparado às características apontadas por Truzzi, visto que quando este migrou já era casado com Zakie Naccache, e era o núcleo de sua família, em virtude do falecimento de seu pai.

O ofício desenvolvido por Rizkallah Jorge após sua chegada na capital, parece dissociá-lo das proposições listadas acima, uma vez que quando chegou a São Paulo, não se tornou mascate e, sim, iniciou seus trabalhos como funcionário em uma empresa. Acrescente-se a isso, o fato de que em todo o período estabelecido aqui, ele poupou dinheiro para investir em seu negócio local, não comprando propriedades em sua terra natal, como esperado dentro do macro-esquema presente na historiografia da imigração libanesa. Após a inauguração da Casa da Boia, foi possível trazer sua família ao Brasil. Parece, então, ser errôneo afirmar que ele segue o modelo de imigrantes sírio-libaneses que se envolveram com o comércio, pois queriam acumular capital e não adquirir nem terras nem propriedades para poder retornar ao seu local de origem. Talvez o fato de não ter adquirido propriedades na Síria e, sim, em São Paulo, indique que, desde o primeiro momento, ele não desejava retornar à terra natal, mas, sim, trazer sua família ao Brasil quando estivesse com uma situação financeira estável.

No geral, os homens que vieram ao Brasil eram principalmente agricultores; logo, a lógica seria que dentro do padrão mostrado por Truzzi, os imigrantes, ao acumularem dinheiro, comprariam terras em seu local de origem. Já Rizkallah Jorge por ter um ofício desde a Síria - fundidor de cobre -, investiu seu dinheiro de forma diferente, uma vez que seu objetivo não seria então adquirir terras para a agricultura, e, sim, abrir um comércio, ou outros negócios. Suas futuras atividades em São Paulo denotam que suas atividades nunca estavam ligadas à agricultura e, sim, ao ramo comercial, imobiliário, de importação de cargas, dentre outros tipicamente urbanos.

Por se envolver com inúmeras atividades econômicas, que não apenas as ligadas ao comércio, a trajetória do imigrante, indica que se deve refletir sobre a imagem do “turco” unicamente relacionado comércio. Paulo Hilu pontua que apesar da naturalização dos sírios e libaneses como mascates, uma das principais atividades desenvolvidas pela colônia, em razão de exigir pouco capital inicial, e por uma série de

imigrantes terem obtido notoriedade e expressividade nos ramos comerciais, em especial nos armazéns, a criação desta atividade não se deu apenas com a chegada desta colônia. O autor mostra que mesmo antes, portugueses e alemães já exerciam esta atividade, que posteriormente, incorporou judeus e outros. Associar a mascateação a apenas uma nacionalidade faz com que se percam dimensões desta atividade, que não esteve ligada apenas a uma colônia específica e nem a um único território no Brasil.⁸⁰

Ao analisar a memória de Rizkallah Jorge tanto em entrevistas orais com seus familiares, quanto na bibliografia que trata de sua atividade comercial, pode-se perceber que as outras faces de Rizkallah foram esquecidas. Privilegia-se sua atuação na Casa da Boia, excluindo suas demais atividades, tais como, a de investidor imobiliário e seus empreendimentos financeiros. A consolidação da imagem do imigrante sírio-libanês comerciante fez com que se criasse a respeito de Rizkallah Jorge Tahan uma memória que gerou uma série de esquecimentos sobre outras atividades, que mostrariam que ele, mais do que repetir um padrão de uma colônia de imigrantes, se assemelhava aos empreendedores capitalistas que atuaram em São Paulo naquele período.⁸¹

Portanto, longe de se envolver com apenas um setor econômico, Rizkallah Jorge como investidor se envolveu com diversos empreendimentos, tornando-se multifacetado empreendedor, e dificultando a apreensão de seu papel na cidade de São Paulo.

1.3 - CALEIDOSCÓPICO EMPREENDEDOR:

COMPREENDENDO RIZKALLAH JORGE TAHAN, SUA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE

Como tantos imigrantes, Rizkallah Jorge também veio a São Paulo buscando melhorar sua vida. Ele almejava que sua vinda ao Brasil propiciasse uma melhoria de condições sociais para sua família, já que era o arrimo desta, no Oriente. Porém, para esta dissertação de mestrado, mais importante que os fatores que propulsionaram sua decisão de migrar estão os fatores que influenciaram sua vivência e permanência na

⁸⁰ HILU, Paulo. Comunicação no Congresso A Contribuição dos Árabes às Identidades Ibero-Americanas. As Dinâmicas Identitárias das Comunidades Árabes no Brasil. 2008.

⁸¹ A este respeito, consultar o capítulo 1 do livro de ATIQUÉ, Fernando. **Memória: a trajetória do Edifício Esther**. cit. Neste capítulo, Atique mostra a trajetória de negócios urbanos e rurais da Família Nogueira, revelando estratégias adotadas para diversificação de empreendimentos, para além da esperada atitude uma suposta elite cafeeira, conforme a historiografia tradicional costuma frisar.

capital de São Paulo. Sua trajetória de vida e a posição de destaque adquirida nas comunidades que frequentou propiciam indícios destes fatores.

Nascido em 14 de maio de 1867 na cidade Alepo, norte da atual Síria, Rizkallah Jorge perdeu sua mãe quando tinha oito meses. Seu pai - tanto pelo falecimento de sua esposa, quanto por um fator econômico, a grande concorrência na fundição de cobre, sua área de atuação, uma profissão muito comum na cidade de Alepo - decidiu se mudar para Homs, fazendo com que Rizkallah fosse criado até os cinco anos por sua avó paterna.

Em 1882 seu pai retornou a Alepo e se casou novamente, levando Rizkallah para morar consigo. Esta convivência com seu pai fez com que aprendesse a técnica da fundição de cobre, elemento decisivo para o estabelecimento de seu comércio em São Paulo.⁸²



Figura 1 - Família de Rizkallah no Brasil, mostrando sua importância enquanto núcleo desta.
Fonte: Revista “Al-Kálimah”.



Figura 2- Funcionários Trabalhando na Casa da Boia.
Fonte: Arquivo Casa da Boia.

⁸² Em geral, verifica-se que as cidades possuíam, além da figura do mercador, as figuras dos lojistas e artesãos especializados, que compunham a maior parte dos habitantes destas cidades. A característica destes locais era a produção em pequena escala e sua continuidade por meio da hereditariedade, já que as especializações tendiam a ser transmitidas de pai para filho, da mesma maneira que as oficinas, que acabavam sendo mantidas dentro da mesma família por gerações. Observa-se que inserida nesta tradição está à trajetória profissional de Rizkallah Jorge, que aprendeu os misteres da fundição de cobre com seu pai, na cidade de onde provinham, um dos povoados mais antigos do mundo, habitado desde XI a.C, Alepo ou “Halab”, que pode significar tanto “cobre” ou “ferro” na língua amorita, ou “branco” em aramaico. Jorge Tahan levava seu filho desde criança à sua loja no “souk”, uma espécie de mercado a céu aberto onde os profissionais exerciam suas atividades especializadas, neste caso a fundição de cobre.

No ano de 1887, tendo Rizkallah Jorge completado 20 anos, e sendo o primogênito de oito irmãos, dividia com seu pai a responsabilidade da manutenção de sua família. Esta estrutura familiar leva-o de mudança para a cidade de Homs, onde, em comum acordo com seu pai, passaram a buscar incremento nos lucros dos negócios familiares. Esta decisão estava baseada no fato de que em Alepo havia enorme concorrência no ramo em que exerciam, uma vez que era uma atividade extremamente tradicional ali. Ao longo dos cinco anos em que viveram em Homs, seu comércio floresceu e possibilitou com que a família pudesse acumular recursos financeiros, porém, ao fim daquele período, o patriarca Jorge Tahan faleceu, deixando a incumbência da manutenção de sua família a cargo do jovem Rizkallah Jorge Tahan.

Em face dos acontecimentos, Rizkallah Jorge, acompanhado de sua família, retornou a Alepo e se casou com Zakie Naccache, filha de um famoso ourives da cidade, a quem já havia sido prometido por seu pai. Portanto, após seu casamento e após o falecimento de seu pai, Tahan se torna o arrimo de sua família, sendo o responsável por sua manutenção, característica que pôde ser observada ao longo de toda sua vida.⁸³ A posição que ocupava dentro da família, fez com que este, em decorrência de uma grave crise na indústria de cobre da região que tornou sua situação financeira desfavorável, decidisse migrar, em face das notícias sobre o enriquecimento na América. Com apenas seis meses de casado tomou um vapor até Trípoli e outro vapor francês com direção ao Brasil, desembarcando no Porto de Santos em 1895 e seguindo viagem com seus companheiros a cidade de São Paulo.⁸⁴

⁸³ Por exemplo, o fato de construir três casas ladeando a sua na Avenida Paulista para seus três filhos, numa tentativa de reunir seus familiares num mesmo espaço, demonstra esta relação patriarcal.

⁸⁴ Jacques Revel, em Recursos narrativos e conhecimento histórico, propõe que: “A categoria do possível é então uma das mais difíceis de se pensar em história. (...) Os agentes históricos se identificam para nós com escolhas que se tornaram fatos e que aparecem como os únicos possíveis já que eles são os únicos que temos para conhecer. Um gênero clássico como a biografia repousa usualmente sobre essa hipótese” REVEL, Jacques. Recursos narrativos e conhecimento histórico. In: _____. **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: UFPR, 2010, p. 232. Portanto, temos alguns fatos consolidados sobre a trajetória de Rizkallah Jorge, tais como, seu processo migratório, seu casamento, e o aprendizado de seu ofício, porém os meandros que permeiam estas ações se baseiam apenas na biografia acima citada, e se constituem como uma possibilidade bastante plausível que pode dar significado a este período de sua vida. Sobre o período anterior a chegada de Rizkallah Jorge na cidade de São Paulo, a única fonte de informação é a biografia feita por Farés Dábague, presidente do Clube Sírio-libanês e amigo pessoal de Rizkallah Jorge. Dábague conta que para escrever a biografia, teve como base os 15 anos de convivência com Rizkallah, período em que ficou sabendo de diversos fatos da vida deste. IN: “AL-Kálimah” São Paulo, 25/08/1934.

Após três anos no Brasil, Rizkallah Jorge inaugurou seu primeiro empreendimento: uma fábrica de cobre, popularmente conhecida como Casa da Boia, situada na Rua Florêncio de Abreu, 123, considerado um dos empreendimentos mais antigos e tradicionais no comércio de metais da cidade de São Paulo.⁸⁵



Figura 3 - Filhos de Rizkallah. Fonte: Revista “Al-Kálimah”.

Sua história na Casa da Boia foi frutífera, e será detalhada em capítulo posterior. O local, existente até os dias de hoje, é conhecido como um dos mais famosos marcos arquitetônicos do ecletismo da capital paulista e foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP -, em 1992, passando por um restauro em 2008. Originalmente, o andar térreo possuía funções comerciais e o pavimento superior servia de moradia ao proprietário,⁸⁶ que ali permaneceu entre a virada dos séculos XIX e XX.



Figura 4 - Certificado de naturalização, 1928. Fonte: Arquivo Casa da Boia.

⁸⁵PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007, p.88.

⁸⁶TIRAPELI, Percival. **São Paulo Artes e Etnias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p.159.

Com a inauguração de seu primeiro estabelecimento e por já estar em uma situação financeira estável, Rizkallah pôde, ainda, no ano de 1898, trazer sua esposa, tendo três filhos nascidos no Brasil: Jorge, o mais velho, Nacib, o do meio e Salim, o caçula. Em 1919, se mudou com a família para uma mansão na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra.

Na área econômica, nas décadas sucessivas, Rizkallah Jorge, entre os anos 1925 e 1930 construiu pelo menos seis grandes imóveis na capital.⁸⁷ Estes edifícios, erigidos em época de abundância crescente nos negócios, lhe renderam uma representação social no tecido urbano da cidade, tornando-se uma manifestação, em termos visuais, de seu poder.⁸⁸ Todas essas construções estavam de acordo com as manifestações arquitetônicas vigentes, esmaecendo a ideia recorrente na historiografia arquitetônica de que os imigrantes procuravam construir locais que lembrassem sua pátria de origem por saudosismo ou necessidade de afirmação na sociedade brasileira.⁸⁹

Entre os anos de 1910 e 1940, Rizkallah Jorge torna-se proprietário da Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma oficina de concertos mecânicos automobilísticos, o que demonstra uma dupla percepção sua sobre a cidade: há automóveis em número suficiente para garantir a atividade, e, além, há poucas congêneres no ramo. Suas atividades comerciais não se esgotaram no comércio; ele também atuou importando cargas e alugando imóveis.⁹⁰ Ou seja: a cidade é vista por Rizkallah Jorge como negócio promissor.



Figura 5 - Busto de Rizkallah em homenagem a sua doação do terreno da Igreja.

Fonte: Processo n° 3165 - Projeto de Lei n° 291 de 1950.

⁸⁷Os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Aleppo, na Rua Carlos de Souza Nazaré; um prédio no número 92,93, 157 na Rua Florêncio de Abreu; um prédio, no número 1003, da Rua 25 de Março.

⁸⁸ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a.

⁸⁹Disponível em: <http://www.anba.com.br/noticia_especiais.kmf?cod=10268864> Acesso em 04/02/2016.

⁹⁰ Recibos, contratos e notas fiscais de seu acervo pessoal situado na Casa da Boia atestam estas atividades.

Esta gama de atividades encontradas na trajetória de Rizkallah Jorge parece encontrar paralelo, também, com a própria quantidade de comunidades estrangeiras com as quais manteve laços. Ele contribuiu com comunidade armênia doando um terreno e dinheiro para a construção da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, em 1938,⁹¹ e novamente em 1949, uma vez que a antiga sede foi desapropriada pela prefeitura.⁹² No ano de 1921, o empresário ajudou a coletividade síria na construção do Hospital Sírio,⁹³ por meio de uma doação para a Sociedade Beneficente de Senhoras e contribuiu para a fundação do Clube Sírio Libanês.⁹⁴ Doou para campanha de Solidariedade Contra a Lepra os custos para a construção de um prédio destinado à obra comunitária e também o dinheiro para a construção do prédio principal do Clube Sírio, que tem seu nome gravado na fachada.⁹⁵ Portanto, fica evidente que Rizkallah Jorge foi importante também para os círculos sociais destas comunidades. Não à toa, ele se autopromovia - e beneficiava também - quando arguido sobre suas atividades de benemerência. Em telegrama datado de 1934, fez grafar: “a melhor filantropia é aquela que é feita, em primeiro lugar, aos familiares”⁹⁶, fazendo menção a seus pares, tratados como sua família extensa.

Torna-se oportuno, então, compreender qual era a vinculação genealógica de Rizkallah Jorge Tahan. Como visto, Rizkallah Jorge nasceu em Aleppo, na Grande Síria, região que durante o Império Otomano compreendia as regiões do Líbano, Síria,

⁹¹ Reportagem Folha de São Paulo 20 de março de 1937.

⁹² Deve se destacar que: “a convite de D. Chihádi, formou-se o seguinte Conselho Administrativo da Igreja Ortodoxa, em março de 1923: Nami Jafet, Mitri Calfat, Miguel Bichara, Rizkallah Jorge, Assad Abdala, Nagib Sálem, Azem Azem, Elias Mahfúz, Muhána Sayão, José Bussad e Taufik D. Camasmie”. SAFADY, Jorge S. **A Imigração Árabe no Brasil**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1972. P. 217.

⁹³ Foi a Sociedade Beneficente de Senhoras que deu origem ao hospital, a sociedade foi fundada em 28 de novembro de 1921 e no ano de 1923 adquiriram o terreno à Rua da Fonte, nº 91, atual Adma Jafet, no bairro da Bela Vista e em 1931 foi lançada a pedra fundamental. Sua inauguração era prevista para 1941, porém com a Segunda Guerra, o local foi solicitado pelo governo para a escola preparatória de cadetes de São Paulo, portanto o Hospital só retornou a sua localidade inicial em 1965. *ibidem*, p.151.

⁹⁴ Sua fundação se deu em 1917, sua sede até 1920 foi em um prédio na Rua do Comércio, e promovia suas atividades nas locações dos clubes Germânia (atual Pinheiros) e Floresta (atual Espéria). O primeiro treino de futebol aconteceu na Companhia Antarctica, sobre a história da mesma ver SOUSA, Diógenes Rodrigues de. Parque Antarctica: um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX. 2014. 44 f. Monografia (História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014. O crescimento do Clube Sírio fez com que, no início de 1920, a sede social fosse transferida para um conjunto na Rua Florêncio de Abreu. Ao mesmo tempo, alugou-se no o Parque São Jorge como sede esportiva. No início da década de 20 o Sírio adquiriu uma área de 45.000 m² na Ponte Pequena, para onde transferiu sua sede social e esportiva. Disponível em: <http://www.sirio.org.br/esporte-clubes-sirio/>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2016.

⁹⁵ O acervo da Casa da Bóia contém recibos e cartas que se referem a estas doações.

⁹⁶ Carta de 28/06/1934. IN: Revista “Al- Kálimah”.

Jordânia, Israel e territórios da Palestina, sendo de uma família de origem armênia, por isto o sobrenome Tahan, sua origem tanto síria quanto libanesa e armênia fez com que este transitasse no Brasil em todas essas comunidades.⁹⁷

Rizkallah Jorge continuou conectado com sua “pátria”, retornando a Aleppo, em 1912, para uma viagem, quando doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires, e a verba para a construção de uma torre na mesma edificação.⁹⁸ Regressou, novamente, em 1921, quando foi realizado o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos, que lhe deram cinco netos. O imigrante também se ligava à região por meio da benemerência doando, em 1916, ao prefeito de Aleppo, Bei Gháleb Katraghási, 2500 francos, para que este distribuísse comida à população da cidade, que estava sofrendo com a Primeira Grande Guerra. Em 1934, doou à Associação “Al-Kálimah” mil libras otomanas e recebeu a medalha de mérito do Governo sírio.



Figura 6 - Igreja dos Quarenta Mártires, antes e depois do bombardeio do Estado Islâmico. Fonte: Armenian Weekly. 29 de abril de 2015.

⁹⁷ Isto pode ser percebido em suas benemerências que iam desde doações a sua cidade na Síria, quanto à construção da Igreja São Jorge para a Comunidade Armênia.

⁹⁸ A Igreja se localiza no bairro histórico Al-Jdayde, na cidade de Aleppo, na Síria. A Igreja é considerada uma das mais antigas da diáspora armênia, foi construída em 1491 e passou por reformas em 1624 para poder abrigar os peregrinos que passavam com destino a Jerusalém, somente após a doação de Rizkallah Jorge, a Igreja passou a ter um sino. Em 29 de abril de 2015, foi noticiada a destruição da maior parte da Igreja após bombardeios. Disponível em: <http://armenianweekly.com/2015/04/29/forty-martyrs-destroyed/>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2016.

Sua importância à pátria de origem pode ser verificada ao ter hospedado entre os anos de 1920-1930 muitos dos imigrantes que fugiram dos massacres e permaneceram em sua casa até obterem condições de sobreviver na cidade.

Em fins da década de 20 seu filho Nagib se casou com Olga, filha de Taufik Casmie, tendo com ela dois filhos. No ano de 1928, o patriarca Rizkallah Jorge recebeu o certificado de naturalização e realizou uma

película mostrando a Casa da Boia,⁹⁹ sua família e suas obras, tais como o Palacete São Jorge. O filme¹⁰⁰ pode ser visto como uma

tentativa de preservar seu legado para as comunidades médio-orientais com quem lidou em São Paulo. Em 14 de junho de 1949 sua trajetória na capital teve fim. O filantropo recebeu uma série de homenagens¹⁰¹ após sua morte das diversas instituições com as quais colaborou, entre elas, o Orfanato Lar Sírio e a Igreja São Jorge.¹⁰² Seu túmulo no cemitério da Consolação, compõe mais um monumento que perpetua seu nome e legado. As inscrições em árabe remetem à sua origem e demonstram sua religiosidade, como será visto no último capítulo desta dissertação. Entretanto, chamam a atenção as esculturas



Figura 7 - Placa em homenagem a doação a Revista “Al- Kálimah”.

Fonte: Revista “Al- Kálimah”.

⁹⁹ O original deste documento se localiza no Acervo da Casa da Boia.

¹⁰⁰ Na entrevista realizada por Renata Geraissati Castro de Almeida com Mario Roberto Rizkallah no dia 16 de março de 2012 na Casa da Boia, o mesmo relata que “dentro desta pesquisa toda de material, nós encontramos um rolo de filme que mandei restaurar, era um filme que meu avô fez em 1928 quando a Casa da Boia fez trinta anos, ele contratou um argentino ou espanhol que filmou a fábrica funcionando, os funcionários, é muito interessante. Nós pegamos o filme demos uma limpada e montamos um pequeno documentário de nove minutos que conta a história da empresa até os dias atuais, algo institucional”. Em 2006 foi lançado o documentário **Impressões – a arte comentada de Roberto Grassmann**. Produção de Balaio de Ideias Fotografia e Comunicação; Tvcam Vídeo Produções. Edição Eduardo Grigaitis São Paulo, 2006. DVD/NTSC, color. son. Este projeto contou com o patrocínio da Casa da Boia, e um de seus capítulos, conta com as imagens que foram originalmente gravadas no ano de 1928, em película, formato 35mm, pelo estúdio Oriente Film, cerca de dez minutos. Elas foram adaptadas para vídeo em 2003 para as comemorações de 105 anos da empresa.

¹⁰¹ Estado de São Paulo, 21/06/1949 e 19/06/1949, respectivamente.

¹⁰² A devoção a São Jorge é muito comum em regiões como na Armênia, em Bizâncio e no Estreito de Bósforo, na Grécia, isto talvez isto se esclareça por sua hagiografia, São Jorge nasceu na Capadócia, antiga região da Ásia Menor, a oeste da Armênia, hoje parte da Turquia. A retomada de sua figura se deu com o imperador cristão Constantino, que construiu um oratório para o santo. Por volta do século V, existiam cinco igrejas dedicadas ao mesmo em Constantinopla. MACHADO, Maria Augusta. **São Jorge:** arquétipo, santo e orixá. Ibis Libris, 2008.

que representam a cidade de São Paulo, a indústria que desenvolvia na cidade, além de motivos religiosos e a imagem da Igreja São Jorge, iconografias que adotou ainda nos primeiros anos em São Paulo,¹⁰³ mostrando, de forma incontestável, que sua relação era urbano-industrial, mas com invocação religiosa, fórmula que alguns industriais tradicionais paulistas também desenvolviam e que, portanto, pode explicar parte da inserção social de Rizkallah Jorge na Pauliceia.¹⁰⁴

1.4 - “BABÉLICAS ESTRATÉGIAS”:

FILANTROPIA PARA SÍRIOS, LIBANESES, ARMÊNIOS E PAULISTAS

Um dos elementos que possivelmente mais contribuem para a compreensão dos diversos aspectos que se entrelaçam na construção da figura de Rizkallah Jorge Tahan é sua atuação por meio da benemerência, pois ela demonstra sua inserção em grupos de diferentes nacionalidades, descortinando uma complexa teia de elementos que compõem o processo de elaboração de sua identidade.

Ao passarem por experiências de deslocamento, os imigrantes se veem em um processo de ressignificação de identidades, e como parte deste fenômeno observa-se que estes propendem a criar diversas formas de organização, que adquirem características tanto relacionadas a seus grupos étnicos quanto de classe, retomando o espaço social que ocupavam em seu país de origem.¹⁰⁵ Entender em que medida estes fatores se entrelaçam e se opõem é de importância vital na trajetória em análise. Biondi, propõe que é necessário mostrar que as identidades se entrecruzam em um contínuo processo de

¹⁰³ Disponível em: <http://eternity-art.blogspot.com.br/2009/12/rizkallah-jorge-tahanian-arte-tumular.html>
Acesso em: 04/02/2013.

¹⁰⁴ Ver ATIQUÊ, Fernando, **Memória: a trajetória do Edifício Esther**. cit., em específico o capítulo 3, em que mobiliza passagens do diário do industrial Paulo de Almeida Nogueira, promotor do Edifício Esther, e que recorreu ao “benzimento” do prédio como forma de garantir não apenas as “bênçãos católicas”, mas, sobretudo, a aceitação da sociedade alvo de seu investimento.

¹⁰⁵ Oswaldo Truzzi e Mario Sacomano Neto em **Redes, migrações e Economia Étnica na Experiência Paulista** versam sobre a diferença entre recursos étnicos e recursos de classe, propondo que: “nessa discussão, uma distinção útil é separar recursos étnicos de recursos de classe. Recursos de classe são atributos materiais e culturais de uma fração (burguesa) no país de origem que se reproduzem no destino. É a chamada transposição de uma condição de classe de um país a outro. Já os chamados recursos étnicos não se limitam a uma fração do grupo, mas constituem atributos socioculturais presentes em todo o grupo que incentivam atividades empresariais”. TRUZZI, Oswaldo e NETO, Mario Sacomano. **Redes, migrações e Economia Étnica na Experiência Paulista**. IN: Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos. Porto Alegre: Edipurs, 2014. p.45.

redefinições de valores e lealdades ideológicas.¹⁰⁶ Logo, ao abordar tramas que envolvam a formação de uma identidade, os fatores de classe e de pertencimento nacional e regional devem ser identificados.¹⁰⁷

Oswaldo Truzzi, em análise mais específica sobre a filantropia, destaca como as instituições com tal destinação possuem uma centralidade nas famílias sírio-libanesas, funcionando como uma espécie de elo entre estas pessoas que passaram pelo processo migratório. No local onde estas famílias se restabeleceram elas criaram redes de ajuda mútua e de manutenção de costumes por meio das instituições filantrópicas. Podemos pensar, então, que nas sociedades para as quais estes indivíduos de deslocam, eles tentam continuar com a manutenção de seu *habitus*:

O mecanismo pelo qual a experiência da doutrina é produzida é também aquele pelo qual Bourdieu vincula a prática às estruturas. Bourdieu emprega o termo *habitus*. Com ele, refere-se a um *constructo* que é tanto psicológico, uma vez que está na cabeça das pessoas, quanto social, uma vez que se pode referir a um grupo ou a uma classe como tendo um *habitus*. O *habitus* é um conjunto de disposições interiorizadas que induz as pessoas a agir e reagir de determinadas maneiras e é o produto final do que a maioria das pessoas chamaria de socialização ou "enculturação". Em grande parte, não escolhemos ser o que somos, mas recebemos de nossa família uma maneira de olhar e fazer as coisas, um *habitus*, transmitido pelas gerações prévias. Em um sentido bem real, o *habitus* é um análogo social da herança genética. Essa identidade é modificada à medida que passamos pelo sistema educacional e à medida que encontramos os outros indivíduos ao longo de nossas vidas. De qualquer modo, as possibilidades de mudanças são circunscritas por nossa própria história, mas não necessariamente nas circunstâncias por nós escolhidas.¹⁰⁸

A despeito de a formação de instituições filantrópicas e de sociabilidade serem parte de um *habitus*, não é possível julgá-las homogêneas, pois percebe-se que dentro

¹⁰⁶ BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe:** os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920). cit. p.5.

¹⁰⁷ O historiador Luigi Biondi em sua tese de doutorado discorre acerca dos processos de organização dos trabalhadores italianos em São Paulo, empenhando-se em reconstruir sua multiplicidade, dado que estavam ligados a vários grupos, entre sociedades étnicas de socorro mútuo, sindicatos e ligas de ofício, associações recreativas, círculos políticos e cooperativas uma vez que o objetivo dos socialistas italianos em São Paulo era desenvolver uma atuação que integrasse vários tipos de organização (p.vi). O autor, contudo, destaca que os imigrantes italianos não restringiam sua atuação política apenas aos sindicatos, uma vez que estes também compreendiam a atuação de não-filiados. Havia, portanto, uma inter-relação entre sindicato, grupos políticos de diferentes tendências e as sociedades italianas de socorro mútuo (SIMS). Neste cenário de mobilização de identidades múltiplas Biondi destaca que: "o estudo das SIMS foi importante para compreender que havia, na verdade, um mundo no qual militantes socialistas, sindicalistas, republicanos (e em parte anarquistas) transitavam entre associações mútuas e os respectivos grupos, muitas vezes sem que a atividade em grupo excluísse sua participação no mutualismo étnico". *ibidem*, p.2.

¹⁰⁸ STEVENS, Garry. **O Círculo Privilegiado** - Fundamentos Sociais da Distingção Arquitetônica. Brasília: UNB, 2003. p.71.

destas instituições perpassam diferenças. Verifica-se que apesar de parecerem uma colônia análoga aos olhos da sociedade brasileira, os sírios e libaneses possuíam diversas discórdias decorrentes de divisões de classe, religião, lugar de origem, além de distintas lealdades familiares e de redes colaborativas. Conseqüentemente, uma ação conjunta nas organizações de auxílio mútuo, por diversas vezes, não foi possível. Michael Hall, em seus estudos sobre a imigração em São Paulo, destaca o seguinte cenário:

Knowlton ficou impressionado pelas divergências que impediam o estabelecimento de uma Câmara de Comércio ou qualquer outra instituição que englobasse a comunidade inteira. Representantes das associações regionais e das mais importantes famílias (elas também unidades econômicas semiautônomas) resolviam as questões que atingiam a colônia como um todo. Mesmo as associações beneficentes, recreativas e escolares geralmente refletiam divisões religiosas e geográficas.¹⁰⁹

Rizkallah Jorge manteve laços com diversas comunidades. Em se tratando de sua atuação na comunidade sírio-libanesa, um episódio que ajuda a dimensionar a

¹⁰⁹ HALL, Michael. **Imigrantes na cidade de São Paulo**. In: PORTA, Paula (Org.). História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.p.144. Oswaldo Truzzi alude às dissensões dentro da comunidade, exemplificando-a com a contenda do inicialmente intitulado Hospital Sírio. Após a Segunda Guerra Mundial, esta nomenclatura causou um desconforto na comunidade, pois ela implicava em discordâncias políticas com relação à separação territorial entre Síria e Líbano com o fim do protetorado francês, sírios desejavam um país único e libaneses um Estado independente. Estas divergências fizeram com que alguns indivíduos da colônia síria preferissem financiar o Hospital do Tórax. Podemos observar uma situação similar com o Esporte Clube Sírio, fundado em 1917, abrigando a colônia sírio e libanesa, posteriormente, os libaneses tentaram inserir libanês na nomenclatura e, não conseguindo, fundaram em 1934 o Clube Atlético Monte Líbano. TRUZZI, Oswaldo M. S. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: FAUSTO, Boris (Org.) Fazer a América. São Paulo: Edusp, 2000, p.339.

No acervo pessoal de Rizkallah Jorge Tahan consta um questionário sem data com as seguintes questões:

- 1- Tem poderes a Directoria para mudar o nome do Hospital Syrio?
- 2- Tem poderes a Directoria juntamente com o Conselho Consultivo para mudar o nome do Hospital Syrio?
- 3-Tem poderes a Assembléia Geral por maioria de votos para mudar o nome do Hospital Syrio?
- 4- Qual a porcentagem de sócios que na Assembléia Geral podem mudar o nome do Hospital Syrio?
- 5- Uma pequena parte de sócios pode impor o restabelecimento do nome do Hospital Syrio?
- 6- Esta pequena parte de sócios pode interpor judicialmente contra a Directoria para que esta reconsidere o seu acto ilegal restabelecendo o nome do Hospital Syrio?
- 7- Os estatutos mandam que haja eleições da directoria todo anno. Há mais de 3 annos que não há eleições da Directoria. Esta Directoria é considerada legal? - é competente para resolver assumptos do Hospital Syrio?
- 8- Os socios descontentes com a mudança de nome Hospital Syrio tem por obrigação pagar os compromissos de subscrição ao referido Hospital Syrio?
- 9- Os socios descontentes com a mudança de nome do Hospital Syrio tem direito de reaver as quantias pagas?
- 10- Os socios descontentes com a mudança de nome do Hospital Syrio, e que doam ao mesmo importâncias em dinheiro ou em material, por escriptura pública, têm direito de reaver a doação.
- 11- Os sócios descontentes com a mudança de nome do Hospital Syrio, e que se comprometteram a doar ao mesmo, por escriptura, importancia em dinheiro ou em material, têm por obrigação solver o compromisso de doação?" (Acervo Pessoal Casa da Boia, sem data)

importância desta questão se dá em torno de uma revista contida em seu acervo pessoal. A “*Al-Kálimah*”¹¹⁰ possibilita entender e interpretar o papel que a filantropia adquiriu na trajetória de Rizkallah. A revista síria é uma edição especial feita em sua homenagem, como uma forma de agradecimento por uma doação feita por ele que possibilitou evitar a falência do periódico além-mar. Em seu conteúdo consta toda a correspondência trocada entre ele e os redatores da revista para que a doação pudesse ser realizada. A reprodução de reportagens sobre como a doação repercutiu na região, e a correspondência a respeito da medalha de mérito concedida pelo Governo sírio. O editor da revista também encomendou obras como poemas para homenageá-lo e uma biografia escrita, em 1934, por Fâres Dábague, presidente do Esporte Clube Sírio, em São Paulo.

A revista mostra que por meio da benemerência, Rizkallah Jorge foi reconhecido publicamente em sua cidade natal, recebendo uma medalha de mérito, gerando uma espécie de adoração à sua figura por meio dos poemas encomendados pela homenagem da revista. A exemplo: “alegra-te e regozija-te, ó Cidade de Alepo, a Branca, porque tu continuas a dar à luz a filhos devotados, que fazem subir o teu prestígio e elevam cada vez mais a tua posição”.¹¹¹

Portanto, esta doação fez com que ele obtivesse uma posição de destaque tanto em sua comunidade natal quanto na sociedade em que estava arraigado, pois podemos perceber que em São Paulo a notícia de sua homenagem teve repercussão, considerando que o presidente do Clube Sírio, em virtude de saber da homenagem sentiu-se na obrigação de escrever uma biografia de Rizkallah Jorge Tahan.

Observa-se, com estes dois episódios que a benemerência realizada por Rizkallah lhe propiciou “poder simbólico”. De acordo com as concepções de Durkheim as funções sociais exercidas pelos agentes tendem sempre a se transformar em funções políticas.¹¹² Em decorrência deste fato, os sistemas simbólicos passam a representar, também, instrumentos de poder de legitimação da ordem vigente. Este poder cumpre ainda com uma função agregadora dentro de si, pois vemos que as comunidades propendem a se agregar ao redor de seus símbolos culturais.

Contudo, o exercício da benemerência não se restringiu a sírio-libaneses e armênios. Possivelmente, buscando se afirmar dentro das classes abastadas no Brasil, e porventura

¹¹⁰ Tradução de Abdallah Mansur “O Verbo”.

¹¹¹ Homenagem contida na Revista “*Al-Kálimah*”.

¹¹² BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. cit, p.30.

ser reconhecido como um membro da elite paulistana, e em decorrência do tempo em que viveu em São Paulo, local que possibilitou o desenvolvimento de sua indústria e de suas atividades financeiras, e que se tornou seu lar, o imigrante também contribuía com causas que beneficiassem a sociedade paulista.

No exemplo abaixo, verifica-se que nesta doação ao Aero Club Brasileiro, ainda se encontra presente uma associação étnica:

Colonia Syria

O oferecimento de um aeroplano ao Aero Club Brasileiro

Continua alcançando o mais pleno êxito a subscrição aberta nesta capital, entre a colonia syria, para o oferecimento de um aeroplano ao Aero Club Brasileiro. A idéia desse gesto, que foi recebida jubilosamente no meio syrio, angariou logo entusiasticos adeptos, desenvolvendo-se então uma intensa propaganda a favor desse oferecimento, que vinha reafirmar os sentimentos syrios para com o Brasil, neste instante de apprehensões e de luctas, em que todas as solidariedades, mórmente as que, como essas, se traduzem em resultados positivos, são tão preciosas e reconfortantes para a nação. Assim, diariamente tomam vulto as parcelas subscriptas, com novas e valiosas adhesões. Poucos dias fazem e já considerável o numero de subscrições, alguns com boas somas. Publicamos, a segunda lista das pessoas que recentemente concorreram para a generosa offerta da colonia syria ao Aero Club Brasileiro:

Rizkallah Jorge, 300\$; Aziz Nader e Comp., 200\$; Jorge Bassila, 200\$, 200\$; Awd Issa e Irmãos, 100\$; Assad Abdalla e Nagib Salem, 100\$; Abrahão Andraus e Irmãos, 100\$; José Haddad, 50\$; Taufik Khouri, 50\$; Ellias Assi e Irmão, 50\$; M. YAzizi e Irmão, 50\$; Jamil Lotaif e Irmão, 50\$; Taufik CAmasmie, 50\$; Thomas e Rizcalla, 50\$; DAher Salomão, 50\$; Felipe Dib Jabbur, 50\$; Elias Murad, 30\$; Abrahão Kalil Dib, 30\$; Um amigo do Brasil, 30\$; Chucr Azer Maluf, 20\$; Chakib Gerab, 20\$; DABage Chapchap e C., 20\$; Murad TRabulat, 20\$. (grifo nosso. 12 de abril de 1918. Correio Paulistano)

Já em outras, verifica-se que o imigrante tem por objetivo vincular sua benemerência a sua atividade comercial, como é o caso a seguir:

Santa Casa

Kermesse

A comissão do Club Internacional, continuando hontem as suas visitas as casas commerciaes desta capital, conseguiu mais o apoio e auxilio das seguintes casa visitadas: Regoli Crespi & Cia., Dias & Cia, Sarafana & Cia., Kuck & Vanner, Genia & Combacau, M. V. Lévy Frères & Cia., Alberto de Oliveira & Cia., Wellian & Cia., Carlos Siamund, Michele GAssi, A. Mendes Junior, Anun Matar, Edde & Said Reaec, Fratalli Poli & Cia., Irmãos Fiaccadori, Pamplona Sobrinho & Cia., Ribeiro Guimarães & Cia., Gamba & Cia., E. Acquarone, J. Duarte & Muniz, Defina & Angerami, Nami Jafet & Irmãos, **Riskallah Jorge (Casa da Boia)**, Fabrica de Santa Maria, Neves Botelho & Cia. Fajchi Giannini & Cia., Martinho Chave & Cia., Santos & Filho (Fabrica Santo Antonio), Irmãos Cocito, Ferreira Junior & Saraiva, Ismael de Sá & Cia., F. Pappini & Cia, Rodrigues Netto & Cia., Monteiro dos Santos & Cia., Jeronimo Sampaio & Cia., João Wilhoelt (fabrica de moveis), M. de Faria Lemos, (fabrica de Banhas), Antonio de Mosso (fabrica de moveis), J. A. de Oliveira Coelho, Proença Sobrinho & Cia., Angelo Fran (fabrica de vassouras), J. A. Kinker, Salgado & Cia. (fabrica de fumos), dr.

Na construção do poder simbólico de Rizkallah Jorge sobrevém a criação de uma rede da comunidade armênia em torno de suas atividades filantrópicas, e em virtude de o mesmo ter abrigado os membros recém-chegados até que pudessem se estabelecer na cidade. Isto foi importante, principalmente após os anos 1920, contexto em que muitos fugiram dos massacres ocorridos na Turquia. Michel Nercessian, em entrevista a Carlos Chirinian, relata esta situação, destacando que as pessoas que conseguiram escapar do massacre desembarcavam no Porto de Santos em situações precárias e portando poucos pertences. Relembra, também, um episódio:

Um dia, um armênio já radicado em Santos soube que uma leva de conterrâneos seus havia chegado ao porto. Foi até lá, levou-os à estação ferroviária e os ajudou a embarcar para a capital. Aqui chegando, não tendo onde morar nem para onde ir, foram recebidos por Rizkallah Jorge, que os abrigou num casarão que possuía na esquina da antiga Rua Anhangabaú com a Barão Duprat. Era um grande galpão de três andares, onde o benemérito abrigava as famílias. Estas, permaneciam lá por cerca de dois ou três meses, até terem condições de se mudar para outro imóvel e liberar o espaço para novas levadas de imigrantes. O espaço de cada família era delimitado por cortinas.¹¹³

Outro entrevistado, o Sr. Agob Guludjian¹¹⁴ relata ao mesmo entrevistador “que o salão onde o Padre Gabriel Samuelian rezava missa, na Rua Florêncio de Abreu, havia sido igualmente cedido por Rizkallah Jorge.”¹¹⁵ A entrevista de sua nora, Maria Demargos Rizkallah, cujo um trecho já citamos, também corrobora estes depoimentos:

Meu sogro ajudou muitos os armênios que vinham; chegavam aqui, não sabiam falar, não tinham nada, não tinham dinheiro. Ele comprou uma casa grande, com muitos quartos, e a cada família que vinha dava um quarto (...) fazia tudo para eles (...). Depois, meu sogro fez uma Igreja para eles (...).¹¹⁶

¹¹³Disponível em: <<http://www.cao.org.br/rizkallahjorge.aspx>> Acesso em 04/02/2016.

¹¹⁴Disponível em: <<http://www.cao.org.br/rizkallahjorge.aspx>> Acesso em 04/02/2016.

¹¹⁵ Roberto Grun corrobora estas afirmações indicando que “nossos informantes destacam a ação de Rizkallah Jorge, um libanês casado com uma armênia e neto de um armênio, proprietário da Casa da Bóia, que já era uma empresa comercial importante na década de 1920. O primeiro imóvel destinado à acomodação dos imigrantes daquela época, uma espécie de “mini-hospedaria dos imigrantes armênios”, situava-se justamente no andar superior do estabelecimento, na rua Florêncio de Abreu, no centro da cidade de São Paulo. Esse endereço abrigou também as primeiras reuniões religiosas da comunidade em São Paulo”. GRUN, Roberto. **Negócios e Famílias: os armênios em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.p.22.

¹¹⁶ Entrevista Maria Demargos Rizkallah. GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998. p.423.

Por fim, ao analisar como se comportavam os recém-chegado da rede migratória de armênios, conclui-se que foi constituída uma autoridade ao redor da figura de Rizkallah Jorge Tahan,

Contam nossos informantes que, uma vez chegado e instalado mais um armênio no ramo dos calçados de São Paulo, ele ia à Igreja, era apresentado ao Rizkallah e outros nomes bem estabelecidos e a partir daí recebia créditos em mercadorias para fixar-se ou aumentar seus negócios (a forma era “caderneta de conta-corrente”, continua.¹¹⁷

Percebe-se que houve uma consagração e valorização de seu papel dentro da rede, sendo o mesmo colocado no topo desta rede migratória, se relacionando com o resto dela por meio do capital simbólico e econômico,¹¹⁸ no fornecimento de insumos.¹¹⁹ Identifica-se em Rizkallah Jorge Tahan uma rede, aos moldes da concepção de Oswaldo Truzzi que considera que, no processo migratório, mais importante que as questões estruturais do local para onde partem e as questões econômicas que os fazem partir, é o papel do agente e a rede criada em torno deste. Para o autor, a troca de informação, as relações de complementaridade e de entreaajuda são fundamentais para a migração. Essa relação se estabelece tanto na acolhida dos recém-chegados pelos que aqui viviam, quanto comercialmente, nas relações que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes, por meio dos mecanismos de facilidade de crédito, de fornecimento e de entre favorecimento, este apoio mútuo foi um elemento importante para as atividades econômicas desta colônia.¹²⁰

¹¹⁷ GRUN, Roberto. Op, cit, p.48-49.

¹¹⁸ Oswaldo Truzzi e Mario Sacomano propõem que ao analisar a economia étnica a postura que parece ser mais frutífera para as análises é a de pensar no caráter interativo entre as demandas do ambiente econômico, em relação com a atuação do indivíduo por meio de seus recursos étnicos disponíveis, isto é, trata-se de postular que os atores econômicos, apesar de guiados por seus interesses materiais, são também condicionados pela interação entre seus pares e pela estrutura social. Portanto, os autores acreditam que seja possível conciliar as interpretações de sociólogos e economistas. Dizem os autores que “os economistas analisam pelo lado da demanda: uma economia étnica emerge quando atividades empresariais étnicas são valorizadas pelo mercado. Já os sociólogos analisam pelo lado da oferta: uma economia étnica emerge quando um grupo étnico transforma suas habilidades em capacidade empresarial. Estes criticam os primeiros (que tendem a enxergar só o lado da demanda) por não explicarem por que em geral grupos étnicos exibem taxas mais altas de auto-emprego que nativos e por que certos grupos étnicos têm melhor desempenho que outro”. TRUZZI, Oswaldo e NETO, Mario Sacomano. Op.cit. p.44.

¹¹⁹ Grun destaca que estes imigrantes se dirigiam à Casa da Boia para conseguirem borracha, cola, salto, linha, portanto, aquele era também um local de distribuição de produtos para as pequenas fábricas, de propriedade principalmente de armênios. Sobre as garantias de crédito, o autor destaca que uma vez que a maior parte das transações não eram formalizadas era o capital simbólico dos fornecedores que garantia o pagamento. Portanto, sendo a família Rizkallah a patriarca da colônia, o não cumprimento de uma obrigação para com ela significava “perder a cara”, praticamente o ostracismo do armênio, já que toda a vida comunitária era centrada na Igreja”. GRUN, Roberto. Op. Cit, p.52.

¹²⁰TRUZZI, Oswaldo M. S. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. Cit.p.328.

O processo de construção de identidade de Rizkallah Jorge Tahan denota uma ambivalência, pois ao emigrar para o Brasil ele se vale das redes de informação migratória dos sírio-libaneses, porém ao se estabelecer em São Paulo, Tahan passa a ser uma das referências dessa rede e um importante agente da rede armênia, derivada de sua ascendência pela parte de seus avós. Ao que tudo indica, ser sírio e libanês não excluía a possibilidade de continuar como armênio.¹²¹ Roberto Grun propõe que para a sociedade brasileira na fase inicial da imigração não havia diferenças entre estas comunidades “quer pela trajetória ocupacional, quer pelo seu pequeno número, quer ainda pelos costumes pouco diferenciados aos olhos dos nacionais”.¹²²

De acordo com essas redes étnicas, Truzzi e Neto destacam que a colônia foi uma das principais no desenvolvimento do comércio,¹²³ e que possuía a maior concentração de capital e produção por empresas.

¹²¹ Um dos documentos pertencentes ao acervo pessoal de Rizkallah Jorge é uma conferência proferida por Ardavazt Surméyan arcebispo ortodoxo de Alepo na União Francesa em 19 de abril de 1934 e impressa em Paris. Nela, o arcebispo e professor emérito do Collège Central Arménien em Constantinopla, apresenta o texto “La vie et la culture arméniennes a Alep au XVII Siècle”:

“Parmi la population variée d’Alep, les Arméniens tenaient une place honorable; ils s’y étaient établis anciennement pour trois motifs principaux que nous ont révélés nos recherches.

A.- En 1375, le gouverneur d’Alep, Merdinli Echektimour Amira, agissant sur les ordres du Sultan d’Egypte, Mélik-el-Achraf, s’empara de Sis, capital du Royaume Arménien de Cilicie; il emmena en captivité Léon V, dernier roi d’Arménie, avec toute sa cour, qu’il envoya en Egypte par Alep et Damas. Une partie des Arméniens de Sis et d’autres villes de Cilicie vinrent alors se fixer à Alep.

B.- Les Arméniens, doués pour le commerce, ont toujours choisi les grandes Villes de négoce; ils ont ainsi poussé jusque dans les Indes ET même en Océanie où il en existe encore, qui contribuent de façon non négligeable, aux trafics anglais ET hollandais. Alep était, depuis des temps reculés, une place d’affaires; de riches commerçants arméniens s’y sont établis, qu’on appelait, d’un terme général, <Orientaux>, parce qu’ils venaient du Caucase, de Van, de la Perse, surtout de Djoulfa-Ispahan, des Indes et de Bagdad.

C.- Au début du XVII siècle, les Djelalis envahirent l’Arménie ET s’y livrèrent à d’effroyables exactions aggravées par la sécheresse, la famine et de lourds tributs.” (pag. 8. La vie ET la Culture Arméniennes a Alep au XVII Siècle.

Portanto, o fato de ele ter essa publicação em seu acervo nos dão indícios para pensar que o mesmo era um conhecedor da história dos povos armênios e de suas tradições, e que por possuir esta ascendência, poderia se colocar como um armênio. Assim, ele conhece os argumentos sobre a existência de um povo, e os maneja em seu favor, se colocando como um dos pioneiros da imigração e utilizando este fato para se consolidar como a autoridade em uma nova rede. Contudo, isto não lhe excluía de ser um sírio-libanês, uma vez que seu pai havia nascido em Alepo, e que o mesmo viveu grande parte de sua vida, inclusive aprendendo a profissão que seria importante para o florescimento de seus negócios.

¹²² GRUN, Roberto. Op. Cit, p.19.

¹²³ Apesar de terem se estabelecido no comércio, ao chegarem à capital, a maioria destes imigrantes eram agricultores no local de origem, porém o que explica esta diferença de profissões do local de origem para o local de chegada é que a forma de produção agrícola brasileira era em muito diferente da realizada no Oriente Médio. Aqui, predominavam os latifúndios, enquanto lá, as propriedades familiares eram maioria. Outro fator que afastou estes imigrantes da agricultura, e é destacado por Knowlton, foram as redes de informação que tratavam das condições precárias que os imigrantes eram submetidos no campo. Truzzi pontua que o fato de virem sem recursos fazia com que ser proprietário de terra fosse algo muito distante de sua situação, isto seria possível apenas duas gerações posteriores às suas. Sendo assim, se estabelecer

Nacionalidade	N. Empresas (n)	Capital/n	Operários/n	CV/n	Produção/n
Italiana	2.181	58	9	8	99
Portuguesa	460	83	11	1 2	134
Espanhola	275	37	7	4	86
Sírio-libanesa	225	223	26	2 6	434
Japonesa	62	23	7	3	47

Tamanho médio das empresas do parque industrial paulista, segundo nacionalidades selecionadas dos proprietários (1934). Fonte: Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1934. “Capital e valor da produção expressos em contos de réis, força motriz expressa em cavalo-vapor 9 (cv). (página 49 – Redes, migrações e economia étnica na experiência paulista.)

Por todas essas atuações, diversas homenagens foram prestadas a Rizkallah Jorge Tahan, demonstrando que houve um reconhecimento instantâneo dentro da comunidade de sua relevância. Em 16 de março de 1935, o jornal Correio Paulistano trazia em suas páginas a seguinte matéria:

O Syrio homenageia um dos seus directores

Na vanguarda dos socio benemeritos, que vem apoiando as novas modificações no E. C. Syrio, acham-se o sr. Rizkallah Jorge, presidente da Comissão Permanente de Finanças e Melhoramentos, que deverá partir a 19 do corrente, acompanhado do seu filho srs. Salim Salim 1º vice-presidente do alvi-rubro, com destino à Syria. Por iniciativa da direcção do Clube da colonia syria, aos distintos cavalheiros será prestada uma justa homenagem que consistirá de um "cocktail", no Esplanada Hotel, hoje, sabado, às 18 horas. Afim de organizar esta merecida homenagem aos seus dignos socios, o Syrio constituiu uma comissão especial formada pelos srs. Fuad Nagib Salem e Alberto Cury, a quem deverão ser encaminhadas as adesões. (16 de março de 1935, Correio Paulistano)

Esta notícia chama atenção ao fato de que por meio de mecanismo invisíveis o imigrante se afirmava nos jornais que circulavam dentro da sociedade paulista, e fazia com que seu nome se fizesse presente dentro da mesma.¹²⁴ Estes processos caracterizam

no comércio foi, em um primeiro momento, a escolha mais plausível a estes imigrantes que se estabeleceram na capital em fins do século XIX. TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Op, cit, 1997.

¹²⁴ Roberto Grun percebe este processo dentro do grupo de imigrantes entrevistados em sua pesquisa, pois ele identifica que cada um dos entrevistados traz alguma nova informação sobre a atuação da família Rizkallah, um primeiro informante religioso destaca que eles haviam construído a Igreja, outro que a Casa da Bóia era a principal fornecedora de créditos, porém, apesar de todas essas informações, o pesquisador conclui, que: “tudo se passa como se tais informações estivessem "registradas em arquivos diferentes", submetidas as lógicas de acumulação de lembranças distintas, que "não se cruzam naturalmente". Ou seja, os agentes não parecem vivenciar essa rede bem-urdida como um constrangimento, nem mesmo percebê-la.”. Percebe-se então que existem diversas evidências que houve a construção de um capital simbólico,

uma espécie de embate dentro do terreno simbólico, em uma tentativa de se afirmar e de se fazer presente. Garry Stevens propõe que:

Se os ricos fazem *lobby* junto ao Estado para reduzir imposto, isto é considerado um ato descarado de interesse de classe e pode-se esperar que encontre alguma resistência. Mas se os ricos subsidiam companhias de ópera e dança ou constroem um novo museu de arte, tais coisas - apesar de serem esmagadoramente a província cultural dos privilegiados, raramente visitada pelas classes mais baixas - são vistas como atos de desinteressados que beneficiam a sociedade como um todo. Desse modo, a cultura dos dominantes torna-se aquela que todos os demais deveriam apoiar; os ricos podem promover os interesses de sua classe sob o disfarce de estar promovendo os interesses da sociedade.¹²⁵

Por fim, tem-se que, por inúmeros motivos, o imigrante em questão estivesse visando expandir seus negócios como empreendedor de vários setores, produtos hidráulicos, tabaco, edificações, etc. Ou seja, buscando manter o seu *habitus*, Tahan possuiu uma enorme importância em diversas redes e se relacionou com uma extensa lista de instituições e indivíduos.

1.5 – GÊNESE PROFISSIONAL:

SEU OFÍCIO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Ao chegar à capital, ao contrário da maioria de seus patrícios que, inicialmente, se envolviam com a comercialização de tecidos e outros objetos, tornando-se, assim, mascates, Rizkallah Jorge procurou uma profissão que se adequasse à atividade que exercia em sua terra natal: a fundição de cobre. Isto mostra uma peculiaridade deste ator social dentro do grupo de sírio-libaneses que imigraram ao Brasil, pois a grande maioria destes homens eram camponeses analfabetos, já ele sabia ler,¹²⁶ escrever e era um artesão bem-posto em sua sociedade de origem, algo que foi explorado por ele como fator de distinção social e de capitalização.¹²⁷

bastante potente, que se torna inclusive imperceptível dentro desta rede. GRUN, Roberto. Op, cit, p.53-54.

¹²⁵ STEVENS, Garry. Op. Cit.. p.85.

¹²⁶ Existe uma outra versão quanto a esta informação no depoimento de sua nora Maria Dermargos Rizkallah no livro Memória da Imigração. Neste, a nora de Rizkallah Jorge diz: “meu sogro era inteligente, não tinha estudo, não sabia nada, nem árabe, nem francês, nem nada; ele veio para cá sem nada, aprendeu a falar o português depressa.” GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. op. Cit. p. 419.

¹²⁷ BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** cit.

Inicialmente, o alepino não dominava o português, e conseguiu seu primeiro emprego como faxineiro em uma loja que vendia metais importados na Florêncio de Abreu. Porém, com o tempo, conseguiu mostrar suas habilidades no beneficiamento do cobre, tornando-se posteriormente gerente, sócio e, por fim, proprietário da empresa do antigo patrão, que estava endividado. Após três anos na capital, no dia 20 de maio de 1898, foi inaugurada a Rizkallah Jorge e Cia.

O período em que seu comércio foi fundado e progressivamente se consolidou, consistia em um momento em que havia a disseminação de novos costumes e hábitos que surgiam à medida que se alteravam os princípios de conforto em São Paulo.¹²⁸ Como resultado deste movimento, ocorreram diversas modificações que se refletiram nas formas de organizar as habitações; surgiam novos postulados sobre quais deveriam ser as condições de salubridade, de ventilação e de luminosidade etc. Um exemplo se deu em virtude do uso constante do fogão a gás, que se mostrava uma preocupação cada vez maior com relação à circulação de ar que, por sua vez, demandava o desenvolvimento tecnológico de uma série de novos objetos e materiais.¹²⁹

Diversas revistas que tratavam do espaço doméstico proliferavam neste contexto, abordando noções reativas à organização prática dos lares. Verônica Pimenta Velloso relata que uma série de livros como: *Housewifery, The American Women Home* (1869), ou *A Treatise on Domestic Economy for the Use of Young Ladies at Home and at School* (1841) aludiam o conforto¹³⁰ e a utilidade da casa do ponto de vista de seu usuário. As publicações se destinavam majoritariamente ao público feminino,

¹²⁸ Charles Rice no livro **The Emergence of the Interior** trata sobre como o conceito foi criado no século XIX, isto é a mobília já existia, contudo a conceitualização que a relaciona om as ideias de conforto e privacidade, indicando que o interior pode ser compreendido tanto como uma experiência espacial, quanto como uma imagem auto condicionante. RICE, Charles. **The Emergence of the Interior**. Architecture, Modernity, Domesticity. Routledge: Nova York, 2007.

¹²⁹ RYBCZYNSKYI, Witold. **Casa, pequena história de uma ideia**, 1997. Apud. Centro da Memória da Eletricidade no Brasil. *A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.p.179-181.

¹³⁰ Observa-se nesse contexto o surgimento do conforto como necessidade: “o conforto, como facilidade de vida, extrapola os espaços da elite, e adquire uma face tanto privada quanto pública. Assim, as administrações governamentais começam, progressivamente, a investir em serviços como o fornecimento de água, redes de esgoto e iluminação, desenvolvendo e expandindo uma política de distribuição de bens até então gerada de forma artesanal. Da mesma forma que o sistema de canalização e abastecimento eliminaria a figura dos carregadores e eliminadores de água, o advento das usinas elétricas e a tecnologia que permite a transmissão da energia a longas distancias, barateando os custos de um recurso até então disponível apenas para aqueles que pudessem adquirir e/ou manter um gerador próprio – hotéis, teatros, restaurantes, estabelecimentos comerciais, escritórios, mansões particulares, repartições públicas, fábricas – permite que a eletricidade possa suplantiar o gás como sistema de iluminação.” **A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001. p.63.

representado pelas donas-de-casa, vistas como parte interessada na reorganização racional do espaço doméstico. Estas publicações recomendavam o posicionamento adequado dos equipamentos, e discorriam sobre a invenção de mobiliários específicos como gavetas, armários embutidos, bancadas, além dos novos sistemas de aquecimento e ventilação, e de água encanada.

Observa-se que estas transformações técnicas e a disseminação da energia elétrica, propiciavam que o custo de produção diminuísse, este fator, associado ao surgimento de novos costumes colaborava para a criação de novos bens de consumo e padrões de conforto, que pouco a pouco se tornavam acessíveis e passavam a ser tornar familiares à população.¹³¹

A nova gama de objetos que surgem e seus usos decorativos pode ser identificada em um catálogo contido no acervo da Casa da Boia. Produzido na década de 1920, o catálogo mostra os objetos que eram comercializados no local, entre eles: torneiras de pressão, esguichos, válvulas, grelhas para ralo, caixas de descarga, filtros, bebedouros, chuveiros de cobre, repuxo para jardim; artigos especiais para vapor, como lubrificadores, válvulas, registros, balanças de pesos e medidas, peças para fogões, cantoneiras, maçanetas, lustres, dobradiças; artigos para vitrines, como expositores niquelados e de vidro, armações, prendedores, porta preços, porta colarinhos e camisas, armações para calçados, chapéus, perfumaria, bengala e etc. Artigos para tapeçaria, como pitões, vareta e chapa para escada, cantos para oleado, braços para cortina; grades para escritórios e letreiros para grade; artigos para carros, como porcas, argolas e manilhas e outros diversos como máquinas para macarrão, pés para móveis, sinos para Igrejas, cinzeiros, ferros para soldar, correntes.

Deve -se notar que diversos destes objetos estavam em consonância com questões do período, veja se o caso das vitrines, “e aí, um verbo se conjuga todo o tempo: expor. Caixas de vidro no interior dos armazéns, e, como vimos acima, janelas adaptadas, pedaços de paredes que se abrem e se envidraçam, em todo canto surgem vitrines para

¹³¹ “A constante evolução tecnológica no setor de energia elétrica, a partir do início do século, promoveu o barateamento dos custos da eletricidade, ampliando progressivamente o acesso à iluminação seus produtos e serviços, a uma camada cada vez maior da população. A introdução da energia elétrica a baixo custo nas indústrias, modificava, barateava e ampliava a produção de bens materiais, incentivando a criação de um novo mercado consumidor.

mostrar as mercadorias de forma convidativa”.¹³² O ato de expor constituía uma estratégia de venda, que poderia ser conjugado a outros, como a distribuição de amostras e brindes. Somam-se a essas táticas, a produção de catálogos, visto que era uma importante forma de circulação dos produtos, tanto entre os mais abastados, quanto para viabilizar as vendas a distância.¹³³

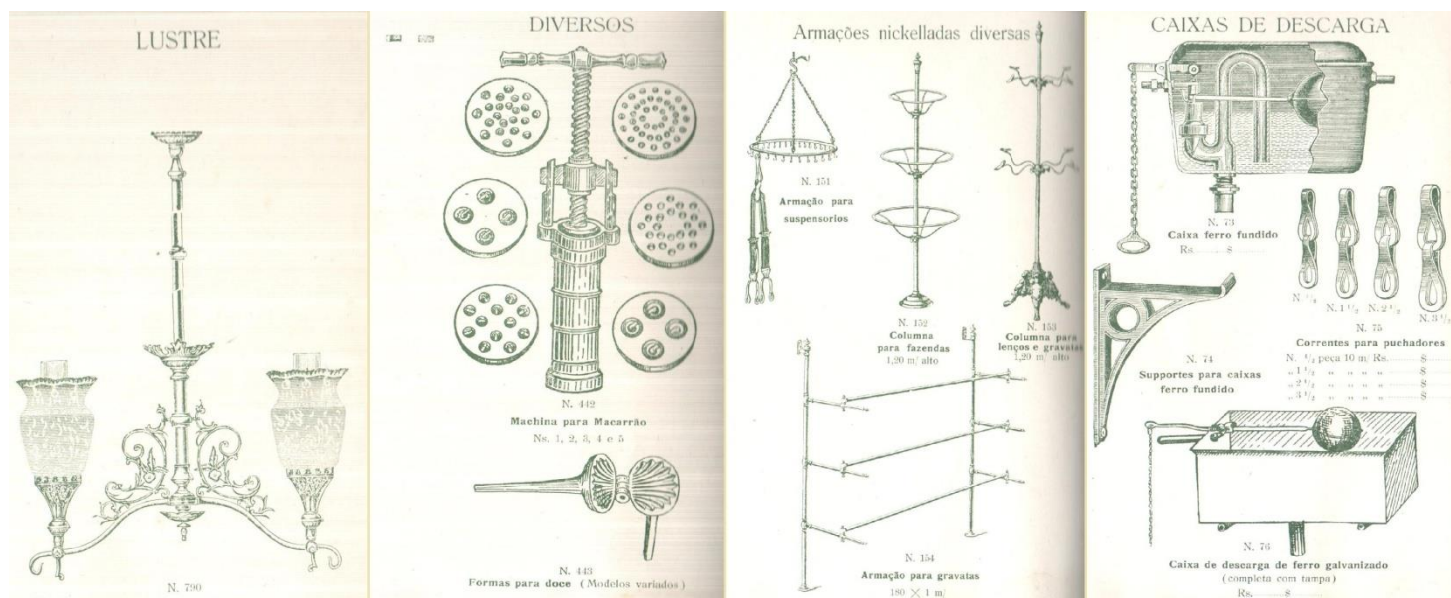


Figura 8 – Páginas com produtos do catálogo da década de 1920.

Fonte: Arquivo Casa da Boia.

Uma análise pormenorizada da capa e da quarta-capa do catálogo revela quais foram as estratégias de propaganda escolhidas por Rizkallah Jorge. Em grande parte, as frases foram construídas valendo-se dos termos correntes no período, como veremos a seguir:

artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, esgotos, arandelas e lustres para luz electrica” "Fundição e fabricação em grande escala de todos os artigos de metal e bronze para encanamentos de agua, gaz e exgottos. Balanças, pesos e medidas. Novidade! Secção Especial de fabricação de syphões curvas e demais artigos de chumbo. A única existente no Brazil. Secção de fabricação de arandellas pendentes e lustres para gaz e electricidade. Armações nickelladas para vitrines. Todo e qualquer trabalho em metal amarello e nickelado para decoração de interior de predios. Para os snrs. architectos executa se sob

¹³² BARBUY, Heloisa Maria S. **Cidade-Exposição: comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.** São Paulo: Edusp, 2006. p.78. Um dos símbolos deste processo são as exposições internacionais que, buscavam trazer novas mercadorias e entretenimentos, além de divulgar as conquistas científicas. Na Exposição Internacional de 1908 no Rio de Janeiro o público pôde ter o impacto de assistir a demonstrações do uso da eletricidade, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil. A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930). Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.p.59.

¹³³ Ibidem, p.80.

desenho qualquer trabalho para a ornamentação de prédios. Grades para escritórios, bancos e etc.

A escolha das representações pictóricas também é bastante relevante. Em grande destaque está a logomarca do local, que é composta pelo objeto que deu fama ao comércio (a boia sanitária), e, logo abaixo se veicula o nome de seu fundador. Uma vitrine com canos, também está representada, remetendo às vitrines elaboradas para as exposições. Com as mãos apoiadas na vitrine está a figura de um homem, que tem em suas mãos um martelo, aparentando ser o deus da mitologia grega Hefesto, considerado como o deus da metalurgia e dos ferreiros, bastante cultuado em centros manufatureiros. No canto direito estão representadas algumas cenas: a primeira, de um homem em um cavalo alado, que indica São Jorge e atrás dele está o selo de Rizkallah Jorge, por fim, na parte inferior algumas figuras humanas com engrenagens.



Figura 9 – Capa e contracapa do catálogo da década de 1920.
Fonte: Arquivo Casa da Boia.

Um elemento bastante significativo para compor o aspecto propagandístico do catálogo é a menção de o comércio haver sido agraciado com a medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908 e na Exposição de Turim de 1911. No ano de 1908, em seu número 42 de 18 de julho, a revista *Vida Moderna*,¹³⁴ em momentos anteriores à premiação dedicou um volume inteiro à exposição que ocorreria no Rio de Janeiro, intitulado “edição especial dedicada à demonstração do progresso paulista e destinada à distribuição no Pavilhão de São Paulo durante a Exposição Nacional de 1908”. A revista reproduziu em suas páginas uma imagem de página inteira da vitrine que seria exposta e na página seguinte um retrato de Rizkallah Jorge com os seguintes dizeres:

Rizkallah Jorge

E' mais um grande luctador que São Paulo conta entre os seus industriaes. O sr.Rizkallah Jorge é perito em todos os artigos que sahem de suas bem montadas officinas. Tudo que diz respeito a fundição, tornearia e nickelação elle executa com uma maestria inegualavel: alambiques, bombas, chuveiros, balanças, medidas, etc., são procurados de preferencia em sua casa e principalmente torneiras de qualquer feitio, pois é nesse artigo que elle revelou-se unico especialista em sua fabricação. Pelo bellomostruario que reproduzimos na página anterior vê-se que este dedicado industrial tambem concorreu ao grande certamen nacional expondo os magnificos trabalhos das suas correctas officinas. Lá sem duvida saberão premiar com justiça a sua louvavel dedicação."

Por fim, constata-se que o comércio florescia em São Paulo, com a venda de diversos produtos industrializados que aportavam em Santos e no Rio de Janeiro todas as semanas, por meio dos caixeiros viajantes, e pela produção de algumas indústrias como a Casa da Boia. O enriquecimento de Rizkallah Jorge Tahan, neste contexto, permitiu com que ele diversificasse seus negócios, inserido-se em outras atividades financeiras que se tornavam rentáveis.

O cenário urbano e cultural de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, era o de uma capital cosmopolita composta por mais de 40% de estrangeiros em sua população.¹³⁵ Como consequência desta nova composição da população e do processo

¹³⁴ As revistas de variedades, assim como a *A Vida Moderna*, visavam construir uma crônica do cotidiano nas cidades, rompendo com os antigos modelos de revistas literárias, com escrita formal e de poucas ilustrações. Este novo modelo procurava representar o dia-a-dia, sendo composta por várias ilustrações, caricaturas e fotografias, com grande preocupação estética. Os anúncios também estavam bastante disseminados nas mesmas, refletindo maneiras de consumir e se divertir pela cidade. Diversas formas de entretenimento são propagandeadas, tais como hotéis, cafés, clubes privativos, além de melhorias para o lar e produtos para consumo. Acesso: Arquivo do Estado de São Paulo. Acesso em: 26 de fevereiro de 2016.

¹³⁵ LEMOS, Carlos. **Ecletismo em São Paulo**. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.73.

de modernização pelo qual a cidade passava, novos costumes foram criados, novas formas de sociabilidade e de usos do espaço foram estabelecidas. A autora Sabrina Costa destaca que essa nova forma de vida se colocou de maneira profunda a todos os cidadãos da cidade, inclusive aqueles que não possuíam um poder aquisitivo que lhes propiciasse o conforto da modernidade, como, por exemplo, a aquisição de aparelhos domésticos que facilitavam a vida no lar, ou até mesmo, de aproveitar as “benesses” do lazer, como frequentar as diversas salas de cinemas existentes na cidade.¹³⁶ Apesar de nem todos estes elementos serem acessíveis à plenitude da cidade, de fato, pode-se afirmar que todos foram impactados pelo novo ritmo que a cidade estabelecia, quer seja pelas novas vias e rodovias que interligavam os espaços, pelas novas tecnologias que resignificavam a concepção de espaço e de distâncias.¹³⁷

Contudo, não foram apenas as modificações de cunho social que influenciaram a vida dos cidadãos, surgiram, também, outras de caráter econômico, três fatores foram primordiais para as formas de investimento que ganharam popularidade. O primeiro fator, destacado por Antônio Egydio, consistia no fato de que após a falência do Banco Mauá, em 1875, a população passou a desconfiar dos estabelecimentos bancários, deslocando suas aplicações para outros ramos que consideravam mais seguros.

O segundo, pontuado por Carlos Lemos, identifica que o capital estrangeiro foi atraído para as atividades rentistas como consequência do esgotamento das concessões de ferrovias e de serviços públicos de eletricidade e transporte. O autor ainda destaca o fato de que o aluguel era bastante rentável, com casas de porte médio pagando os mesmos juros das ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Apesar da afirmação de Carlos Lemos a historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, mostra que os ganhos com aluguel eram parte importante da vida econômica da cidade desde meados do século XIX, como já discutimos.¹³⁸

O terceiro e último fator que propiciou o investimento no setor construtivo estava associado ao crescimento da capital, que gerava uma enorme demanda por moradias. Portanto, este processo estimulava a construção de habitações, e sua escassez

¹³⁶ COSTA, Sabrina F. S. **Visões da modernidade:** análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.10, 2009, p.17.

¹³⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Globalização:** As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.15.

¹³⁸ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém:** relações sociais e experiência da urbanização. São Paulo: Alameda, 2005.

uma vez que havia uma procura maior que a oferta, elevava o preço dos aluguéis, dando aos investidores do empreendimento imobiliário a garantia de uma rentabilidade elevada. A expansão no número de habitações era da seguinte ordem:

em 1900, a capital do café abriu o século com vinte e um mil prédios construídos no perímetro urbano. Em 1910, as construções chegaram a trinta e duas mil. Nota-se que houve um aumento mesmo se considerando as construções de taipa que foram substituídas.¹³⁹

A propriedade imobiliária passou a representar a principal forma de riqueza; ela era a manifestação exterior do *status* de seu proprietário, e por seus rendimentos era também a principal forma de ampliá-la. Paulo César Xavier Pereira coloca que a propriedade imobiliária substituía a riqueza antes representada pela propriedade de escravo.¹⁴⁰

Durante o processo de expansão urbana financiado e, em grande parte, realizado pela iniciativa privada, diversas parcelas da população empregaram seus rendimentos na aquisição de terrenos e na construção,¹⁴¹ atingindo investidores de diversos portes, desde pequenos comerciantes até grandes capitalistas que construíram bairros inteiros. Raquel Ronilk destaca que este processo não diz respeito apenas à expansão do número de construções, mas, sobretudo, trata da transformação das relações econômicas, das relações entre proprietários e locatários e da figura do empreendedor imobiliário, um “capitalista”, segundo termos da época.¹⁴²

Inserindo-se neste período em que as atividades rentistas se destacavam, podemos identificar em Rizkallah Jorge a característica do capitalista da época aludida por Rolnik: realizou uma série de empreendimentos com o fim imobiliário, abordados pormenorizadamente no próximo capítulo. Estes empreendimentos - os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Alepo, na Rua Carlos de Souza Nazaré; prédios nos números 1003, 279, 285 e 84, da Rua 25 de Março; 15 da Rua Florêncio de Abreu e uma casa na Senador Queiroz – permitem colocá-lo como um proeminente

¹³⁹ LEMOS, Carlos. **Eclétismo em São Paulo**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.73.

¹⁴⁰ PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX** – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). Habitação e cidade. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

¹⁴¹ EGYDIO, Antônio. **São Paulo Antigo (1554 a 1910)**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p.23.

¹⁴² ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1997, p.104.

investidor nas “rendas de aluguel”, assim como foram outros paulistas de sua época, como José Paulino Nogueira, Nhonhô Magalhães e o próprio Comendador Martinelli.¹⁴³

Nas primeiras décadas do século XX o ritmo da construção civil se intensificou, tornando-se uma importante fonte de acumulação: expandiram-se as atividades industriais e comerciais ligadas à construção física da cidade, à expansão dos prédios, ao calçamento de ruas e à urbanização de bairros. Pelo menos até a década de 1930, a construção de casas de aluguel, de diversos tipos e tamanhos, era vista como uma forma de investimento de retorno certo e seguro, pois, além de uma renda mensal, o investidor contava com a excepcional valorização imobiliária ocasionada pela expansão da cidade¹⁴⁴.

As construções de Rizkallah Jorge expressam uma característica do período: a verticalização. Sobre esse processo Nádia Somekh destaca que o capital imobiliário, então em constituição, exigia a multiplicação do solo-urbano, o que foi conseguido através da verticalização das áreas centrais mais valorizadas, constituindo uma nova estratégia de valorização do capital.¹⁴⁵ Seus palacetes Alepo, São Jorge e Paraíso possuem cinco, seis e sete andares, respectivamente. Para Fernando Atique, a verticalização, além de incrementar a produção rentista, também foi uma possibilidade de introduzir modificações no espaço que se tornaram marcantes na paisagem. Logo, o edifício coletivo e vertical mais do que apenas incrementar as riquezas, serviria para criar e representar uma projeção social de seus “promotores”.¹⁴⁶

Alguns contratos de locação presentes no acervo pessoal de Rizkallah Jorge mostram como esta atividade era desempenhada.¹⁴⁷ Como exemplo, tomemos o contrato de 1939, que trata da locação do apartamento 308, do 3º andar, do prédio situado no número 829 da “rua Anhangabahú”, por parte de Dona Anita Sagre. Nele, fica estabelecido que esta senhora se compromete, por seis meses, a pagar a quantia de 330\$000 mil réis mensais. As cláusulas do contrato são as seguintes:

¹⁴³ ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. cit.

¹⁴⁴ BONDUKI, Nabil G. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

¹⁴⁵ Fernando Atique destaca como foi o processo de regulamentação do uso de apartamentos e edifícios verticais no Brasil, indicando que duas leis foram relevantes, a lei do condomínio, o Decreto-Lei 5481 de junho de 1928 e a lei do inquilinato, o Decreto-Lei 4598 de 20 de agosto de 1920. Bonduki destaca que esta última redefiniu os hábitos dos investidores rentistas, pois congelava por dois anos os reajustes dos aluguéis e proibia a cobrança de taxas, impostos e luvas BONDUKI, p.213 apud. ATIQUE, Fernando. Op.cit. p.138.

¹⁴⁶ ibidem, p. 46.

¹⁴⁷ SOMEKH, Nadia. **A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador: São Paulo 1920-1939**. São Paulo, Studio Nobel / EDUSP, 1997.

O locatário se obriga: a) a manter os soalhos encerados; b) a conservar com devido asseio os apartamentos; c) a não perturbar os socego dos vizinhos; d) a não espetar pregos ou guarnições que estraguem as paredes; e) a não ter cães ou quaisquer outros animais ou aves que possam incomodar os inquilinos do prédio; f) não andar em trajes menos decentes, no patamar das escadas e terraços; g) a manter em perfeito funcionamento as instalações conforme é entregue: de gás, electricidade, esgotos, torneiras, fogão, fechaduras, aparelhos sanitários, conservar vidros e marmores, pinturas, para assim restituí-los quando findo ou recindido este contrato, e substituir, por igual qualquer estrago ou quebra a sua custa.¹⁴⁸

O formato do contrato e suas cláusulas indicam que a atividade de locação possuía um aparato legal que a apoiava, não sendo apenas um trato verbal. Também em seu acervo foram compulsados outros contratos, tais como o dos zeladores Sylvio Casari e sua esposa, que como visto na introdução desta dissertação, eram pagos para abrir as portas, retirar o lixo, limpar o hall, varrer os corredores, chamar atenção das pessoas que infringissem o regulamento. Todavia, existem, também, os contratos referentes às pessoas da tabela abaixo:

Locatário	Aluguéis (Réis)	Endereço	Data
Gabriel Massud (?)	500\$000	Florêncio de Abreu, 15	24/07/1914
Rachid Flaifel e Elias	-	Florêncio de Abreu, 15	22/04/1920
Nunes Curi	360\$000	25 de Março, 283	21/02/1918
Wadi Corbous	-	-	-
João ferro	550\$000	Florêncio de Abreu, 17	-
Calil Zaccur	-	-	-
Angelina Buerrenbach Khoury	360\$000	Anhangabahú, 142 (apt.16 do 2º andar)	01/01/1931
Jeovani Gionanni.	-	-	-

Os palacetes e outros imóveis foram alugados tanto para residências, quanto para fins comerciais em seus pisos térreos.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Acervo Casa da Boia. Contrato de Aluguel.

¹⁴⁹ Dentre os empreendimentos do imigrante sírio-libanês, mais um que se destaca é o Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma garagem que alugava para guardar automóveis, como já informamos.

Entre a série de atividades desenvolvidas por Rizkallah, constam ainda alguns episódios relacionados com a importação e a exportação de cargas. O primeiro se refere a uma compra datada de 14 de setembro de 1916 por parte da *Wilson Sons & Cia Limited* de vinte toneladas de cartuchos vazios. Esta companhia pagou mil e cem réis pelo quilo dos cartuchos e estes deveriam estar acondicionados devidamente para serem embarcados no Porto de Santos. A Companhia Wilson Sons, exigiu que Rizkallah Jorge lhes fornecesse uma certidão atestando que as embalagens continham o mesmo conteúdo dos cartuchos.

Apesar de todas estas precauções tomadas pela companhia, esta transação não parece ter acontecido da forma esperada. No acervo da Casa da Boia estão presentes diversas correspondências que tratam do desenlace das discussões a respeito desta carga. A primeira que introduz a questão segue a seguir:

Amigo e Senhor: Juntamos a presente copia da correspondencia de n/ Casa Matriz com diversos, a respeito dos cartuchos vazios que compramos de V. S. e por nós embarcados para a Inglaterra pelo vapor "Cardiganshire". Conforme já tivemos occasião de lhe informar verbalmente, foi verificado na Inglaterra, que muitos desses cartuchos estavam carregados, em completo desacordo, portanto, com o que foi estipulado em n/ compra pela qual V. S nos deveria fornecer cartuchos vazios de latão. Alem disso, esse facto nos collocou em situação muitissimomelindrossa para com o Governo Ingles e para com a Mala Real que nos responsabilizaram pelos damnos que fossem causados por estarem os cartuchos carregados. Felizmente nãohouve prejuízos apesar de ter havido diversas explosões, mas sobre o preço convencionado como o Governo Ingles tivemos que fazer uma reduçãõ de 5-0-0 por tonelada sobre doze toneladas ou seja uma differença total para menos de 60-0-0. Tendo sido obrigados a fazer essa concessão unicamente devido ao facto de V. S. não nos terem fornecido material de accordo com o que foi estipulado, não estamos dispostos e nem podemos tomar com todo esse prejuízo. Não fazemos, porem, questãõ de perder a metade comtanto que V.S. nos indemnisse pela outra metade ou seja Rs 600\$000 e esperamos sinceramente que V.S., verá a justiça do que acabamos de expor (...).¹⁵⁰

A situação, como verificada na transcrição acima, se deu porque o carregamento de 232 barricadas de cartuchos enviadas para a Inglaterra não estava em conformidade com a amostra enviada. Quando a *Wilson Sons* recebeu a carga, pôde constatar que muitos dos cartuchos estavam com balas e, outros, parcialmente encheidos com pólvora altamente explosiva, algo que poderia ter causado uma enorme explosão no vapor que a transportou. Portanto, as cartas da companhia chamam a atenção para o fato de que a

¹⁵⁰ Acervo Casa da Boia. Carta tratando de compra de cartucho vazio.

descrição falsa poderia ter ocasionando a perda de vidas, além de outras consequências extremamente graves. Em virtude de todos os transtornos causados, inclusive o pagamento de uma taxa de indenização em conformidade com o Decreto de Navegação Mercante de 1894 e 1905, a empresa inglesa exigiu que fosse feito um abatimento no valor total da carga, minimizando, segundo alegava, os prejuízos.

A respeito de importações, contam informações referentes a uma carga de oito fardos de tabaco em folha vindas pelo vapor *Benjamin*. Os documentos contidos no acervo tratam do seguro feito por Rizkallak Jorge sobre sua carga por meio da *La Italia*, companhia de seguros marítimos, fluviais e terrestres. O serviço contratado assegurava a carga contra incêndios no trajeto de Buenos Aires até Santos. Após chegar a Santos, segue o comprovante da São Paulo Railway Company com as taxas pagas para que a mercadoria fosse despachada na estação do Pari, em maio de 1915, bem como os comprovantes de pagamentos de impostos sobre o consumo estrangeiro.

Há, também, uma contenda a respeito de uma importação de tubos de cobre do vapor *Widewake* vindo de Nova York, em 1947. Esta durou 16 anos, sendo resolvida apenas em 1963, após a morte de Tahan. A questão se deu em torno do fato de que os impostos cobrados sobre os tubos de cobre se referiam não a seu aspecto e forma que apresentavam no momento do despacho, mas, sim, sobre o que poderiam ser transformados no futuro. Portanto, a quantia paga foi muito maior que a devida. Os filhos de Rizkallah Jorge Tahan tiveram ganho de causa pelo Conselho Superior de Tarifa e foram ressarcidos.

O maior volume documental do acervo é composto por recibos que possibilitam compreender a inserção de Rizkallah Jorge dentro de uma rede internacional de negócios, que ultrapassava as fronteiras brasileiras. Os recibos contam com o selo dos mais diversos bancos ao redor do mundo, como o *Nacional Bank of New York, London & River Plate Bank, The Royal Bank of Canada*, além de dezenas de outros bancos. Estes recibos tratam tanto do pagamento de dívidas, quanto da compra de moedas estrangeiras, como pesos e libras esterlinas para a realização de transações comerciais, como o caso a seguir:

N'esta data o Sr. Rizkalla Jorge, me comprou as seguintes cambias: Krs. 2.000.000 (dois milhões de coroas austriacas) saque sobre Vienna, a taxa de

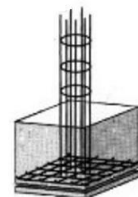
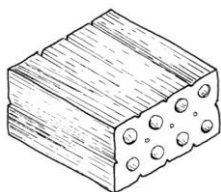
2/90 9dois reis e noventa). Mks. Pol. 2.000.000 (dois milhões de morcos polacos) saque sobre Varsovia, a taxa de 4. (quatro reis)¹⁵¹

No capítulo a seguir, exploraremos com maior detalhamento as principais atividades financeiras desenvolvidas por Rizkallah Jorge Tahan, analisando o desenvolvimento de seu comércio-indústria e de seus edifícios para aluguel.

¹⁵¹ Acervo Casa da Boia. Carta sobre compra de moeda estrangeira.



A BOIA, O TIJOLO E O CONCRETO ARMADO



CAPÍTULO II – A BOIA, O TIJOLO E O CONCRETO ARMADO

Deste modo, enquanto a tecnologia é fundamental para o crescimento da cidade, é a contribuição dos homens nos sistemas que é crucial para o desenvolvimento urbano. Como tal, os sistemas – não importa quão abrangentes e consolidados – não se tornam autônomos, mas existem dentro dos limites impostos pelas tecnologias disponíveis, pela mão de seus operadores, e o uso proposto para elas por seus usuários.¹⁵²

A história dos homens se reflete na história das cloacas. As gemônias contam a história de Roma. O esgoto de Paris foi algo tremendo; foi sepulcro e asilo. O crime, a inteligência, o protesto social, a liberdade de consciência, o pensamento, o roubo, tudo o que as leis humanas perseguem ou perseguiram escondeu-se nesse buraco, no século XIV, os maillotins; no século XV, os tirelaine, no século XVI, os huguenotes; no século XVIII, os chauffeurs. (...) Na antiga Paris, o esgoto era o ponto de reunião de todos os desânimos e de todas as tentativas. A economia política vê nele um simples detrito; a filosofia social encara-o como um resíduo. O esgoto é a consciência da cidade. Tudo converge para ali e nele se confronta. Nesse lugar lívido há trevas, mas não há mais segredos. Cada coisa tem sua verdadeira forma ou, pelo menos, sua forma definitiva. O monturo tem isso em seu favor: ele não mente. A verdade se refugia ali.¹⁵³

A face mais conhecida da figura de Rizkallah Jorge é, sem dúvida, aquela ligada ao comércio, como o proprietário da Casa da Boia. A história desta loja está intimamente relacionada tanto ao seu fundador, quanto à história da própria cidade de São Paulo. Rizkallah Jorge, quando chegou ao Brasil, já era um artesão hábil e percebeu que seu talento como fundidor, não era comum na cidade, portanto viu a possibilidade de instalar uma pequena indústria para desenvolver o ofício que dominava perfeitamente desde sua terra natal. Após três anos em São Paulo foi fundada a Casa da Boia, inicialmente denominada Rizkallah Jorge e Cia, local que vendia, especialmente, materiais hidráulicos, na grande maioria feitos em cobre e trazidos do exterior.¹⁵⁴

Contudo, não foi apenas a aptidão artesanal de Rizkallah que propiciou o sucesso deste empreendimento, já que, de fato, foi a situação sanitária e a importância dada ao sanitário e ao saneamento naquele período em São Paulo que alavancaram a ascensão comercial do ator social em tela.

¹⁵² “Thus while technology is critical to city building, it is the human input into the systems that is crucial to urban development. As such, the systems – no matter how large or consolidated they are- do not become autonomous, but exist within limits imposed by the available technology, the hand of their operators, and the use put to them by their use” MELOSI, Matin Victor. **Cities, Technical Systems and the Environment**. Environmental History Review (1990). p.56.

¹⁵³ HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.603.

¹⁵⁴ Até o presente momento não foi possível identificar de qual local o material era importado, porém um indício que pode fornecer subsídio para se pensar essa importação são as notas promissórias que em grande medida foram emitidas para a Inglaterra.

2.1 - A SAÚDE PÚBLICA E O SANITARISMO: DOS MIASMAS À MICROBIOLOGIA

Em fins do século XIX, com a fundação da Sociedade Promotora de Imigração (SPI), e a entrada de milhares de imigrantes, ocorre uma enorme expansão demográfica na cidade, que pode ser identificada como responsável por uma série de problemas sociais, como as aglomerações urbanas, a falta de moradia e a insalubridade. Maria Alice Rosa Ribeiro propõe que o Estado, ao assumir a responsabilidade de criar o mercado de trabalho livre, também sentiu a necessidade de estender sua ação no sentido de criar uma infraestrutura institucional capaz de atender aos problemas decorrentes do aumento populacional por ela incentivado.¹⁵⁵

Após a Proclamação da República, para efetivar seus projetos com relação ao trabalho livre, o Estado se tornou o responsável pela saúde coletiva, fazendo-a pública,¹⁵⁶ uma vez que para poder atrair imigrantes era necessário sanear as cidades. Entre os anos de 1891 e 1893 o Serviço Sanitário foi organizado, sendo subordinado à Secretaria de Estado do Interior. Para sua atuação foram criados um Conselho de Saúde Pública e uma Diretoria de Higiene, que visavam tratar das questões do saneamento básico, do policiamento sanitário e das desinfecções. No ano de 1894, foi promulgado o primeiro Código Sanitário composto por 520 artigos que regulamentavam tanto o espaço público quanto o privado. Até então, este tema era regido pelas normas contidas no Código de Posturas Municipais de 1875, que estabeleciam padrões para as construções, entre elas, a altura entre chão e teto, a necessidade de janelas em todos os cômodos, e a eliminação de alcovas.¹⁵⁷

O Código Sanitário¹⁵⁸ oferecia as diretrizes para as ruas e praças, para a construção das habitações em geral, para as habitações coletivas, para os hotéis e

¹⁵⁵RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim**: inventário da saúde pública. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993. p.20.

¹⁵⁶Andrade mostra que uma comissão médica francesa enviada à Andaluzia para mapear a epidemia ali ocorrida propôs que "A arte de conservar os homens é um ramo essencial da arte de os governar", logo por meio desta passagem verifica-se o caráter político que estava inserido nas ações médicas do período, ocorridas não apenas na Europa, mas também nos outros continentes ao longo dos séculos XVIII e XIX. ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro. "**Putrid Miasmata**": higienismo e engenharia sanitária no século XIX. cit, p.28.

¹⁵⁷Ibidem, p.30.

¹⁵⁸BRASIL. Decreto n° 233 - Estabelece o Código Sanitário, de 02 de março de 1894.

pensões, habitações das classes populares, fábricas e oficinas, escolas, teatros, mercados, padarias, açougues, matadouros, além de como deveria ser feito o abastecimento de água, o serviço de esgotos, a precaução as moléstias, dentre outras normas. Dentro do Capítulo II, que aborda as habitações, de forma geral, observam-se recomendações pormenorizadas de como o solo deveria ser saneado antes da construção das casas, e protegido da ação dos lençóis freáticos não permitindo a infiltração de umidade. O Código determina ainda as especificações dos materiais a serem utilizados nas estruturas, na hidráulica, no revestimento e no aparelho sanitário dos edifícios. Em especial, devem se destacar alguns artigos, que geraram impactos nas moradias:

Artigo 46. - As alcovas que se destinarem a dormitórios ou permanência constante dos moradores de um predio devem ser proibidas em absoluto.

Artigo 48. - Todos os compartimentos deverão ter, sempre que fôr possível, aberturas para o exterior, dando para a rua, jardins ou pateos interiores, de modo a receberem luz directa e diffusa, não devendo ser admissivel luz reflectida sinão excepcionalmente e em aposentos não destinados á permanencia continua dos habitantes ou a dormitórios.

Artigo 49. - Deverão ser afastados dos dormitórios os compartimentos destinados á installação das cozinhas.¹⁵⁹

A passagem da República para o Império foi vista por muitos como um elemento crucial para a mudança nas legislações sobre as habitações. Lemos indentifica que a partir de 1890 a legislação interferiu no planejamento de novas residências e no uso, ou habitabilidade, das velhas construções do Império.¹⁶⁰ Para ele:

Durante todo o nosso tempo de sujeição a Portugal e mesmo na época do Império, a legislação voltada ao controle das edificações urbanas jamais teve a intenção de intervir nas condições de planejamento interno das residências. Era como se houvesse o máximo respeito às decisões pessoais ou ao direito de propriedade - cada um morasse como quisesse ou pudesse.¹⁶¹

Entretanto, constata-se que a preocupação com a insalubridade das construções urbanas e das cidades não foi exclusivamente pensada após a proclamação da República e o Código Sanitário de 1894, uma vez que o Código de Posturas já propunha algumas medidas abordadas acima.¹⁶² Estas regras ofereceram embasamento para alguns historiadores afirmarem que a política sanitária que normatizava as habitações começou

¹⁵⁹BRASIL. Decreto n° 233 - Estabelece o Código Sanitário, de 02 de março de 1894.

¹⁶⁰Lemos apesar de indicar que a legislação não interferia no espaço interno das casas relata que as plantas eram extremamente semelhantes, não havendo muita distinção na forma de morar entre ricos e pobres, variando apenas a quantidade de cômodos. Isto se dava em decorrência das poucas técnicas construtivas disponíveis no período e as edificações geminadas. LEMOS, Carlos. **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 13-14.

¹⁶¹Ibidem, p.13.

¹⁶²Ao longo do século XIX ganharam força os argumentos que atribuíam as condições do meio as causas das doenças. A teoria mesológica entendia que a topografia sanitária de uma cidade explicaria as causas que propagavam as doenças. ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro. **"Putrid Miasmata": higienismo e engenharia sanitária no século XIX**. Cadernos de arquitetura, Bauru - SP, v. 2, p. 28-39, 2000. p.28.

nas últimas décadas do Império, com os salubristas da Corte e não apenas após 1889.¹⁶³ Apesar de criticar este marco, Campos, destaca que havia uma grande diferença entre Império e República na questão administrativa, o primeiro dependia das decisões de um governo central e não possuía recursos financeiros o suficiente para fiscalizar as providências emanadas dos Códigos de Posturas.¹⁶⁴

O papel central que a salubridade adquiria no período se dava pelos efeitos da falta de saneamento, que ocasionava mortes na cidade desde o século XIX, pela doença classificada pelos médicos da cidade como “febres paulistas”. A situação precária do saneamento agia diretamente no aumento das epidemias, em especial daquelas cuja contaminação se dava pelos sistemas de água e esgoto. É possível ter uma dimensão do grau de propagação dessas epidemias sobre as cidades de São Paulo, por meio do relatório do Secretário do Interior, Vicente de Carvalho, datado de 7 de Abril de 1892. Enviado ao Vice-Presidente do Estado de São Paulo, o relatório dizia que:

mesmo em circunstâncias ordinárias, no gozo do clima tradicionalmente bom com que a natureza favorecia a generalidade do território paulista, a higiene devia preocupar seriamente a atenção dos poderes públicos. Era um dever de providência opor todas as resistências da higiene à invasão da imundície humana. Que acompanha a acumulação progressiva das populações, que vinga mesmo contra as melhores condições naturais. Desgraçadamente, não cabe já à nossa geração, o simples cumprimento dessa tarefa. É tarde para prevenir. A peste penetrou pelas portas escancaradas que o desleixo lhe facultou. Vimos encontrá-la vencendo na conquista do nosso território para a desolação e para a morte. Não nos criemos ilusões inúteis e perigosas. Não fechemos os olhos diante da evidência. A febre amarela transpôs a barreira da Serra do Mar, que parecia opôr-se-lhe, e revela-se domiciliada, senhora do terreno, no opulento Oeste do Estado. Acredito que um enérgico esforço nesse sentido não será desaproveitado. A eliminação dos focos de infecção, pelo saneamento, e o exercício constante de uma rigorosa polícia sanitária, defender-nos-ão sem dúvida das invasões da peste.¹⁶⁵

As doenças que se espalhavam afetavam a máquina administrativa, o setor cafeeiro e o cotidiano das cidades, não poupando, como visto, a capital. Apesar de o relatório ter apontado a febre amarela, havia outras doenças que causavam a morte de diversas parcelas da população, entre elas: a febre tifoide, difteria, tuberculose, varíola e peste bubônica. Adolpho Lutz, chefe do Instituto Bacteriológico, advertiu que a imprensa deveria informar a população e a municipalidade deveria fornecer subsídios

¹⁶³CAMPOS, Eudes. **Casas e vilas operárias paulistanas**. INFORMATIVO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL, 4 (19): jul/ago.2008.

¹⁶⁴Algo que merece ser destacado é o fato que a partir de maio de 1893 passou se a exigir a aprovação das plantas das novas construções. BRASIL. LEI Nº 38, de 24 de maio de 1893.

¹⁶⁵TELAROLLI Jr., Rodolpho: **'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'**. História, Ciências, Saúde —Manguinhos, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996. P.139.

para a prevenção desta. Para o sanitaria, a principal questão que envolvia esta doença era a higiene:

Pelos jornais diários devemos advertir ao público de não usar senão água filtrada. ... Entre nós não se pode negar que temos uma epidemia. Prevenir a população seria o primeiro passo. Em segundo lugar, devemos influir sobre as autoridades, para colocar filtros em todas as casas. Para não embarçar, neste caso, as classes mais pobres, o governo devia encomendar uma quantidade grande de filtros e vendê-los a preço de custo. Seria também de grande importância mandar examinar todas as fontes da Cantareira, se contêm bacilos de tifo, e não deviam ser usadas aquelas em que se encontrassem os mesmos. Devia-se nomear uma comissão de médicos da sociedade, encarregando-os da instrução do público, como também de fazer as propostas necessárias às autoridades competentes.¹⁶⁶

Os profissionais de saúde do período procuravam saídas para conter esses problemas que afetavam, sobretudo, as populações mais pobres, suas soluções ora seguiam as concepções miasmáticas e, ora, as bacteriológicas, uma vez que este era um momento de transição para o conhecimento médico.¹⁶⁷ Os autores Paulo César Xavier Pereira e Maria Ruth Sampaio, chamam atenção para o fato de que os relatórios produzidos pelas autoridades em fins do XIX apontavam para uma situação habitacional calamitosa, destacando a precariedade dos cortiços infectos e insalubres situados nos bairros centrais da cidade, que geravam uma preocupação generalizada, de que neste local se desenvolvesse uma possível epidemia que afetasse toda a população.¹⁶⁸

Portanto, é possível perceber por meio dos discursos de médicos do período, que no âmbito da saúde pública, os indivíduos foram tratados de formas diversas, definindo os menos abastados como a categoria que representava perigo. Neste contexto, a higiene tinha por objetivo limpar a cidade da pobreza, constata-se que “as práticas das desinfecções eram intervenções destinadas aos pobres e aos trabalhadores; as demais classes sociais gozavam de privilégios, quer em relação à saúde quer em relação ao tratamento da doença”.¹⁶⁹

A respeito das habitações na área central, observa-se que o município realizou obras tentando “modernizar” esta região, porém, não se pode deixar de frisar o papel desempenhado, intencionalmente, pela iniciativa privada. A relação entre o setor

¹⁶⁶TEIXEIRA, Luiz Antonio. **As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, n.suplemento, p. 41-66, 2004. p.17.

¹⁶⁷RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Op. cit.p.32.

¹⁶⁸SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Habitação em São Paulo**. Usp Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 167-183, 2003. p.167.

¹⁶⁹RIBEIRO, Maria Alice Rosa. op. cit, 1993.p.32.

público e privado foi uma faceta importante da modernização de São Paulo, levando, inclusive, a administração pública a oferecer incentivos para que o setor privado¹⁷⁰ se dispusesse a colaborar na questão do higienismo, recebendo como contrapartida, a permissão para que atuasse conforme seus interesses no que tange ao setor imobiliário, segregando as pessoas, e deslocando as que viviam nos cortiços das áreas centrais para áreas periféricas, diante do “perigo” que representavam à situação sanitária. O crescimento da cidade se deu em função de interesses dos empresários imobiliários do período, que usaram a terra como reserva de riqueza e realizaram uma expansão maior que a necessária para abrigar a população da capital.

No surgimento das redes de abastecimento a relação entre a iniciativa pública e privada também pode ser identificada e podemos verificar na constituição da mesma a hipótese sugerida por Brito:

assumir o papel de dotar a cidade de certas melhorias materiais, a iniciativa privada o fez apenas parcialmente, seja pelas limitações de seus interesses em investir especificamente nessa atividade, seja em virtude de obstáculos referentes às condições técnicas e financeiras reinantes naquele momento, sendo que, com a República, a maior parte dessas atividades passou para as mãos do Estado ou sucumbiu ao capital internacional.¹⁷¹

Cristina de Campos¹⁷² ao abordar o surgimento da Companhia Cantareira & Esgotos em seus estudos corrobora esta afirmativa, sugerindo que o processo de consolidação das redes se deu quando os órgãos públicos perceberam a necessidade de sistemas de abastecimento de águas e convocaram a iniciativa privada para elaborar propostas de ação. Contudo, este era um empreendimento de alto custo, algo que levou a Província a contratar engenheiros para realizarem prospecções sobre quais seriam os

¹⁷⁰Ao abordar a atuação da iniciativa pública e da iniciativa privada em São Paulo do século XIX, deve-se levar em consideração que ambas estavam intimamente relacionadas. A este respeito, Monica Silveira Brito relata: “A oligarquia paulista, que concentrava, em mãos de seus indivíduos, a propriedade da terra, o poder econômico e político, adotou uma postura empresarial moderna, isto é, reuniu seus capitais em sociedades anônimas, que procuraram abranger todas as frentes envolvidas nos diferentes circuitos da produção, incluindo um sistema bancário que, entre outras vantagens, alargou os instrumentos de circulação à sua disposição, o que reverteu em benefícios à sua expansão econômica. Essa articulação redundou num aumento de seu poder político, de seus capitais, das terras sob seu domínio, no controle sobre a mão de obra e o crédito, sobre aquelas atividades vinculadas à produção, transporte, exportação, importação de mercadorias, assim como as primeiras indústrias de maior porte. Desse modo, o urbano ia adquirindo cada vez mais importância para a viabilização de suas políticas e ações, elaboradas e executadas com vistas a objetivos pré-estabelecidos, isto é, seu projeto”. BRITO, Mônica Silveira. **A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo, 1890- 1911.** 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p.135.

¹⁷¹BRITO, Mônica Silveira. *ibidem*, p.142.

¹⁷²CAMPOS, Cristina. **A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892.** An. mus. paul., São Paulo, v. 13, n. 2, Dec. 2005.

locais que melhor poderiam resolver a necessidade de abastecimento hídrico de São Paulo, para, assim, depois de realizados estes levantamentos, convocar os empresários para elaborarem estas obras.

Este processo passou por uma transformação com o advento da República, considerado por Campos como um marco crucial para se entender as políticas de abastecimento que foram implementadas, pois as bases da administração política passaram por uma reformulação, dando ao Estado a autonomia necessária para gerenciar estes serviços. No entanto, não foram apenas fatores políticos que propiciaram estas modificações na forma de gestão do equipamento hídrico, somada à mudança política, estavam às críticas tecidas por Antônio Francisco de Paula Souza à exploração mercantil destes setores. Para o engenheiro esta exploração não condizia com as necessidades da cidade, uma vez que ela gerava irregularidades no abastecimento e no serviço de esgotos, e permitia que as empresas utilizassem materiais impróprios para o escoamento. Portanto, fez-se necessária a encampação da Companhia pelo governo para que estas obras pudessem ser adequadamente realizadas. Para Campos este processo de mudança do setor privado para o público foi benéfico:

Quando o Estado passa a promover a produção do saneamento (uma produção que necessitava de grande soma de dinheiro), são visíveis as melhorias conquistadas para o abastecimento como para a própria condição sanitária da cidade.¹⁷³

Verifica-se que na análise da autora, o momento em que a questão do abastecimento de água das cidades passou a ser uma questão prioritária, presente, inclusive, nos debates políticos, teve como marco temporal o ano de 1875 quando começam as escolhas das companhias para executar as obras de infraestrutura que culminam na seleção da Companhia Cantareira. Todavia, outros autores como Sidney Bernardini,¹⁷⁴ consideram que o principal momento das intervenções ocorre quando o Estado se torna o produtor destas ações a partir da Repartição de Águas e Esgotos (RAE), em 1893. Apesar de identificar este momento como o início do desenvolvimento do sistema sanitário, em sua análise o autor entende que a questão da infraestrutura sanitária nunca foi uma prioridade na agenda de ações governamentais.

¹⁷³CAMPOS, Cristina. **A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892**.cit, 224.

¹⁷⁴BERNARDINI, Sidney. **Cidades iluminadas e insalubres: saneamento e urbanização no Estado de São Paulo**. Oculum Ensaios (PUCCAMP), v. 11-12, p. 19-27, 2010.

Para Campos, esta questão esteve dentro das políticas de governo, uma vez que a produção do saneamento foi algo necessário dentro do “complexo cafeeiro” formado no período. Visando a manutenção da produção cafeeira, houve o incremento da imigração que ocasionou um aumento populacional, que tornou imprescindível a melhoria das condições de saúde tanto para a reprodução da força de trabalho, quanto para a reprodução do capital. Sanear as cidades também representava o desejo das elites de se distanciar da imagem de cidade atrasada que transportava seus dejetos por meio dos escravos. Por todos os motivos listados acima, tem-se que o saneamento gerou um “valor de uso” que propiciou a mercantilização de diversos serviços.¹⁷⁵

O papel desempenhado pelo café, entretanto, não foi considerado como benéfico por Bernardini. Este pesquisador considera que a produção cafeeira contribuiu negativamente para a questão sanitária, uma vez que os esforços para o desenvolvimento da economia agroexportadora tornaram a questão sanitária, secundária. O autor aponta que a preocupação do Estado de São Paulo com este tema se inicia em 1892 com o órgão estadual da Diretoria de Higiene, que definiu quais seriam as prioridades de ação do governo, resultando na reforma do espaço urbano da capital e de algumas outras cidades, objetivando conter as epidemias e equipar as cidades com rede de água e de esgoto, drenagem de córregos e serviços de coleta de lixo. Porém, apesar destas medidas, as ações não ocorreram no volume necessário, havendo, neste contexto, interesses contraditórios entre a iniciativa pública e a iniciativa privada,¹⁷⁶ e uma atuação desfavorável por parte do governo estadual, que além de não compreender em seu universo de intervenção todos os municípios paulistas, não conseguiu nos locais onde as realizou promovê-la de forma integrada.

¹⁷⁵Houve apenas um pequeno recuo nas preocupações sanitárias nos anos próximos a 1889, momento em que a Província passa a se preocupar com fatores com maior impacto econômico, por exemplo, a questão sobre qual seria a melhor forma de uso/ocupação do território paulista, principalmente alvo de estudo por parte da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, no entanto, ainda em 1889, o surto de epidemias de febre amarela e varíola voltam a chamar atenção para a péssima qualidade da água e para a falta de esgoto retornando as questões sanitárias a agenda política das autoridades. CAMPOS, Cristina. **A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892.** cit.

¹⁷⁶Bernardini destaca que a iniciativa privada apresentava um desinteresse em atuar nas obras de infraestrutura sanitárias, por seus altos custos e pela baixa lucratividade, sendo a única experiência bem-sucedida o caso da Companhia City de Santos, que possuía, como interesses, não a gestão das redes, mas, sim, a possibilidade de fabricação e importação dos materiais ligados a estas obras, uma vez que neste período a importação de peças não produzidas localmente era um negócio rentável. BERNARDINI, Sidney. **Cidades iluminadas e insalubres: saneamento e urbanização no Estado de São Paulo.** Oculum Ensaio (PUCCAMP), v. 11-12, p. 19-27, 2010.

Em contrapartida, outros setores, como de energia elétrica e transportes, captaram o olhar dos investidores, uma vez que estavam diretamente atrelados à produção do capital industrial. Em virtude deste panorama observa-se uma primazia das cidades do interior sobre a capital, resultando na seguinte situação:

a facilidade encontrada pelas companhias, deu-lhes a possibilidade de promover uma urbanização parcial, iluminando as ruas, eletrificando as casas e levando, muitas vezes, transporte público em cidades que ainda não tinham os sistemas completos de saneamento.¹⁷⁷

Em 1919, houve a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que consolidou a participação do Estado na saúde pública e deu amplitude aos serviços sanitários federais, que a partir de então se solidificou. No âmbito do Estado de São Paulo o médico sanitário Geraldo Horácio de Paula Souza¹⁷⁸ assume a direção do Instituto de Higiene e a cadeira de Higiene na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1921 e a direção do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo em 1922, promovendo uma grande reforma em 1925 com a promulgação de um novo Código Sanitário¹⁷⁹, centrado majoritariamente na cidade de São Paulo. Portanto, observa-se que a questão sanitária, apesar de intimamente ligada às mudanças nas cidades, é alvo de posturas divergentes em diferentes recortes temporais e espaciais.¹⁸⁰

2.2 - "O EMPREENDIMENTO DO PATRÍCIO":

A RIZKALLAH JORGE E CIA E A CASA DA BOIA S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE METAIS

A infraestrutura sanitária foi uma discussão latente tanto antes da fundação do comércio Rizkallah Jorge e Cia, quanto depois, e é em virtude de uma epidemia que se espalhou pela cidade, que o local ganhou fama. Mario Rizkallah, neto de Rizkallah Jorge, conta que a fama veio principalmente depois de uma epidemia de febre amarela que afetou a cidade e se alastrou rapidamente devido às condições sanitárias

¹⁷⁷ Ibidem, p.23.

¹⁷⁸ Cristina de Campos propõe que compreender a trajetória profissional de Geraldo Horácio de Paula Souza, tanto como diretor do Instituto de Higiene e do Serviço Sanitário Estadual, permite com que se perceba como a higiene saiu da agenda principal das políticas urbanas, fazendo com que Paula Souza constata-se a necessidade de institucionalizá-la como disciplina acadêmica. **Geraldo Horácio de Paula Souza**: a atuação de um higienista na cidade de São Paulo. 1925-1945. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 179-186, Out. 2000. p. 180.

¹⁷⁹ O Código Sanitário apresentava uma mudança com relação as formas de profilaxia das doenças e epidemias urbanas, atribuindo ao indivíduo um papel ativo na prevenção das mesmas, por meio de hábitos higiênicos. Para ensinar tais métodos haviam nas unidades dos Centro de Saúde educadores sanitários que ensinariam os preceitos básicos. Ibidem, p.181.

¹⁸⁰ Após um grande processo de saneamento de diversas cidades brasileiras, novas infra-estruturas urbanas passaram a ser prioridade. Ibidem, p.182.

precárias.¹⁸¹ Na passagem do XIX para o XX ainda não estavam definidas as formas de transmissões das doenças, como já dito anteriormente este era um momento de transição para o conhecimento médico, em que conviviam tanto as concepções miasmáticas com as concepções bacteriológicas.¹⁸² Podemos verificar que as pesquisas sobre a profilaxia da febre amarela estiveram na agenda do Instituto Bacteriológico¹⁸³ desde sua fundação. Entretanto, os estudos para esclarecer o processo completo de transmissão da moléstia perduraram por mais de dez anos.¹⁸⁴

Aproveitando este contexto e o nicho de mercado que se criava em decorrência da saúde pública, tendo em vista o predomínio do higienismo e do sanitarismo na virada do século, Rizkallah Jorge passou a comercializar as boias para caixa d'água que fizeram com que seu estabelecimento passasse a ser conhecido como "Casa da Boia", e mudasse, conseqüentemente, sua razão social em 1951 para "Casa da Boia S. A. Comércio e Indústria de Metais".¹⁸⁵ Nos anos iniciais de funcionamento, a produção do local se restringia a artigos de decoração em cobre, tais como candelabros e arandelas, entretanto, principalmente a partir de 1903 a produção foi ampliada englobando também

¹⁸¹ Na década de 1890 inúmeras cidades paulista foram atingidas pela febre amarela, entre ela Ribeirão Preto, Sorocaba e Campinas, ocasionando uma migração populacional em decorrência do "pavoroso espectro amarelo" e nos anos de 1893 acreditava-se que era iminente uma epidemia na cidade de São Paulo. Janes Jorge relata que alguns sanitaristas viam o surto de obras de saneamento e a retificação do Tietê como uma tentativa de conter a febre amarela, já que acreditavam que seu contágio se dava por ingestão de água poluída. JANES, Jorge. **Rios e saúde na cidade de São Paulo, 1890-1940**. História e Perspectivas, Uberlândia (47): 103-124, jul./dez. 2012. p. 111.

¹⁸² Neste período os experimentos de Pasteur e outros cientistas, comprovavam que muitas doenças eram causadas por microorganismos. No Brasil, Oswaldo Cruz foi o primeiro a estudar no Instituto Pasteur na França, aos 20 anos defendeu a tese "A veiculação microbiana pela Água" na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. *ibidem*. p. 108.

¹⁸³ O Instituto Bacteriológico foi criado em 1893 com o objetivo "investigar cientificamente as causas e as formas de propagação das epidemias e das doenças transmissíveis. *op. cit.* p.35. Antes de 1893, o local era o Laboratório Bacteriológico, ligado ao Serviço Sanitário.

¹⁸⁴ Ribeiro relata que entre 1894 e 1903, o instituto realizou exames bacteriológicos dos materiais coletados de doentes e de cadáveres, que geraram centenas pesquisas que foram publicadas com os resultados destas experiências. Apesar deste esforço, a busca pelo micro-organismo causador da febre amarela nunca chegou a um resultado positivo, contudo, em 1898, o médico italiano Sanarelli anunciou ter descoberto o bacilo que causava a doença, fazendo com que, Adolfo Lutz, diretor do instituto e Arthur Mendonça, assistente do instituto, o recepcionassem no Brasil, o levando até o Hospital de Isolamento em São Carlos do Pinhal, para mostrar como isolar o bacilo de Sanarelli. Após Lutz verificar que os pacientes não apresentavam melhoras em face ao tratamento proposto, ele iniciou pesquisas, entre elas, a de 1903, em que o próprio médico foi cobaia, se submetendo à picadas do mosquito *Aedes aegypti*, elucidando assim a forma de propagação da doença. Por meio de suas experiências, Lutz confirmou a teoria havanesa e negou a teoria Sanarelli. RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *op. cit.* p.37 e 41.

¹⁸⁵ Uma carta da Empresa Mercúrio de Marcas e Patentes Ltda, relata o registro da patente Casa da Boia para seu uso exclusivo em correspondência e materiais propagandísticos pelos próximos 15 anos a contar da data de 06/06/1939. Acervo Casa da Boia.

materiais sanitários tais como sifão, boia para caixa d'água, canos e caixas de descarga.¹⁸⁶

FUNDIÇÃO DE METAIS	
Empresa	Cidade
Alegria & C	Rio de Janeiro
Comp. Mc. Hardy	Campinas
F. Amaro	São Paulo
F. Lebre	Rio de Janeiro
Felismino Soares & C	Rio de Janeiro
Fundição do Braz	São Paulo
Hime & C. (Empreza Progresso)	Rio de Janeiro
Justino Alegria & C	Rio de Janeiro
Kobler & C	Rio de Janeiro
L. B. d'Almeida & C. (sucessores de Marau, Ferreira & C)	Rio de Janeiro
Rizkallah Jorge	São Paulo
The Brazilian Coal Company, Limited.	Rio de Janeiro

Tornearias	
Empresa	Cidade
Vianna & Silva	Rio de Janeiro
J.F. Couto (Officina Modelo)	Rio de Janeiro
Rizkallah Jorge	São Paulo

Nickelagem	
Empresa	Cidade
Franklin, W. Hatch	São Paulo
Rizkallah Jorge	São Paulo

* Dados do Almanach Industrial Rio de Janeiro e São Paulo, de 1905.
Sistematização Renata Geraissati Castro de Almeida (disponível e visualizado)

Para se compreender a relevância da Rizkallah Jorge Cia. ser um dos poucos locais que comercializavam estes itens, o trecho da *Cyclopedia of Architecture, Carpentry and Building*,¹⁸⁷ de 1908, oferece um bom panorama:

¹⁸⁶BERNHOF, Renato; MARTINEZ, Chris. **Empresas brasileiras centenárias**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2011.

¹⁸⁷Cyclopedia of Architecture, Carpentry and Building. Chicago: American School of Correspondence, 1908.

Houve um período em que as instalações sanitárias, incipientes em comparação com o presente, foram consideradas supérfluas. Sob as atuais visões e condições do viver, podemos com propriedade considerar esses luxos de outrora como necessidades reais, luxos que impediram o crescimento de outros equipamentos que eram considerados essenciais até então. Encanamento, portanto, nem de fato, ou em opinião, uma questão de mero luxo para os ricos e delicados, mas é, antes, um importante tópico para os interesses salutarés, de um lado e de perspicácia nos negócios, de outro (...).¹⁸⁸

Neste período os materiais sanitários eram necessários e o interesse na sua aquisição se dava tanto no âmbito privado, para propiciar que as residências seguissem os padrões de salubridade que eram postulados pelos saberes técnicos do momento,¹⁸⁹ quanto pelo poder público, que visava equipar a cidade com obras pluviais. Por meio de um levantamento efetuado em jornais foi possível identificar a repercussão que os objetos vendidos pela empresa de metais tiveram para a municipalidade de São Paulo, uma vez que houve uma enorme incidência das negociações entre ambos:

Jornal	Data	Venda
O Estado de São Paulo	04/09/1910	6\$000 a Rizkallah Jorge; (...) pelos materiais fornecidos para as obras de quinta delegacia.
O Estado de São Paulo	04/09/1910	28\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos dados para obra do prédio n. 1 da rua do Carmo
O Estado de São Paulo	09/09/1910	8\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos á Repartição de Aguas e Exgottos
Correio Paulistano	20/03/1903	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Interior e da Justiça: (...) 431\$318, a Rizkallah Jorgi;
Correio Paulistano	06/07/1910	Actos Officiaes - de 444\$ a Rizkallah Jorge
Correio Paulistano	30/07/1910	Actos Officiaes - de 420 a Rizkallah Jorge
Correio Paulistano	07/08/1910	90\$000 a Rizkallah Jorge por fornecimentos a Repartição de Águas.
Correio Paulistano	04/09/1910	Actos Officiaes - 6\$000 a Rizkallah Jorge; (...); 18\$500 a Rizkallah Jorge; (...); de 28\$ a Rizkallah Jorge

¹⁸⁸ “There was a time when sanitary conveniences, crude in comparison with the present, were considered mere luxuries. Under the present views of life and the conditions of living, we may with greater propriety consider these erstwhile luxuries as actual necessities, though they are often luxurious to a degree that dwarfs into insignificance other appointments which even then were granted to be essentials. Plumbing is, therefore, neither in fact nor in opinion, a matter of simple luxury for the rich and delicate, but is, rather, an important subject of deep salutary interest on the one hand and of business acumen on the other (...).”
Idem, p. 8.

¹⁸⁹ A introdução dos primeiros banheiros na Inglaterra, em 1810 ofereceu aos moradores das cidades um conveniente e aparentemente mais sanitário - método de descarte de dejetos humanos. MELOSI, Martin Victor. **The Sanitary City: Environmental Services in Urban America from Colonial Times to the Present**, Abridged Edition. Pittsburgh, Pennsylvania, University of Pittsburgh Press, 2008.p. 40.

Correio Paulistano	14/09/1910	1:158\$810 - A Rizkallah Jorge
Correio Paulistano	08/10/1910	Actos Officiaes - De 18\$, a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	12/10/1910	Secretaria da Fazenda - Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura: (...) de 91\$000, a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	14/12/1910	Secretaria da Fazenda - Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura: (...) de 728 a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	01/01/1911	Autorização do pagamento pelo secretário de Agricultura, de 7\$500 à Rizkallah Jorge
Correio Paulistano	03/01/1911	Actos Officiaes - 40\$ a Rizkallah Jorge
Correio Paulistano	08/01/1911	Actos Officiaes - de 304\$470, a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	09/02/1911	Actos Officiaes - de 249\$000, a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	28/10/1911	A requisição da Secretaria de Agricultura foram autorizados os seguintes pagamentos: (...) de 99\$300, a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	22/12/1914	De 160\$000 a Rizkallah Jorge pelo fornecimento de balanças à Inspectoria de Fiscalização ,em outubro;
Correio Paulistano	29/03/1922	Secretaria da Fazenda (...) Secretaria de Agricultura (...) fornecimentos feitos a Repartição de Aguas (...) Rizkallah Jorge 16\$
Correio Paulistano	20/09/1924	Secretaria da Fazenda - Secretaria de Agricultura (...) a Rizkallah Jorge, 1:795\$200:
Correio Paulistano	12/03/1927	Secretaria de Agricultura: Rizkallah Jorge,217\$100;
Correio Paulistano	14/04/1927	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura: (...)Rizkallah Jorge, 60\$000;
Correio Paulistano	07/07/1927	Expedientes das Secretarias de Estado - Policia do Estado - Prefeitura e Câmara Municipal - Rizkallah Jorge, 2:250\$
Correio Paulistano	29/07/1927	56\$ a Rizkallah Jorge - Av. n. 7488;
Correio Paulistano	05/08/1927	Secretaria de Agricultura : avisos de expedidos à Fazenda em 3 de agosto de 1927 - de 72\$700 a Rizkallah Jorge-aviso nº 7575
Correio Paulistano	16/09/1927	Da Secretaria de Agricultura (...) de 714\$100, a Rizkallah Jorge; (...) de 198\$300 a Rizkallah Jorge;
Correio Paulistano	30/12/1927	Secretaria da Fazenda - Viação:(...) Rizkallah Jorge 1:117\$
Correio Paulistano	10/08/1928	26\$ a Rizkallah Jorge - Aviso 4.662.
Correio Paulistano	10/10/1928	Secretaria da Viação - 26\$ a Rizkallah Jorge - Aviso 4.662.
Correio Paulistano	04/06/1929	Pagamentos Requisitado - 366\$600 a Rizkallah Jorge,

		aviso nº 2625.
Correio Paulistano	21/08/1929	Secretaria da Viação - 200\$ a Rizkallah Jorge (Aviso 3096);
Correio Paulistano	01/09/1929	Pagamentos Requisitado em 31 de agosto de 1929 - 13\$500 à Rizkallah Jorge. Aviso nº 32213
Correio Paulistano	22/09/1929	Serviços e Fornecimentos Feitos a Rep. De Aguas em fevereiro, março e junho últimos - 10\$000 Rizkallah Jorge (Aviso 3111)
Correio Paulistano	07/02/1930	Actos Officiaes - 367 - Rizkallah Jorge - Pagamento - 63\$000

Apesar de essas ordens de pagamentos indicarem apenas os valores devidos por parte da municipalidade ao comércio de Rizkallah Jorge, em seu acervo pessoal, consta uma Nota Fiscal, fornecida ao município, que pode ser um indicativo de quais foram possivelmente os itens encomendados. A nota se refere às obras do Gymnasio do Estado, situado na Rua Frederico Alvarenga, 1. Nela constam:

Pedido. nº 153.

19 e 1/2 Kilos (4,00) cano de chumbo de 2"	a 2\$-
	39\$000
3 Syphões de chumbo de 2"	a 4\$500
	13\$500
7 Syphões de metal nick. de 1 1/2"	a 30\$
	210\$000
6 Torneiras boia de 1/2" p/ caixas de descarga de fº gº	a 4\$500
	27\$000
3 Ralinhos de cobre de 4"x2" p/banheiros a	3\$500
	10\$500
	300\$000
	Desconto 3%
	9\$000
	291\$000. ¹⁹⁰

Um ponto fundamental para se compreender a trajetória deste comércio e indústria está relacionado às tradições da cultura dos sírio-libaneses, como para outras nacionalidades que afluíram ao Brasil, a família assume um papel central, tanto na vida dentro da casa, como no mundo dos negócios. Logo, a economia familiar desempenha um papel de relevante nas fases iniciais destas empresas, considerando que nos momento iniciais os negócios dependem deste núcleo. Oswaldo Truzzi destaca que “organizar a família para cooperar e sobreviver moldou a entrada do imigrante na nova

¹⁹⁰ Acervo Casa da Boia, 28/02/1931.

sociedade. A célula familiar permaneceu o modo tradicional de compreender e de ordenar a vida”.¹⁹¹ Logo, grande parte do sucesso dos empreendimentos da colônia sírio-libanesa passou por este processo, algo passível de ser reconhecido também na administração da Casa da Boia, levando-se em consideração que os filhos de Rizkallah sempre trabalharam e frequentaram a loja, e se tornaram sócios em 1939.

Contracto Comercial da Firma Rizkallah e Jorge e Filhos - "Casa da Boia"
São Paulo

Rizkallah Jorge, brasileiro naturalizado, comerciante matriculado, estabelecido nesta praça, e seus filhos Jorge Rizkallah Jorge, Nacib Rizkallah Jorge e Salim Rizkallah Jorge, brasileiros natos e infra assignados, todos domiciliados nesta capital, respectivamente: Av. Paulista 2371, Av. Paulista 2371, Rua Bella Cintra, 1233 e Av. Paulista 2371; de commum accordo e melhor forma de direito, resolveram entre si organizarem uma sociedade solidaria, o que fazem, mediante as clausulas e condições seguintes:

1º A sociedade tem por objecto a industria e o commercio metalurgico e affins e o mais que convier, com sede social e officinas nesta praça, a rua Florêncio de Abreu, nº11, com a denominação "CASA DA BOIA" e foro juridico o desta Comarca;

2º A duração da sociedade é por tempo indeterminado a contar do primeiro de Janeiro do anno de 1939;

3º O capital social é de 400:000\$000 (Quatrocentos contos de réis) para a integralização do qual cada um dos sociais contribuem com a igual importancia de 100:000\$000 (cem contos de réis).

4º A sociedade girará sob a razão social de RIZKALLAH JORGE E FILHOS, da qual farão uso todos os socios, indistictamente, mas somente em negócios e documentos do exclusivo interesse da sociedade, sendo expressamente vedado o uso ou emprego da razão social, sob pena de nulidade, em fianças, avaes, acceites, endossos de documentos de credito e cambiarios, e em quaesquer negociações extranhas á sociedade e sua finalidade;

5º A superintendencia geral da sociedade, cabe privativamente ao socio Rizkallah Jorge, cabendo aos demais socios as seguintes atribuições: Ao socio Jorge Rizkallah Jorge, cabe a direcção do estabelecimento commercial, a gerencia do armazem e a loja, em tudo quanto se relacione com esse departamento, controlando o stock de mercadorias, seus preços, dirigindo e controlando o corpo de empregados internos e seus vendedores na praça ao serviço da sociedade, as compras e as vendas de mercadorias e respectivas entradas e saídas e representará a sociedade em juizo e fora delle; Ao socio Nagib Rizkallah Jorge, cabe a direcção technica da parte industrial em tudo quanto se relacione com esse departamento social; Ao socio Salim Rizkallah Jorge, finalmente, cabe a direcção do escriptorio e respectiva scripturação commercial da sociedade, em cujas attribuições e encargos, os socios se substituirão mutuamente, notadamente nas eventuaes ausencias e impedimentos transitorios de cada um; attribuições e encargos que deverão ser desempenhados de commun e inteiro accordo entre socios;

(...)

10º Em caso de divergencia entre os socios estes terão que obedecer e acatar as decisões do socio principal o Snr. Rizkallah Jorge que desde já é designado como arbitro unico para todas as questoes que surgirem entre os socios. No impedimento do socio Snr. Rizkallah Jorge, serão nomeados pelos

¹⁹¹ TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. IN: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. A imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 330.

socios querellantes, dois arbitros resolverão a pendencia; e se estes não concordarem entre si, será convocado um terceiro desempatador que solucionará o caso e cuja decisão caberá a ambas as partes em letigio, sem recurso algum;

E por se acharem assim, de perfeito accordo, obrigam a si e por seus herdeiros a cumprir fielmente este contracto e assinam com duas testemunhas, a tudo presentes, lavrando-se cinco vias de igual teor (...) das quaes uma será archivada na Junta Commercial.¹⁹²

Por todos os fatores mencionados anteriormente, tanto o fundador, como a Casa da Boia, enquanto lócus comercial adquiriram notoriedade na cidade de São Paulo. Um elemento que demonstra esta questão está presente em um recorte de jornal arquivado no acervo da Casa da Boia. A matéria aponta que:

Rizkallah Jorge (...) E' mais um grande luctador que São Paulo conta entre os seus industriaes. O sr.Rizkallah Jorge é perito em todos os artigos que sahem de suas bem montadas officinas. Tudo que diz respeito a fundição, tornearia e nickelação elle executa com uma maestria inegualavel: alambiques, bombas, chuveiros, balanças, medidas, etc., são procurados de preferencia em sua casa e principalmente torneiras de qualquer feitio, pois é nesse artigo que elle revelou-se unico especialista em sua fabricação. Pelo bellomostruario que reproduzimos na página anterior vê-se que este dedicado industrial tambem concorreu ao grande certamen nacional expondo os magnificos trabalhos das suas correctasofficinas. Lá sem duvida saberão premiar com justiça a sua louvavel dedicação.¹⁹³

Os documentos que fazem referência ao comércio propiciam assinalar que havia uma grande preocupação com a qualidade dos produtos ali negociados, demonstrando que não era apenas o aspecto técnico e o cumprimento satisfatória do sua função que se colocavam como aspectos relevantes no fabrico destes artefatos, havia nos objetos ali comercializados uma dimensão de artística envolvida. Contata-se que os ofícios ligados à infraestrutura também eram considerados como misteres artísticos, o encanamento era abordado pela *Cyclopedia* como sendo "a arte de colocar nos edifícios canos e outros aparatos usados para a introdução do abastecimento de água e na remoção do resíduo contaminado".¹⁹⁴

Especificamente na trajetória do comércio, este caráter de arte pode ser associado ao fato de seu proprietário sempre buscar inscrever seus produtos em vitrines nas feiras e exposições que avaliavam o *design* e a qualidade dos objetos. As

¹⁹²Acervo Casa da Boia, Contrato de Sociedade, 1939.

¹⁹³Recorte de Jornal, Acervo Pessoal Casa da Boia.

¹⁹⁴*Cyclopedia of Architecture, Carpentry and Building*. Chicago: American School of Correspondence, 1908.p.2.

premiações recebidas foram um importante reconhecimento a esta iniciativa, e foram também exploradas em termos propagandísticos.

As publicações de divulgação do local, concedem destaque a seu fundador, abordam também os prêmios recebidos pelo mesmo tanto na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, ocorrida entre agosto e novembro de 1908, onde se exibiram produtos naturais e manufaturados, oriundos dos principais Estados brasileiros, quanto na Feira Internacional de Turim, que teve como temática o trabalho e a indústria, atraindo participantes do mundo inteiro, inclusive do Brasil, sendo um espaço oportuno para a divulgação de empresas e produtos, propiciando o desenvolvimento de negócios.

A revista *Commercio e Industria* e um recorte, cuja autoria e publicação não foram passíveis de identificação, ilustram a utilização destas premiações em um caráter propagandístico. Este recorte contém a foto de Rizkallah e traz a seguinte mensagem fazendo menção ao prêmio de Turim:

Casa da Boia, (...) Grande fabrica de artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, exgostos; arandellas e lustres para luz electrica. Premiada com o grande premio na Exposição nacional de 1908 - Medalha de ouro - Exposição de Turim 1911.¹⁹⁵

Na edição de 09 de abril de 1911, o jornal *Correio Paulistano* trazia em detalhes as características da vitrine apresentada pela Casa da Boia, mostrada na imagem 12:

Rizkallah Jorge, mostruário de embuya com frisos de "erable", em forma de quadro, forrado de velludo "grenal", com todos os productos de latão, cobre e outros metaes, dourados e nikelados, para agua e gaz. Assenta em cavallette da mesma madeira.¹⁹⁶

Afora ter sido premiado nessas duas exposições, existem alusões da participação do comércio em outros eventos dessa natureza. O jornal *Correio Paulistano* também publicou notícias que faziam referência a presença do comércio em outras feiras:

Conforme já noticiamos, realiza-se no proximo mez de setembro uma grande exposição de productos industriaes, promovida pelo sr. Dr. Washington Luis, prefeito da capital. Esse importante certamen será effectuado no Palacio das Industrias, em construção, o qual teve para esse fim as sua obras adeantadas. Damos a seguir a lista dos industriaes que já se inscreveram para a util exposição: (...) Casa da Boia- Rizkallah Jorge- Grande Fábrica de Artefatos de metal para encanamento de agua, gaz, exgoto, arandellas, e lustre para luz elétrica.¹⁹⁷

Em 1930, há também a notícia da inscrição por parte de Rizkallah Jorge de um mostruário com objetos relacionados ao serviço sanitário na Exposição Internacional

¹⁹⁵ Recorte de Jornal, Acervo Pessoal Casa da Boia.

¹⁹⁶ *Correio Paulistano*, Exposição de Turim, 09/04/1911.

¹⁹⁷ *Correio Paulistano*, Exposição Industrial, 17/08/1917.

de Antuerpia: “o Brasil, se prepara, neste momento, com a representação de seus produtos, naturaes e manufacturados, São Paulo não poderia ficar indiferente ante esse importante certamen e nelle figurará dum modo brilhante”.¹⁹⁸



Figura 10- Diploma de Recebimento de Medalha de Ouro.
Fonte: Arquivo Casa da Boia.



Figura 11- Sifão comercializadas no local.
Fonte: Arquivo Pessoal Casa da Boia.

¹⁹⁸Correio Paulistano, Antuerpia: a representação de São Paulo no grande Certamen, 11/02/1930.



Figura 12- Mostruário Premiado nas Exposições.

Fonte: Arquivo Casa da Boia.

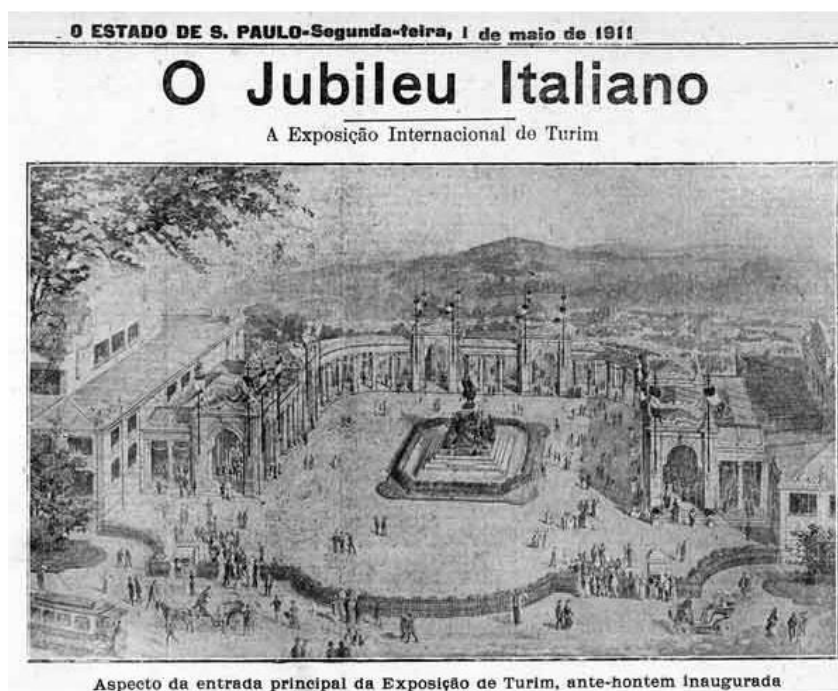


Figura 13- Reportagem sobre Exposição de Turim.

Fonte: Arquivo Digital O Estado de São Paulo.

Este envolvimento em diversas feiras, associado ao fato de ter sido premiado foi utilizado no material gráfico utilizado na Casa da Boia. A figura abaixo é o recorte de uma carta preservada no Acervo da Casa da Boia, nela é possível compreender a utilização de diversos elementos que caracterizam a identidade deste comércio, entre elas destacam-se a menção da premiação nas duas exposições, e o enorme destaque dado ao nome do proprietário, bem como a figura do objeto que deu fama ao local. O edifício também é salientado, e em sua composição imagética é possível avistar uma chaminé com fumaças, representando possivelmente o caráter de produção industrial do local, e demonstrando sua contribuição para o “progresso” da cidade.



Figura 14- Carta de pagamento de serviços advocatícios.

Fonte: Arquivo Casa da Boia.

2.3 - INTERCÂMBIO PROFISSIONAL:

EUROPEUS NA PRODUÇÃO DOS ARTEFATOS SANITÁRIOS

Como já mencionado acima, havia uma evidente atenção direcionada à qualidade técnica dos produtos comercializados na Casa da Boia, uma das vertentes dessa preocupação fez com que Rizkallah Jorge contratasse funcionários europeus para modernizar, otimizar e ensinar a fabricação de alguns objetos em sua indústria. O artesão desejava que sua produção estivesse de acordo com o que era feito nos locais considerados precursores no desenvolvimento das técnicas sanitárias, entre eles, a

Inglaterra.¹⁹⁹ Sendo assim, o empreendedor contratou o puchador Grosze Nipper, para trabalhar por um período de dois anos, por doze mil réis por dia. Entre as cláusulas contratuais, pode ser destacado que Nipper deveria se comprometer a não faltar ao trabalho, a não ser em caso de doença, sendo seu ordenado diário descontado se alegasse outro motivo, ademais, se fosse constatado que este nos dias em que tivesse faltado havia trabalhado em outra fábrica, seria imputada uma multa por rescisão do contrato. O contrato ainda descreve qual deveria ser a produção diária do funcionário:

Grosze Nipper para garantia deste contracto, deixará em poder de Rizkallah Jorge a importancia total dos ordenados do primeiro mez que trabalhar quantia esta que ficará em poder de Rizkallah até o vencimento deste contracto, sendo então restituída na totalidade a Nipper não havendo motivo de quebra deste contracto. Caso sejam em parte ou na totalidade quebradas as clausulas deste contracto por Nipper, fica entendido que a quantia referida nesta clusula fica pertencendo a Rizkallah Jorge como multa por quebra de contracto e Nipper não terá o direito de reclamar a mesma. Nipper quando tiver de repuchar boias compromette-se a repuchar 10 a 12 duzias destas de 1/2" por dia, e sendo chuveiros repuchar 45 a 50 destes por dia. Nipper obriga-se ainda, a trabalhar com toda a seriedade na casa, faser o possivel para o bom andamento do trabalho e terá para o serviço mais facil um ajudante o qual fará todo o serviço como: recoser e cortar chapa, furar chuveiros e limpar conhas de balanças e mais serviços conforme o mesmo for ganhando pratica. Nipper obriga-se a ensinar o dito ajudante de modo que o mesmo fique habilitado a faser qualquer trabalho de repuchador durante o praso deste contracto.²⁰⁰

O alemão Wilhelm Lusting foi mais um dos funcionário contratados. Em 1912, assinou um contrato confirmando que pelo período de dois anos, se comprometeria a melhorar o setor de fundição. Seu ordenado seria de 450 mil réis, no primeiro ano, e 500 mil réis, no segundo e, em troca, o mesmo se pactuava a:

obriga-se na qualidade de mestre de fundição, a prestar seus serviços com todo o zelo e inteligencia, tratando de melhorar a da fundição, tanto na moldagem, quanto na preparação das ligas de metaes, fornecendo aos fundidores os respectivos modelos, conservando estes em boa ordem e concertando-os quando estiverem estragados e fasero estrados para a moldagem rapida das caixas. Obriga-se, além disso, a ensinar os meninos a desempenhar os diversos misteres referentes a fundição, a ensinar os moldares a moldar com perfeição e rapidez, a concertar o forno e conserva-lo em perfeito estado de funccionamento, enfim, a tomar inteira responsabilidade da secção "Fundição" tanto no que diz respeito ao pessoal

¹⁹⁹MELOSI, Martin Victor. **The Sanitary City: Environmental Services in Urban America from Colonial Times to the Present**, Abridged Edition. Pittsburgh, Pennsylvania, University of Pittsburgh Press, 2008.p. 24.

²⁰⁰Acervo Casa da Boia.

como do que compreende os materiaes e utensilios, dirigindo-os com economia e seguindo a direcção e orems do proprietario contractante.²⁰¹

Verifica-se que assim como Nipper, Lusting também se comprometeu a ensinar a outros funcionários os misteres referentes à fundição. Ainda constam os documentos relativos ao inglês Frank Edney de Rookery Road, Randsworth, que foi contratado para trabalhar como superintendente das máquinas por um ano na “fábrica de torneiras de latão para água, vapor e gaz e outros artigos semelhantes” em julho de 1912, comprometendo-se a empenhar todo seu conhecimento e experiência para promover os interesses de seu patrão. Já Rizkallah Jorge se comprometia a:

2) O patrão pagará o custo da passagem do empregado na segunda classe de um vapor e terceira de caminho de ferro de Birmingham a São Paulo, de ida e volta na terminação d'este contracto. Caso queira voltar

3) Um ordenado à razão de 9 libras por mez, sera pago ao empregado do dia de sua saída de Southampton até à chegada a Santos, e um ordenado de (não legível) por mes lhe sera pago durante o restante tempo d'este contracto.²⁰²

Depois de um mês trabalhando na fábrica de Rizkallah o funcionário inglês escreveu uma carta para seu patrão relatando os equipamentos que fabricou neste período, também escreveu que não seria mais possível continuar trabalhando pelo prazo de um ano como era inicialmente previsto, por motivos externos a sua vontade:

Eu estava muito doente para terminá-las. Eu tive de deixar a fábrica, e ir para a cama, depois disso eu ainda me sinto incapaz de trabalhar duro neste clima. Eu tentei muito, porém minha saúde esta indo contra mim e me impondo voltar para casa. Se você me emprestar o dinheiro eu irei pagá-lo depois que chegar em Birmingham.²⁰³

Além dos contratos firmados com estes três funcionários europeus, ainda constam papéis tratando do pagamento dos custos de viagem e dos ordenados mensais de um quarto funcionário estrangeiro que chegou ao Brasil no ano de 1913. Apesar de nos documentos do Acervo da Casa da Boia constar apenas informações relativas a estes funcionários europeus, jornais da época também comprovam que Rizkallah Jorge abrigava patrícios em seu quadro. Alguns episódios de acidentes de trabalho ocorridos no local foram noticiados retratando a presença de sírios:

O operario Raggi Saher, syrio,de 23 annos de edade, morador á rua Anhangabahu, quando trabalhava hontem, ás 4 e meia da tarde, nas officinas mechanicas da "Casa da Boia", á rua Florencio de Abreu, recebeu

²⁰¹ Acervo Casa da Boia. Contrato. 1912.

²⁰² Acervo Casa da Boia, 07/1912.

²⁰³ Acervo Casa da Boia, carta em inglês de Edney, 1912.

queimaduras de primeiro e segundo graus nos pés, no thorax, e nos membros superiores, produzidos por uma fusão de liga de varios metaes. Chamada a Assistencia compareceu o medico sr. dr. Carvalho Braga, que prestou soccorros á victima.²⁰⁴

Há, também, notícia de um episódio, envolvendo outro funcionário de nacionalidade síria:

Foi hontem pela manhã victima de um desastre o mechanico syrio Jorge Hamid, de 25 anos de idade, residente á rua Florencio de Abreu, n.90. Hamid, na occasião em que trabalhava nas officinas da "Casa da Boia", estabelecida à mesma rua foi colhido por uma engrenagem de machina, soffrendo o esmagamento do dedo indicador da mão direita. À Assistencia prestou-lhe os devidos soccorros.²⁰⁵

Outro acidente ocorrido no local também foi notícia do Jornal Correio Paulistano, porém a nacionalidade do indivíduo não foi revelada, provavelmente, sendo este brasileiro:

Cerca das 10 horas de hontem deu-se uma lamentavel ocorrencia na fabrica de calçados de Jorge Rizkallah, à rua Florencio de Abreu, 11. O operario Alexandre João, tendo sido apanhado pelo esmeril da machina com a qual trabalhava, ficou como ante-braço direito completamente esmagado. O infeliz operario tem 45 annos de idade, é solteiro e reside á rua Florencio de abreu n. 94.²⁰⁶

A Casa da Boia foi, sem dúvida, a principal atividade desenvolvida por Rizkallah e foi por meio do retorno financeiro que ela lhe forneceu, uma vez que o comércio passava por um momento de franca expansão em decorrência do aumento populacional, que Tahan pode diversificar suas aplicações para diversos setores, como atividades imobiliárias e importação e exportação de cargas. A escolha pelo investimento nesses ramos se deu pelo contexto urbano da capital paulista.

2.4 - RECONFIGURANDO O RETRATO DA PAULICÉIA:

A ATUAÇÃO DO IMIGRANTE SÍRIO-LIBANÊS NO TECIDO URBANO

Quando Rizkallah Jorge chegou à capital, o ambiente paulista já havia passado por remodelações que visavam sua modernização. Estas ocorriam desde o último quarto do século XIX, procurando tornar, de fato, a capital o centro regional, econômico e comercial de São Paulo. As modificações haviam se dado na difusão de novas fontes de energia, técnicas produtivas, transportes e comunicações e buscavam atrair para a

²⁰⁴Correio Paulistano, 19/09/1913.

²⁰⁵Correio Paulistano, Accidente no trabalho, 15/08/1918.

²⁰⁶Correio Paulistano, Desastres e Ferimentos. 19/01/1916.

cidade de São Paulo os setores enriquecidos, principalmente os ligados ao café que se encontravam dispersos pelo interior, foi principalmente neste momento que muitos fazendeiros se estabeleceram na capital.

As modificações pelas quais passou a cidade neste período ocorreram para responder às novas necessidades que haviam surgido nesta nova sociedade moderna. Portanto, entre fins do XIX e início do século XX uma série de projetos foi pensada para o espaço urbano paulistano, tendo por objetivo cosmopolitizar a capital. O autor Candido Malta Campos Neto, identifica e analisa estes projetos de modernização e as realizações do urbanismo paulistano desde o fim do Império até os anos 1940. A principal característica que se pode apreender deste contexto é a disputa que há em torno dos projetos que iriam ser implantados, portanto, a transformação do ambiente não se deu de forma consensual.

Diversos autores destacam que a preocupação com a modernização urbanística se inicia sob o governo de João Theodoro,²⁰⁷ sendo este o primeiro momento que se viu uma preocupação com o aspecto urbano e com o potencial de crescimento da capital. Theodoro possuía um programa que buscou remodelar os espaços públicos tornando-os mais atraentes, como foi o caso da várzea do Carmo, que após drenada, se tornou um passeio público. Após a administração de João Theodoro os processos de modernização tiveram continuidade com os futuros prefeitos. Porém, apenas com Antônio Prado que as ideias de João Theodoro se instalarão de maneira irrefutável em São Paulo: o objetivo de ambos era bastante similar, criar na zona central uma área de destaque.

Na administração de Antônio Prado o “núcleo histórico”, lindeiro à área fundacional da cidade, funcionou como centro comercial e de serviços, abrigando um acúmulo de funções, tais como, de troca, comando e institucionais²⁰⁸. Para Candido Campos, as duas administrações buscavam por meio do estabelecimento de uma centralidade na capital, construir um elemento de dominação, mostrando, assim, a pujança de São Paulo a principal cidade da região mais produtiva do país.

Visando abastecer o centro com todas estas funções listadas acima, se instalaram na cidade grandes empreendimentos e negociantes, restaurantes luxuosos, confeitarias,

²⁰⁷ CAMPOS, Candido Malta. **São Paulo, Metrópole em Transito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 56.

²⁰⁸ CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. cit., p. 99.

cinemas, hotéis, lojas e outras atrações que não eram encontrados facilmente, na cidade de outrora, além de uma grande quantidade de pobres, que constituía a outra cena da cidade em “desenvolvimento”.²⁰⁹ Para além da inauguração de novos empreendimentos, a partir de 1910 os edifícios públicos da região passaram por uma reformulação e ampliação com a instalação de novos órgãos públicos nos terrenos adquiridos pela municipalidade. Porém, o aspecto da monumentalidade não se restringiu apenas a estas edificações; as obras particulares também buscaram atingi-la. Para Pereira, a monumentalidade “serve bem como índice cultural e econômico da valorização moral e monetária da propriedade urbana.”²¹⁰ A valorização do “centro” se deu tanto pelos novos empreendimentos ali instalados, quando pela estética destes, que forçaram o preço da terra para cima, naquele local. Este fato pode ser facilmente identificado na construção dos palacetes de Rizkallah Jorge, que serviam para locação e passaram por algumas ampliações procurando garantir aluguéis mais elevados.

Na década de 1920 a cidade sofreu um novo período de grande urbanização. Naquele momento surgiram projetos de transformação, como o proposto por Ulhôa Cintra e Francisco Prestes Maia, denominado “Plano de Avenidas”, que criou um anel que facilitou a circulação radio-concêntrica em São Paulo. O carro, que já era parte da paisagem da cidade acaba por ser trazido aos círculos técnicos como protagonista do planejamento urbano. Na mesma época, também foram propostos o zoneamento que estabelecia padrões de construção por zonas e um novo Código de Posturas, que pautou a maioria das edificações de Rizkallah Jorge, uma vez que é nas décadas de 1920 e 1930 que ocorreu sua maior atuação no ramo imobiliário. O Código de Posturas regulava principalmente as alturas máximas permitidas aos prédios da região central, como também as condições mínimas de ventilação e higiene e de implantação no tecido urbano.

A cidade havia se tornado, na visão de muitos, um canteiro de obras. Maria Cecília Naclério Homem relata que “a capital superava os seus próprios recordes e os das demais cidades brasileiras. Em 1920, as estatísticas registraram 1.875 novas construções, que evoluíram para 3.922, em 1930. Construía-se à razão de uma casa por

²⁰⁹ *ibidem*, p. 117.

²¹⁰ PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habituação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

hora”.²¹¹ Estes números mostram a efervescência que a atividade imobiliária adquirira na capital. Este crescimento resultou em um consequente incremento da urbanização, algo que pode ser mais bem identificado nas imagens a seguir.

Os mapas permitem visualizar a expansão urbana do núcleo central para suas regiões próximas e, assim, sucessivamente. Todas as construções encomendadas por Rizkallah Jorge Tahan estavam localizadas nessa região, ficando claro que mesmo com a expansão, a região central ainda era uma das mais valorizadas na cidade de São Paulo.

Para melhor compreender os locais que estas edificações estavam inseridas, faz-se necessário conhecer os projetos desenvolvidos e como afetaram os espaços em que os seus empreendimentos estavam localizados. As áreas destas edificações eram privilegiadas e estavam em voga no período, sendo estas a Várzea do Carmo e Triângulo Histórico, Anhangabaú e Paulista.

Área Urbanizada

1872

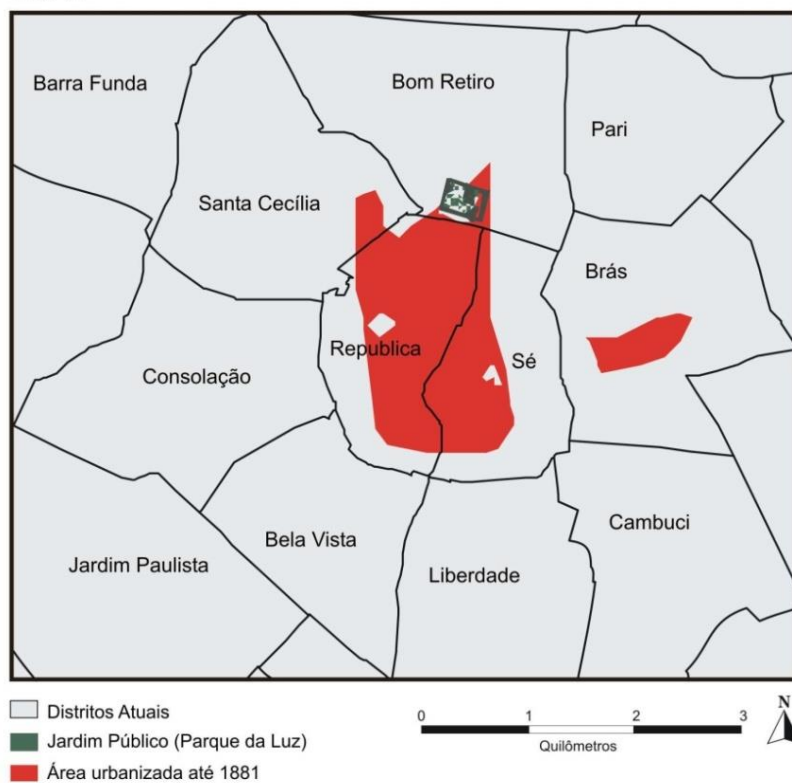


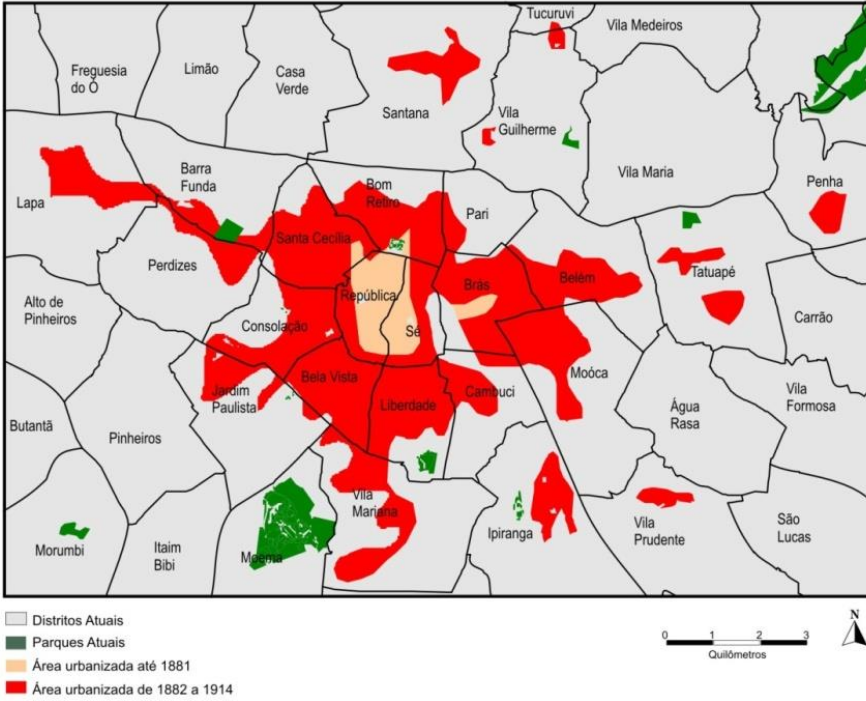
Figura 15- Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.

Fonte: Emplasa.

Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

²¹¹HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História**. São Paulo: Projeto, 1984, p.45.

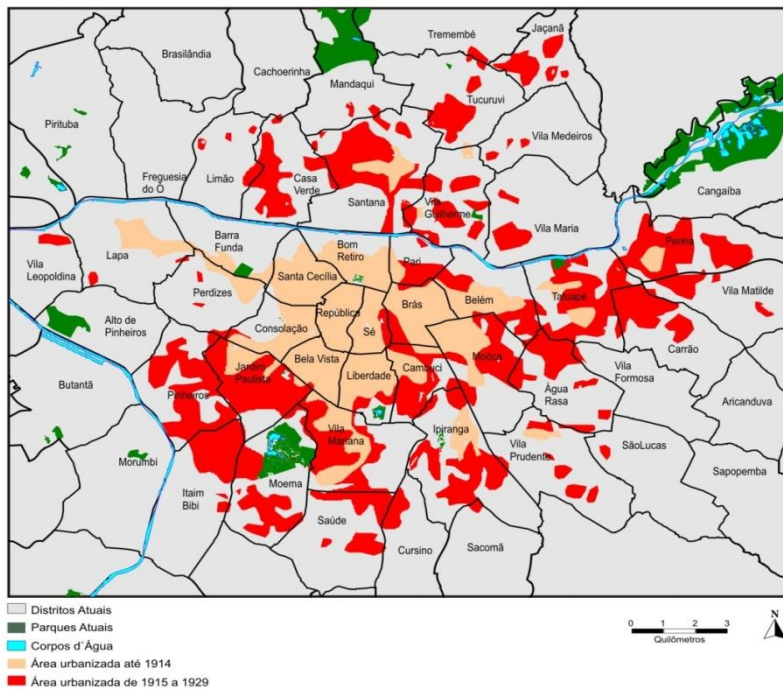
Área Urbanizada
1882/1914



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
 Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Figura 16- Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

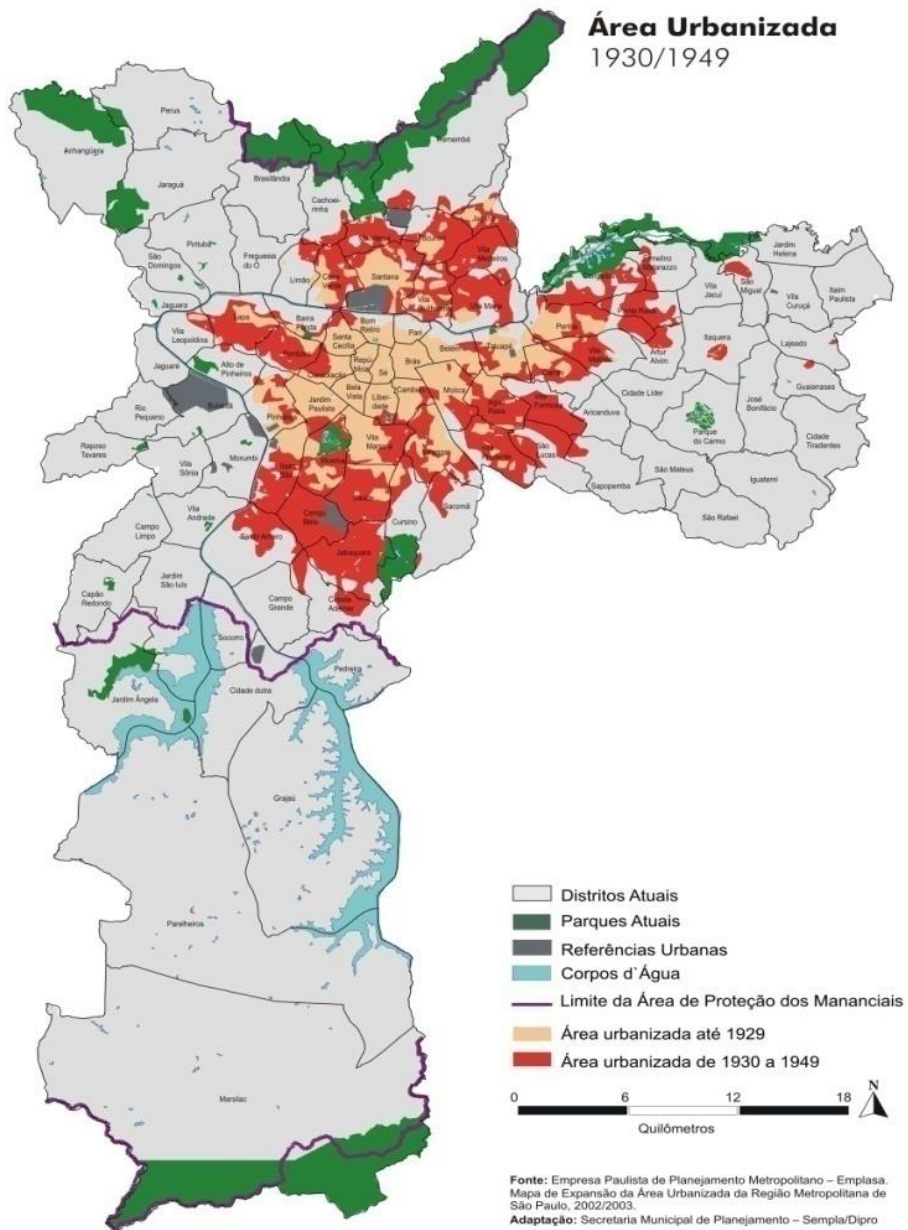
Área Urbanizada
1915/1929



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Figura 17 - Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.

Figura 18 - Mapa da Urbanização da Cidade de São Paulo.
Fonte: Emplasa.



2.5 - MARCOS DE “PEDRA E CAL” :

INSERÇÃO DE SUAS CONSTRUÇÕES

Anhangabaú

Durante a virada do século a região ainda apresentava traços rurais, as casas eram baixas e continham hortas, uma faixa de plantas dividia a paisagem com a estrutura metálica do Viaduto do Chá, projetado por Jules Martin, que foi visto como uma das principais obras do período. Apesar disso, por sua posição geográfica próxima à região central, este espaço será desde o final do período monárquico visto como de enorme potencial paisagístico e urbanístico, principalmente conforme a cidade começava a se expandir.

Tendo em vista este potencial, foram criados projetos tanto paisagísticos, quanto infraestruturais

para

valorizar/valorar

este espaço.

Dentre os projetos

que privilegiavam

o aspecto

paisagístico pode-

se destacar o de

1886 com o

intendente João

Alfredo e o

ajardinamento da

região, que não

foi posto em

prática devido à carência de recursos. Já ligados à infraestrutura temos o projeto de Antônio Carlos da Silva Teles de 1906, que desejava transformar a rua Libero Badaró - até então centro de prostituição e cortiços- em uma “Avenida Central”, demolindo edifícios do lado ímpar do vale do Anhangabaú. Este projeto não foi aplicado, pois os



Figura 19 - Rua Anhangabahú, 1915.

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

proprietários de imóveis do entorno do vale que seriam eliminados perceberam que haveria uma valorização da região e que estes não ganhariam o mesmo valor vendendo seus terrenos para a municipalidade. Portanto, pressionaram o poder público por uma alteração no projeto, fazendo com que este fosse arquivado,²¹²

Apesar destes dois projetos que foram arquivados, outros tantos entraram em prática, como foi o caso do ajardinamento realizado em 1910 que resultou na criação do Parque do *Anhangabahú* e da abertura da Avenida Anhangabaú, projeto de Alcides Martins,²¹³ atual Nove de Julho durante os anos 1930 com o “Plano de Avenidas” na administração de Prestes Maia. Nesta mesma década uma série de grandes prédios começou a surgir nesta região.

Todos estes projetos realizados naquela área, bem como a posição privilegiada em relação ao centro histórico fizeram com que os terrenos passassem a ter uma valorização no mercado imobiliário. Verifica-se que Rizkallah Jorge tentou se beneficiar desta valorização propiciada pelos projetos de melhoramentos, construindo uma série de



Figura 20- Rua Carlos de Souza Narareth, 1951.
Este se tornou o novo nome da Rua Anhangabahú.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

²¹²CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade:** urbanismo e modernização em São Paulo. cit.

²¹³ ibidem. p. 262. “Trecho do projeto para a Avenida Anhangabú entre terrenos da City na versão apresentada por Alcides Martins Barbosa 1928, chefe da Comissão”.

empreendimentos no Anhangabaú e realizando posteriormente ampliações nos mesmos objetivando aumentar seus lucros com os aluguéis.

Tahan encomendou neste local a construção de três palacetes, que foram tombados em 1975, pelo fato de se encontrarem dentro da zona Z8-200. Estes palacetes existem até os dias de hoje e podem ser vistos na rua Carlos de Souza Nazareth, antes chamada de rua *Anhangabahú*. Também sabemos que Tahan possuía outros edifícios neste mesmo endereço. Os projetos detalhados de suas construções no local permitem com que se compreenda sua inserção no mercado imobiliário do período.

O processo datado de 1932 e 1933, pede a substituição de plantas dos projetos já

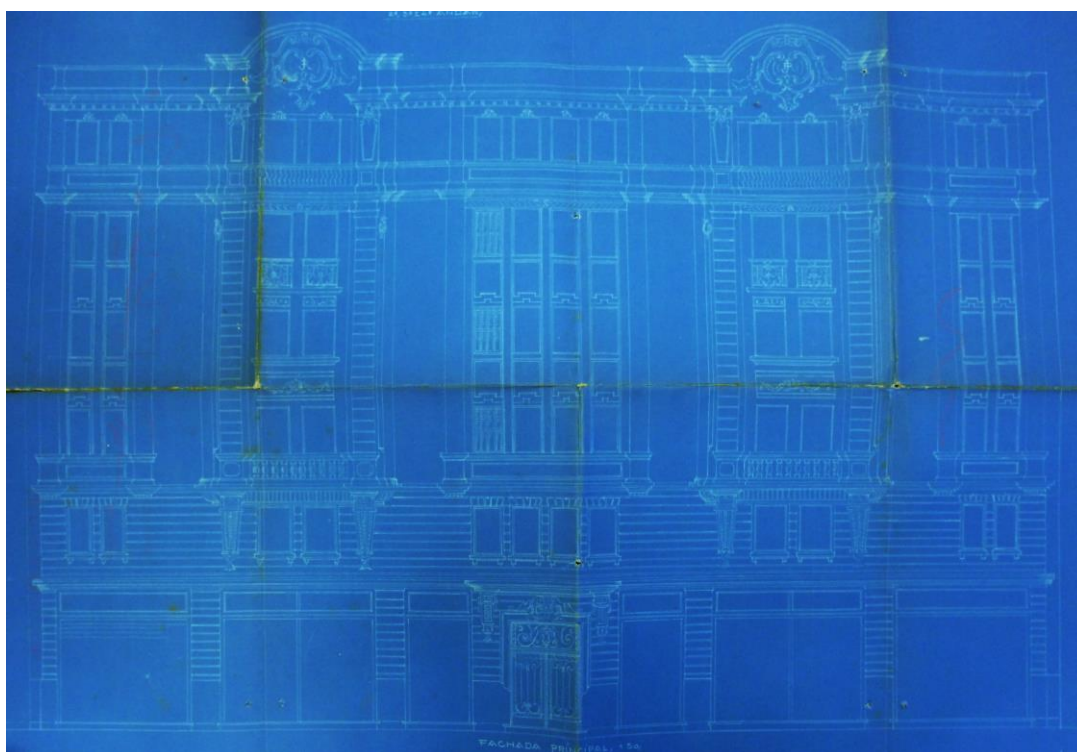


Figura 21 - Desenhos da Fachada Palacete Paraíso.

Fonte: Arquivo do Piqueri.

aprovados para a *rua Anhangabahú*, 11. Pelo número de pisos e pelos ornamentos da fachada, este projeto parece ser referente ao atual Palacete Paraíso. No projeto são previstas a construção com estrutura de concreto armado de um porão, térreo, seis andares e de torre de elevador. Cada andar teria doze apartamentos, totalizando um total de 67 em todo o prédio. O térreo teria seis armazéns que serviriam de lojas.

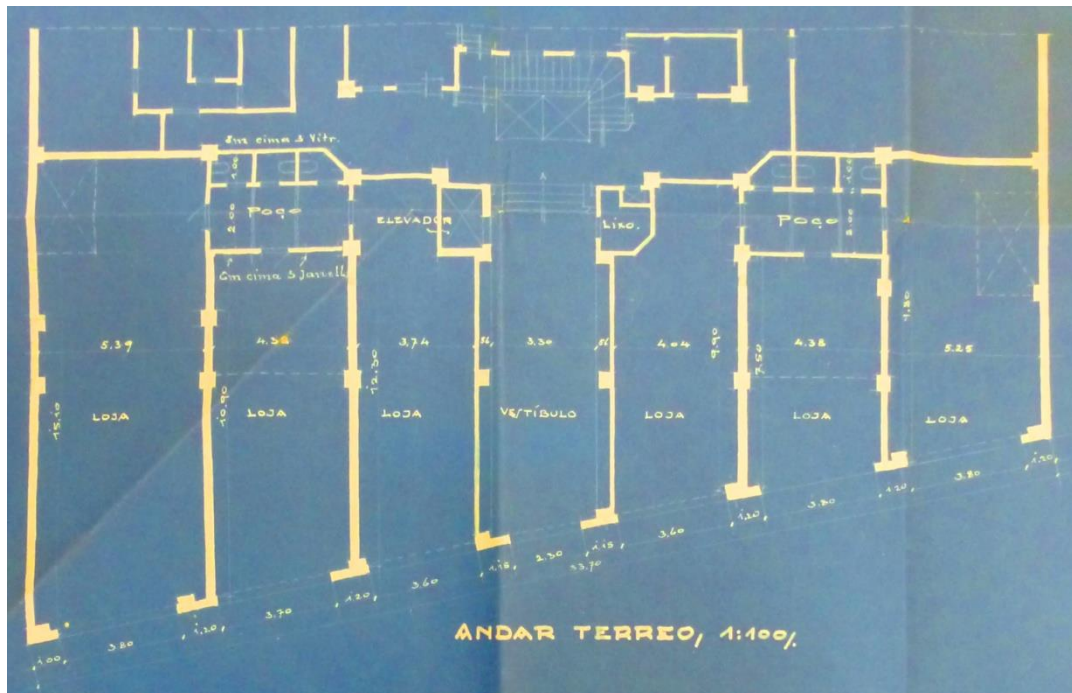


Figura 22 - Planta do 1º ao 5º andar.
 Fonte: Arquivo do Piqueri.

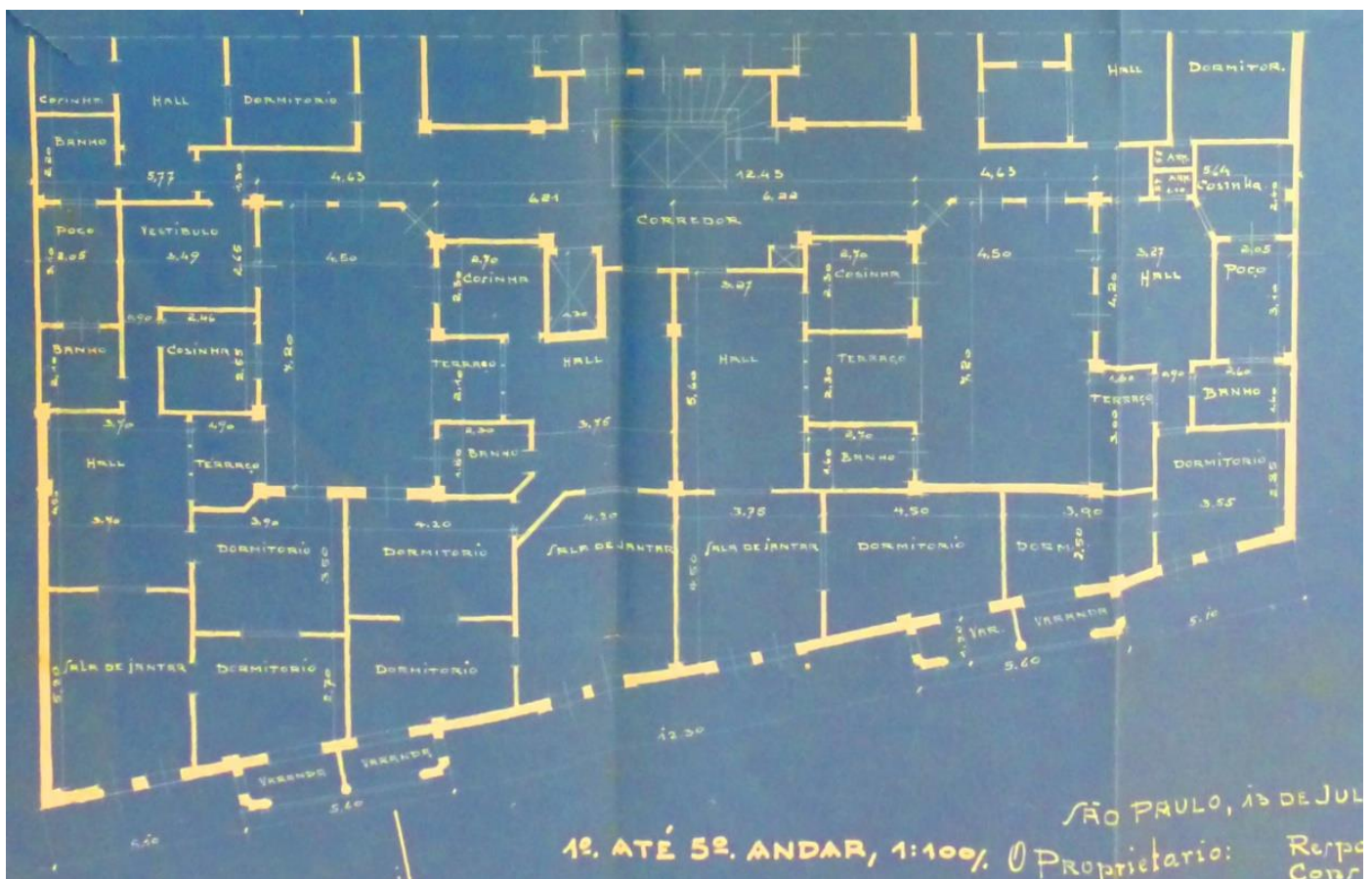


Figura 23 - Planta do andar térreo.
 Fonte: Arquivo do Piqueri.

O Palacete guarda traços da arquitetura eclética e possui elementos que remetem à religiosidade de seu proprietário. “O detalhe mais curioso do Palacete é a decoração do salão de entrada: um nicho com as estátuas de Adão e Eva” e um vitral colorido formam a cena intitulada “o Primeiro Pecado”²¹⁴, cujas autorias são desconhecidas.

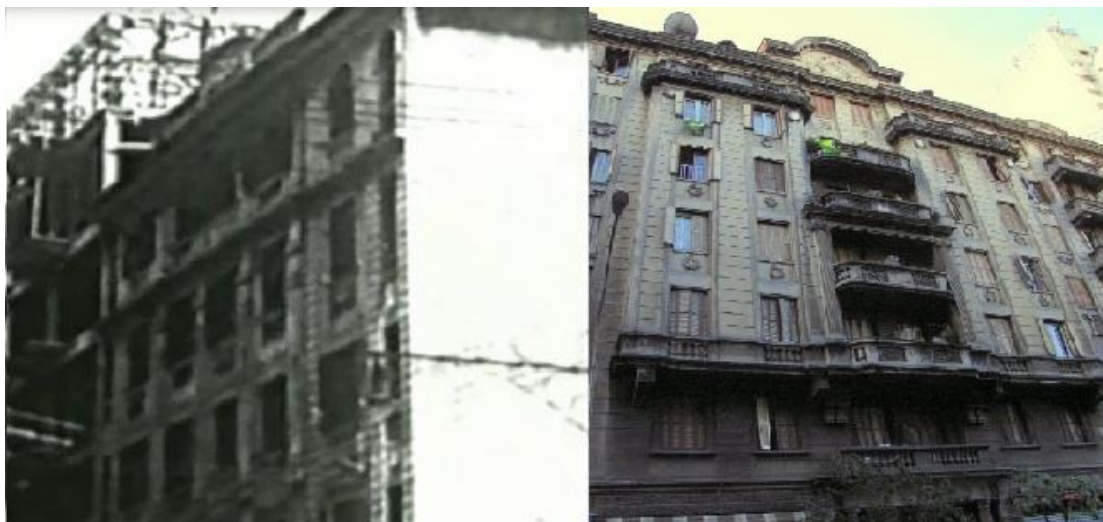


Figura 24 - Imagens do Palacete Paraíso em 1928 ainda em construção ao lado do Palacete Alepo e 2012.

Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr.

O número 130 da mesma rua também era sua propriedade e dois processos de 1927 e 1928, fazem referência a ele. O primeiro solicita a aprovação de plantas para o



Figura 25 - Imagens do Palacete Alepo em 2012 e 1928.

Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr.

²¹⁴Coluna Memória Paulistana de 14 de fevereiro de 1986.

aumento de um andar no prédio que já estava em processo de construção²¹⁵.

No ano de 1927 ocorre também a construção de prédio e garagem no número 197, estes serão feitos em concreto. O número 862 possui um processo datado de 1932, solicitando a aprovação para a construção de mais andares e modificação para possuírem varanda, sendo o responsável por esta solicitação o construtor Plácido DallAcqua.

Pelo desenho de sua fachada este edifício é o Palacete São Jorge, o único a possuir sacadas. Este edifício foi um dos primeiros prédios de apartamentos da cidade e constitui grande novidade de residência para os setores médios.²¹⁶ Ele é composto por seis pavimentos, totalizando cinquenta apartamentos e dez estabelecimentos comerciais no andar térreo.

No Palacete estão as inscrições “RJ” e “1928”, remetendo a seu proprietário e sua data de construção, respectivamente. A fachada, composta por arcos e tijolos aparentes se assemelha bastante aos edifícios americanos, sua configuração espacial segue as posturas da arquitetura clássica, marcada pela tripartição. Na imagem acima estas três divisões podem ser identificadas, sendo estas, o embasamento - a parte inferior do edifício local onde estão as lojas -, o corpo - parte central - e as cornijas - parte superior dividida por um barrado. Dois edifícios, pelo menos, são símbolo desta estética: um se localiza em Chicago, originalmente chamado de Stevens Hotel (atual Hilton Chicago), e, o outro, está localizado no centro de São Paulo, o conhecido edifício Martinelli.

Todos seus palacetes foram espaços destinados à construção de apartamentos de aluguel para as classes médias da cidade. A difusão destes apartamentos ampliava o processo de coletivização da cidade que não foi visto de maneira homogênea por toda a população, já que havia os que associavam este tipo de construção aos cortiços insalubres e temiam as consequências que podiam advir deste tipo de moradia; outros,

²¹⁵Este processo não contém memoriais ou plantas que nos possibilitem afirmar como sendo uns dos Palacetes, porém pelo fato de o edifício atual possuir um barrado que separa os quatro primeiros andares do quinto e último andar, provavelmente indica que este é o Palacete Alepo, que teve um andar acrescido depois de sua construção.

²¹⁶Coluna Memória Paulistana de 21 de fevereiro de 1986.

ainda, consideravam os edifícios como boas soluções para o morar e trabalhar em uma cidade que aumentava sua população progressivamente.²¹⁷



Figura 26- Fachada do edifício.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

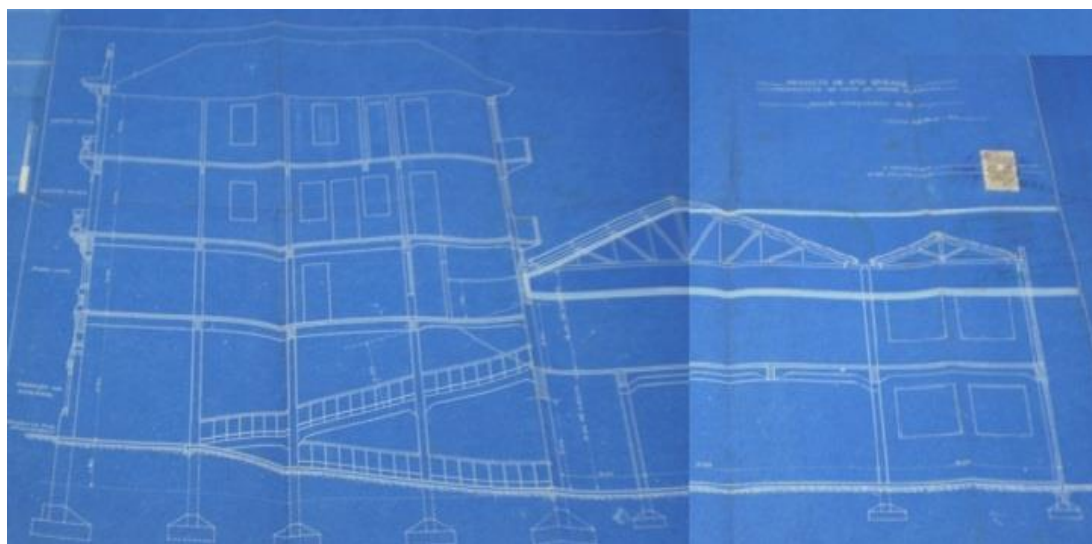


Figura 27- Corte lateral da planta.
Fonte: Arquivo do Piqueri.

²¹⁷ Para compreender melhor este debate dos que eram a favor e contra a construção de edifícios de apartamentos ver ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. cit., p.131.

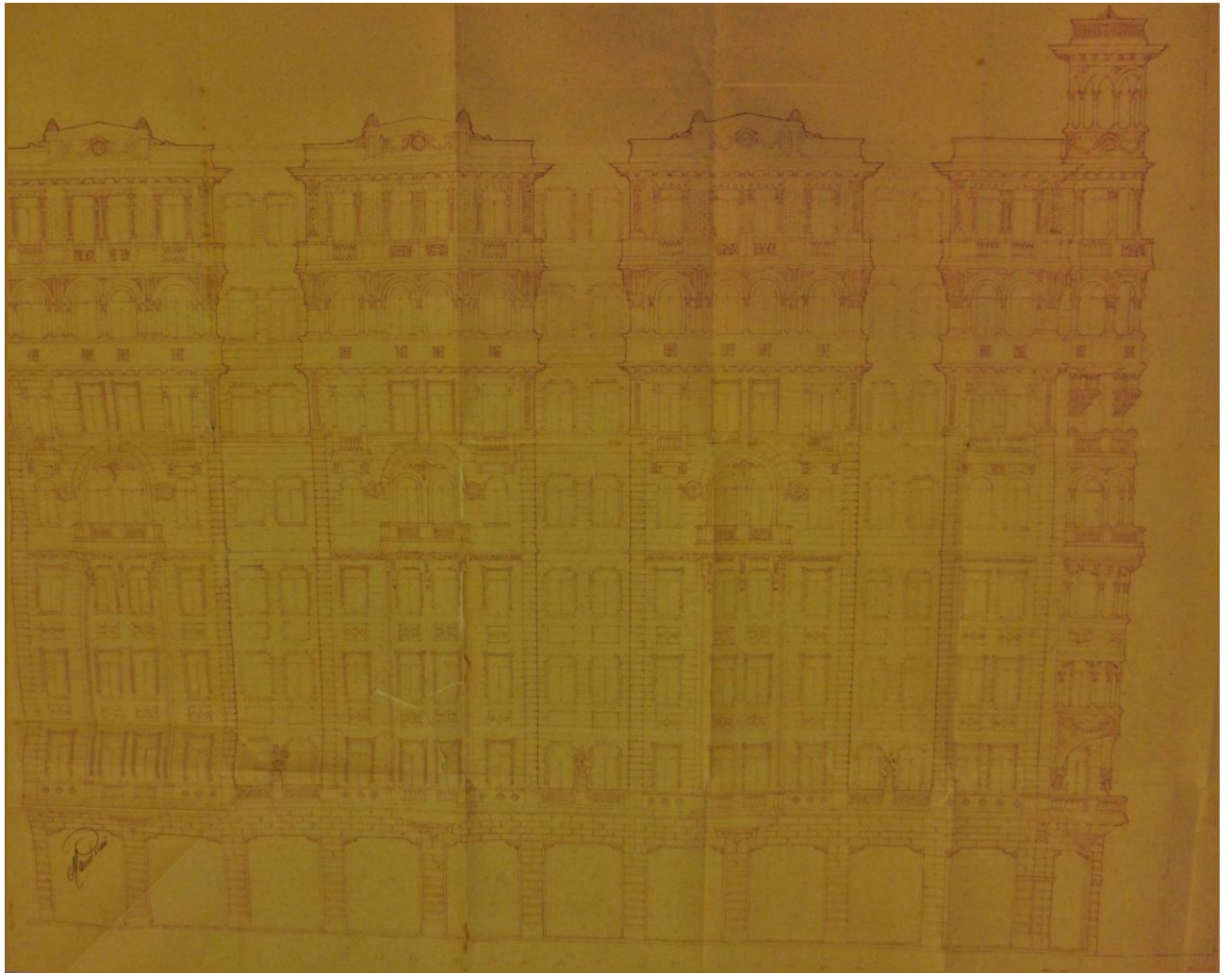


Figura 28- Desenho da Fachada do Palacete São Jorge.

Fonte: Arquivo do Piqueri



Figura 29 - Imagens do Palacete São Jorge em 2012 e 1928.

Fonte: Arquivo Casa da Boia e Flickr

Várzea do Carmo e Centro Histórico

A Várzea do Carmo, local onde se localiza o rio Tamanduateí, era, em fins do século XIX, um espaço bastante problemático para a municipalidade, que sentia a necessidade de urbanizar aquela região. Este local não possuía o modelo sanitário pretendido e, portanto, em 1875 foi realizada sua retificação e saneamento criando na Várzea a “Ilha dos Amores”.

O local, antes frequentado por lavadeiras e mestiços, foi substituído por um parque construído a partir do projeto do francês Cuchet.²¹⁸ Neste processo de urbanização é possível compreender a intenção de excluir socialmente as parcelas indesejadas da população para outras áreas, que não as do perímetro central,²¹⁹ pois,

assim, poderiam como já abordado anteriormente, afirmá-lo como um centro financeiro e cultural, núcleo da urbanização. Portanto, frutos deste objetivo, uma série de projetos foram propostos para esta região por parte do poder público. Verifica-



Figura 30 - Rua Vinte e Cinco de Março de 1916.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

se que a urbanização de São Paulo não foi um processo sem tensões e embates de atores sociais; havia embates em torno da posse do espaço. A modernização de São Paulo gerou também uma discriminação e exclusão das parcelas pobres.

Com as ações da municipalidade percebe-se que sua maior preocupação em relação ao espaço urbano da cidade se voltava ao embelezamento das áreas centrais e

²¹⁸ “A prefeitura encomendou a Francisque Cuchet, paisagista francês estabelecido no Rio de Janeiro novo projeto para o local, incorporando usos e equipamentos esportivos” CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo.** cit, p. 306.

²¹⁹ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Várzea do Carmo, Lavadeiras, Caipiras e “ Pretos Véios”.** In Memória e Energia. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 27. 2000, p5.

não com a construção de espaços que pudessem abrigar as classes trabalhadoras. As obras de Rizkallah Jorge inseridas nestas regiões se encontram divididas em quatro endereços: Florêncio de Abreu, Senador Queiróz, Tiradentes e 25 de Março, que serão tratadas, respectivamente, abaixo.

Na rua Florêncio de Abreu a construção que talvez seja de maior expressão devido à sua ligação com a história de Rizkallah Jorge seja a Casa da Boia, porém, não foi sua única propriedade na região. O imigrante também era dono do edifício número 96 e, em 1913, por meio do arquiteto Morcetti²²⁰ solicitou a substituição de plantas para poder reformar a frente e suspender o telhado do local.

A Casa da Boia, edifício de maior reconhecimento, é a loja de materiais hidráulicos fundada por Rizkallah Jorge em 1898, que se mantém até os dias atuais em um bom estado de conservação. Sua situação atual não é a mesma da época de sua construção, o andar superior, que durante décadas serviu como residência foi transformado em administração e parte do forro foi modificado.²²¹



Figura 31 - Rua Florêncio de Abreu em 1914. Do lado esquerdo encontra-se a Casa da Boia.

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

²²⁰ Durante este período é bastante difícil afirmar que todos os profissionais eram formados. Em sua tese de mestrado intitulada "O cotidiano em construção: os "Práticos Licenciados" em São Paulo (1893-1933)", o autor Lindener Pareto júnior, irá analisar a atuação dos práticos licenciados, que eram construtores sem diploma de engenheiro e/ou arquiteto e realizaram uma série de obras na capital.

²²¹ Coluna Memória Paulistana de 19 de fevereiro de 1986

O autor Ernani Silva Bruno traz em sua coluna Memória Paulista veiculada no jornal Folha de São Paulo informações que tratam Rizkallah Jorge como um arquiteto autodidata que foi responsável pela construção de grande parte de seus empreendimentos com o auxílio de mestres de obras. Porém, as informações fornecidas pelos processos não parecem indicar o mesmo caminho, muito embora também não o desmintam de chofre.



Figura 32 - Fachada de edificação no número 96, da rua Florêncio de Abreu.
Fonte: AHMWL

A propósito, convém indicar que a Casa da Boia, antes situada no número 92 da rua, e, hoje, tratada como os números 364 e 370 passará por uma reforma tendo como responsável Plácido Dall'Acqua.²²² Neste projeto estão anotadas as demolições dos telhados e de todas as paredes do piso térreo dos dois prédios até o nível da rua, bem como a remoção dos soalhos que eram de madeira.²²³ O memorial anexo à solicitação e ao projeto ainda indica que a estrutura era de concreto armado sobre as vigas existentes dos atuais porões e a fachada era composta por paredes de alvenaria de tijolos e telhado

²²² Reportagens no acervo da Folha mostram que Dall'Acqua também foi responsável pela construção de outros edifícios.

²²³ Arquivo Municipal Washington Luís. Projetos SOP.

de madeira de lei coberto com telhas nacionais. Dall' Aqua também indicou a construção de um galpão para abrigar os materiais necessários à obra.

O local deste terreno também será fruto de uma discussão com a municipalidade, que possuía a propriedade do número 94. Tanto seu terreno quanto o da prefeitura haviam sido propriedades de Antônio Costa Braga que teve sua propriedade desmembrada em cinco partes após sua morte, tendo quatro ficado com Tahan e uma com a prefeitura.

Entretanto, para a Prefeitura houve um problema com relação aos limites entre estas partes. O fato de não haver clareza na Escritura de Transferência, significava que não se podia ter certeza que a dimensão do terreno de sua propriedade se restringia a 4 x 6,50 metros. Com a contra-apresentação da escritura, reiteram este argumento:

resulta que a Prefeitura adquiriu o imóvel nº 94 da Rua Florêncio de Abreu, assim descrevendo-o: (que esse imóvel confina pela frente com a Rua Florêncio de Abreu, na extensão de cerca de seis metros e noventa e cinco centímetros (6,95ms) de um lado com a Rua Anhangabahú, na extensão de vinte e três metros e doze centímetros (23,12ms); de outro lado, por parede de meiação com o prédio nº noventa e dois (92) da Rua Florêncio de Abreu, na extensão de mais ou menos vinte metros e vinte e cinco centímetros (20,25 ms) e por uma área de 4ms, 00x 6ms50 (quatrometros por seis metros e cinco centímetros) nos fundos deste prédio, sobre a qual tem servidão o prédio número cento e vinte e dois da Rua Anhangabahú, na extensão de mais ou menos quatorze metros e treiscentímetros).²²⁴

Apesar desta questão, a Casa da Boia continuou mantendo sua extensão intacta, sendo um dos maiores terrenos da região. Ao analisar as imagens das obras de Rizkallah Jorge e seus projetos verifica-se que estes seguiam estilisticamente o ecletismo, postura arquitetônica bastante comum naquele período. Carlos Lemos propõe que devemos entender:

O ecletismo como sendo toda a somatória de produções arquitetônicas aparecidas a partir do final do primeiro quartel do século passado [XIX], que veio juntar-se ao Neoclássico histórico surgido por sua vez como reação ao Barroco.²²⁵

A Casa da Boia pois, se insere na segunda categoria de Ecletismo na divisão feita por Carlos Lemos. Esta compreende as construções neoclássicas, que contém,

²²⁴ Acervo Casa da Boia.

²²⁵ LEMOS, Carlos. **Ecletismo em São Paulo**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.70.

principalmente, pela ornamentação renascentista,²²⁶ portanto, se percebe que os ornamentos que circundam a fachada da Casa da Boia buscam elementos que remetem ao Renascimento. A grande maioria dos edifícios encomendados pelo imigrante seguirão esta maneira de fazer arquitetura, aproximando-se do gosto corrente entre a clientela de seus prédios de aluguel.

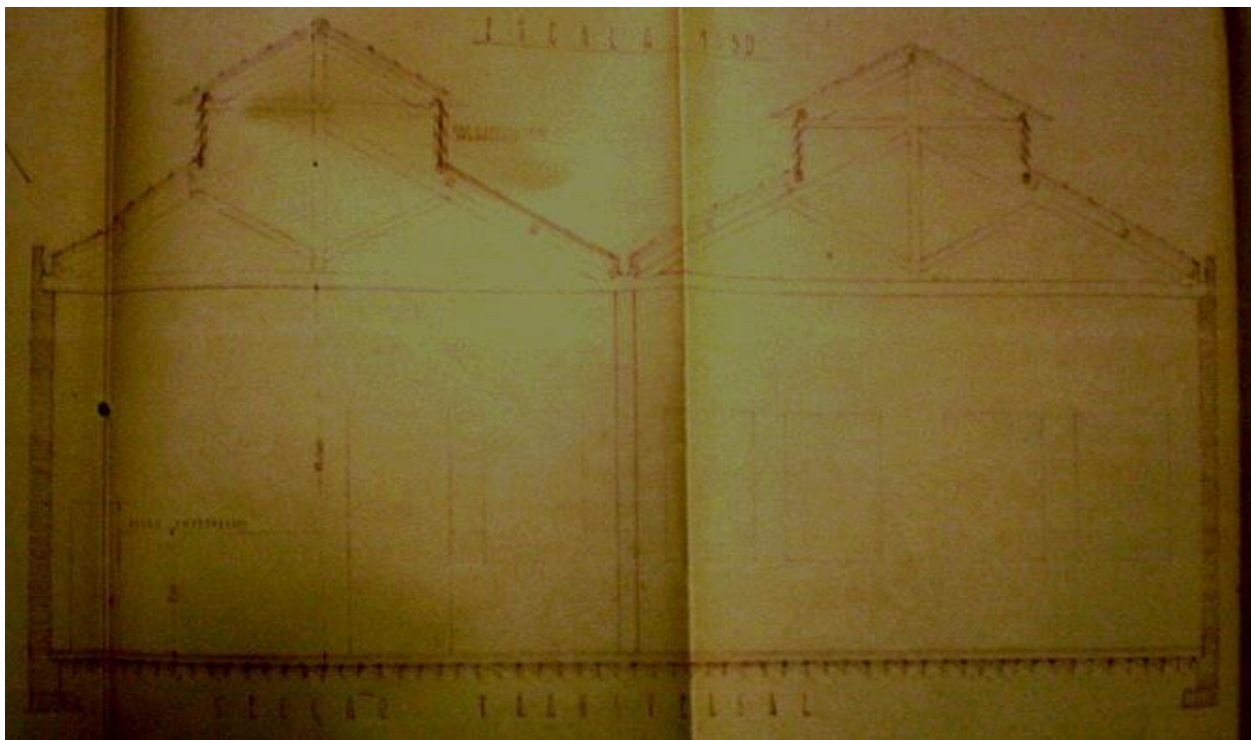


Figura 33 - Desenhos da Casa da Boia.

Fonte: Acervo Casa da Boia

Na rua Senador Queiroz, no ano de 1930 Plácido DallAcqua irá ser o responsável pela reforma de um edifício na rua Senador Queiróz. Neste projeto, os alicerces seriam, as alvenarias em tijolos comuns, o telhado com estrutura de madeira, coberto com telhas de barro, a fachada seria toda revestida com argamassa de cal e areia. As instalações

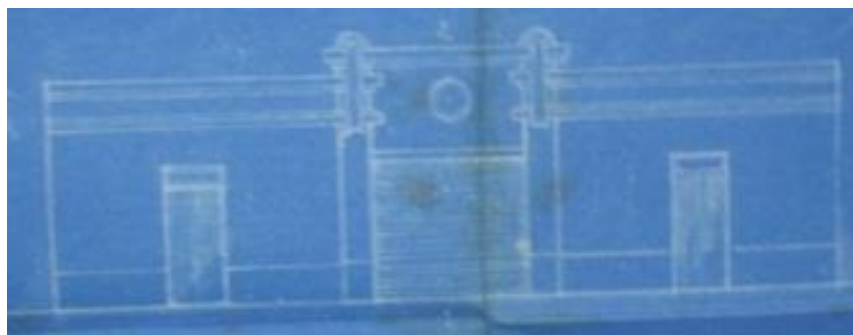


Figura 34 - Fachada de Armazém na Senador Queiroz.

Fonte: Arquivo do Piqueri.

²²⁶ibidem. p.75.

sanitárias seriam construídas de acordo com as prescrições da Repartição de Águas e Esgoto da Capital, bem como as instalações elétricas estariam de acordo com as exigências da Light. Plácido DallAcqua era responsável pelo projeto e comunicou que realizaria a construção provisória de um barracão para abrigar os materiais da construção, dando, assim, informações sobre o canteiro de obras.

Um dos empreendimentos encomendados por Rizkallah, e que não se referem a suas intenções comerciais é o complexo da Igreja São Jorge e Colégio José Bonifácio, localizado na rua Tiradentes. Tahan doou sua propriedade no número 835 da Avenida Tiradentes para a construção de uma Igreja da Comunidade Armênia de São Paulo. Pela doação realizada, o imigrante se tornou o grande benemérito do local, sendo homenageado em diversas partes de sua fachada e interior.

Na parte de trás da Igreja se encontra o Colégio da comunidade, também erigido por ação de Jorge para abrigar os jovens levando-os a seguir as tradições culturais da terra natal.

A igreja foi construída entre 1945 e 1948 e inaugurada em 1949. O projeto figura como de autoria do Escritório de Engenharia Mahfuz Ltda, cujo técnico responsável era Michel Elias Mahfuz. A estrutura do prédio, em concreto armado recebeu alvenaria de tijolos comuns, revestida de pedras. O telhado com telhas tipo Marselha recebeu forro de madeira, internamente. Com piso de tacos sobre lastro de concreto, sala de entrada de granilite, pode-se ver o grau de atenção dados aos acabamentos, ladrilhos hidráulicos nos sanitários, azulejos vitrificados nas cozinhas e



Figura 35- Fachada da Igreja São Jorge.
Fonte: Arquivo do Piqueri

sanitários. O programa arquitetônico contém Presbitério, Batistério, Coro e uma Nave, haja vista tratar-se de uma igreja com salão.

A área total do conjunto é de mais de 1500m², somando-se o colégio e a Igreja. Estes números dão ideia da dimensão dos terrenos em que eram feitas as obras de Rizkallah Jorge.

Além das construções em outra parte da região central da cidade, Rizkallah também possuiu três edificações na rua 25 de Março, uma das principais zonas de comércio da cidade.

O primeiro processo, datado de 1926, se refere à reforma de dois armazéns localizados no número 279 da via. A reforma fez com que o local, que antes era usado como depósito e continha apenas um escritório e um banheiro, passasse a contar com mais duas salas comerciais. Os materiais utilizados, assim com nas outras obras serão tijolos, argamassa de cal e concreto.



Figura 36 - Fachada do Projeto de construção dos sobrados.

Fonte: Arquivo do Piqueri.

Outro projeto de modificação, na mesma região, se refere à Antiga Casa Duprat, que passou a ser propriedade de Rizkallah. Esta foi demolida para a construção de três sobrados, com os números 84, 84 A e 84 B. O memorial descreve os materiais que seriam utilizados na nova construção, tais como os alicerces de concreto e a alvenaria de tijolos. As funções das instalações a serem construídas também se encontram descritas: iriam possuir residências na parte superior, e armazéns na parte térrea, caracterizando

um edifício misto,²²⁷ Os três armazéns e as três habitações seriam independentes, portanto, para se entrar na casa seria necessário subir a escada na lateral das lojas. Como tantos imóveis construídos no período.

Algo digno de nota nas “descrições” do memorial é o fato que a todo momento se procurava mostrar a conformidade dos projetos com os postulados da *Comissão de Hygiene*. Como dito anteriormente, desde 1920 as questões relacionadas à higiene haviam se tornado bastante populares, tendo em vista as sucessivas epidemias²²⁸.

Os três sobrados possuem o a mesma tipologia, somente com distribuições diferentes. A planta da habitação contém espaço destinado à sala de jantar, sala de visita, hall, dois dormitórios, copa, cozinha, dispensa, terraço, dois banheiros, lavabo e área descoberta. Um típico programa para as camadas médias da capital.



Figura 37- Projeto de aumento do nº285.

Fonte: Arquivo do Piqueri.

Com o aumento do prédio, no número 285, em 1934, percebe-se o uso comercial que seria dado ao terreno, sendo a maior parte destinada a lojas, contendo um escritório, banheiro e duas outras áreas que possuíam espaço livres.

Paulista

A abertura da Avenida Paulista foi uma das principais iniciativas que marcaram o fim do século XIX. Entregue em 8 de dezembro de 1891, foi idealizada pelo uruguaio Joaquim Eugênio de Lima, que se associou a João Augusto Garcia e José Borges Figueiredo. Durante este projeto contaram também com os desenhos do agrimensor Tarquínio Antônio Tarant.

²²⁷ Arquivo do Piqueri.

²²⁸ Ver Capítulo Seguinte.

A avenida, assim como o Anhangabaú, apresentava traços de ruralismo algo destacado pelo autor Benedito Lima de Toledo. Porém, para ele, apesar destes traços



Figura 38 - Vista da Avenida Paulista em 1919.
Fonte: Biblioteca Mario de Andrade.

podia-se perceber que ela estava destinada a receber construções de grande vulto.²²⁹

Suas características, até então não muito comuns na cidade, atraíram uma série de compradores. A avenida reta, larga e plana tornou-se uma atração e o local passou a servir de moradia

para as elites da capital. Campos Neto destaca que, naquele local, as elites encontrariam sua “garantia da representatividade simbólica tão cara a seus anseios de dominação”.²³⁰



Figura 39- Visão da rua a partir do quintal da residência de Rizkallah na Avenida Paulista.
Fonte: Acervo Casa da Boia.

²²⁹ TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: ExLibris, 1987.

²³⁰ CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. *cit. p.* 241.

Toledo propõe que a elite que vivia na avenida podia ser dividida em uma nobiliarquia composta pelos “barões”, quatrocentões enriquecidos com o café, “conde” industrial italiano, “cavaleiro” comerciante árabe, “rei” fazendeiros do café. Todos estes se instalaram na Avenida por sua representatividade.²³¹

A avenida também possuía outras características que a diferenciavam das demais áreas habitacionais da cidade. Ela foi a primeira via asfaltada de São Paulo, em 1913. O asfalto, apesar de caro era necessário para poder receber o tráfego de carros e se impunha na montagem da rede de transporte rodoviário. Por toda a diferenciação social que representava era um material cobiçado pela elite paulistana, a qual, com seus caprichos automobilísticos,²³² logo se tornou uma pista de exibição de carros.

Nas imagens gravadas em 1928 no filme produzido por Rizkallah Jorge, este aspecto do tráfego é bastante evidente como um diferencial “positivo” da Avenida. Sua família posa em uma tomada voltada para a rua asfaltada no momento em que passa um ônibus; pode-se, ainda, identificar alguns carros que estão estacionados nas imediações. Nota-se que o automóvel aparece como um índice da sociedade, sendo o próprio Rizkallah Tahan proprietário de um e de uma *garage*.

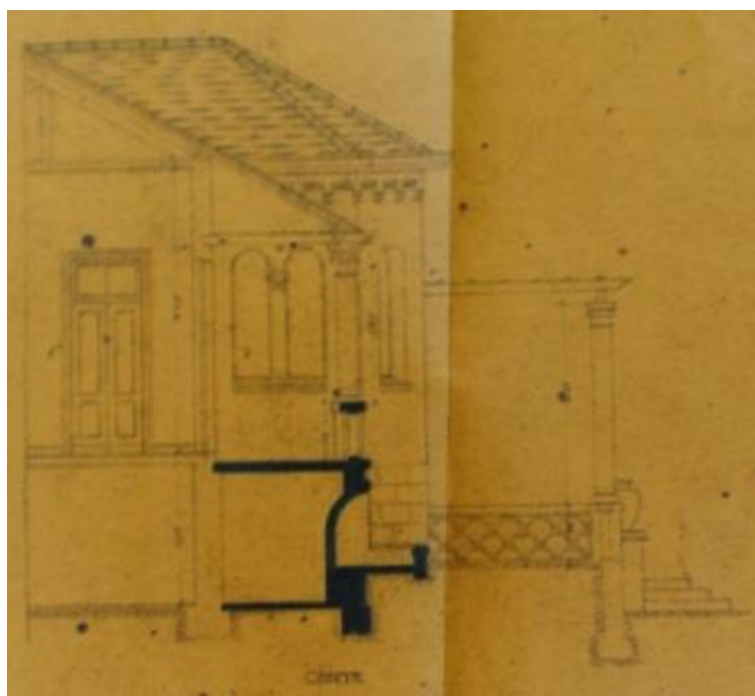


Figura 40 - Corte lateral da Residência de Rizkallah Jorge, projeto de maio de 1919.
Fonte: AHMWL

²³¹ TOLEDO, Benedito Lima de. *Álbum Iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: ExLibris, 1987.

²³² CAMPOS, Candido Malta. *Op. Cit.* São Paulo: SENAI, 2002, p.247.

O filme ainda apresenta imagens de sua residência que foi demolida para dar lugar ao edifício Jorge Rizkallah Jorge, nome que presta homenagem a um de seus filhos. O edifício se localiza no atual número 1149, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra. Além do filme, os processos da Série Obras Particulares (SOP),²³³ preservam informações a respeito dos projetos do local.

O primeiro processo tratando deste endereço é datado de 1919. Ele contém os documentos do *Ateliers Americano de Architectura* requerendo em março daquele ano, a reforma e o aumento de um prédio, além de autorização para serviços de consertos, limpeza para a conservação e higiene. Posteriormente, em setembro, foi feita uma nova solicitação esperando a licença para a modificação no plano inicial, que havia sido aprovado em 4 de julho. Para tal são enviadas novas plantas e um novo memorial.



Figura 41 - Fachada da Residência de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista.

Projeto de setembro, com a inserção de mais um andar.

Fonte: AHMWL

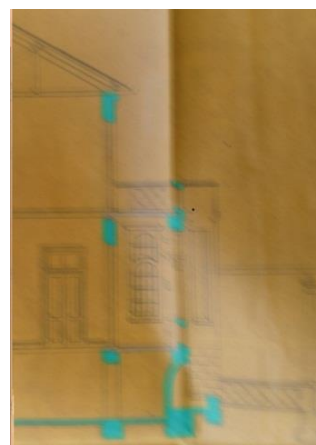


Figura 42 - Corte lateral da Residência de Rizkallah Jorge, projeto de setembro de 1919.

Fonte: AHMWL

As modificações sofridas no projeto se devem ao fato de uma ampliação de um andar na parte superior para a construção de um sobrado. O projeto previa que para esta modificação seriam

²³³Rizkallah Jorge foi o responsável pela encomenda de uma série de empreendimentos na capital, alguns destes possuem seus projetos arquivados na Série Obras Particulares (SOP) depositada no Arquivo Histórico Municipal Washington Luís (AHMWL), sendo parte do Fundo Prefeitura Municipal, Sub-fundo Diretoria de Obras e Viação. Os projetos contidos no AHMWL cobrem os anos de 1870 a 1921, os posteriores a esta data estão alocados no Arquivo do Piqueri. Estes documentos são fonte de uma série de informações a respeito das obras particulares, utilizando estas fontes é possível realizar uma análise pormenorizada das construções, permitindo compreender aspectos construtivos, como a escolha de materiais, engenheiros, arquitetos, escritórios, bem como de filiações estéticas.

necessárias mudanças na estrutura do edifício, visando reforçar as paredes com vigas de concreto armado.

No ano de 1920, foi realizado um novo requerimento. Este apresentava a solicitação de licença para chanfrar a guia de passeio na fachada da residência de Rizkallah Jorge para a entrada de automóvel, pois, como dito anteriormente, o carro se tornava bastante comum na cidade durante aquela década. O requerimento foi aprovado e executado após três meses.



Figura 43- Corte Lateral da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista.
Fonte: AHMWL

O terreno passou por uma grande modificação em maio de 1922. O construtor arquiteto Alberto Borelli, requereu a autorização para a construção de três casas, no terreno que englobava a Avenida Paulista, Rua Bella Cintra e Alameda Santos. Foram solicitadas, também, as guias de pagamento de emolumentos da licença e do arruamento.

Estas três novas casas serviram de moradia para seus três filhos, e, mais uma vez, Rizkallah Jorge se afirmou como o esteio de um núcleo familiar, trazendo seus filhos para morar no entorno de sua residência. As casas foram construídas com estrutura de concreto armado e fechamento de alvenaria de tijolos. Percebe-se que os projetos estavam em sintonia com o novo cenário da construção, que trazia “outros

conhecimentos, outras técnicas, outros materiais que romperam aquela acomodação baseada na tradição cultural dos velhos tempos. Surgiu o tijolo. Apareceu a alvenaria argamassada contrapondo-se à terra socada.²³⁴»

O autor destes projetos Alberto Borelli, foi responsável pela construção de mais duas obras do SOP²³⁵ e parece ter atuado em outros estados brasileiros. A este respeito, Nivaldo Vieira de Andrade Júnior coloca que:

Dentre os arquitetos, engenheiros e construtores italianos que atuaram, ainda que temporariamente em Salvador entre as décadas de 1910 e 1920, podemos destacar (...); Alberto Borelli, que chegou a Salvador procedente de São Paulo, em 1912, e que foi autor do projeto do Gabinete de Leitura Português inaugurado em 1918.²³⁶

Estilisticamente, a residência de Rizkallah, bem como as casas de seus filhos, são mais alguns exemplares da grande quantidade de palacetes que compunham a Avenida Paulista. Este tipo de habitação era realizado de forma a desenvolver um programa de necessidades para uma burguesia em ascensão.²³⁷ Esta tipologia – a do palacete - será uma das primeiras manifestações de grande impacto na cidade, rompendo a lógica das casas abastadas do período colonial e imperial, que se alinhavam à testada do lote, e apresentavam fachadas muito assemelhadas às das camadas mais baixas da população. Os palacetes foram mais uma forma de representar a posição social dos indivíduos, expressando solidez financeira também. A expressão, segundo Maria Cecília Naclério Homem, designou, em São Paulo, sempre a casa mais ampla, o sobrado de dois pavimentos em oposição às casas térreas.²³⁸

²³⁴ LEMOS, Carlos. **Eclétismo em São Paulo**. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.37.

²³⁵ PARETO JUNIOR, Lindener. **O cotidiano em construção**: os "práticos licenciados" em São Paulo (1893-1933). 2011. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p.163.

²³⁶ ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de Andrade. A Influência Italiana na Modernidade Baiana: o caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro. *19&20*, Rio de Janeiro, v. I, n. 4, out. 2007.p107.

²³⁷ HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996, p.18.

²³⁸ *ibidem*, p.20.



Figura 44 - Corte Lateral da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge.
Fonte: AHMWL

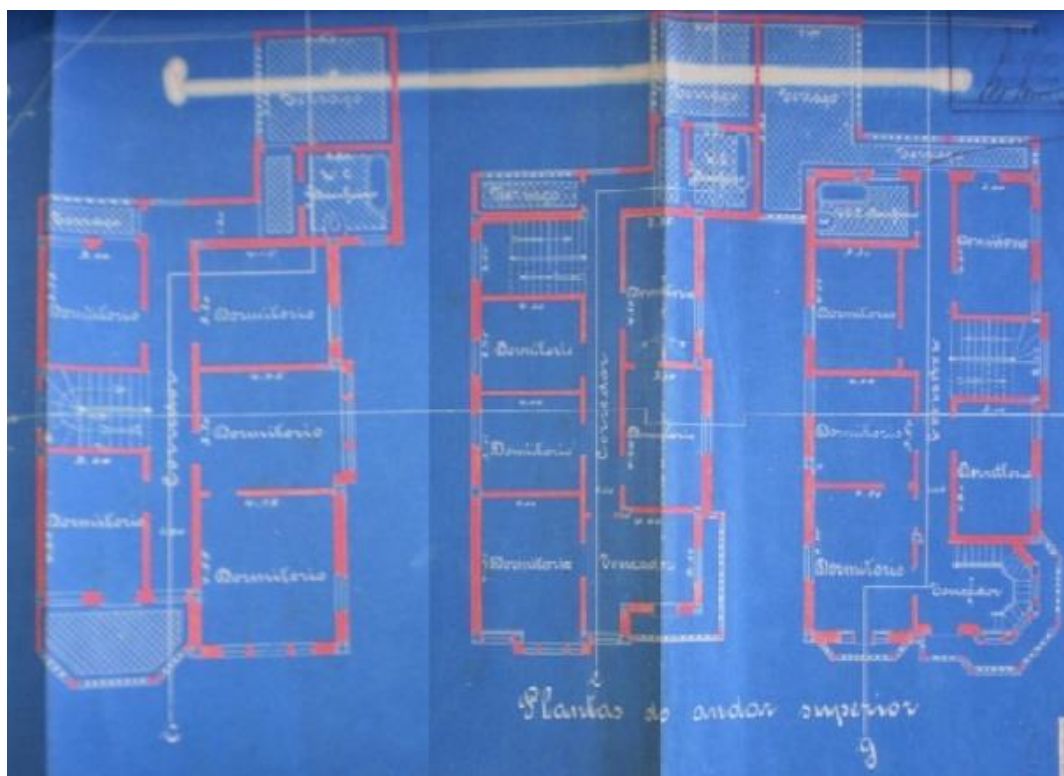


Figura 45 - Planta do andar superior da Residência dos filhos de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista.
Fonte: AHMWL

O aspecto de maior relevância ligado à propriedade de Rizkallah Jorge na Avenida Paulista diz respeito a uma tese consolidada no ramo da arquitetura, de que as residências situadas neste local eram construídas estilisticamente de acordo com a nacionalidade de seu proprietário. O autor Benedito Lima de Toledo cita a passagem em que a autora Zelia Gattai, relata esta hipótese. Outras passagens, como a de Carlos Lemos, também corroboram esta tese:

nessa hora em que as famílias antigas viam meio assustadas os imigrantes ascenderem enriquecidos e construir seus palácios florentinos ou árabes na Avenida Paulista, talvez fosse muito natural a lembrança da revitalização de suas próprias soluções arquitetônicas.²³⁹

O que se tem com relação as obras encomendadas por Rizkallah Jorge é que estas mesclam um estilo mourisco, ou otomano, com estilos correntes no caso, o neoclássico. Esta discussão é importante porque revela, mais uma vez, a importância da micro-história para a compreensão dos abusos que as generalizações podem causar. É inegável que São Paulo possuiu residências vazadas em estilos filiados a etnias, mas quando examinamos por uma lente mais próxima, percebemos que a correspondência forma – etnicidade não é regra. Assim como o sírio-libanês de ascendência armênia construiu casas neoclássicas, também tivemos Maximilian Hehl, o autor da catedral da Sé, residindo na Avenida Higienópolis, em casa riscada segundo o neogótico florentino, a despeito de ser ele, germânico, e sua esposa, filha de suíços.

Desta maneira, embora possamos falar da diversidade da paisagem construída durante o ecletismo, poucos são os casos em que a etnicidade ditou a imagem formal da arquitetura em que imigrantes habitaram. Um caso que, todavia, corrobora esta ligação apontada por Gattai, Toledo e Lemos é a da casa de Felisberto Ranzini, construída na Liberdade e estudada por Waldir Salvadore. A casa do antigo professor da Escola Politécnica foi riscada por ele de maneira a expor sua ascendência étnica florentina.²⁴⁰ Como apontou Fernando Atique,

o ecletismo, cuja palavra em português é derivada do grego *eklektikos* [que pode ser traduzido como “escolhendo o mais apropriado”, ou mesmo “selecionando” dentro de uma gama de possibilidades], traz, consigo, algo bem importante, que é a ideia de uma miríade de opções à escolha dos atores sociais envolvidos com a construção. (...) A arquitetura eclética, ou seja,

²³⁹ LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989, p.130.

²⁴⁰ Disponível em: http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=526. Acesso: 06/06/2016.

“aquela que permite a escolha” lidava, então, com a opulência, com a dimensão faustosa, com a variedade e, por essa razão, levava à escolha dos melhores, mais convenientes ou mais personalistas arranjos formais, assim como das combinações espaciais e materiais mais apropriadas para o discurso que almejava fazer dentro da cidade.²⁴¹

Atique ainda comenta a respeito da relação do ecletismo com a etnicidade, usando o exemplo de Rizkallah Jorge em sua argumentação:

Esta característica foi trabalhada nos países de imigração, como o Brasil, de uma maneira bem criativa. Muitos imigrantes – enriquecidos ou não – trouxeram para a arquitetura de suas residências e negócios, elementos que falavam de suas origens. Muitos arquitetos, ao serem demandados por imigrantes, também deveriam trazer traços dessas origens étnicas dos comitentes aos edifícios que produziam. Esta “comunicação” era feita, em especial, por meio dos ornamentos. Cariátides, Atlantis, gregas, ogivas e até mesmo *fascios* eram empregados de maneira a autenticar vinculações além-mar. Mas, dentro da grande seara ornamental disponível durante os anos de maior prática do ecletismo, muitos edifícios empregavam ornamentos pouco vinculados à etnicidade, recorrendo mais à liberdade compositiva e ao ideal de exaltação de negócios, em especial em fachadas de edifícios comerciais, como o da Casa da Boia, na Rua Florêncio de Abreu. Ali, ao invés de elementos árabes, explicitadores da origem do proprietário, comparece uma boia sanitária na sobreverga do acesso principal, motivo do enriquecimento daquela família.²⁴²



Figura 46 - Imagens da Casa de Rizkallah na Avenida Paulista em 1928.
Fonte: Acervo Casa da Boia.

Todas as construções de Rizkallah Jorge Tahan, trabalhadas neste capítulo, contribuíram para seu prestígio, tanto dentro da colônia sírio libanesa, quanto na capital paulista. Suas obras se tornaram marcas no tecido urbano e projetaram seu nome entre seus pares. Elas mostravam que ele, mesmo tendo chegado em São Paulo com recursos financeiros escassos, conseguiu atingir fortuna. Portanto, suas atividades ligadas ao ramo da construção, bem como suas iniciativas financeiras, que serão abordadas no

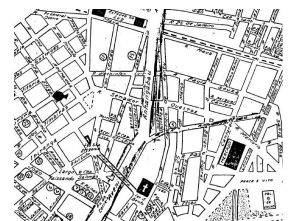
²⁴¹ Atique, Fernando. Prefácio: a cidade que escolheu ser eclética. In: SALVADORE, Waldir. Italiano e Nosso: FELISBERTO RANZINI e o estilo florentino. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

²⁴² Idem, *ibidem*.

capítulo seguinte, contribuíram para seu objetivo de atingir reconhecimento nas sociedades em que frequentava.



AS APROPRIAÇÕES DA IMAGEM DO IMIGRANTE PROEMINENTE



CAPÍTULO III - AS APROPRIAÇÕES DA IMAGEM DO IMIGRANTE PROEMINENTE

Oração á morta imortal
Nas horas longas de solidão, quando a voz dos que deixaste balbuciar
o teu nome, a tua voz sagrada responderá: Presente -
Tua voz se ouvirá, doce e leve como um bater de asas, chegará pura
como a voz dos campanários santos ou como as vozes maternas nos
acalantos.
Ela virá luminosa como se fosse a voz de uma estrela, alva como se
fosse a voz de uma nuvem;
E na terra triste, entre os teus, estarás viva, radiosamente viva.
E os que deixaste, desolados e trágicos, serão mais mortos que o teu
corpo branco enterrado.
Viva!
Quando ao longe ressoarem as vozes ternas dos violinos, estremecerás
em cada nota dessa canção distante, voltarás presente em cada gorgueio de
pássaro na madrugada, e em cada sussurro de brisa entre as ramagens verdes.
E por teres sido clara e por teres sido pura, estarás em cada nuvem a
navegar pela altura. Por teres sido alada, estarás no vôo de todos pássaros.
Tua brancura estará presente nas espumas sobre os mares, tua pureza
irradiará das toalhas dos altares!
Voltarás, feita alvura! Voltarás feita brilho! Fulgirão em cada estrela
longínqua os teus olhos que tinham a doçura de um berço. E quando vier a
primavera, a terra de teu túmulo será cheia de lírios e rosas. Nascerão os
gerânios de tuas profundas carnes misteriosas. Voltarás feita perfume de rosa!
Voltarás feita flor divina de primavera!
E na terra triste, entre os teus, estarás viva, radiosamente viva.
E os que deixaste, desolados e trágicos, serão mais mortos que o teu
corpo branco enterrado.” Jamil Almansur Haddad. Revista Oriente.

3.1 - A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UM LEGADO:

AS MEMÓRIAS OFICIAIS SOBRE RIZKALLAH JORGE

Com este poema se inicia o Processo Nº 3165 de 1950 submetido à apreciação da Câmara Municipal de São Paulo pelo vereador José de Moura.²⁴³ O projeto de lei nº 291 possuía como objetivo denominar de Rizkallah Jorge um trecho da atual rua Anhangabaú compreendido entre o número 470 da Avenida Anhangabaú e o largo do

²⁴³ O vereador José de Moura nasceu em 09 de julho de 1902, foi um jornalista profissional, e exerceu o mandato de vereador na Capital. Foi presidente da Comissão de Obras e membro da Comissão de Festejos de São Paulo do Quarto Centenário. Em se tratando de sua área de formação, foi durante um período chefe de reportagens de “A Gazeta” e fundador do Sindicato de jornalistas profissionais no Estado de São Paulo. Por sua atuação, recebeu no ano de 1971 do governo do Estado, o diploma “Honra ao Mérito”.
Dicionário de Ruas da Prefeitura. Disponível em:
<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>. Acesso em: 30/05/2016.

Mercado, à margem do canal Tamanduateí. Um dos argumentos que fornecia condições desse projeto ser avaliado como pertinente, se dava em função de o nome desta via encontrar-se duplicado com relação à Avenida Anhangabaú, situada no subdistrito da Sé e Santa Ifigênia. O artigo 4 propiciava que tal modificação pudesse ser proposta.²⁴⁴

A escolha de iniciar o processo com o poema, escrito como uma homenagem póstuma, demonstrando que mesmo após a morte todas as ações exercidas por este indivíduo seriam rememoradas, fazendo com que sua presença fosse para sempre permanente, indicam de forma bastante significativa quais eram às intenções presentes em transformar o nome de Rizkallah Jorge em toponímia.

Percebe-se que após a morte de Rizkallah Jorge, se tornou necessário institucionalizar uma memória a seu respeito dentro do espaço público. No capítulo I desta dissertação foi possível identificar que o imigrante gozou, desde seu estabelecimento no Brasil, de certa relevância dentro dos círculos que frequentava, se tornando um dos pontos centrais dentro de redes criadas na comunidade sírio-libanesa e armênia. Assim sendo, a manutenção da memória de sua figura seria uma maneira de continuar desempenhando o papel de congregar seus patrícios. Portanto, neste processo de se estabelecer como uma memória oficial opera-se um enquadramento e uma organização para que se monte um objeto que seja capaz de produzir um sentimento de pertencimento dentro de uma coletividade, e possa conduzir a uma coesão criando um lugar específico para este grupo.²⁴⁵

O fato de haver a tentativa de transformar o nome do imigrante sírio libanês em logradouro mostra que ao lidar com a memória, trazemos com ela também as questões relacionadas à identidade. Halbwachs propõe que a memória é tecida a partir da relação que os indivíduos estabelecem entre si, assim sendo, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente²⁴⁶ levando em

²⁴⁴ Em sua redação o artigo 4 determina que “serão substituídas as denominações que constituem duplicata ou possam originar confusão”.

²⁴⁵ Pollak destaca que o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também modificá-las, esse trabalho de reinterpretar incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 10.

²⁴⁶ O autor destaca que a memória é constituída tanto individualmente, quanto coletivamente, isto é, ela é em primeiro lugar formada pelos acontecimentos vividos pessoalmente, e em segundo lugar pelos ditos “vividos por tabela” composta pelas experiências da coletividade ao qual a pessoa se sente pertencente, ou seja, uma memória herdada. Nesta, ocorre uma espécie de socialização da memória, sendo um

consideração estas relações identitárias. Pautado nesta concepção, observamos que a montagem do processo nos leva gradualmente a compor a personagem do imigrante sírio, algo contemplado em depoimentos que indicam como o mesmo era percebido por atores inseridos em sua rede.

Nas páginas seguintes do projeto do vereador, compilaram-se missivas das instituições que receberam o auxílio do imigrante, as quais ovacionaram a atitude tomada pela Câmara Municipal de São Paulo. Em uma delas, datada de 4 de julho de 1949, o Conselho Administrativo Central da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, representado pelo secretário Karekin Tuffengdjian e pelo presidente Andre Jafferian, pode-se ler que a ação da Câmara havia causado profunda emoção nos membros da comunidade. As ações desempenhadas pelo imigrante para com a Igreja também são lembradas, nos seguintes dizeres:

Efetivamente Rizkallah Jorge, começando a vida modestamente grangeou uma situação destacada graças ao esforço que desenvolveu. Lutando contra todos os obstáculos enormes, venceu em todos os setores por merecimento. Possuía o espírito de um verdadeiro líder devotado ao combate pelas boas causas. Quando por volta do ano de 1925 chegaram centenas de deslocados armênios, a intervenção de Rizkallah Jorge foi um fator providencial e decisivo, pois antecipando-se a quaisquer medidas oficiais, alojou-os graciosamente em prédios de sua propriedade, proporcionando-lhes meios para a solução dos problemas imediatos, ajudando-os na obtenção de ocupações adequadas ao ideal de progresso de que estavam animados ao virem para abençoada pátria brasileira. Hoje a quase totalidade daquele contingente humano goza esplendida posição nos mais diversos setores da atividade nacional, bem como desfrutam invejável posição social. Cumpre salientar, entre muitas, uma das últimas obras espirituais e educativas do nosso grande benemérito em que, doou um vasto terreno onde construiu também com seus recursos pessoais a grande Igreja Armênia São Jorge, a Avenida Tiradentes, além de impulsionar a coletividade armênia de São Paulo a construir no mesmo terreno uma grande e moderna escola de ensino gratuito, denominada Jose Bonifácio, onde se abrigam centenas de alunos. Foi assim, pensando e agindo superiormente, conseguiu fazer de vida um belo exemplo de realizações altruísticas que o deixaram vivo na memória daqueles que tanto beneficiou. Perdura ainda em nossa mente o dia 3 de abril desse ano, dia em que o nosso grande benemérito Rizkallah Jorge recebeu, numa comovedora homenagem, a mais alta com decoração conferida por Kevork VI, supremo Chefe espiritual de todos os armênios, em que foram destacadas as suas qualidades de homem de fé, honestidade, trabalho, perseverança e caridade dedicados em grande parte em prol da coletividade.²⁴⁷

Diversos dos pontos abordados nesta carta também foram evocados por outras instituições que relataram ações de Rizkallah Jorge. Nabiha Abdallah Chohfi, presidente do Sanatório Syrio, em 17 de julho de 1949, relatou que o mesmo havia sido um

exemplo a experiência traumática compartilhada dos massacres armênios por distintas gerações desta comunidade. Em suma, observa-se que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992. p.201.

²⁴⁷ Processo Nº 3165 de 1950.

“rosário de benemerências e bondade”, tendo feito uma notável doação ao sanatório de Campos de Jordão, sendo a ala direita do local batizada com seu nome diante de seu gesto. Dentre outras instituições que também destacaram as doações recebidas, estavam a Sociedade Hospital Samaritano, a Sociedade Beneficente de Senhoras “Mão Branca” pró-asilo à velhice, a Assistência Vicentina aos Mendigos e a Cruz Vermelha Brasileira, que abordou a doação realizada ao Hospital de Crianças de Indianópolis realizada pela comunidade síria em 1918, tendo como grande entusiasta Rizkallah Jorge Tahan. O Orfanato São Jorge manifestava profunda satisfação com a Câmara por ter prestado homenagem a seu sócio benemérito, que havia doado um “dos pavilhões do local que abrigava 30 órfãos”, sendo em vida um “nobre exemplo de trabalho, honestidade, humildade e generosidade em prol de muitas instituições de caridade”.

A instituição que Rizkallah Jorge Tahan desempenhou um papel de enorme preponderância, também teceu palavras sobre sua figura, compondo a imagem que seria forjada no processo. Em 5 de julho de 1949, Eduardo Salim Tamer, presidente do Clube Sírio atribuía as seguintes palavras:

Aquela figura que representava em vida o que os ingleses chamam de “self made man”, isto é, o homem que se faz por si, foi personificada na pessoa do grande extinto que não deixou campo de ação nenhum sem semear os seus benefícios, para o bem do próximo, especialmente em prol das camadas sociais menos favorecidas. O nosso Clube vangloria-se do pavilhão que ornamenta nossa praça esportiva, ostentando o nome RIZKALLAH JORGE, sócio fundador, benfeitor e um dos nossos mais generosos associados.

Com o intento de fortalecer a demanda por transformar o projeto em lei, diversos comerciantes e moradores da Rua Anhangabahú e adjacências realizaram um abaixo assinado mostrando seu apoio à modificação:

Logradouro	Proprietário	Apartamento
Rua Anhangabahú 814		
	Emília Maria Bastian	01
	Angelo de Luca	08
	Elisa Brose	03
	Margarida Bastistucci	04
	Fuad Malhan	05
	José Pedroso Andrade	06
	Perine	07
	Manoel M. Godoy	02
	Esteer Mapeziona	09
	Vicente Pagone	10
	Maria [Pedlaczek]	11
	Antonio Piano	12
	-	14
	Maria de Carvalho Barreto	15

	José Khonns	16
	Severo [...]	17
	José [Khonve]	14
	Rachel P. Bandeira	19
	Rafát Niman	20
	J. dos Santos	21
	Júlios Piran	22
	Piara [...]	23
	Helena Thomaz de Aquino	24
	Albina Trindade	25
	Deolinda Silva	26
	Carlos de Carvalho [Deidocre]	27
	Paschoal Mastramagaro	28
	Halim Azoury	29
	-	30
	Leon Lerhhian	31
Rua Anhangabaú 855		
	Antonio [Mannef]	01
	James Mastio	02
	Basílio Laurence	05
	Stephan Saukiossian	06
	Charlotte Aoum	07
	Cora Ribeiro Arbid	08
	Paulo [...]	09
	-	10
	Basílio [Yorunieye]	11
	Helena Ferri	12
	José Alves Antunes	13
	Elena Sebastianelli	14
	Wazira Elias Richa	15
	Eugenio Carneiro	16
	Camillo Gomes Filho	A
	José Giusti Filho	B
Rua Anhangabaú 814		
	Umberto Carselli	32
	Umberto Carselli	34
	J. Cardoso Guimarães	36
	Júlio Cesar Rinaldi	39
	Jamil Esperidian	40
	Nicolau Haddad	41
	Sotírius Guersos	42
	Dulce Soares Macedo	43
	Jorge Bouzaian	44
	Wilhelm [...]	45
	Oscar da Silva Brito	46
	José [...]	47
	Carmem C. Nabham	48
	Assis Nabham	
	Eduardo da Silva Brito	49
	Alexandre Afker	51
	Julieta Nogueira Sizaudi	
Rua Anhangabaú 829		
	Bittencourt	01
	Teeisinha M. Ribeiro	05
	José Mansano	09

	Vergine Suifi	04
	Dr. Fausto E. Colombini	06
	Antonio Bellano	08
	Vicente de Almeida	07
	Manoel Ferreira de Godoy	101
	Korim Pajega	103
	Emílio Laporto	105
	Wanda Milani	107
	Guenitiro Nacazawa	101
	Ebeneguer Bagatta	102
	Warid Korein	104
	[...]	106
	Jacinto [...]	108
	Nabal Ulian	112
	Radoslav Uratislav Novak	110
	Lourdes Caraim e José Caraim	201
	Angelina Dossa	203
	Leon Caraim	205
	Iracema Cardoso	207
	Vesinte Cassosi	209
	-	211
	José Polyceno	202
	Elias Manoel	204
	Yolanda P. Rodrigues	206
	Maria Aparecida A. Setrangulo	208
	Dionisia Lemes de Moraes	210
	Renato Gonçalves	212
	Carmelinda de Oliveira	02
	Pedro Bolito	03
	Affonso Luiz Madajunes	302
	Florival Conceição	304
	Matilde Alves Maffei	306
	Teresinha de Rodriguez	312
	Manoel L. C. Moreira	301
	Cesarina Bena	305
	Arthuro Angres	307
	Maria Chander	309
	Sebastiana Silva Leina	403
	Paulo Teixeira	405
	Marlene Tissot	409
	Upanha Setrangulos	411
	José Diaz Martinez	402
	Lúcia Paiva	404
	Norma Peca	406
	Aldo B. José	408
	Violeta Chuery	412
	Vicente Auburatori	501
	Salomão Kode	505
	Barhi Bali	507
	Lidia D. Almeida Ferraz	502
	Renata Guidi Rosati	504

Os comerciantes do entorno também reforçaram essa proposta, assinando em apoio ao projeto de lei. Nesta lista, alguns pontos merecem destaque, como o fato de

vários sobrenomes remeterem às nacionalidades armênias e sírio-libanesa, bem como, o ramo de atuação destes, similares as atividades desenvolvidas por Tahan.

Responsável	Estabelecimento	Endereço
Oscar Nacif Feres	Oscar Nacif Feres e Irmãos	
Pedro Kassaryan	Comércio de Armarinhos “COMAR” LTDA.	
João Assef Boueri		
Antônio Hojeili	Artefatos de Cobre e Miudezas	Rua Anhangabahu, 789
Antonio Miguel	Antonio Miguel e Filhos	Rua Anhangabaú, 792
	Emilio & William Aidar	
Manoel Kherlakian	Manoel Kherlakian S/A Industria e Comércio de Calçados	
	Sayegh & Bittar Ltda.	
Luiz de Souza Amaral	Fábrica de Tamancos Seuz	Rua Anhangabaú
Antônio Zacharias	Casa Zacharias	Rua Anhangabaú, 835
	Nagib Zacharias & Filhos	Rua Anhangabaú, 840
	Adib Zacharias	Rua Anhangabaú, 857
Salvador Juliano	P. Martins Filho Representações	Rua Anhangabaú, 849
	Casa de Couro	Rua Anhangabaú,
Francisco Duarte Callado	Duarte, Callado & Cia. Ltda	
Gilberto Holschauer	Gilberto Holschauer Machinas e Artigos para a Indústria de Calçados	Rua Anhangabaú, 825
Alexandre Kurbhi	Alexandre Kurbhi Tecidos em Geral	Rua Anhangabaú, 815
Mahum Matuck	Tecidos, Armarinhos e Miudezas	Rua Anhangabaú,
	Ventura e Santos – Grande Depósito de Retalhos	Rua Anhangabaú, 795
	Tecidos Simsa Ltda.	Rua Anhangabaú, 783
Bittar	Calixto Bittar	Rua 25 de Março, 1025
Jorge Carone	J.S.Carone & Cia Ltda. Feira dos Saldos – Tecidos em Geral	Rua 25 de Março, 1018
Melhem Zacharias	Tecidos Zacharias S. A.	
	Casas Casoy – Especializada em Malas de Viagem	Rua 25 de Março, 1002
	Calil Saade	Rua 25 de Março, 996
	Atanazio, Moscal & Cia	Rua 25 de Março, 992
Michel Cheade Bittar	Empório e Confeita “Oriente”	Rua 25 de Março, 986
José Felipe David		

Antônio Chammas		
	Naccache & Irmãos	Rua 25 de Março, 919
Abdo Ares		
	Comercio de Tecidos e Conexos	
	Ibrahim Lotfi	Rua Anhangabahú, 774
	Cortume Progresso S/A	
	Ind. e Com. Suzmeyan Ltda.	
Toros Gregorian		
Alvaro Filho Rocha	Industria de Lenços Vanitas Ltda.	
	Nicolau Saad, Irmão e Cia	
Naief Cury	Naief Cury & Cia – “Ao Sultão do Armario”	Rua 25 de Março, 953
Domingos José	Domingos José & Irmão	Rua 25 de Março, 999
João Zarzur		
J. Soroka	J. Soroka & Cia	Rua 25 de Março, 1011
	Irmãos Mulky	Rua 25 de Março, 1015
	Sociedade Elétrica Fulgura Ltda.	
	Garage São Cristovam	Rua Anhangabahú, 778
Jamil Pedro	Fábrica de Calçados e Chinelos Castelo	Rua Anhangabahú, 558
Arthur R.	Com. Ind Salvador Rangel Ltda.	Rua Anhangabahú, 540
	Farmácia Esfinge Ltda.	Rua Anhangabahú, 527
	Assad & Fakar	Rua Augusto Severo, 5(?)
	Ind. e Com. De Malas Fibrax Ltda.	
	Joalheiria Oriental – Irmãos Naccache	Rua Florêncio de Abreu, 344
	Welth Ltda.	
	Ferreira Gonçalves & Cia – Ferragens e Ferramentas	Rua Florêncio de Abreu, 358
	Seisa – Sociedade Expansão Industrial Sul Americana Ltda.	Rua Florêncio de Abreu, 354
Emilio Niero	Casa de Couros – Emilio Niero	Rua Augusto Severo, 87
	Irmãos Sapadjian – Louças, ferragens, cristais, artefatos de alumínio	Rua Anhangabaú, 446
	Tecidos L. G. Toledo S.A	
Anibal L. Almeida		Rua Florêncio de Abreu, 371
Antônio Moises Maia	Casa ao Preço Único	Rua Florêncio de Abreu, 870
	Teixeira Souza Cia.	Rua Florêncio de Abreu,
	João A. Machado S. A. – Comercio e Industria	
Rachid	Tecidos Abbud S/A	
	Tecidos Jamil Kury & Irmãos S/A	

Antonio Mahas	Irmãos Mahas	
	Tecidos Michel Chohfi S/A	
	Tecelagem Santa Branca	
	Hassib Abrão Dib	Rua 25 de Março, 3
Pedro Hachuy	Casa Independência	Rua 25 de Março, 515
	J. Chafik Yazigi & Cia	
	E. Rosenthal & Cia Ltda.	
	Irmãos Saccab & Chahin	
	M. Saad & Cia	
	& Tueni	Rua 25 de Março, 640
Sallim Lutfalla	S/A. Fiação e Tecelagem “Lutfalla”	
	Abrão Dib & Cia Ltda.	Rua 25 de Março, 752
	Tecidos Hussni Ltda.	
	Cia Textil Ragueb Chofi	
	Garagem São Bento – Adhemar Martinez & Cia	Rua Florêncio de Abreu, 131
	Importadora Helzel S.A.	

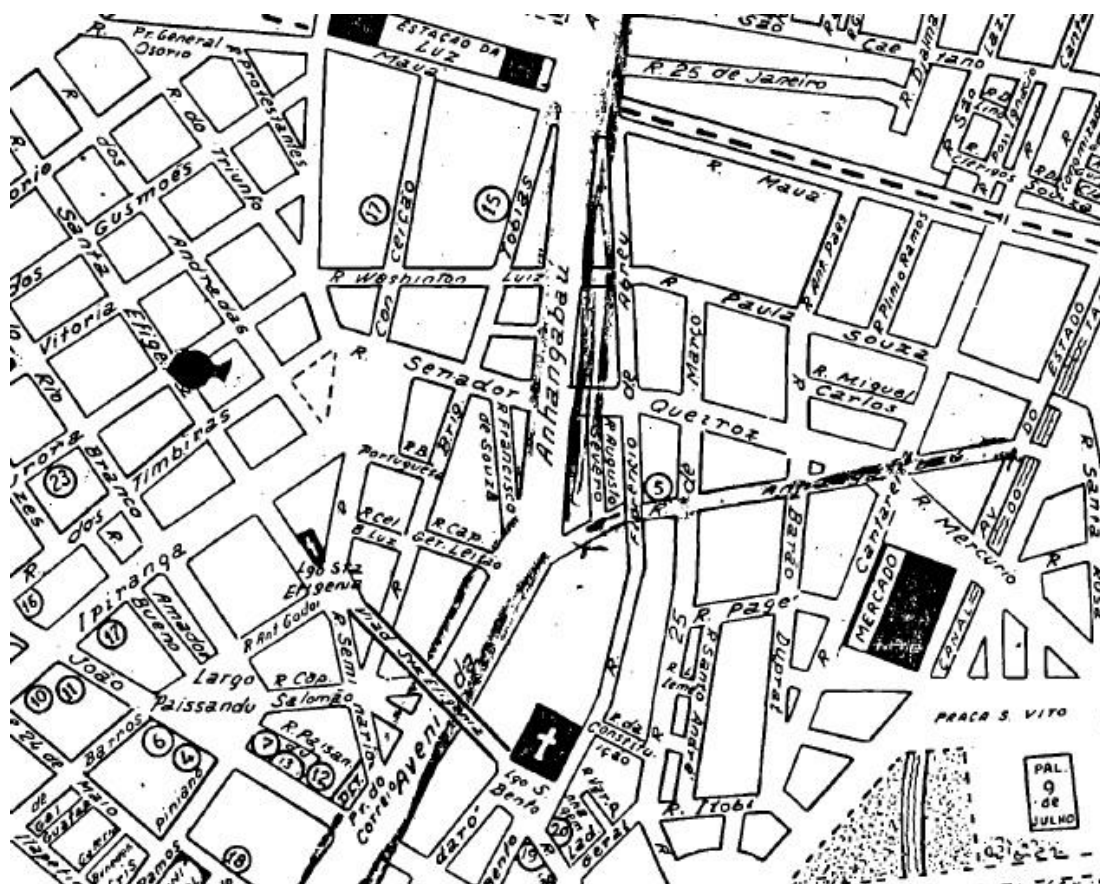


Figura 47 – Mapa contido no Processo
Fonte: Processo Nº 3165.

Por fim, nota-se que o processo para consolidar a nomenclatura de Rizkallah Jorge a uma via pública foi permeado por diversas tramas. Inicialmente, o projeto de lei proposto pelo vereador José de Moura, intencionava atribuir esta designação ao trecho em que estavam instalados os palacetes do imigrante sírio-libanês. Todavia, a Comissão de Educação e Cultura considerou inoportuna a substituição do nome que estava associado à origem da cidade, tornando-se necessário um estudo mais pormenorizado para compreender se havia, de fato, um mal-entendido com relação ao nome da avenida e da rua, se fosse constatado que sim, deveriam sugerir um acréscimo que as diferenciasses, sem a necessidade de substituição. Apesar de não considerar pertinente o local para o qual a atribuição do nome foi pleiteada, a Comissão, considerou que designar algum logradouro público como Rizkallah Jorge, assinalaria a contribuição que a colônia trouxe ao Município, logo, a rua Pagé, foi renomeada em dezembro de 1950.

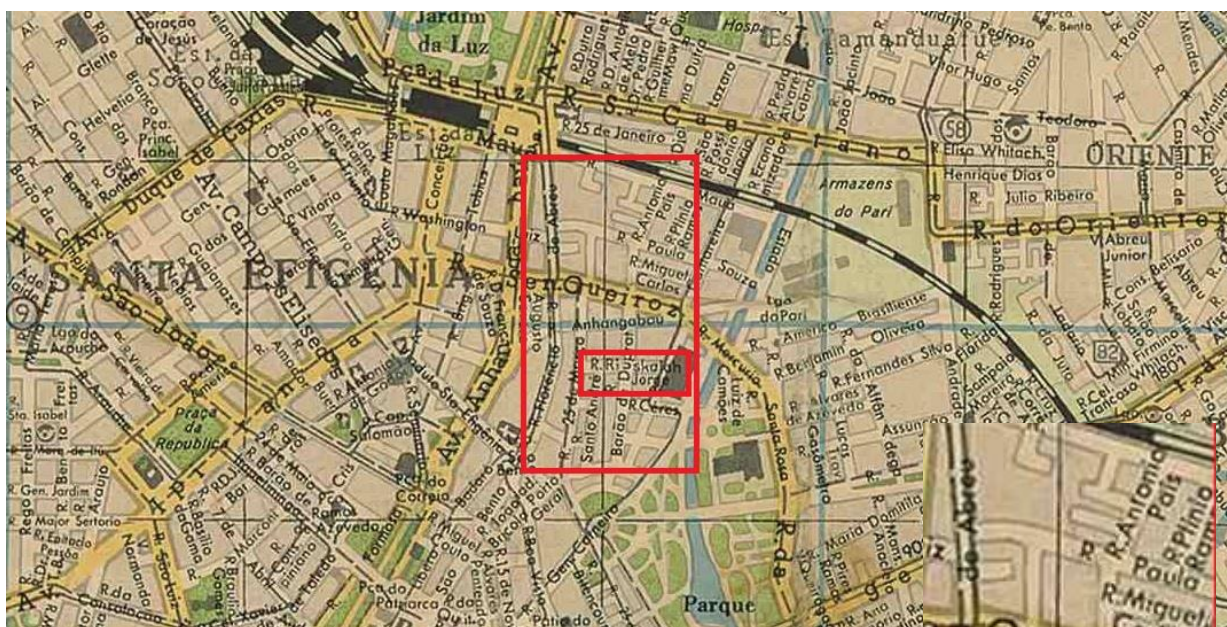


Figura 48 – Mapa contido no Processo
Fonte: Processo N° 3165.

No mapa acima, a primeira edição do ano de 1951 da Companhia de Melhoramentos de São Paulo, consta a substituição da nomenclatura, entretanto, o projeto de lei continuou a ser pensado, sendo proposta em abril deste mesmo ano uma emenda para transformar o nome da rua Pagé em Jorge Tibiriça. A disputa entre a nomenclatura atribuída aos locais da região central, espaço de relevância simbólica por historicamente ser representativa do início

do processo de urbanização, demonstra o embate em torno da memória que prevaleceria na cidade de São Paulo. Neste episódio, estavam colocadas a memória do estrangeiro e do nacional, ainda indicando a tensão entre a imigração que levou a novas formas de viver e se apropriar da cidade, e o tradicional, o governador do Estado no período do governo provisório, presidente do Estado entre os anos de 1904 e 1908, vice-presidente do Partido Republicano Paulista.²⁴⁸



Figura 49– Mapa contido no Processo de 1951,²⁴⁹ que o Executivo estava autorizado a

A Câmara Municipal decreta em 2 de maio de 1951,²⁴⁹ que o Executivo estava autorizado a

²⁴⁸ O resultado deste embate foi a manutenção da nomenclatura Pagé até o ano de 1971, quando por meio da Lei 7.618 de 08 de junho, o local passou a intitular-se rua Comendador Affonso Kherlakian, importante figura no ramo de tecidos. O comendador Affonso Kherlakian, chegou no Brasil com 4 anos de idade no ano de 1926, posteriormente, naturalizou-se brasileiro. Assim como tantos outros membros da comunidade, foi um destacado autor de obras de benemerência, idealizador de várias companhias de fundo social, além de presidente e fundador da Missão Armênia Católica, faleceu no ano de 1961. Dicionário de Ruas da Prefeitura. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>. Acesso em: 30/05/2016.

²⁴⁹ “Parecer n. 3351 da Comissão de Redação sobre o projeto de Lei n. 291-50

Sr. Presidente:

Consta do presente processo n. 316550 o Projeto de Lei n. 29150 de autoria do nobre Vereador José de Moura, denominado, Rizkallah Jorge trecho da atual rua do Anhangabaú e o largo do Mercado, à margem do canal do Tamanduateí. A proposição, fartamente documentada pelo autor, foi apreciada pelas Comissões de Justiça e de Educação e Cultura, concluindo esta última por uma substituição pelo qual autoriza a denominação de Jorge Rizkallah a atual rua Pagé, no subdistrito da Sé. Submetido à deliberação da Casa, em sua sessão de 30 de março do corrente ano, aprovou a mesma o substitutivo da Comissão de Educação e Cultura constante do parecer n. 6250. Retornando à segunda discussão, em 16 de abril p. passado, foi a propositura novamente aprovada, porém, com a emenda n. 2 do vereador José Diniz. À vista do exposto, a redação final deve ser a seguinte:

Projeto de Lei n. 29150

A Câmara Municipal de São Paulo decreta:

dar a denominação de Rizkallah Jorge a uma das vias públicas que fossem oficializadas, retornando, assim, no mapa de 1952, a denominação Pagé. A atual localização da Rua Rizkallah Jorge²⁵⁰ só foi definida no ano de 1952, por meio da lei nº 4.186 de 14 de Janeiro de 1952, que propunha que esta denominação seria atribuída a rua sem nome que começava na Avenida Anhangabaú e terminava na rua Brigadeiro Tobias, ficando entre as ruas Pedro Lessa e Capitão Mor Jerônimo Leitão.

Os meandros que marcam o processo de nomeação de uma via com o nome do imigrante evidenciam que lidar com a memória é defrontar-se com manifestações de poder, visto que nenhuma memória é “neutra” e “absoluta”, e sim a montagem de um enquadramento por parte de um grupo que naquele determinado momento conseguiu tornar-se hegemônico, conseguindo impor seus símbolos na memória coletiva. Ao tomarmos este projeto de lei como objeto de análise é notório que a memória deve ser entendida como um documento histórico, não no sentido de se tornar “absoluta”, mas, sim, como um elemento que deve ser questionado para se compreender a sociedade que o produziu, o que se torna relevante não é sua veracidade, e, claramente, a representação que ela cria da sociedade.

Se a memória é um documento, devemos analisar suas particularidades e suas dinâmicas. A respeito da discussão da memória enquanto documento, as proposições de Le Goff oferecem as respostas sobre como essa deve ser entendida:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.²⁵¹

Podemos conceber que este é um instrumento que manifesta um desejo de perpetuação nas sociedades históricas, portanto deve ser analisado com muitos filtros, e enquanto uma manifestação de poder devemos entender seu significado. Fernando

Artigo 1 – Fica o Executivo autorizado a dar a denominação de Rizkallah Jorge a uma das vias públicas que vierem a ser oficializadas.

Artigo 2 – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Sala das Comissões, 2 de maio de 1951”

²⁵⁰ Deve-se salientar que o logradouro foi intitulado Rua Riskallah Jorge, pois o texto da lei, assim o grafou no momento de seu decreto. “Art. 1 – Fica denominada Riskallah Jorge – nome a que se refere a Lei n.º 4.508, de 8 de junho de 1951 – a rua sem nome que começa na Avenida Anhangabau e termina na Rua Brigadeiro Tobias e fica entre as Ruas Pedro Lessa e Capitão Mor Jerônimo Leitão.”

²⁵¹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.P.548.

Os palacetes listados no mapa, bem como a Casa da Boia, foram tombados por serem parte da Z8-200, que visava preservar os bens relevantes que estavam em iminência de desaparecimento do espaço urbano da Paulicéia.²⁵⁴

3.2 - PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA:

TOMBAMENTO COMO INSTRUMENTO DE PODER

Ao se propor um estudo sobre o espaço urbano, pretende-se mostrar que a cidade além de conter inscritos em seu ambiente o fator político e socioeconômico, é também, ela mesma, produtora destes mesmos fatores. A série de construções materiais que compõem a cidade representam muito mais que aspectos técnicos e artísticos. As construções possuem dimensões físicas, simbólicas e ideológicas, que têm dinâmicas próprias, podendo ser alvo de pesquisas e problematizações históricas.²⁵⁵ A pesquisa objetiva analisar o espaço construído interconectado com o espaço social, utilizando a cidade não como pano de fundo das relações sociais, mas também, como um artefato a ser estudado. Rizkallah Jorge com suas edificações não apenas influenciou materialmente na constituição do espaço urbano paulista, mas também gerou, nele, representações de seu poder simbólico, que puderam ser vistas pelos que transitavam no centro da capital.

Fernando Atique destaca que as obras de arquitetura não são a cristalização de um discurso hermético de um campo do conhecimento, mas, sim, uma forma de moldar a cidade, pois além de serem um discurso formal e funcional, são também:

imagem, depósito de representações, deflagrador de memórias e suporte material de referenciais urbanos, Essas considerações mostram, claramente, que as edificações não são meramente suportes de atividades ou abrigos. São, visivelmente, elementos simbólicos, capazes de servirem a materializações de discursos e de políticas; são espaços dotados de significados desde sua concepção até sua ocupação.²⁵⁶

Consequentemente, se os edifícios trazem consigo todos os elementos listados acima, selecionar o que deve ou não ser preservado expressa uma intencionalidade acerca do que é representativo para determinado grupo que faz esta escolha. Valendo-se

²⁵⁴ FERREIRA, Luís Gustavo Pereira. "Emoldurando o Cartão Postal Através do Qual se Conhece São Paulo": poder, hegemonia e conflito no tombamento do Vale do Anhangabaú (1990-2000). Dissertação de Mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2015.

²⁵⁵ BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889**. op.cit., p.17.

²⁵⁶ ATIQUE, Fernando. **A Importância da História nas Decisões do "Por que" e "O Que" Preservar nas Cidades**. Cit., p.55-56.

da ideia de que desde a Constituição de 1988 o poder público tem o dever de gerir o patrimônio e suas políticas de preservação, sua função em um governo democrático é fazer com que a pluralidade de atores sociais que compõem a sociedade seja contemplada nas instâncias patrimoniais.

Especificamente em se tratando do processo da Z8-200, nota-se que neste processo foi elaborado como resposta ao receio de que houvesse o desaparecimento de locais que permitiam a compreensão do presente por meio dos espaços erigidos no passado, uma vez que na região do Anhangabaú era possível estabelecer conexões com o período de sua ocupação no início do século XX, assim como com as populações que ali viveram.

Para o historiador Luís Gustavo Ferreira, a Zona Z8-200, em que se inserem os palacetes encomendados por Rizkallah Jorge e a Casa da Boia, demonstram que a preservação não é uma ação neutra, mas, sim, um processo de seleção que se relaciona com o momento histórico, que neste período era de formulação de novas políticas públicas e de disputa dentro de uma mesma administração de profissionais de campos diferentes em torno de um mesmo objeto, buscando cada qual colocar seu campo como a autoridade sobre o conhecimento do espaço urbano.

O tombamento do Vale do Anhangabaú, na capital paulista, em 1992, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental - CONPRESP – foi bastante ousado, haja vista constituir-se em preservação de uma mancha de grande importância na estrutura urbana. Em uma época de discussão de prioridades e de novos atores sociais chegando ao poder, buscando construir novas metodologias de abordagem do patrimônio cultural como artefato social e elemento urbano de uma pauta coletiva, o poder público municipal forneceu sua chancela ao tombamento, fazendo deste processo um elemento de construção da cidadania, pois, como veremos adiante, se buscava valorizar não o individual, mas o coletivo, o social.²⁵⁷

²⁵⁷ Ferreira destaca que em 1974 a Coordenadoria Geral do Planejamento-COGEP contratou Benedito Lima de Toledo, urbanista e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, para listar os bens com potencial de preservação, identificando imóveis que tivessem importância histórico-arquitetônica para município. Toledo convidou o também urbanista e professor da FAUUSP Carlos Lemos para a realização deste trabalho, que originou o relatório que se tornou conhecido por Programa Toledo-Lemos, listando 91 itens, totalizando 200 imóveis, sendo 27 manchas e 66 edifícios isolados, e se tornando o referencial para a definição da zona Z8-200, uma classificação de áreas urbanas criada, com outras, pela lei 8.328, de 2 de dezembro de 1975. Esta lei foi sancionada pelo então prefeito Olavo Egydio Setúbal, e dispunha “sobre o parcelamento, uso e ocupação do solo do Município, nas zonas de uso especiais Z8, cria novas zonas de uso, amplia zonas existentes, e dá outras providências”. Na proposta definida pela COGEP seriam objeto de proteção os “bens culturais significativos da área central da cidade”⁵⁶. Do documento entregue por Toledo e Lemos, replicado na lei, constava, além da identificação do bem com endereço, uma breve descrição de cada imóvel, com citação de estilo, técnica construtiva, período e responsável pela construção. Deveriam estar inscritos na Z8-200 “imóveis de caráter histórico

Atualmente, os palacetes²⁵⁸ estão em tombamento provisório e foram preservados por serem parte da Z8-200 e, também, por terem sido enquadrados na resolução 11/02 de área envoltória e no tombamento do centro Velho. Estes imóveis situados na Rua Carlos de Souza Nazaré encontram-se em processo individual de tombamento, atitude que tem por objetivo *singularizar* as construções. Embora este procedimento seja simbolicamente perceptível, em termos de preservação, os imóveis já se encontram arrolados como de interesse preservacionista desde a criação da Z8-200, nos anos 1970, e foram oficialmente tombados por resoluções municipais sucessivas, como a Resolução Compresp 44/92 - APT²⁵⁹ imóveis enquadrados como Z8-200;²⁶⁰ na resolução 11/02 - APT da área do Centro Velho,²⁶¹ foram colocados no nível P3;²⁶² e na resolução 17/07 - tombamento da área do Centro Velho,²⁶³ foram enquadrados no nível de proteção P2.²⁶⁴

ou de excepcional valor artístico, cultural ou paisagístico, destinados à preservação”. FERREIRA, Luís Gustavo Pereira. **"Emoldurando o Cartão Postal Através do Qual se Conhece São Paulo"**: poder, hegemonia e conflito no tombamento do Vale do Anhangabaú (1990-2000). Dissertação de Mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2015.p. 35-36.

²⁵⁸ O palacete São Jorge também encontra-se tombado por fazer parte da área envoltória do sobrado à Rua Florêncio de Abreu, 111 da resolução 05/91, também tombado pela na resolução de SC 43/80.

²⁵⁹ APT – Área de Patrimônio Tombado.

²⁶⁰ Resolução n.º. 44/92 na reunião extraordinária realizada em 11 de dezembro de 1992 o Compresp, “no uso de suas atribuições legais e nos termos da Lei no 10.032/85, com as alterações introduzidas pela Lei no 10.236/86, resolve abrir processo de tombamento dos IMÓVEIS ENQUADRADOS NA ZONA DE USO Z8-200, arrolados no Anexo I”.

²⁶¹ Resolução n.º. 11/2002 - “Considerando o valor histórico, social e urbanístico representado pelos vários modos de organização do espaço urbano que compõem a área central da cidade de São Paulo, destacando-se o Centro Velho; Considerando o significado paisagístico e ambiental assumido pelo Centro Velho ao longo da história da Cidade de São Paulo; e Considerando o valor histórico-arquitetônico, ambiental e afetivo de diversos imóveis localizados na área do Centro Velho e vizinhança”.

²⁶² No nível P3 o texto da resolução dispõe que: “III. Nível de Proteção 3 (P-3): corresponde a bens de interesse histórico, arquitetônico ou paisagístico, determinando a preservação de suas características externas”.

²⁶³ Resolução Nº 17/CONPRESP/2007 – “ Considerando os valores histórico, simbólico e afetivo da área central da cidade de São Paulo conhecida como Centro Velho, que abriga o marco de fundação (Pátio do Colégio) e espaço original de ocupação (o Triângulo) da cidade; Considerando a importância do seu traçado urbanístico estruturador para a história do desenvolvimento urbano de nossa cidade; Considerando o valor arquitetônico e ambiental dessa área urbana, que reúne relevantes exemplares de edificações, muitos já reconhecidos como patrimônio arquitetônico através de tombamentos anteriores; Considerando o valor histórico e paisagístico, bem como a importância sócio-cultural e o caráter metropolitano de suas praças e largos, além do valor artístico das obras de arte situadas em seus logradouros públicos; Considerando o contido nos PAs n.ºs 2000-0.218.872-0 e 2007- 0.209.235-1; RESOLVE: Artigo 1º - TOMBAR, na área do CENTRO VELHO, definida pelo perímetro abaixo descrito, o seguinte conjunto de bens constitutivos desse espaço urbano (...)”

²⁶⁴ Na resolução de 2007 os três palacetes são tombados no nível P-2 que dispõe:

“Artigo 2º - Os bens tombados, identificados no Artigo 1º, classificam-se de acordo com os seguintes Níveis de Proteção: I - Nível de Proteção 1 (P-1): corresponde a bens de excepcional interesse histórico, arquitetônico ou paisagístico, determinando sua preservação integral. II - Nível de Proteção 2 (P-2): corresponde a bens de grande interesse histórico, arquitetônico ou paisagístico, determinando a

A Casa da Boia está preservada como área envoltória na resolução de SC 43/80²⁶⁵ e no nível de número 1 pela resolução 37/92 – Área do Anhangabaú que dispõe que:

Considerando o valor histórico, social e urbanístico representado pelos vários modos de organização do espaço urbano que compõem a área central da cidade de São Paulo, destacando-se o Vale do Anhangabaú; Considerando o significado paisagístico e ambiental assumido pelo Vale do Anhangabaú ao longo da história da cidade de São Paulo; e Considerando o valor histórico-arquitetônico, ambiental e afetivo de diversos imóveis localizados na área do Vale do Anhangabaú e vizinhanças, RESOLVE: Artigo 1º - Ficam tombados, na área do VALE DO ANHANGABAÚ, definida pelo perímetro discriminado na Resolução CONPRESP 06/91, os seguintes elementos constituidores do ambiente urbano: a) 293 edificações identificadas no Anexo I, que integra esta Resolução; b) 9 logradouros públicos identificados no Anexo II, que integra esta Resolução. Artigo 2º - Os bens tombados na área do Vale do Anhangabaú ficam classificados conforme os seguintes níveis de proteção: I - Nível de Proteção 1 (NP-1): corresponde a bens de excepcional interesse histórico, arquitetônico ou paisagístico, determinando sua preservação integral. II - Nível de Proteção 2 (NP-2): corresponde a bens de grande interesse histórico, arquitetônico ou paisagístico, determinando a preservação de suas características externas e de alguns elementos internos, discriminados no Anexo I. III - Nível de Proteção 3 (NP-3): corresponde a bens de interesse histórico, arquitetônico, paisagístico ou ambiental, determinando a preservação de suas características externas.

No catálogo de bens tombados pelo DPH os palacetes e a Casa da Boia aparecem mencionados da seguinte maneira,

083- Palacete Alepo- Rua Carlos de Souza Nazareth, 321 a 329.

Numero de Pavimentos: Cinco.

Técnica Construtiva: Estrutura de Concreto e Alvenaria de Tijolos.

Uso Atual: Comercial/Serviços

Estado de Conservação: Edifício em mal estado de Conservação; de um modo geral guarda seus aspectos originais, salvo a descaracterização do pavimento térreo modificado em função das casas comerciais ali abrigadas.

Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício de 1928 segundo inscrição aposta na fachada, projetado por Rizkallah Jorge.

084- Palacete São Jorge- Rua Carlos de Souza Nazaré, 256 a 320.

Numero	de	Pavimentos:	Seis.
Técnica	Construtiva:	Estrutura de Concreto	e
Alvenaria		de	Tijolos.

preservação integral de todos os elementos arquitetônicos e construtivos externos, bem como de elementos arquitetônicos e construtivos internos discriminados nas fichas cadastrais constantes do processo de tombamento, ou identificados através de diagnósticos e pesquisas.”

²⁶⁵ Resolução SC 43/80, de 3 de novembro de 1980, publicado no DOE 11/11/80, p. O Secretário Extraordinário da Cultura, nos termos do artigo 1º do Decreto-Lei 149, de 15 de agosto de 1969, Resolve: Artigo 1º – Fica tombado por seu valor artístico e histórico, como documento excepcional de um tipo de habitação paulistana do final do século XIX, representando partido arquitetônico associado às transformações acarretadas pela economia do café o prédio da Rua Florêncio de Abreu, 111, nesta capital, de propriedade do Mosteiro de São Bento.

Uso Atual: Comercial/Serviços.
Estado de Conservação: O edifício encontra-se em bom estado de conservação, mantendo seu aspecto original, somente tendo sofrido algumas alterações interiores para instalações elétricas e hidráulicas; os painéis dos estabelecimentos comerciais, ali instalados, prejudicam a fachada no pavimento térreo.
Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício denominado Palacete São Jorge, construído aproximadamente em 1928 por Rizkallah Jorge, cujo partido arquitetônico lembra muito habitações coletivas norte-americanas do final do século, que representa bem as soluções iniciais adotadas em São Paulo, referentes a edifícios de apartamentos que constituíam naquela época uma grande novidade.

085- Palacete Paraíso- Rua Carlos de Souza Nazareth, 287 a 317.

Numero de Pavimentos: Seis.

Técnica Construtiva: Estrutura de Concreto e Alvenaria de Tijolos.

Uso Atual: Residencial/Comercial.

Estado de Conservação: O edifício encontra-se em estado razoável de conservação, não tendo sofrido alterações em seu exterior, salvo modificações em seu pavimento térreo pelos vários tipos de comércio ali instalados.

Histórico/Descrição/Ambiência: Edifício do final da década de vinte, construído por Rizkallah Jorge, representativo de uma arquitetura compromissada com o ecletismo anterior, mas já com características que a situam como produto da expansão industrial, quando se reviveram modelos anteriores recriados a partir de uma tecnologia nacional e do gosto de artesãos ou oficinas ligadas a construção civil, principalmente o Liceu de Artes e Ofícios.

105- Casa da Boia – Rua Florêncio de Abreu, 119 a 123.

Numero de Pavimentos: Dois mais porão.

Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos e viga de ferro.

Uso Atual: Comercial.

Estado de Conservação: Edifício em razoável nível de conservação. Quase todo o pavimento térreo e a parte frontal superior guardam suas características primitivas. A fachada permanece com todos seus aspectos originais. Foi alterada a parte dos fundos do pavimento superior: construção de banheiros, revestimento e forros nos últimos cômodos. No fundo do pavimento térreo foi construído um mezanino.

Histórico/Descrição/Ambiência: Tradicional estabelecimento de comércio e industrialização de equipamento para serviços de hidráulica, construído em 1909 por Rizkallah Jorge, cujos descendentes ainda mantêm o estabelecimento em atividade.

Tem grande interesse documental, mostrando principalmente certos hibridismos próprios do ecletismo paulista.

Ao analisar as questões que permeiam o patrimônio e os mecanismos de preservação do mesmo, verifica-se que os bens por si, não são dotados de valores, ou seja, estes lhe são atribuídos pela sociedade em geral que, contudo, o ressignifica constantemente, por se encontrar em permanente metamorfose, tendo em vista que as

cidades e as sociedades modificam suas “formas culturais, acrescentando valores simbólicos cotidianamente aos seus artefatos.”²⁶⁶

A permanente resignificação do patrimônio foi identificada por Alois Riegl, em “O Culto Moderno ao Monumento”,

monumento é todo artefato que foi erigido com o fim de fazer lembrar algo ou alguém. Tem íntima relação com a intencionalidade de louvação, e, geralmente, possui formas específicas, que facilitem a identificação da homenagem que se presta. Colunas votivas, arcos do triunfo, bustos, conjuntos escultóricos são parte dos vocabulários formais correntes há séculos para estas atitudes memoriais, nas cidades.²⁶⁷

Para Riegl esta definição corresponde aos monumentos intencionais, ou seja, aqueles projetados para celebrações, e que claramente detêm uma mensagem, que, no entanto, pode ser perdida ao longo das gerações. Por outro lado, existe uma outra espécie de monumento, que embora tenha sido projetado para abrigar outras funções cotidianas, acaba se transformando em suporte da memória de milhares de pessoas. A estes, o autor vienense denomina de “históricos”. Logo, apesar de surgirem para outras finalidades, acabam por se tornar elementos importantes na organização dos territórios e da vida social. Seus desaparecimentos causam transtornos emocionais e políticos, muito embora não tenham formas memoriais, como as que descrevemos.

Assim, os monumentos são uma construção, tanto da memória coletiva institucionalizada, quanto da memória individual, que possibilita outras interpretações destes mesmos patrimônios, portanto, é tarefa da história tomá-los como objeto de estudo, identificando as memórias que os diversos agentes históricos produzem a seu respeito.

3.3 – “BRASILEIROS” DESEJÁVEIS:

A PROPAGANDA DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA

²⁶⁶ MARTINS, Ana Luiza. Fontes para o Patrimônio Cultural: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). O Historiador e suas fontes. São Paulo: Editora Contexto, 2009. Apud. ATIQUÊ, Fernando. **A Importância da História nas Decisões do “Por que” e “O Que” Preservar nas Cidades.** Cit., p.55.

²⁶⁷ idem.

Os monumentos consistem em uma das formas mais nítidas de se inscrever na memória coletiva. Desta forma, no Centenário da Independência de 1922, a comunidade sírio-libanesa se viu com uma oportunidade de deixar marcada sua presença na cidade de São Paulo. Com o intuito de propagar uma identidade étnica foi criada a Comissão para a Homenagem Sírio-Libanesa²⁶⁸ ao Centenário da Independência, liderada por Basílio Jafet.²⁶⁹

Um dos principais objetivos empreendidos na construção deste monumento, é representado na sua localização inicial, que denotava o anseio da comunidade em demonstrar que haviam se tornado “brasileiros” desejáveis, portanto colocá-lo no Parque Dom Pedro II,²⁷⁰ uma das regiões mais simbólicas da cidade, representava uma ação permeada de intencionalidade.

²⁶⁸O monumento elaborado por Ettore Ximenes, escultor italiano conhecido mundialmente, foi tombado na Resolução Nº 17/CONPRESP/2007, sobre a área do Centro Velho, sendo arrolado no Anexo III, que dispõe sobre as Obras de Arte em Logradouros Públicos.

²⁶⁹O abastado industrial, Basílio Jafet, migrou do Líbano, ao Brasil com 22 anos de idade. Aqui se estabelecendo, fundou com seus irmãos Nami, Benjamim e João, uma casa comercial importante a Nami Jafet e Irmãos em 1893. Em 1907, fundou com seus irmãos no bairro do Ipiranga, uma indústria de tecidos de algodão, tecelagem, Estamparia Ipiranga "Jafet" S/A. Recebeu a condecoração do merecimento libanês, e a condecoração do governo francês no grau de Cavaleiro da Legião de Honra. No Brasil, devido as suas obras sociais e auxílios a todas as campanhas nacionais, foi considerado representante da Colônia Libanesa e seu chefe com o pleno reconhecimento de todos os libaneses e seus descendentes, sendo presidente por vários anos do Conselho Administrativo da Igreja Ortodoxa e presidente da Comissão Pró-Monumento da Colônia Sírio-Libanesa comemorativo do centenário da Independência do Brasil, dentre outros. Na inauguração do monumento em 1928, Basílio Jafet teve a incumbência de representar o Presidente Washington Luís. Faleceu em 4 de maio de 1947. Dicionário de Ruas da Prefeitura. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>. Acesso em: 30/05/2016.

²⁷⁰ A implantação do primeiro parque, Ilha dos Amores, na Várzea do Carmo ocorreu no século XIX, durante o governo João Teodoro, contudo acabou abandonado em decorrência da obstrução do canal que o separava da Rua 25 de março para dar lugar ao Mercado de Peixe. Na década de 1910, durante o período em que Raimundo Duprat esteve à frente da Prefeitura de São Paulo, o engenheiro-paisagista francês Joseph Bouvard foi convidado para avaliar os planos de melhoramentos urbanos e viários da cidade e acabou elaborando um projeto para criação de um grande parque na região. A execução desse projeto ficou a cargo do arquiteto-paisagista E.F. Cochet, tendo início apenas na gestão seguinte, quando Washington Luís se tornou Prefeito da capital paulista. O desfecho da obra e a escolha do nome Dom Pedro II, se dão no início da década de 20, quando o Prefeito da Cidade era Firmiano de Moraes Pinto. No final da década de 1960, na gestão de Faria Lima, em função da implantação de uma série de obras viárias no espaço em que Parque Dom Pedro II estava estabelecido, este acabou tornando-se um espaço transitorial, deixando de ser um espaço de sociabilidade. KLIASS, Rosa Grena Alembick. Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade. São Paulo: Pini, 1993. p.112-130, apud. GESSI, Hennan. **A Difusão do Lazer na Cidade de São Paulo: o Caso do Parque Shanghai (1937-1968)**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios, 2015.

O monumento foi inaugurado publicamente em 1928 em frente ao Palácio das Indústrias. Em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo,²⁷¹ a cerimônia de entrega é detalhada, e incluiu uma parada com mais de dois mil soldados, discurso do prefeito e vereadores e uma banda tocando os hinos do Brasil, da Síria e do Líbano, portanto, percebe-se que ele representou uma afirmação da identidade sírio-libanesa na cidade de São Paulo, assim como um estreitamento nas relações entre esta comunidade e a terra que os recebera.



Figura 51- Monumento Amizade Sírio-Libanesa

Fonte: São Paulo Antiga

Jeffrey Lesser escreve que o monumento é uma torre de bronze e granito de dezesseis metros de altura, dividida em quatro seções que visavam demonstrar as contribuições sírias à cultura mundial:

²⁷¹ O Estado de São Paulo, 3 de maio de 1928. Homenagem Syria – Inaugura-se, hoje, o monumento oferecido pela colonia syrio-libaneza ao Brasil.

os fenícios como pioneiros da navegação, a descoberta das Ilhas Canárias por Haitam I e o ensino do alfabeto. O quarto lado era o “símbolo da penetração síria no Brasil”, representando “o comércio...que alcançou grande prosperidade”. O topo do monumento era composto de três figuras em tamanho natural. No plano posterior, havia uma figura feminina representando a República Brasileira (...). À sua frente, uma “puríssima rapariga síria” oferece um presente a seu “irmão brasileiro”, um guerreiro indígena (...).²⁷²

O autor ainda relata que o monumento foi pensado com a narrativa que a grandeza síria transformou o mundo permitindo que o Brasil fosse descoberto e prosperasse, e as três figuras do topo eram irmãos, compondo a população brasileira. Contudo, ele destaca que isso não deve ser lido como *assimilacionismo*, uma vez que a placa dedicatória encontra-se tanto em português, como em árabe, sendo uma afirmação de identidade.

Um acontecimento relevante se deu na transferência do monumento em 1988 para o parque situado na entrada da rua 25 de Março, área fortemente relacionada a colônia sírio-libanesa em São Paulo. O deslocamento do monumento representou, para Lesser, que “em meio século, a afirmação da etnicidade sírio-libanesa assistiu a uma mudança espacial: da nação brasileira (o Parque Dom Pedro II) a seu próprio bairro étnico.”²⁷³ Contudo, deve-se compreender que o próprio Parque Dom Pedro II passou por um processo de modificações espaciais em virtude do desenvolvimento de uma série de obras viárias, deixando de ser um espaço de convivência de pessoas, transformando-se em um local de circulação efêmera de veículos. Desta maneira, questionamos, qual a relevância da permanência de um monumento intencional em uma localidade onde ele acabaria obscurecido? Sua mudança também não estaria ligada a tal constatação?

Em matéria intitulada “a Prefeitura vai reinaugar estátua escondida há 20 anos”, Luiz Prado tece uma crítica ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat -, relatando que o monumento permaneceu por 20 anos tampado por tapumes do canteiro de obras da Construtora Camargo Correa, enquanto a mesma realizou obras na estação Sé do metrô. Com tom satírico, o autor também destaca que quando a Prefeitura determinou a transferência do monumento, o Condephaat não conseguiu determinar a localização exata do monumento dentro da área do Palácio das Indústrias, confundindo-o com a

²⁷² LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 106.

²⁷³ *ibidem*. p. 109.

estátua do “Semeador.”²⁷⁴ Portanto, sua a reinauguração na praça Ragueb Chofi, atendendo a um pedido da União dos Lojistas da 25 de Março, demonstra uma tentativa de recuperação de sua função memorial que estava pouco aparente em decorrência de sua antiga localização.

A entrega de monumento, salienta a imagem que a comunidade sírio-libanesa queria que fosse entrelaçada à sua identidade. Diversas campanhas para arrecadação de fundos foram empreendidas, entre elas, a doação de um aeroplano ao Clube Brasileiro, em 1918. Segundo matéria publicada no Correio Paulistano, o episódio “vinha reafirmar os sentimentos syrios para com o Brasil, neste instante de apprehensões e de luctas, em que todas as solidariedades, mórmente as que, como essas, se traduzem em resultados positivos, são tão preciosas e reconfortantes para a nação.”²⁷⁵

Rizkallah Jorge foi um dos imigrantes sírios que participaram desta campanha, e que manifesta a intenção da comunidade de se reafirmar como partícipe da sociedade brasileira. Em um cenário que colocava o estrangeiro com rótulos de inferioridade, construir uma imagem sobre si, que demonstrasse que eram parte ativa da sociedade paulista, objetivava vincular seu capital financeiro à um capital cultural, permitindo sua afirmação no interior desta sociedade. Estas atividades foram permeadas por uma intencionalidade que indicou uma ampla rede de articulação social que os consolidou e inseriu dentro do grupo das “elites” do período.²⁷⁶

²⁷⁴ Folha de São Paulo, 26 de março de 1988. Luiz Prado acreditava que esta transferência significou uma inversão no objetivo dos idealizadores do monumento, bem como representou uma descaracterização no Parque Dom Pedro II, contudo, observa-se que o próprio local em que o monumento estava antes inserido, o Palácio das Industrias, era fruto de um abandono, instalando-se lá no ano de 1992 a Prefeitura da cidade, como uma tentativa para a revitalização do edifício e da região do Parque.

²⁷⁵ Correio Paulistano, 12 de abril de 1918 - “Colônia Syria – O Offerecimento de um Aeroplano ao Aero Club Brasileiro”.

²⁷⁶ Bourdieu em A Força das Representações demonstra os processos que originam as representações, “Todavia, num registro mais profundo, a busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) constituem o objeto de representações mentais- vale dizer de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. Em outras palavras, os traços e critérios recenseados pelos etnólogos ou sociólogos objetivistas, tão logo sejam percebidos e apreciados como de fato o são na prática, acabam funcionando como signo, emblemas ou estigmas e, também, como poderes. Sendo assim, não havendo nenhum sujeito social capaz de ignorá-lo praticamente, as propriedades (objetivamente) simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função tanto dos interesses materiais como dos interesses simbólicos de seu portador”. BOURDIEU, Pierre. **A força da representação**. Economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1998. p1-2

3.4 – CONFIGURANDO UMA AUTO REPRESENTAÇÃO:

TECNOLOGIA COMO DEPOSITÁRIA DE UMA DISTINÇÃO SOCIAL

Michel Pollak destaca que perto do momento em que as testemunhas oculares tomam consciência de que irão desaparecer, elas sentem necessidade de inscrever suas experiências contra o esquecimento.²⁷⁷ Assim, ser lembrado e ter sua vivência contada talvez seja um dos principais propósitos dos indivíduos. Objetivando criar a forma como sua trajetória seria compreendida, Rizkallah Jorge gravou no ano de 1928, uma película²⁷⁸ em 35mm, pelo estúdio Oriente Films.²⁷⁹

Encomendar este filme em 1928 denota em que grau o imigrante sírio-libanês estava envolvido com a tecnologia e os elementos trazidos pela modernidade, com os quais ele queria associar sua imagem. Um dos principais pontos que compõem a narrativa da filmagem se dá no papel atribuído à tecnologia. Possivelmente, o imigrante sírio objetivava mostrar-se interconectado com este contexto que alterava de maneira significativa o viver na cidade, pautado na inserção desta nos mais variados setores. Nicolau Sevcenko escreve que:

Situações que se entrecruzavam, porque a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade quanto temporalmente, tão absoluta era sua ruptura com o passado recente. Afora uma inexpressiva minoria, que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida em uma. Tanto a forma histórica da metrópole, quanto às moderníssimas tecnologias implicadas nela para transporte, comunicações, produção, consumo e lazer, a experiência mesma de assumir uma existência coletiva inconsciente, como “massa urbana”, imposta por essas tecnologias, se abateram como uma circunstância imprevista para os contingentes engolfados na metropolização de São Paulo. Todas essas condições se impuseram mais rápido do que eles pudessem assimilar, sob uma irresistível pressão internacional, tão vasta para ser compreendida, quanto mínima fora à possibilidade de transmissão de novas atitudes no curto espaço de cerca de duas gerações.²⁸⁰

²⁷⁷ POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. op.cit, p. 7.

²⁷⁸ Journot afirma que o “filme é um discurso fabricado por e para alguém, ao contrário do mundo, que não se enuncia”. JOURNOT, Marie-Thérèse. **Vocabulário de cinema**. Lisboa: Edições 70, 2005. p.53.

²⁷⁹ O jornal Folha da Manhã de 28 de agosto de 1928 em matéria intitulada de “A Attracção do Oriente” relata que “Encontram-se desde ante-hontem nesta capital os srs. Nadih Schamun e José Dial, diretores da empresa cinematographica Oriente Films, de Buenos Aires, que aqui vieram com o intuito especial de fazer exhibir para o público paulista uma interessante pellicula, onde são filmados as famosas regiões syrio-libanezas. O film em questão já foi ehibido em Buenos Aires, recebendo da imprensa argentina as mais elogiosas referencias. Dentro de breves dias os srs. Schamun e Dial darão uma ehibição especial para a imprensa e depois uma outra em beneficio de uma instituição de caridade”.

²⁸⁰ SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 23.

Para o autor, o século XX foi um período que se diferenciou de todos os outros precedentes em virtude da tendência acelerada de mudança tecnológica, que gerava “efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana e em todos os âmbitos da vida no planeta.”²⁸¹ Dentro das mudanças na forma de *experienciar* a cidade se insere um novo espaço de divertimento, o cinema. Hobsbawm destaca que “homens e mulheres aprenderam a ver a realidade através de lentes de câmeras”, para o autor, a palavra impressa cedia lugar ao cinema,²⁸² gerando o seguinte cenário: “para cada britânico que comprava um jornal diário, dois compravam um ingresso de cinema”.²⁸³

A primeira cena do filme é um plano fechado na parte superior da vitrine exposta na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, ocorrida entre agosto e novembro de 1908. Na imagem verifica-se que o maior destaque é dado ao nome de Rizkallah Jorge, que está colocado na parte superior da figura de uma boia sanitária contendo em seu interior a inscrição Casa da Boia, abaixo da logomarca consta a palavra São Paulo. Principiar a filmagem com esta seleção demonstra desde os minutos iniciais a finalidade pretendida com esta ação, destacar o indivíduo que o encomendou, celebrar o aniversário de trinta anos do comércio fundado em 1898 e louvar a cidade que o acolheu e permitiu com que sua trajetória fosse possível.

As próximas cenas se passam na Rua Carlos de Souza Nazaré, com cortes mais lentos e com pequenos *travelings*, para que quem está assistindo, consiga ver com clareza a dinâmica na qual o curta irá prosseguir. A partir destes planos mais abertos, mostram-se automóveis e pessoas circulando pelas ruas, aparecendo tomadas do

²⁸¹ Ibidem, p. 23.

²⁸² Sobre o cinema em São Paulo Sheila Schvazman pontua que se inicialmente frequentá-lo era uma prática essencialmente masculina, no início dos anos 20, sua frequência incorpora também outros públicos. O cinema se coloca como indústria, a partir do momento em que cria condições de contar histórias mais longas e concatenadas narrativamente. A autora demonstra também, por meio das crônicas qual era a imagem que alguns desejavam imprimir a produção nacional, com a Campanha pelo Cinema Brasileiro, de Cinearte, “procurava-se elevar o cinema brasileiro através dos filmes de ficção evitando neles, como havia no documentário ou na ‘cavação’, imagens de populares, de negros, índios e paisagens naturais, imagens que distanciavam o Brasil da ideia de progresso ligada ao urbano e à modernidade”. Logo, criou-se nas salas higiênicas uma imagem desejável do Brasil, propiciando com que “palco e plateia estariam finalmente em consonância com a imagem branca, una, cosmopolita e sofisticada que queriam construir do país, através do cinema”. SCHVARZMAN, Sheila. **Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20**. Revista Brasileira de História, vol. 25, nº 49, p.164.

²⁸³ STEVENSON, p.396- 403, apud. HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.191-192.

Palacete São Jorge. Em seguida focalizam o Palacete Alepo e ao seu lado os andaimes que encobrem a fachada em construção do Palacete Paraíso, atestando que o mesmo continuava expandindo seu patrimônio e perpetuando seu legado em marcos palpáveis pela cidade. A sequência de imagens coloca em destaque as fachadas dos palacetes, realçando o frontispício dos edifícios, e mostrando alguns pormenores de sua ornamentação; entre elas, há o destaque as iniciais “RJ” nas portas do Palacete São Jorge.

Os primeiros planos, assim como os anteriores, são mais abertos, para que se tenha uma visão mais completa dos edifícios e das mansões que o narrador menciona, durante a exibição lenta desses planos, somos levados até a Avenida Paulista, que representa um grande símbolo urbano, marco da cidade, têm-se quadros abertos de sua residência na Avenida Paulista, com uma visão tridimensional, depois exibindo sua família circulando no jardim da casa de maneira aleatória. Na cena seguinte, ainda com planos abertos, têm-se destaque para o jardim, que revela como este se colocava em relação à rua, demonstrando carros e ônibus passando, enquanto Rizkallah se distrai com sua neta. Este trecho que revela um aspecto privado de sua vivência, ao apresentar seu lar nesta região, o coloca como um dos indivíduos que adquiriram capital simbólico por estarem alocados na avenida que se tornou um símbolo na cidade.

Retomando os aspectos formais da casa, um minarete se torna o ponto central da imagem, possivelmente demarcando sua identidade árabe, que parece representada também em outros aspectos, como nos os arcos e janelas. Posteriormente, têm-se uma cartela para nos mostrar o que vai ser mostrado a seguir: “Casa da Boia – Rua Florêncio de Abreu, 123 – São Paulo” e, novamente, o destaque inicial é atribuído à fachada do comércio,²⁸⁴ seguindo para um novo *traveling* de seu interior com funcionários trabalhando na produção dos objetos e carregando moldes. Ao fundo estão prateleiras com objetos comercializados no local. Posteriormente, aparecem imagens do maquinário utilizado para a produção das peças, entre eles, engrenagens, prensa, tornos-mecânico, e equipamentos utilizados para a fundição e moldagem dos utensílios. As

²⁸⁴ Ao dar destaque as fachadas de suas diversas construções, palacetes, comércio e sua residência, percebe-se que estas edificações cumprem um papel de memória, se tornando marcos, assim, temos que “além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento da memória” podem ser também objetos materiais, sendo assim “a memória é a assim guardada e solidificada nas pedras” POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. op.cit, p. 10.

etapas da produção são expostas, no processo de despejo em moldes que posteriormente originam os objetos comercializados no local, seguidas de imagens que mostram a linha de produção das tubulações, no setor de tornearia. Um elemento de destaque nesse momento são as interligações das máquinas e polias conectadas a um motor elétrico central.

Em seguida, aparecem posando seus três filhos, Salim, Nagib e Jorge, remetendo a uma provável articulação entre presente, passado e futuro, uma vez que estes eram os responsáveis por levar a tradição do ofício adiante. A filmagem retoma o espaço interno da Casa da Boia mostrando um objeto sendo polido no salão de vendas, oferecendo uma vista panorâmica do local e, mais uma vez criando o vínculo entre o edifício e a rua, revelando os carros circulando. Por fim, a última imagem a respeito do comércio procura fixar a ideia de trabalho, exibindo os funcionários na linha de produção.

O filme retorna a vida privada em sua residência, desvelando Rizkallah Jorge conversando com sua esposa Zakie Nacacche, terminando com uma aproximação de plano no rosto do imigrante. Percebe-se que na narrativa construída no filme o início se dá com a ênfase em seu nome²⁸⁵ e, o fim, com o realce à sua figura, testemunhando uma tentativa memorialista, manifestando o anseio de se inscrever na história paulista, estando a cidade constantemente evocada nas legendas e nas demonstrações das ruas. Observa-se que dentro das produções cinematográficas do período, a metrópole, a indústria, a cidade, o tempo, e o percorrer são temas recorrentes. Duas produções do período parecem exercer uma influência nas imagens gravadas por encomenda de Rizkallah Jorge, são eles: *Berlim – Sinfonia da Metrópole*²⁸⁶ e *Metropolis*.²⁸⁷

²⁸⁵ O nome não era só uma forma de identificação, mas era ainda um constructo social, de relevância para a manutenção de redes de relações sociais. O nome é um preceito à individualidade e a personalidade. Seguir a estratégias de utilizar o nome como o fio condutor das investigações permite visualizá-lo em diversas situações que fazem parte de seu cotidiano. As estruturas invisíveis são descortinadas à medida que trilhamos os caminhos escolhidos por estes atores sociais. Carlo Ginzburg, relata que por meio do nome, pode-se alcançar a compreensão dos indivíduos e sua relação com outros indivíduos, chegando as camadas mais profundas de sua atuação trazendo uma significativa carga de informações sobre o espaço e o ambiente nos quais os indivíduos se articulam. GINZBURG, Carlo, CASTELNUEVO, Enrico e PONI, Carlo. **O nome e o como**. Mercado Historiográfico e troca desigual. In: Carlo Guinzburg, Enrico Castelnuevo & Carlo Poni. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Difel-Bertrand Brasil, 1989.

²⁸⁶ Parece haver uma consonância nas narrativas do filme e do documentário impressionista “*Berlim – Sinfonia da Metrópole*” de 1927, dirigido por Walter Ruttmann, sobre o dia-a-dia da Berlim de sua época. O filme retrata como personagem principal a cidade, em um contexto industrial de exaltação à modernidade, dando destaque as máquinas, engrenagens, movimento e velocidade, remetendo ao futuro de progresso que se mostrava próximo, no qual a cidade era a representação máxima de poder e transformação na vida dos indivíduos. São retratadas pessoas, trabalhadores e habitantes que vivenciam este espaço garantindo o funcionamento e continuidade da cidade. Um dos principais locais é a fábrica,

Nota-se pelo ritmo de cortes que se trata de uma produção acelerada e mecânica, com uma montagem que alterna planos lentos e acelerados conforme a temática retratada, demonstrando o estilo de vida urbano. Durante o processo de trabalho, temos cortes mais rápidos e precisos, como a produção deveria ser. Da mesma forma, ocorrem cortes mais lentos, quanto aparecem planos de uma vida privada e enclausurada no lar. Com uma construção sonora lenta durante os cortes rápidos, cria-se um contraponto, do que é apresentado.

Há uma construção da figura do imigrante a partir das diversas atividades comerciais com as quais se envolveu, Bourdieu destaca que “o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto”.²⁸⁸ Ao trazer imagens dos palacetes, inclusive um em construção, o imigrante se mostra como um capitalista que se envolvia com os empreendimentos que eram mais rentáveis no período, em que havia uma demanda por moradias, contudo o plano principal ainda é ocupado pela Casa da Boia e o processo de produção dos objetos que lhe deram projeção no cenário da Paulicéia. Ao detalhar os aspectos da fabricação, denota-se o desejo de vincular sua memória as noções de trabalho e a sua identidade de artífice relacionada ao ofício da fundição.

3.5 – MEMÓRIAS PÓSTUMAS:

O MAUSOLÉU COMO ÍCONE OU DO ANONIMATO À INDIVIDUALIZAÇÃO

Os mausoléus demonstram o último momento em que um indivíduo consegue ter controle sobre a memória que será perpetuada sobre si. As representações tumulares são parte do mosaico que fornece os subsídios intencionalmente propostos para a composição do que será narrado a respeito de uma pessoa. Percebe-se que a morte é

que é a portadora do sentido de civilização, uma vez que o trabalho era um valor indispensável que regia todas as relações sociais. Observa-se que neste cenário, as máquinas parecem estruturas vivas e são os principais agentes de funcionamento da metrópole, relegando os operários a um segundo plano, indicando que o homem sofre um processo de substituição pela vida mecanizada que nesse momento era exaltada. Acesso em <http://cinemascope.com.br/colunas/berlin-sinfonia-de-uma-metropole/>.

²⁸⁷ O filme *Metrópolis* é uma produção de ficção científica do expressionismo alemão dirigida por Fritz Lang em 1927. Seu enredo transcorre em 2026, em uma cidade onde ricos industriais governam a cidade em arranha-céus, enquanto a classe trabalhadora trabalha no subterrâneo operando máquinas que fornecem poder aos industriais.

²⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. **A força da representação**. Economia das trocas linguísticas. Cit. p.6.

também uma parte relevante nas sociedades, e as formas de entendê-la detêm um papel decisivo na formação de uma identidade coletiva.²⁸⁹

Philippe Ariès relata que na Idade Moderna, ocorre uma modificação na forma com a qual o homem encara a morte, se tornando um momento de ruptura com a vida cotidiana, ocasionando uma laicização da mesma. A modificação implica também em uma transformação no ritual, que faz com que o sepultamento se transfira das Igrejas e passe a ocorrer em cemitérios, marcando, assim, uma dicotomia entre vivos e mortos. Contudo, talvez o elemento de maior importância para a pesquisa se dá no fato de que este é o momento em que os sepultamentos deixam de ser anônimos e passam a demonstrar um movimento de individualização.²⁹⁰ O historiador destaca que se “pretendia agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado, e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família.”²⁹¹

Inserido neste processo de individualização da morte, o cemitério da Consolação efetuou uma importante posição nas representações tecidas no espaço social, uma vez que foi um espaço escolhido pelos imigrantes que obtiveram sucesso na cidade para construir seus mausoléus. Por ser um local onde o que importava inicialmente era o capital financeiro, isto é, bastava com que se pudesse pagar²⁹² pelos valores estabelecidos para poder estar naquele local, não sendo “necessário um convite prévio, uma permissão para a entrada, ou ainda a possibilidade de impedir uma família de ali comprar um terreno e construir um jazigo ou uma pequena capela”. Para estes imigrantes, era importante poder compartilhar o espaço em que a elite paulistana, influentes políticos, engenheiros, doutores e barões do café, estavam enterrados.

²⁸⁹ GIACOIA Jr., Oswaldo. **O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer:** um percurso histórico. Saber acadêmico - n ° 06 - Dez. 2008/ ISSN 1980-5950.

²⁹⁰ Giacoia propõe que o sentido da individualização da morte para os gregos se associava a uma ideia de virtude na morte, assim o indivíduo se tornaria distinto e digno de lembrança, um verdadeiro imortal. Para o autor nossa cultura herda traços destas concepções gregas. O autor retoma Jean-Pierre Vernant, que indica que o “existir ‘individualmente’ para o grego é ser ‘memorável’. O que faz o indivíduo sair do anonimato, é sua morte que abre espaço para a glorificação. Idem.

²⁹¹ ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média.** Lisboa: Teorema, 1989.p.50

²⁹² Timpanaro destaca que por muito tempo os cemitérios públicos possuíam valores tabelados para as sepulturas gerais ou perpétuas, apenas ocorrendo uma diferenciação de valores posteriormente, então em um determinado período todos os tipos de pessoa habitavam o Consolação. TIMPANARO, Mirtes. **A morte como memória:** imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Portanto, considerando a concepção religiosa de Rizkallah Jorge, de tantos outros cristãos, observa-se que o enterro dos corpos é um cerimonial que exige uma grande variedade de elementos. Timpanaro destaca que o espaço cemiterial da Consolação demonstra uma memória imigrante em seu interior, e representa o passado da cidade, e as disputas políticas e econômicas que ocorriam.²⁹³ Padilha destaca que nos anos de 1920, alguns grupos incitavam o nacionalismo aspirando mais espaço para os “verdadeiros” brasileiros, em virtude deste cenário; os imigrantes buscaram formas de garantir espaço e reconhecimento social, dentre eles, a autora destaca a construção de mansões na Avenida Paulista e outras alternativas no aparelhamento urbano que propiciavam com que pudessem integrar ao lado das elites locais a “aristocracia” paulista.²⁹⁴

Timpanaro propõe que tentando fazer frente a esta atitude xenófoba, os imigrantes buscaram no cemitério da Consolação, celebrar a si mesmos e valorizar temáticas como família e trabalho, buscando demonstrar-se como par da aristocracia local²⁹⁵.

O cemitério da Consolação, adotado pela elite local – cafeeira e industrial -, recebeu, do final do século XIX em diante, imigrantes enriquecidos. Lugar de memória, da celebração de um passado e da competição entre os estabelecidos da oligarquia local e os *outsiders*, os imigrantes bem sucedidos, o Consolação rendeu importantes reflexões sobre como criar e manter uma memória. Sobre como foi necessário para as famílias imigrantes marcar seu espaço nessa necrópole, ao mesmo tempo, como um igual e um diferente em relação à oligarquia local. Igual pelo poder econômico, pela importância de seu papel para São Paulo e pelo respeito conquistado e merecido. Diferente, pois se orgulhavam da travessia do Atlântico, de sua origem imigrante, mantendo sua língua nas inscrições, referências de nascimento, etc., e pelo valor que davam ao trabalho como fonte de crescimento. No Consolação era celebrada a memória da família unida e forte, do trabalho duro mas recompensador, da presença de Deus, da fé em todos os momentos. Enfim, da trajetória de quem “fez a América” e buscou reconhecimento e notoriedade²⁹⁶.

²⁹³ *ibidem*.p. 111.

²⁹⁴ PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo**; publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume Editorial, 2001. p.68

²⁹⁵ TIMPANARO, Mirtes. *Op. cit.*p.113

²⁹⁶ TIMPANARO, Mirtes. *op.cit.* p.221.



Figura 53- Túmulo Rizkallah Jorge Tahan. Cena Trabalho
Fonte: TIMPANARO, Mirtes



Figura 52- Túmulo Rizkallah Jorge Tahan. Cena Religião
Fonte: TIMPANARO, Mirtes

Na representação escultórica de seu túmulo, observa-se que diversos elementos presentes no filme gravado em 1928 são novamente manejados. Em uma das cenas representadas está uma roda dentada, uma marreta de ouro e uma balança, todas as figuras são masculinas e com músculos marcados, indicando que são trabalhadores e a roda dentada remetendo ao trabalho fabril. A autora destaca que a representação do tema do trabalho era muito recorrente entre os imigrantes, pois demarcava uma nova moral, estes desejavam ser lembrados como indivíduos cujo exaustivo trabalho propiciou sua trajetória de sucesso profissional, e não o fato de possuírem títulos familiares, “o que garantia sua presença no interior de um campo santo como o Consolação era o fazer e não o O tempo dos barões havia passado.”²⁹⁷



Figura 54- Túmulo Rizkallah Jorge Tahan. Cena Família

Fonte: TIMPANARO, Mirtes

ser.

A marreta de ouro representa tanto seu ofício de artífice, quanto sua atuação no setor construtivo e o homem segurando uma balança, instrumento de pesagem comercializado na Casa da Boia possivelmente indica a Justiça.

A segunda cena demonstra a religiosidade da família. Nela estão representados, ao centro, um chefe religioso, com duas mulheres ao seu lado e uma criança à sua frente. Nesta representação ocorre uma alusão à doação feita para a construção da Igreja São Jorge, que tem seu edifício colocado, nas mãos da criança, da mulher e do chefe religioso. Na cena constam ainda dois edifícios, um destes parece ser o Colégio José Bonifácio, feito com doações de Rizkallah, e outra igreja.

²⁹⁷ TIMPANARO, Mirtes. Op. cit.p.25.

Por fim, em uma terceira cena, duas mulheres estão com duas crianças, trazendo os valores da família, como união, carinho e força. Elemento bastante destacado dentro da comunidade sírio-libanesa.

O vitral localizado no interior de sua sepultura representa a cena de São Jorge matando o dragão com sua lança. O patriarca está intimamente ligado à figura do santo, e esta associação alude a tentativa de conectá-lo com a imagem de guerreiro.

A placa com inscrições em árabe faz referência a sua identidade de imigrante, portanto,



indica um elo com sua pátria materna, sendo um símbolo que poucos conseguirão compreender. No interior da sepultura constam

Figura 55- Túmulo Rizkallah Jorge Tahan

Fonte: TIMPANARO, Mirtes

as inscrições Rizkallah Jorge 1869 (Alepo, Síria), 1949 (S. Paulo), o fato de suprimir o país possivelmente indique a preponderância que a cidade teve para a construção de sua identidade.



Figura 56- Túmulo Rizkallah Jorge Tahan

Fonte: TIMPANARO, Mirtes

Em todos os aspectos que perpassam a constituição da biografia de Rizkallah Jorge, se torna desvelado que o mesmo ocupou diversos espaços, e aglutinou variados elementos, originando uma identidade múltipla. A respeito de sua memória, constata-se este mesmo movimento. O imigrante buscou conformar em vida, uma narrativa sobre como queria ser lembrado e celebrado, após sua morte, este intento é contemplado na institucionalização de sua memória, que é inscrita na memória coletiva da cidade de São Paulo, por meio de seus monumentos de pedra e de representações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento não é, por definição, redutível a sua efetuação à proporção em que ele está sempre aberto para um devir indefinido pelo qual seu sentido se metamorfoseará ao longo do tempo. Contrariamente ao que poderíamos pensar, o acontecimento nunca está realmente classificado nos arquivos do passado, ele pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro (...). A faculdade de exprimir o acontecimento é, portanto, possível, e ela é prolífera. Renunciar a isso seria não aderir a nossa condição de seres históricos. Mas ainda é preciso medir os obstáculos, os limites e para isso a hermenêutica crítica nos convida a sermos revisionistas no bom sentido do termo, isto é, portadores de uma verdade sempre revisável em função das descobertas arquivistas, das flutuações memoriais e das novas questões formuladas a partir do presente.²⁹⁸

Ao desvelar-se na tarefa de tecer a trama da biografia de Rizkallah Jorge Tahan evidenciaram-se diversos pontos aventados por inúmeros autores que versam sobre aspectos teórico-metodológicos que permeiam este gênero de narrativa histórica. Ao perscrutar uma parcialidade dos rastros de sua vida, poderíamos colocá-lo dentro de diversas categorias, tais como, imigrante, artífice, empreendedor, sírio-libanês, armênio, benemérito, rentista imobiliário, categorias que coexistem, indicando que o tempo é uma composição de diversos *agoras*.²⁹⁹

A análise aqui empreendida almejou se afastar das possíveis "ilusões biográficas" destacadas por Pierre Bourdieu, dentre estas, frisa-se supor erroneamente que a vida constitui "um todo, um conjunto coerente e orientado" o qual, portanto, naturalmente deveria ser uma narrativa linear e cronológica. Para o sociólogo, ao se criar esse tipo de ilusão retórica, o biógrafo gera um "artefato" destituído de qualquer princípio de realidade, uma vez que esta é fragmentária e fulgaz. Logo, a biografia acabaria por negar as múltiplas posições simultaneamente ocupadas por um indivíduo e que lhe fazem interferir em diferentes campos e possuir diversas identidades.³⁰⁰

O enredo aqui criado narra apenas uma parcialidade do homem que foi Rizkallah Jorge Tahan, e não tem como pretensão comprovar como foi concretamente sua vida,

²⁹⁸ DOSSE, François. **O Renascimento do Acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.p.290.

²⁹⁹ A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de "agoras". WALTER, Benjamin. **Sobre o conceito de história**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

³⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.p.191.

mas sim, criar possibilidades a partir da leitura e interpretação dos documentos³⁰¹ produzidos no decorrer de suas atividades corriqueiras, tentando evidenciar a interação entre o contexto e suas ações individuais, que fornecem elementos para a compreensão de sua inserção social. Portanto, essa escrita se torna mais uma representação da figura de Rizkallah Jorge, constituída "pela formulação de questões ou hipóteses, pela definição das bases documentais e pela escolha dos procedimentos de análises."³⁰²

A presente investigação do agente histórico pode ser compreendida como mais uma forma de marcar o passado do imigrante, reivindicado mais um "lugar de memória". Michel de Certeau propõe que "a escrita representa um papel de rito de sepultamento; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso". Porém, os objetivos foram conceber o imigrante, não como um indivíduo excepcional, de modo a dar uma ênfase inadequada a sua agência desconsiderando as estruturais sociais em que o mesmo se inseriu, mas sim, tentando articular "forças impessoais" e "livre escolha", indicando que sua biografia, ao invés de demonstrar as singularidades do período, deve indicar as complexidades. Para Ginzburg, nenhum sujeito está descolado de seu tempo, ao tratar do moleiro Menocchio o italiano relata que:

por mais singular que seja um indivíduo (...) existem sempre pontos de contato entre suas práticas e suas ideias e as dos seus contemporâneos; afinal, todos compartilham, em maior ou menor grau, determinados códigos culturais.

Portanto, procuraram-se indícios que auxiliassem na compreensão do fazer-se deste indivíduo ao longo de sua vida, por meio da percepção e a identificação de sua agência humana na construção histórica, enfatizando sua ação em diálogo com as estruturas, propiciando a construção de um jogo de escalas entre micro e macro-história, ocasionando o entendimento da realidade como algo fundamentalmente descontínuo e heterogêneo.³⁰³

³⁰¹ Para o autor, o trabalho prático do historiador é pautado pela análise e posterior transformação de um objeto, em objeto histórico, isto é, do gesto de separar, de reunir e de produzir um documento: "De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo de geleiras e das neves eternas; o historiador faz outra coisa: faz deles história. Artificializa a natureza". CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.79

³⁰² BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998. p.38.

³⁰³ GINZBURG, Carlo. **Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito**. In: _____. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 269

Atentando-se para todos os pontos mencionados acima, o uso da biografia se mostrou necessário, uma vez que permite mostrar os conflitos constitutivos das narrativas históricas, matizando as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome das regularidades e das continuidades. Ao analisar a esfera pessoal leva-se em consideração as singularidades existentes no passado e a relevância de uma visão que contemple a "escala humana" na história. Aproximando-se do ator social Rizkallah Jorge, procurando compreender seu papel na esfera pública e identificado as relações sociais construídas ao seu redor, evidenciou-se que diversas proposições realizadas para a colônia como um grupo único e homogêneo perderam sua validade, portanto, qualquer tentativa de encaixá-lo em um modelo pré-determinado, se mostrou como uma ação infrutífera.

O artífice, parece nunca ter a intenção de retornar a sua pátria, portanto não fazia remessas de dinheiro para sua família adquirir propriedades em suas terras de origem. Ao acumular capital para diversificar seus investimentos em São Paulo, percebe-se que mais que apenas desejar viabilizar seu modo de vida anterior, o imigrante pretendia se tornar parte da sociedade que o acolheu, criando diversos marcos na mesma. Logo, seu processo migratório não possuiu um caráter temporário, e, quando foi possível, o imigrante trouxe sua família para viver também na cidade que o acolheu. Rizkallah Jorge, quando chegou a São Paulo não se tornou mascate e, sim, trabalhou como funcionário em uma empresa, o que possibilitou que adquirisse a Casa da Boia, mostrando que o imigrante procurou adequar sua atividade profissional anterior às suas estratégias de sobrevivência. Suas futuras atividades financeiras demonstram uma enorme diversificação: ramo comercial, imobiliário, de importação de cargas, dentre outros. Ao se envolver com diversos empreendimentos que eram correntes no período, indica que, assim como em todos os aspectos que permearam sua vida, suas atividades profissionais também foram marcadas por uma multiplicidade de elementos que o desvelam circulando por diferentes classes e identidades.

Ao conectar o aspecto urbano à imigração analisando a inserção do imigrante como um ator social³⁰⁴ na cidade que realizou uma série de modificações que impactaram e influenciaram o cotidiano e o viver de toda a população, verifica-se que,

³⁰⁴ Texto original de 1980. GINZBURG, Carlo. **Signes, traces, pistes**. Racines d'un paradigme de l'indice. Le Débat, Vol. 6, 1980.

deslocando a abordagem dos processos migratórios dos dados quantitativos para uma redução da interpretação ao pormenor, foi possível perceber fatos que são negligenciados em contextos generalizadores.

Pesquisar a agência deste “indivíduo” significou compreender como diversos nós se articularam em sua trajetória na cidade de São Paulo entre o momento de sua chegada ao Brasil, no ano de 1895, e 1949, quando faleceu. Sua experiência permitiu analisar em conjunto questões relativas à imigração sírio-libanesa, ao sanitarismo, ao mercado imobiliário, ao setor da construção civil, às comunidades religiosas e às comunidades de auxílio que frequentou. Visando o diálogo entre a micro e a macro história, ao longo dos capítulos o processo de urbanização acentuado de São Paulo foi analisado tendo por viés a ação profissional, de agente histórico e financiador, associado ao discurso salubre e higiênico na sociedade paulistana que levou ao seu enriquecimento devido ao artefato "boia sanitária" por ele fabricado e gradualmente inserido nas edificações urbanas.

Sua importância enquanto interventor do espaço urbano, se tornou evidente em seus empreendimentos. Estes possuem, “incrustados”, uma série de “histórias” que representam as necessidades e demandas de um determinado período. As ruas em que Rizkallah Jorge teve propriedades – algumas das quais se mantêm até os dias de hoje, como os palacetes – são locais de grande circulação de pessoas em decorrência do comércio. Apesar de serem ruas bastante movimentadas, as pessoas que transitam por estes locais não veem estes edifícios como portadores de uma narrativa. Este fato mostra a importância que é para o presente estudar o passado das cidades, tanto para restituir o atual ambiente urbano de significado e experiências, quanto para fazer com que cenários da vida passada não caiam no esquecimento. Portanto, o estudo da urbanização é importante para a preservação da memória.³⁰⁵

Se, em um primeiro momento, a pesquisa se deparou com projetos que eram compostos de uma série de técnicas e materiais construtivos, em uma análise mais profunda destas, foi percebida a necessidade de estudar a trajetória de seu promotor, pois ele e suas obras são indissociáveis. As construções, mais que serem apenas um elemento na trajetória de Rizkallah Jorge na capital paulista, são a síntese desta, foi

³⁰⁵ TOLEDO, Benedito Lima. **São Paulo**: três cidades em um século. São Paulo: Cosac &Naify, 2004.p.9.

possível ver as obras como monumentos cunhados por seu proprietário para perpetuar seu legado frente aos cidadãos paulistas.

Suas benemerências lhe conferiram um poder simbólico, revelando a proposição de que as funções sociais exercidas pelos agentes tendem sempre a se transformar em funções políticas. Em decorrência deste fator, seu poder simbólico representou, também, um instrumento de poder de legitimação da ordem vigente, cumprindo uma função agregadora dentro de si, criando uma rede em seu entorno, mostrando que as comunidades com as quais se envolveu reivindicaram o imigrante, como uma espécie de símbolo.

Consequentemente, verificando todos os pontos acima mencionados, observa-se que ainda restaram diversos aspectos e questões relativos às relações de Rizkallah Jorge Tahan a serem elucidados. Contudo percebe-se que esta dissertação suscitou captar um recorte do que é proposto a seguir:

O agrupamento de indivíduos, e posteriormente a sua fixação à terra, são condições historicamente consideradas como parte do desenvolvimento da humanidade. É através do estabelecimento de relações com outros, que o sujeito gera necessidades, formula valores e avança em suas sociabilidades, desenvolvendo o potencial de sua capacidade de ser social, ao gerar vínculos afetivos.³⁰⁶

Por fim, retomando a proposição de François Dosse, compreendemos que a biografia de Rizkallah Jorge Tahan sempre estará “aberta para um devir indefinido”, cujo sentido lhe será atribuído em decorrência do período.

³⁰⁶ CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.p.48.

FONTES

Acervo Casa da Boia

Textual

Alvará

Alvará de Licença de Construção de Depósito na Rua Florêncio de Abreu.

Anotações

Anotações sobre a situação do Palacete Paraíso, 27/05/1938.

Cartas

Carta de Agradecimento a doação feita a Campanha de Solidariedade Contra a Lepra, 23/12/1932.

Carta de Agradecimento a Doação feita a “Frères e Souers de Guerre”

Carta de Agradecimento a Doação feita a Cruz Vermelha, 01/01/1919.

Carta de seu cunhado Mikhail Deir Marcos, 26/09/1916.

Carta do Consulado Geral Otomano, 14/08/1915.

Circular a clientes e fornecedores da Casa da Boia notificando a mudança de razão social, 16/05/1944.

Circular de falência de Abrão Jorge Irmão e Cia, 22/04/1915.

Circular de falência de José Lutaif, 24/11/1926.

Carta sobre compra de moeda estrangeira, 23/02/1923.

Carta de Anis Brada solicitando aumento de prazo para pagamento de dívida

Carta do Wilson, Sons &Co., tratando de cartuchos vazios comprados de Rizkallah. 30/01/1917.

Carta do “The Nacional City Bank of New York”, 11/02/1921.

Carteira de Identidade

Carteira de Identidade, 13/05/1941.

Cartões de Visita

Cartões da Casa da Boia

Cartão de Arquiteto W. Fillinger

Cartão de Escritório de Registro de Estrangeiros

Certidões

Certidão de Naturalização de Rizkallah Jorge, 1928.

Conta

Conta de Aluguel SallimTaufic com Rizkallah Jorge.

Contrato

Contrato de Prestação de serviço da Companhia Light

Contrato de Fornecimento de Agua, 25/02/1938.

Contrato de Serviço de Importação de Carga 05/05/1915

Contrato de prestação de serviços do Engenheiro Plácido Dall'Acqua

Contrato empregatício, 27/08/1912

Contrato de Sociedade Mercantil, 01/06/1913.

Contratos de Locação

Contrato de Locação de imóvel no Anhangabaú, 829, 21/05/1938.

Contrato de Locação de imóvel no Anhangabaú, 829, 28/02/1940.

Contrato de Locação a Gabriel Chasi, 24/07/1914.

Contrato de Locação a Rachid Flaifel, 22/04/1920.

Contrato de Locação a João Ferro.

Contrato de Locação a Angelina Khoury, 01/01/1931.

Contrato de Locação a Nunes e Cury, 21/02/1918

Convites

Convite de Inauguração da Igreja São Jorge, 15/03/1945.

Escritura

Escritura de compra e venda de Felipe Dib Jabur, rua Senador Queiróz, eng. Plácido Dall'Acqua 17/11/1936.

Escritura assinada por Roberto Zanetti concedendo o prazo de mais três anos para pagamento de escritura

Escritura de quitação de dívida com Nagib Choufih

Escritura de Arrendamento de Calil Zaccur, 17/01/1924

Escritura de Compra de terreno em Planaltina- Goiás. 20/10/1926.

Ficha de Clientes

Ficha de Jorge Rafael

Ficha de Adolfo Muller

Folheto

Folheto entregue em seu velório, 14/06/1949.

Livros Fiscais

Notas Fiscais

Nota Fiscal de Serviços encomendados do Escritório Fiscal H. de Campos

Nota Fiscal de imposto sobre produto estrangeiro

Projetos

Memorial de Construção, 1913.

Protestos

Prospecto

Prospecto da Campanha de Solidariedade na Defesa da Raça

Publicação

Publicação da revista “Commercio&Industria” noticiando mudança de razão social

Publicação que faz homenagem a Rizkallah em idioma árabe

Livro “El Kalimáh”

Receita Médica

Recibos

Recibo do “The Nacional City Bank of New York”, 04/1924.

Recibo do “Banque ItaloBelge”, 16/05/1922.

Recibo do “The British Bank of South America”,

Recibo do “London e River Plate Bank”, 19/04/1922.

Recibo do “The Royal Bank of Canada”, 10/03/1904.

Recibo de Roberto Zanetti referente aos juros do mês de setembro.

Recibo de (...) Jorge referente a dois balcões e portas para a rua 25 de Março, 281.

Recibo da Sociedade de Beneficência Armênia, 31/03/1917.

Recibo de Pagamento da Conta de Gás do imóvel na Rua Florêncio de Abreu

Recibo de H. de Campos

Recibo de Fiocchi e C.

Recibo de Costa e Muniz- Armazém de Couros

Recibos Assinados por Rizkallah Jorge

Recibo de Pagamento do Imposto de Renda

Recibo de pagamento de taxa de expedição do Docas de Santos

Recibo da Prefeitura de taxas de construção

Recibo de Despacho do Porto de Santos. 07/10/1922.

Recibo de Colaboração na Homenagem aos Sírios na Comemoração do Centenário da Independência. 13/03/1921.

Recortes de Jornal

Notícia sobre a inauguração da Igreja São Jorge

Publicidade sobre a Casa da Boia, 05/01/1939.

Noticia falando sobre Rizkallah

Noticia relatando a chegada de carga de tabaco, 1915.

Iconográfico

Fotos

Fotos de Família

Fotos de Prédios não Identificados

Plantas

Plantas e projetos da Casa da Boia, 1913.

Tridimensional

Caixa Registradora

Moldes de Boia

Objetos Publicitários

Estampilha

Balança

Coadores de Metal

Máquina de Escrever

Produtos da Casa da Boia

Certificado da Exposição Internacional de Torino, 1911.

Certificado da Exposição Nacional do 1º Centenário de Abertura dos Portos, 1908.

Selos

Audiovisual

Película de 1928.

Foi realizado um levantamento nos portais dos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Correio Paulistano, que levou à formatação da seguinte lista de reportagens:

QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NOS

JORNAIS

FOLHA DA MANHÃ E FOLHA DA NOITE

Sistematização: Renata Geraissati

DATA	ASSUNTO TRATADO
03 de janeiro de 1931	Trata de processo movido contra Rizkallah Jorge.
21 de julho de 1931	Trata da doação efetuada por Rizkallah Jorge à Cruz Vermelha.
20 de março de 1937	Trata do lançamento da pedra fundamental da Igreja São Jorge.
12 de abril de 1938	Trata da inauguração da Igreja São Jorge doação de Rizkallah Jorge.
15 de junho de 1949	Obituário
19 de junho de 1949	Convite para a missa de sétimo dia.
21 de junho de 1949	Convite para a missa de sétimo dia.
14 de junho de 1949	Convite para o sepultamento.

QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL

FOLHA DE SÃO PAULO QUE MENÇIONAM AS EDIFICAÇÕES DE

RIZKALLAH

Sistematização: Renata Geraissati

DATA	TÍTULO DA MATÉRIA	ASSUNTO TRATADO	AUTOR DA MATÉRIA
-------------	--------------------------	------------------------	-------------------------

14 de fev.de 1986	Memória Paulistana	Palacete Paraíso	Ernani Silva Bruno
18 de fev.de 1986	Memória Paulistana	Palacete Alepo	Ernani Silva Bruno
19 de fev.de 1986	Memória Paulistana	Casa da Boia	Ernani Silva Bruno
21 de fev.de 1986	Memória Paulistana	Palacete São Jorge	Ernani Silva Bruno

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS
NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO**

Sistematização: Renata Geraissati

DATA	ASSUNTO TRATADO
20 de março de 1915	Anunciando a chegada da carga de fumo por ele encomendada.
28 de setembro de 1905	Noticiando um acidente de trabalho ocorrido na Casa da Boia.
25 de dezembro de 1942	Contando sobre uma doação ao orfanato São Jorge.
04 de setembro de 1910	Relatando sobre um pagamento.
04 de setembro de 1910	Relatando sobre um pagamento.
09 de setembro de 1910	Relatando sobre um pagamento.
19 de junho de 1949	Convite para a missa de sétimo dia.
21 de junho de 1949	Convite para a missa de sétimo dia.
21 de julho de 1949	Convite para a missa de quadragésimo dia.
22 de julho de 1949	Convite para a missa de quadragésimo dia.
11 de junho de 1977	Tratando de sua importância para a imigração e a importância de suas construções tais como a Casa da Boia.

18 de julho de 1985	Tratando de sua importância para a imigração e a importância de suas construções tais como a Casa da Boia.
---------------------	--

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS
NO JORNAL CORREIO PAULISTANO**

Sistematização: Renata Geraissati

DA	ASSUNTO TRATADO
1/8/	Sobre mudanças havidas na lista dos assinantes de Telefone.
1/1/	Actos Officiaes –relatando autorização do pagamento pelo secretário de
1/1/	Fallecimentos - Enterro saindo do Palacete São Jorge, Rua Anhangabaú, 142.
1/9/	Pagamentos à Rizkallah Jorge. Aviso nº 32213.
1/9/ 1926	Desfalque de 321 contos no Banco Ultramarino - Envolvimento de Amado Masur Ferreira Gueiros e irmão Mario Massur Ferreira Gueiro no desvio, ambos residentes no Palacete Paraíso.
1/10	Exposição Industrial.
3/1/	Actos Officiaes - Pagamentos à Rizkallah Jorge.
3/6/ 1914	Actos Officiaes -Multa de 30\$000 pelo fiscal João Salermo à Rizkallah e Cia, por infração do artigo 19 da lei 1413.
4/1/	Comparecimento de Rizkallah na cerimônia no enterro de Nami Jafet.
4/6/	Pagamentos à Rizkallah Jorge, aviso nº 2625.
4/6/ 1915	Diligência Feliz - Lustre encontrado na Casa da Boia, advindo de quadrilha que roubava instalações de aparelhos sanitários e de iluminação.
4/9/	Actos Officiaes - Pagamentos à Rizkallah Jorge.
5/8/ 1927	Secretaria de Agricultura : avisos de expedidos à Fazenda em 3 de agosto de 1927 -
6/11	Junta Comercial - Pedido de registro de empresa.
6/7/	Actos Officiaes - Pagamentos à Rizkallah Jorge.
7/8/	Actos Officiaes - Pagamentos à Rizkallah Jorge por fornecimentos a Repartição
7/12	Actos Officiaes - Rizkallah Jorge, um terreno à rua Senador Queiroz, por
7/2/	Actos Officiaes - Pagamentos à Rizkallah Jorge.
7/7/ 1927	Expedientes das Secretarias de Estado - Policia do Estado - Prefeitura e Câmara Municipal - Rizkallah Jorge, 2:250\$
7/3/	Diretoria de Obras e Viação - Rizkallah Jorge, lavre-se alvará;

8/1/	Actos Officiaes - de 304\$470, a Rizkallah Jorge;
8/10	Actos Officiaes - De 18\$, a Rizkallah Jorge;
9/4/	Exposição de Turim
9/2/	Actos Officiaes - de 249\$000, a Rizkallah Jorge;
9/1/	Rizkallah Jorge, por aí e pela Sociedade Beneficiente de Alepo;
1030	
10/8	
/1928	203\$300 a Rizkallah Jorge. - Aviso 3795.
10/6	Fórum Cível - O juiz da 2ª Vara Commercial decretou a fallencia de J. Beyrounth e Filho, estabelecidos com armarinho, nomeando syndico o credor Rizkallah Jorge e
/1914	
10/1	Secretaria da Viação - 26\$ a Rizkallah Jorge - Aviso 4.662.
11/2	Exposição em Antuerpia: a representação de São Paulo no grande Certamen .
11/3	de Rizkallah Jorge, C.P. Viana e Comp. Pedindo rectificação de lançamento -
/1930	Indeferido, à vista de informação;
12/4	Colonia Syria - O offercimento de uma aereoplano ao Aereo Club Brasileiro -
12/3	Doação a Santa Casa .
12/3	Secretaria da Fazenda - Secretaria de Agricultura: Rizkallah Jorge,217\$100;
12/1	Junta Commercial - Contratos Arquivados: Rizkallah e Cia, 10:000\$
12/1	Papeis Despachados pelo Prefeito Municipal - De Rizkallah Jorge e Filho.
12/1	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura à Rizkallah Jorge.
14/4	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura à Rizkallah Jorge.
14/1	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura à Rizkallah Jorge.
14/5	Recebedoria de Rendas da Capital - Imposto de Commercio e Industria:
14/9	Pagamento à Rizkallah Jorge
15/4	Campinas - De Rizkallah Jorge e Filho (Prot. 3.303).
15/8	Acidente no trabalho.
15/1	Papeis Despachados pelo Prefeito Euclides Vieira - De Rizkallah Jorge e Filhos
15/3	Os selos da colônia siria comemorativo do centenário da independência,
15/3	Papeis Despachados - De Rizkallah Jorge e Filhos (prot. 2.422) - A.D.T.
16/3	Homenagem que a diretoria do E.C. Syrio ofereceu ao seu sócio benemérito e
/1935	presidente da comissão permanente de Finanças e Melhoramentos. Sr. Rizkallah Jorge,
16/9	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura à Rizkallah Jorge.
17/8	Exposição Industrial
17/7	Pagamento à Rizkallah Jorge.
17/3	Homenagem que a diretoria do E.C. Syrio ofereceu à Rizkallah Jorge, e Salim
18/1	Santa Casa de Santo Amaro -Donativos recebidos da Casa da Boia, 8 puxadores,
/1938	nickelados para porta e 25 cantoneiras nickeladas para a porta e 25 cantoneiras
19/1	Acidente de trabalho.
19/9	Acidente de trabalho.

20/0	Pagamentos pela Secretaria de Interior e da Justiça, à Rizkallah Jorge.
20/3	Bola ao Cesto - Time chamado Rizkallah Jorge
20/9	Actos Officiaes - Secretaria da Fazenda - Secretaria de Agricultura Pagamentos à
21/8	Secretaria da Viação - 200\$ a Rizkallah Jorge (Aviso 3096);
21/3	Bola ao Cesto - Time chamado Rizkallah Jorge do Clube Sirio
21/9	Donativo de duzentos contos para o Hospital Syrio.
22/9 /1929	Pagamento por Serviços e Fornecimentos Feitos a Rep. De Aguas em fevereiro, março e junho últimos .
22/1	Pagamento à Rizkallah Jorge pelo fornecimento de balanças à Inspetoria de
24/6	Indeferidas - (...) Jorge Rizkallah, 19888;
24/3 /1925	Aquisição de Propriedades -Rizkallah Jorge, os predios ns. 507 e 505. A e por B da rua Consolação, por 60:000\$000.
24/3	Time chamado Rizkallah Jorge do Clube Sirio.
25/2	Telegrammas de Rizkallah Jorge.
27/1	Expediente do dia 26 de novembro de 1927 - Jorge Rizkallah, 53893;
28/0	Noticias do Interior - Santos - Rizkallah Jorge e filhos (Prot. 1913)
28/5 /1938	Donativos Recebidos pela Liga das Senhoras Catholicas no Educandario "D. Duarte" .
28/3	Rizkallah Jorge e filhos (Prot. 2772)
28/1	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura à Rizkallah Jorge.
29/7 /1927	56\$ a Rizkallah Jorge - Av. n. 7488;
29/3 /1922	Pagamentos requisitados pela Secretaria de Agricultura pelos.fornecimentos feitos a Repartição de Águas, à Rizkallah Jorge.
30/8	Secretaria da Fazenda - Rizkallah Jorge, construir uma casa á rua Anhangabahú,
30/1	Viação:(...) Rizkallah Jorge 1:117\$
30/7	Actos Officiaes - de 420 a Rizkallah Jorge.
31/7	Indeferidas - (...) Rizkallah Jorge, 40688;
189	Rua Florêncio de Abreu, 123.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMARÍLIO JÚNIOR. **As vantagens da imigração syria no Brasil**. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935,
- AMERICANO, J. **São Paulo naquele tempo: 1895-1915**. São Paulo: Saraiva, 1957.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Peste e o plano: o urbanismo sanitário do Engenheiro Saturnino de Brito**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU-USP, 1997.
- _____. **Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. **História de Trajetórias Profissionais, Contextualizadas**. *Desígnio – Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo – FAU/USP*. N.11/12. São Paulo, 2011.
- Entrevista concedida a Rita Wu.
- _____. **"Putrid Miasmata": higienismo e engenharia sanitária no século XIX**. *Cadernos de arquitetura, Bauru - SP*, v. 2, p. 28-39, 2000.
- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de Andrade. **A Influência Italiana na Modernidade Baiana: o caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro**. *19&20, Rio de Janeiro*, v. I, n. 4, out. 2007.
- ANTELLI, Felipe e TRAMONTANO, Marcelo. **Construir, legislar, burlar: edifícios de apartamentos em São Paulo, 1920-1957**. *Arquitextos*, ano 12, n. 142.01, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.142/4268>>.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Miryan Sepúlveda. **História, memória e esquecimento: implicações políticas**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70, Dezembro 2007:95-111.
- ARAÚJO, O. E. de. **Enquistamentos étnicos**, *Revista do Arquivo municipal de São Paulo*, n 6. p231, mar. 1940, In: TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- ARIAS NETO, José Miguel. **Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.).

O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República

ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média.** Lisboa: Teorema, 1989.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O século de Braudel.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 2, 4, p. 37-43, abril 1984.

ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna:** a trajetória do Edifício Esther. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004.

_____. **A Importância da História nas Decisões do “Por que” e “O Que” Preservar nas Cidades.** Cidade, Patrimônio e Memória, n°000, Jundiaí, maio 2016.

BARBOSA, Eunice. **A evolução do uso do solo residencial na área central do município de São Paulo.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: POLI-USP, 2001.

BARTH, Fredrik. **“Grupos étnicos e suas fronteiras”** IN: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.185-227.

BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889.** São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. **A cidade-exposição:** comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: EDUSP, 2006.

BARROS, Liliane Scharank Lehmann e MOIZO, Rosana Pires Azanha. **Formação administrativa da cidade de São Paulo, 1554-1954.** Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, vol.199, p.10-102, 1991. Disponível em <<http://www.arquiamicos.org.br/ram/ram199/flip/ram199.htm>>.

BATALHA, Claudio (org). **Dicionário biográfico do movimento operário.** Rio de Janeiro, século XIX aos anos 1920. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização:** As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro:** Aspectos Políticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BERNHOEFT, Renato; MARTINEZ, Chris. **Empresas brasileiras centenárias.** Rio de Janeiro: Agir Editora, 2011.

BJERG, MARIA; OTERO, HERNAN. **Inmigración, liderazgos étnicos y participación política en comunidades rurales.** Un análisis desde las biografías y las redes sociales. In: BERNASCONI, Alicia; FRID, Carina (Org.). **De Europa a las Américas: dirigencias y liderazgos (1880-1960).** Buenos Aires: Biblos, 2006.

BERNARDINI, Sidney Piochi. **Construindo Infra-estruturas, Planejando Territórios: A Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926).** 2008. 548 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **Cidades iluminadas e insalubres: saneamento e urbanização no Estado de São Paulo.** Oculum Ensaios (PUCCAMP), v. 11-12, p. 19-27, 2010.

BIONDI, Luigi. **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920) - Campinas, SP: [s.n.], 2002.**

_____. **Anarquistas italianos em São Paulo.** O grupo do jornal anarquista ‘La Battaglia’ e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. Cadernos AEL, n. 8/9 (Anarquismo e Anarquistas), 1998, pp. 117-147.

BIONDI, Luigi. **Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil.** In: DEMINICIS, Rafael Borges e REIS, Daniel Aarão (orgs.). **História do anarquismo no Brasil**, v. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 159-179.

BLAJ, Ilana. **A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727).** Tese de doutorado, USP, 1995.

BONDUKI, Nabil G. **Origens da habitação social no Brasil.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BORREGO, Maria Aparecida Menezes. **Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil da cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX).** Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-41, 2010.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias.** Petrópolis: Vozes, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A força da representação.** Economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a.

- _____. **A ilusão biográfica.** IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos:** campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.
- BOTELHO, Adriano. **A cidade como negócio:** produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. Cadernos Metrópole 18 pp. 15-38 20 sem. 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella (org.). **Imagens da cidade.** Marco Zero/ANPUH-São Paulo, 1992.
- _____. **Palavras da cidade.** Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2001.
- _____. **Cidade e História.** In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cidade, História e Desafios.** Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.16-35.
- _____. **As sete portas da cidade.** Espaço & Debates, São Paulo, Neru.FAU-USP, n.34, p.10-15, 1991.
- _____. **Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz de Anhaia Mello.** In: Salgado, Ivone; Bertoni, Angelo. (Org.). Da Construção do Território ao Planejamento das Cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas. 1ªed.São Carlos: RiMa, 2010, v. 1, p. 149-170.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Origens Étnicas e Sociais dos Paulistas.** Revista de Administração de Empresas, vol.4 (11), jun. de 1964.
- BRITO, Mônica Silveira. **A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano:** São Paulo, 1890- 1911. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica:** São Paulo 1809-1950. São Paulo: LAB/FAU USP, 2008.
- _____. **A cidade como negócio.** Mercado imobiliário em São Paulo no século XIX. In: FRIDMAN, Fania e ABREU, Mauricio (org.). Cidades Latino-americanas: um debate sobre a formação de núcleos urbanos. São Paulo: Casa da Palavra, 2010. P.145-165.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade:** urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: SENAI, 2002.
- _____. **São Paulo, Metrópole em Transito: percursos urbanos e culturais.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

CAMPOS, Cristina de. **A cidade através da Higiene, 1925-1945**: as propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para São Paulo. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU-USP, 2001.

_____. **Ferrovias e Saneamento em São Paulo**: O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção da rede de infra-estrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. 2007. 408 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892**. An. mus. paul., São Paulo, v. 13, n. 2, Dec. 2005.

_____. **Geraldo Horácio de Paula Souza**: a atuação de um higienista na cidade de São Paulo. 1925-1945. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 179-186, Out. 2000.

_____. **Biografias Profissionais de Médicos e Engenheiros como Fonte para a História da Cidade e do Urbanismo**. IN: FARIA, Rodrigo de(org). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.

CAMPOS, Eudes. **Casas e vilas operárias paulistanas**. INFORMATIVO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL, 4 (19): jul/ago.2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CAPINTÉRO, Marisa e CERASOLLI, Josianne. **A cidade como história**. História, Questões & Debates, Curitiba: Editora UFPR, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/15672/10413>>.

CARVALHO, Clara Cristina Valentin Anaya de. **Os Setores Médios e a Urbanização de São Paulo - Vila Mariana, 1890 a 1914**. Dissertação de Mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2015.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

_____. **Cultura Material, espaço doméstico e musealização**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 27, no 46: p.443-469, jul/dez 2011.

CASTELLO-BRANCO, I. H. D. (1989). **Arquitetura no Centro da Cidade**. São Paulo, edifícios de uso coletivo: 1930-1945. São Paulo, FAU/USP.(Dissertação de Mestrado).

Centro da Memória da Eletricidade no Brasil. **A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CERASOLI, Josianne Francia. **A Formação do Campo Conceitual de Estudos sobre a Cidade: (im)possibilidades de uma abordagem biográfica**. IN: FARIA, Rodrigo de (org.). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.

_____. **A grande cruzada: os engenheiros e as engenharias de poder na Primeira República**. Campinas, 1998. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. Companhia das Letras, 1997.

CHOAY, Françoise. **Urbanismo**. Utopias e Realidades. Perspectiva, 1997.

_____. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

CLEERE, Eileen. **The Sanitary Arts: Aesthetic Culture and the Victorian Cleanliness Campaigns**. Columbus: The Ohio State University Press, 2014.

COSTA, Sabrina F. S. **Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.10, 2009.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo: 1880-1945**. São Paulo: DIFEL, 1971.

De DECCA, Edgar. **O estatuto da história**. Espaços e Debates. São Paulo: NERU, ano XI.n.34, 1991.

DELACROIX, Chistian; DOSSE, François e GARCIA, Patrick. **“Uma crise da História? (as décadas de 1980-1990)**. In: **Correntes históricas na França (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV; São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

- DEVOTO, Fernando. **Migração Internacional na História das Américas**. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América - a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2009.
- MOREIRA, Fernando Diniz. **Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil, 1920-1950**. Ph.D. Diss., Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EdUSP, 2009.
- _____. **O Renascimento do Acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- DUOUN, T. **A imigração sírio-libanesa às terras da promessa**. São Paulo: Árabe, 1944.
- EGYDIO, Antônio. **São Paulo Antigo (1554 a 1910)**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.
- EMPLASA. **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**. 3 volumes. São Paulo: Emplasa/ Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado de São Paulo, 2001.
- FARIA, Rodrigo. **Biografia, não mais trajetória: para (re)pensar argumentos de outrora na pesquisa sobre o engenheiro José de Oliveira Reis**. FARIA, Rodrigo de (org.). **Urbanistas e Urbanismo No Brasil: Entre Trajetórias E Biografias**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2014.
- Faria, Rodrigo Santos de. **José de Oliveira Reis, urbanista em construção: uma trajetória profissional no processo de institucionalização do urbanismo no Brasil (1926-1965/1966)**. Dissertação de Doutorado em no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas: 2007.
- FAUSTO, Boris. **Imigração e Política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995.
- _____. **Fazer a América**. A imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 2000.
- _____. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1991.

FERREIRA, Luís Gustavo Pereira. **"Emoldurando o Cartão Postal Através do Qual se Conhece São Paulo"**: poder, hegemonia e conflito no tombamento do Vale do Anhangabaú (1990-2000). Dissertação de Mestrado em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas Graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.

GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena"**: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945). Campinas, SP [s.n.], 2007.

GESSI, Hennan. **A Difusão do Lazer na Cidade de São Paulo: o Caso do Parque Shanghai (1937-1968)**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios, 2015.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **"Sinais: raízes de um paradigma indiciário"**. IN: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **[Entrevista]**. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história. Nove entrevistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Apêndice – Provas e possibilidades**. (Posfácio a Natalie Zemon Davis, O retorno de Martin Guerre) [1984]. In: _____. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito**. In: _____. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____; CASTELNUEVO, Enrico e PONI, Carlo. **O nome e o como**. Mercado Historiográfico e troca desigual. In: Carlo Guinzburg, Enrico Caltelnuovo & Carlo Poni. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel-Bertrand Brasil, 1989.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um percurso histórico**. Saber acadêmico - n.º 06 - Dez. 2008.

GITAHY, Maria Lucia. **Qualificação e urbanização em SP: a experiência do Liceu de Artes e Ofícios, 1873-1934.** In: RIBEIRO, M.A.R. **Trabalhadores urbanos e ensino profissional.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1986, p. 21-88.

GOULART, Alípio. **O Mascate no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio de Janeiro Editora, 1967.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração: libaneses e sírios em São Paulo.** São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

GRUN, Roberto. **Negócios e Famílias: os armênios em São Paulo.** São Paulo: Editora Sumaré, 1992

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão.** 1ed. São Paulo: Ícone EditoraLtda, 1985.

HALL, Michael. **Imigrantes na cidade de São Paulo.** In: PORTA, Paula (Org.). **História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX.** v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HILU, Paulo. **A Contribuição dos Árabes às Identidades Ibero-Americanas.** Comunicação no Congresso As Dinâmicas Identitárias das Comunidades Árabes no Brasil. 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A Invenção das Tradições.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. **A Era dos Extremos: o breve século XX. 1941-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História.** São Paulo: Projeto, 1984.

_____. **O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2006.

HOURANI, Albert; SHEHADI, Nadim. **The Lebanese in the World.** Londres: I. B. Tauris for the Centre for Lebanese Studies, 1992.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

- JANES, Jorge. **Tietê: o rio que a cidade perdeu, São Paulo 1890-1940**. São Paulo: Alameda, 2006.
- _____. **Rios e saúde na cidade de São Paulo, 1890-1940**. História e Perspectivas, Uberlândia (47): 103-124, jul./dez. 2012.
- JOURNOT, Marie-Thérèse. **Vocabulário de cinema**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- KIRBY, Richard S.; WITHINGTON, Sidney; DARLING, Arthur B.; KILGOUR, Frederick G. **Engineering in history**. New York: Dover Publications, 1990 [1956].
- KNOWLTON, Clark S. **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambi, 1960.
- KORAICHO, Rose. **25 de Março: memória da rua dos árabes**. São Paulo: Koema, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. **Transformations of experience and methodological change**. A historical-anthropological essay. In: _____. **The practice of conceptual history**. Timing history, spacing concepts. Stanford: Stanford UP, 2002.
- _____. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. **São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.
- LARA, Silvia Hunold. **“Blowin’ in the Wind: E.P.Thompson e a experiência negra no Brasil**. Proj. História, São Paulo, (12), out.1995.
- LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social – An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LEFF, Nathaniel H. **Subdesenvolvimento e desenvolvimento no Brasil: estrutura e mudança econômica 1822-1947**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEME, Maria Cristina da Silva. **O Ideário Urbano Paulista na virada do século**. O Engenheiro Theodoro Sampaio e as Questões territoriais e Urbanas (1886 - 1903) Tese (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- LE MOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo. Nobel: 1989.
- _____. **Ecletismo em São Paulo**. In: **Arquitetura brasileira**, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.
- _____. **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **Sobre a micro-história**. In: BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- _____. **Usos da biografia**. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. Usos e abusos da história oral. - 8a edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças**: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MACHADO, Maria Augusta. **São Jorge**: arquétipo, santo e orixá. Ibis Libris, 2008.
- MAGALHÃES, Gildo. **Força e luz**: eletricidade e modernização na República Velha. São Paulo: UNESP/FAPESP, 2000.
- Maia Costa, Luiz Augusto. **O ideário urbano paulista na virada do século**: o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903). São Carlos: RiMa; São Paulo: Fapesp, 2003.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula**: sociedade e Arquitetura no Brasil séculos XVII a XX. São Paulo, Humanitas, 1999.
- MATTOS, Renato de. **Política e negócios em São Paulo**: da abertura dos portos à independência (1808/1822). 2015. 311 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MEDICCI, Ana Paula. **Administrando conflitos: o exercício do poder e os interesses mercantis na capitania/província de São Paulo (1765-1822)**. 2010. 286 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MELOSI, Martin Victor. **The Sanitary City**: Environmental Services in Urban America from Colonial Times to the Present, Abridged Edition. Pittsburgh, Pennsylvania, University of Pittsburgh Press, 2008.
- _____. **Cities, Technical Systems and the Environment**. Environmental History Review (1990).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A fotografia como documento. Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha:** sugestões para um estudo histórico. Revista Tempo Social. Rio de Janeiro, UFF, nº 141, 2003.

_____. PASSOS, Maria Lúcia Perrone (orgs.). **A Cidade e a rua.** Cadernos de História de São Paulo (Museu Paulista da Universidade de São Paulo), n.2, jan./dez.1993.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. **Entre escolhas e incertezas:** a utilização da Abordagem Micro-analítica na História Social. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo.** São Paulo: DIFEL, 1970.

MOTA, André. **Tropeços da Medicina bandeirante:** medicina paulista entre 1892 e 1920. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Quem é bom já nasce feito:** sanitarianismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEIL, John Robert. **Something New Under the Sun.** An Environmental History of the Twentieth-Century World. Nova York/Londres: W.W Norton, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém:** relações sociais e experiência da urbanização. São Paulo: Alameda, 2005.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil:** dinâmica migratória e história oral de vida. Tese de Doutorado-FFLCH, USP. São Paulo, 2006.

_____. **Imigração Árabe no Brasil:** histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos. 1. ed. São Paulo: Xamã, 2011. v. 1.

PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo:** publicidade de vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos cruzados:** a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Histórias da (I)migração:** imigrantes e migrantes em São Paulo no final do século XIX e o início do século XXI. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

- _____. **Diferentes Tempos de Uma Mesma História.** In: ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO. (Org.). São Paulo Uma Viagem no Tempo. São Paulo: CIEE, 2005, v. 1.
- PARETO JR, Lindener. **O cotidiano em construção:** os “práticos licenciados” em São Paulo (1893-1933). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU-USP, 2011.
- PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. **Casas importadoras de Santos e seus agentes:** comércio e cultura material (1870-1900). Dissertação de Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.
- PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos.** In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). Habitação e cidade. São Paulo: Fapesp, 1998.
- PERISSINOTTO, Renato Monseff. **Classe dominante e política econômica na economia cafeeira (1906-1930).** Perspectivas, São Paulo, 16: 165-189, 1993.
- PLENS, Cláudia Regina. **Da força repressora à coesão sutil:** a arqueologia da vila operária. Revista de Arqueologia. vol23 - nº.2, p.136-155 - 2010.
- PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História oral.** São Paulo: Letra & Voz, 2010.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- _____. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- RAMINELLI, Ronald. **História Urbana.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História:** Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 175-192.
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RICE, Charles. **The Emergence of the Interior.** Architecture, Modernity, Domesticity. Routledge: Nova York, 2007.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim**: inventário da saúde pública. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

ROCHA, Ilana Peliciari. **Imigração Internacional em São Paulo**: retorno e reemigração, 1890-1920. Dissertação de Mestrado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo, séculos XVII-XIX. São Paulo: Rocco, 2000.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

ROMERO, Mariza. **Construção da Nação e exclusão social**: medicalização da saúde em São Paulo (1889-1930). São Paulo: Revista de História. São Paulo: FFLCH-USP.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900**. IN: História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002.

SCHVARZMAN, Sheila. **Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20**. Revista Brasileira de História, vol. 25, nº 49.

SAFADY, Jorge S. **A Imigração Árabe no Brasil**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1972.

SALLEM Jean. **O Povo Libanês**: ensaio de antropologia (Tradução Antoine Boueri) São Paulo: Editora Van Grei.

SALVADORE, Waldir. **Italiano e Nosso**: Felisberto Ranzini e o estilo florentino. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **A história do feiticeiro Juca Rosa**: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964**. São Carlos: RiMa, 2002.

SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Habitação em São Paulo**. Usp Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 167-183, 2003. P167.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Várzea do Carmo, Lavadeiras, Caipiras e “ Pretos Véios ”**. In Memória e Energia. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 27. 2000

SANTOS FILHO, Lycurdo de Castro; Novaes, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas**, 1889-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SCHMIDT, Benito. **Biografia e regimes de historicidade**. Revista Métis: história & cultura, 2003.

SECRETARIA de Agricultura do Estado de São Paulo. **Boletim de Serviços de Imigração e Colonização**, nº2 out. 1940

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole**: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do séc. XIX ao XX. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: _____. (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à era do rádio, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.7-48.

_____. **Incursões na entropia paulista** – A cidade-vertigem e o urbanismo inflacionário. IN: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. São Paulo: uma viagem no tempo. São Paulo: CIEE, 2005, p.185-202.

_____. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMMEL, George. **A metrópole e a vida mental**. In:VELHO, Otávio G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1969, p.18-25.

SOMEKH, Nadia. **A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador**: São Paulo 1920-1939. São Paulo, Studio Nobel / EDUSP, 1997.

SOUKEF, Antônio. **Os Cinco Órfãos**. São Paulo: Dialeto, 2005.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. **O Domínio da Tática Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos de Chapada dos Guimarães (MT)**. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Volume 1 | nº 2, 2007

STEVENS, Garry. **O Círculo Privilegiado** - Fundamentos Sociais da Distinção Arquitetônica. Brasília: UNB, 2003.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **História Econômica da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Globo, 2004.

- TEIXEIRA, Luiz Antonio. **As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, n.suplemento, p. 41-66, 2004.
- TELAROLLI Jr., Rodolpho: **'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'**. História, Ciências, Saúde —Manguinhos, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996.
- TIMPANARO, Mirtes. **A morte como memória**: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás. Dissertação de Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.
- TIRAPELI, Percival. **São Paulo Artes e Etnias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p.159.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum Iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: ExLibris, 1987.
- _____. **São Paulo**: três cidades em um século. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Costumes em comum** – Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.
- _____. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. **Sírios e Libaneses**: narrativa de história e cultura. São Paulo: CEN, 2005.
- _____. **Redes em processos migratórios**, pp. 199-218. Tempo Social Revista de sociologia da USP, v. 20.
- _____. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: FAUSTO, Boris (Org.) Fazer a América. São Paulo: Edusp, 2000, p.339.
- _____. ; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (Orgs.). **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCar, 2005.
- TRUZZI, Oswaldo e NETO, Mario Sacomano. **Redes, Migrações e Economia Étnica na Experiência Paulista**. IN: Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos. Porto Alegre: Edipurs, 2014.

WALTER, Benjamin. **Sobre o conceito de história**. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade, 1780-1950**. São Paulo: Companhia Nacional. 1969.

WITTER, José Sebastião. **Imigrante, um fator de transformação da sociedade brasileira** – São Paulo (1850-1914). IN: História Do Estado De São Paulo - V. 2 República - A Formação da Unidade Paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. A imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. **A response to Professor Chartier's four questions**. Storia della Storiografia, 27, 1995.

_____. **Trópicos do discurso**. Ensaios sobre a crítica da cultura. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Enredo e verdade na escrita da história [1990]**. In: MALERBA, Jurandir (org.). A história escrita. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea [1987]**. In: NOVAIS, Fernando A. e SILVA, Rogerio Forastieri da (org.). Nova história em perspectiva. Volume 1: Propostas e desdobramentos. São Paulo: CosacNaify, 2011.

XAVIER, Regina Célia Lima. **Tito de Andrade Camargo: religião, escravidão e liberdade na sociedade campineira oitocentista**. Campinas: 2002.

ZARANKIN, Andres. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista : o caso de Buenos Aires**. Campinas: Unicamp, 2002.

APÊNDICE A –

Cronologia de RIZKALLAH JORGE TAHAN

1867- Nasceu no dia 14 de maio em Alepo. Sua mãe faleceu enquanto tinha oito meses, sendo criado por sua avó.

1868- Seu pai se muda de Alepo para Homs, tanto por ocasião do falecimento de sua esposa, quanto pelo fator profissional. Seu pai que trabalhava na fundição de cobre decidiu se mudar para fugir da forte concorrência, uma vez que a profissão é muito comum em Alepo.

1882- Após se casar novamente seu pai leva Rizkallah Jorge, agora com cinco anos para morar consigo em Alepo, tirando-o dos cuidados de sua avó. Com esta convivência este aprendeu a profissão da fundição de cobre.

1895- Em 14 de Março se casa com Zakie, filha de Mardo Naccache, um parente seu.

1895- A situação financeira devido ao casamento se torna ruim e as notícias sobre o enriquecimento na América fazem com que Rizkallah decida emigrar sem avisar nenhum de seus familiares com apenas seis meses de casado.

1895- Rizkallah toma um vapor até Trípoli e um vapor francês com direção ao Brasil. Desembarcando no Porto de Santos e seguindo viagem com seus companheiros a Cidade de São Paulo.

1898- Fundou em São Paulo uma Fábrica de Cobre, a Casa da Boia.

- Sua esposa migra ao Brasil.

1908- Recebe o prêmio pelas peças da Casa da Boia na Comemoração do 1º Centenário da Abertura dos Portos.

1910-1940- Era proprietário da Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma oficina de concertos mecânicos.

1911- Retornaram a Alepo para uma viagem. Nesta viagem Rizkallah doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires e a verba para a construção de uma torre.

- Recebe o prêmio da Feira de Torino.

1916- Doou ao prefeito de Alepo, Bei Gháleb Katraghássi 2500 francos, para que este doasse comida à população da cidade, que estava sofrendo com a Primeira Grande Guerra.

- Importa cargas de tabaco.

1917- Contribuí para a fundação do Clube Sírio Libanês.

1919- Se muda com sua família para sua Casa na Avenida Paulista.

1920-1930- Sua solidariedade aos imigrantes que fugiram dos massacres foi bastante importante para a comunidade muitos se hospedaram em sua casa enquanto não tinham condições de sobreviver na cidade. Michel Nercessian conta que ao chegarem a São Paulo Rizkallah abrigava aos patrícios num casarão de três andares que possuía na esquina da Rua Anhangabaú com a Barão de Duprat³⁰⁷.

- Atuava no ramo imobiliário alugando imóveis na cidade de São Paulo.

1921- Retornaram a Aleppo, quando foi realizado o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos, posteriormente tendo cinco filhos.

- Ajuda a coletividade síria na construção do Hospital Sírio, recebendo uma ala do hospital seu nome.

1925-1930- Constrói os Palacetes São Jorge e Paraíso.

1927- Seu filho Nagib se casou com Olga, filha de Taufik Casmie, posteriormente tendo dois filhos.

1928- É construído o Palacete Aleppo segundo inscrição da fachada.

- Faz uma película mostrando a Casa da Boia, sua família e suas obras, tais como o Palacete São Jorge.
- Recebe o certificado de naturalização.

1932- Doa a campanha de Solidariedade Contra a Lepra os custos para a construção de um prédio destinado a obra comunitária.

- Doa também o dinheiro para a construção do prédio principal do Clube Sírio, que tem seu nome gravado na fachada.

1934- Doa a Associação “Al-Kálimah” mil libras otomanas.

- Recebe a medalha de mérito do Governo sírio.

1934- A Casa da Boia passa a ser dirigida por ele e seus três filhos.

1938- Doa o terreno e dinheiro para a construção da Catedral São Jorge.

1945- Doa ao Sanatório Sírio de Campos do Jordão, que possui um dos pavilhões com seu nome.

1949- Doa o terreno a nova sede da Igreja São Jorge, que havia sido desapropriada pela prefeitura. A inauguração é dia 3 abril.

1949- Falece no dia 14 de junho.

³⁰⁷ <http://www.cao.org.br?rizkallahjorge.aspx>. Breve Lembrança de Rizkallah Jorge, um benemérito.

APÊNDICE B –

ENTREVISTA REALIZADA COM MARIO ROBERTO RIZKALLAH NO DIA 15 DE AGOSTO DE 2015

Casa da Boia.

São Paulo / SP.

Entrevistadores: Renata Geraissati- RG

Dados do entrevistado:

Mario Roberto Rizkallah

Nascido em 1951 na cidade de São Paulo

Neto de Rizkallah Jorge Tahan

MRR- Nós vamos ver o museu que eu fiz em 1998 quando a Casa da Boia fez cem anos. O museu tem bastante coisa que conta a história da Casa da Boia e a história da família no ramo do comércio, uma coisa bem interessante. E dentro desta pesquisa toda de material, nós encontramos um rolo de filme que mandei restaurar, era um filme que meu avô fez em 1928 quando a Casa da Boia fez trinta anos, ele contratou um argentino ou espanhol que filmou a fábrica funcionando, os funcionários, é muito interessante. Nós pegamos o filme demos uma limpada e montamos um pequeno documentário de nove minutos que conta a história da empresa até os dias atuais, algo institucional. Também dentro deste levantamento de material eu encontrei uma série de registros em árabe, eu como infelizmente não sei ler árabe, dei para o tradutor oficial da Câmara de Comércio Árabe. Era uma edição especial de uma revista da cidade de Aleppo que foi onde ele nasceu que fez uma homenagem a ele, pois, ele mesmo no Brasil ficou sabendo que uma entidade beneficente estava precisando de dinheiro lá, deu o dinheiro e eles fizeram a edição especial.

Então eu e meus primos fizemos uma versão em português, a versão original da revista “Al Kálimah” foi publicada em 1934. Aqui tem a história do meu avô é muito bem escrita, os diversos telegramas, os poetas que fizeram poesias em homenagem ao meu avô, tem toda a história. Tem uma parte “Quem é Rizkallah Jorge Tahan” contando toda sua história. Nós pegamos a revista pedimos para o senhor da Câmara traduzir, pegamos as fotos da revista e cada membro da família ficou com duas cópias. Eu estou

te emprestando, mas acho que vai ser muito bom para você porque tem bastante material. Aqui nesta foto está meu avô, minha avó, meu pai Salim que ainda era solteiro, Nagib Jorge, meus primos, alguns já falecidos.

RG- Você chegou a conhecer seu avô?

MRR- Não conheci meu avô, eu nasci em 51 e ele morreu em 49, mas conheço toda a obra dele, porque fui eu o membro da família que continuou com o negócio, então comecei a me interessar pelas coisas dele, então conheço tudo da vida dele.

RG- Seus pais lhe contavam sobre seu avô?

MRR- Sim, meu pai, ele foi o filho que casou por último, o primeiro se casou com 19 anos, o segundo com 21 anos e meu pai com 37 anos, então foi o que mais viveu com os pais. Depois ele se casou e eu me tornei o neto caçula de Rizkallah Jorge. Minha diferença para meus primos é muito grande, algo em torno de vinte anos. Meu pai era uma pessoa que usava seu avô como exemplo o tempo todo, está vendo ele está aqui nos olhando agora, então sempre tive o exemplo dele.

RG- E seu pai trabalhou na casa da Boia também?

MRR-Trabalhou.

RG- Porque Rizkallah veio ao Brasil?

MRR- Ele já trabalhava com cobre lá, porque o pai dele já trabalhava com cobre, e começou a ter uma crise lá e ele se mudou de Aleppo para Homs, no tempo que trabalhou lá conheceu umas pessoas e aí eles resolveram vir para o Brasil, todo mundo falava do Brasil e ele veio em 1895 com mais três amigos, os amigos eram todos comerciantes, foram ser mascates e ele preferiu ficar perto daquilo que ele conhecia, se empregou como faxineiro, ele não sabia falar português, se empregou numa firma da própria rua que pertencia a um português, e aí ele foi mostrando o que sabia fazer, aí virou funcionário, depois virou gerente, sócio e depois ele acabou comprando a empresa do patrão.

RG- E durante este período aonde ele se estabeleceu?

MRR- Isso é uma boa pergunta. Só sei que ele rapidamente em três anos ele comprou a

Casa da Boia e em 1909 inaugurou isso aqui. Ele comprou este terreno, fez aqui a loja e a fábrica, e morava em cima onde hoje é o museu. Ele ficou aqui até 1928 que foi quando ele mudou para a Paulista, a Paulista aparece no filme que vou te mostrar.

RG- Você sabe se neste período ele passou pela Hospedaria dos Imigrantes? Se ele morou com algum outro patrício?

MRR- Olha, eu acho que ele deve ter tido uma casa própria, porque ele se casou deixou a mulher dele lá e depois mandou buscar a mulher, então possivelmente ele devia ter uma casa aqui.

RG- Como a Casa da Boia se tornou conhecida?

MRR- Você sabe a história da Boia certo, acho que como ele era um cara bem hábil, ele pegou este nicho do saneamento básico, começou a fazer boia. Produziu boias para São Paulo, Rio de Janeiro. Aqui foi instalado um dos primeiros motores elétricos que nós vamos ver lá no museu. O museu tem duas partes, a parte pesada fica aqui embaixo, que são as máquinas e lá tem um motor elétrico que tocava a fábrica.

RG- E sobre a formação de Rizkallah, ele era ou não alfabetizado?

MRR- Acho que ele sabia escrever em árabe e português ele foi aprendendo.

RG- Quais foram os investimentos de Rizkallah além da Casa da Boia?

MRR- Ele fez um prédio, que inclusive aparece no filme, não, são dois prédios na Carlos de Souza Nazaré, Palacete São Jorge e Paraíso, que ele construiu num estilo bem mouro, que inclusive existem ainda só que não são mais da família, o pessoal acabou vendendo. E ele alugava, e há casos até que ele cedeu lugares para os imigrantes principalmente armênios que chegavam na cidade e não tinham onde ficar. Apesar de ele ser nascido em Aleppo e a família dele ter morado muito tempo Aleppo, como Aleppo é muito perto da Armênia, a descendência dele é armênia, por isso que se explica porque ele doou para a Igreja Armênia, quando os armênios vinham para cá e não tinham onde ficar ficavam na casa de Rizkallah. Por isso que a colônia armênia é muito grata a ele, que alguns eventos que eu fui chamado pela Igreja Armênia quando souberam que eu

era neto do Rizkallah o pessoal vinha e me cumprimentava me agradecia. É uma coisa muito bonita, muito emocionante. Lá na Igreja o Arcebispo toda hora me convida para as reuniões e eu sou visto como o descendente do Rizkallah, um herdeiro das benfeitorias dele.

Então ele fez essas duas casas, esse prédio aqui do lado, o 157, que era um prédio para moradias e depois virou um escritório, quando vamos lá vemos que nos banheiros tem banheiras, era para moradia. Fez a casa dele, construiu também umas casas e doou para os filhos que já foram todas demolidas. Ele pegou uma época em que São Paulo estava crescendo e ganhou bastante dinheiro aqui e também investiu nas propriedades.

RG- Existe um prédio na Rua Rizkallah Jorge que virou cortiço e depois uma habitação popular, ele foi construído por Rizkallah ou por outro membro da família?

MRR- Não, o que acontece é que aquele prédio que chamam de Rizkallah Jorge é porque ele está na Rua Rizkallah Jorge. Aquele prédio foi da Companhia Antártica Paulista, não tem nenhuma relação.

RG- Então seus investimentos se resumiram a Casa da Boia e a prédios?

MRR- Sim, ele construiu prédios para alugar. Lá no museu temos contratos de locação, ele tinha uma cabeça muito para frente de seu tempo, então os contratos de locação tem espaços em brancos que você preenche com o nome do locatário, o valor do aluguel e no verso o regulamento interno do prédio.

RG- Existem mais organizações filantrópicas que ele estava envolvido?

MRR- O Hospital sírio-libanês, o pessoal da época os principais nomes estavam ligados à benemerência.

RG- Ele manteve contato com a família de Aleppo?

MRR- Não, eu estive em Aleppo em 2008 e achei um Tahan. Estive na casa dele, depois quando cheguei em São Paulo tentei falar com ele e não tive retorno, mas lá em Aleppo fomos em Igrejas que tinham o busto dele. Ele deve ter feito muita benemerência. Ele ainda é uma figura muito importante lá.

RG- Você tem algo mais relacionada à arquitetura e aos arquitetos de suas edificações?

MRR- O que eu tenho são documentos da Casa da Boia, uma planta que esta no museu. Nós achamos a chave que foi feita por um capô de obras italiano. Devem ter mais coisas só que não achei.

RG- Certo Mário, muito obrigada pelas informações.

MRR- Vamos passear um pouco pelo museu da Casa da Boia.